



Departamento de Sociologia

Valores e Felicidade no Século XXI
Um Retrato Sociológico dos Portugueses em
comparação europeia

Rui Brites Correia da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Orientador:

Professor Doutor João Ferreira de Almeida
Professor Catedrático, ISCTE-IUL

Maio 2011



Departamento de Sociologia

Valores e Felicidade no Século XXI
Um Retrato Sociológico dos Portugueses em
comparação europeia

Rui Brites Correia da Silva

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Composição do Júri:

Professor Doutor José Madureira Pinto
Professor Doutor Nelson Lourenço
Professor Doutor Elísio Estanque
Professor Doutor José Rebelo
Professor Doutor João Ferreira de Almeida

“As formas sociais democráticas ocidentais são certamente muito imperfeitas e carecem de aperfeiçoamento, mas são as melhores que existiram até à data. É urgente que tal melhoramento vá ainda mais longe. Mas, entre todas as ideias políticas, a mais perigosa é talvez o desejo de tornar o Homem perfeito e feliz.

A tentativa de realizar o Céu na Terra produziu sempre o inferno”.

Karl Popper¹

Agradecimentos

Segundo Monod², no princípio de tudo está o acaso mas todo o desenvolvimento subsequente obedece às leis da necessidade. A elaboração desta dissertação não foge à regra e o “acaso” aconteceu quando me cruzei (por acaso?) nos corredores do ISCTE com a Prof. Anália Torres³ e esta me convidou para colaborar com a equipa do CIES encarregada de analisar os dados do *European Social Survey*. Mais tarde, com o desenvolvimento da análise em que me envolvi, o Prof. Ferreira de Almeida⁴ sensibilizou-me para a análise do bem-estar subjectivo. Desde então a minha vida não voltou a ser a mesma e eles são os “verdadeiros culpados” do “desenvolvimento necessário” deste trabalho⁵.

Para a Professora Anália Torres e para o Professor Ferreira de Almeida, meu mestre e orientador, vai, por conseguinte, o meu profundo agradecimento, reconhecimento e gratidão pela orientação, discussão constante e sugestões que me conduziram até aqui. Sem eles, o produto final nunca seria este.

¹ Marcuse. H. e K. Popper (1974), *Revolução ou reforma? uma confrontação*

² *O Acaso e a Necessidade*, Lisboa, Europa-América.

³ Membro da Comissão Executiva nacional do ESS.

⁴ Membro do Scientific Advisory Board do ESS.

⁵ Bem entendido, quaisquer deficiências, omissões ou imprecisões devem-se, única e exclusivamente, a mim.

Outra palavra de agradecimento vai para as minhas colegas e amigas da equipa docente de Análise de Dados do ISCTE, que não regatearam esforços no incentivo e apoio logístico constante: Helena Carvalho, Madalena Ramos, Patrícia Ávila, Isabel Oliveira, Margarida Perestrelo e Ana Cristina Ferreira, bem como a Teresa Calapez que, não pertencendo formalmente à “equipa”, faz parte dela. Mas devo um “obrigado especial” à Helena Carvalho que muito influenciou e inspirou a minha perspectiva da análise de dados em Ciências Sociais. Devo-lhe a ela a sugestão para a operacionalização do bem-estar subjectivo através da CATpca⁶.

Não poderia esquecer nestas palavras de agradecimento, o incentivo e o apoio logístico inexcedível do Manuel Barroso e da Maria de Lourdes Machado.

Agradeço também aos muitos amigos e amigas que me incentivaram e apoiaram neste percurso. Pela impossibilidade de os nomear a todos, destaco em especial o José Barata-Moura, o Horácio Negrão, o Tomás Patrocínio, a Judite Soares a Luísa Cerdeira e a Helena Belmonte que, pela noite dentro numa certa varanda em Miraflores, me “aturaram” muitas discussões em torno da felicidade. Para eles, o meu GRANDE obrigado pelas múltiplas “pistas” que me deram e se vieram a revelar bastante profícuas.

Por fim, mas não menos importante, uma palavra de gratidão e agradecimento à Judite, com quem partilho a minha vida há 40 anos. Pelo incentivo, discussão temática, enquanto socióloga que também é, apoio logístico e estímulo para chegar aqui. Sem ela não seria possível e a “minha felicidade” não seria a mesma, pois constitui um dos pilares fundamentais que a sustentam: Judite, Elsa e Margarida, três gerações – mãe, filha e neta – que me fazem sentir que a vida vale a pena e dizer como Neruda: *confesso que vivi*.

⁶ SPSS/Categorical Principal Components.

Resumo

A “felicidade” e a “infelicidade” dos portugueses são um tema recorrente da comunicação social. Dois artigos publicados em 2009 pelo *Público* e pela *Visão* retratam o tipo de abordagem que é feito. O primeiro, com o título *Portugueses são pobres, estão desmobilizados mas consideram-se felizes*⁷ refere que os portugueses são “pobres, desmobilizados, mas, apesar disso, felizes ... os investigadores viram-se perante um país socialmente muito frágil, pouco capaz de se mobilizar individual e socialmente. Mas, apesar disso, com altos níveis de satisfação e felicidade”. No segundo, intitulado *Afinal somos felizes*⁸, mostra-se que “os bens materiais não são tudo e que os portugueses sentem tanta felicidade como os nórdicos ou os sul-americanos”, concluindo que 73,5% dos portugueses se consideram felizes.

Será mesmo assim? Os portugueses evidenciam mesmo “altos níveis de satisfação” e “sentem tanta felicidade como os nórdicos ou os sul-americanos”? Quando se comparam os níveis de felicidade dos nórdicos com os sul-americanos compara-se o quê?

Avaliar e “quantificar” o bem-estar subjectivo e relacioná-lo com um conjunto de valores, traçando um retrato sociológico dos portugueses numa comparação europeia, que se impõe por ser o espaço geográfico, cultural e económico que partilhamos é o nosso objectivo neste trabalho. O capítulo I procede a uma revisão de literatura dos valores na teoria social, concluindo pela importância que lhes é atribuída pelos fundadores da Sociologia, bem como nas propriedades axiológicas que se lhes reconhece. No capítulo II chamamos a atenção para a importância acrescida dos *mass media* na difusão e mudança de valores num mundo globalizado. No Capítulo III analisamos um conjunto de valores transituacionais e situacionais que se considera terem impacto no bem-estar subjectivo. No capítulo IV, ao mesmo tempo que procedemos a uma reflexão sobre o bem-estar subjectivo e suas determinantes, operacionalizamos a sua “medida” com base na informação recolhida pelo *European Social Survey* em 2008, tendo como referência as dimensões sugeridas pela designada “Comissão Stiglitz”, incumbida por Sarkozy de, por analogia com a medida do Produto Interno Bruto, sugerir uma forma que permita medir a Felicidade Interna Bruta. Concluimos com uma análise que relaciona valores com o bem-estar subjectivo, avaliando o seu impacto neste.

Palavras-chave: valores, bem-estar subjectivo, felicidade, felicidade interna bruta.

⁷ Publicado em 28/06/2009, com base no estudo “Necessidades em Portugal - Tradição e tendências emergentes”, realizado pelo CET/ISCTE, Disponível em http://www.publico.pt/Sociedade/portugueses-sao-pobres-estao-desmobilizados-mas-consideramse-felizes_1389137

⁸ Publicado no nº 834, 26/02/2009, com base numa sondagem exclusiva VISÃO/SIC/GfK Metris/Cesnova”. Disponível em <http://aeiou.visao.pt/afinal-somos-felizes=f497377>

Abstract

"Happiness" and "unhappiness" of the Portuguese are a recurring theme of the media. Two articles published in 2009 by the *Público* and the *Visão* portrays the kind of approach that is done. The first, entitled *The Portuguese are poor, they are demobilized but consider themselves happy*⁹ means that the Portuguese are "poor and demobilized, but nonetheless happy ... the researchers found themselves dealing with a country socially fragile, little able to mobilize individually and socially. But despite that, with high levels of satisfaction and happiness." In the second, entitled *After all we are happy*¹⁰, it is shown that "material goods are not everything and that the Portuguese feel so much happiness as the Nordics or the South Americans," concluding that 73.5% of the Portuguese consider themselves happy.

Is that really like that? The Portuguese shows "high levels of satisfaction" and "feel as much happiness as the Nordics or the South Americans"? When comparing levels of happiness of the Nordics with the South Americans what is being compared?

To evaluate and to "quantify" the subjective well-being and to relate it with a set of values, drawing a sociological portrait of the Portuguese in a European comparison, considering that it is the geographic, cultural and economic value we share, is the aim of this work. Chapter I conduct a literature review on values in social theory, concluding the importance attributed to them by the founders of sociology, as well as axiological properties recognized to them. In Chapter II we draw attention to the increased importance of media in spreading and changing values in a globalized world. In Chapter III we analyze a set of trans-situational and situational values deemed to have an impact on subjective well-being. In chapter IV, while we carried out a reflection on the subjective well-being and its determinants, we operationalize its "measure" based on information gathered by the *European Social Survey* in 2008, with reference to the dimensions suggested by the called "Commission Stiglitz" commissioned by Sarkozy that, by analogy with the measure of Gross Domestic Product, suggest a way to measure the Gross National Happiness. Thus we conclude with an analysis that associates values with the subjective well-being, and assessing their impact on it.

Key-words: values, subjective well-being, happiness, gross national happiness.

⁹ Published 06/28/2009, based in the study "Necessidades em Portugal - Tradição e tendências emergentes", developed by CET/ISCTE, http://www.publico.pt/Sociedade/portugueses-sao-pobres-estao-desmobilizados-mas-consideramse-felizes_1389137

¹⁰ Published in nº 834, 02/26/2009, based in an exclusive survey VISÃO/SIC/GfK Metris/Cesnova". <http://aeiou.visao.pt/afinal-somos-felizes=f497377>

Índice geral

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice geral	v
Índice de figuras	vii
Índice de quadros	xii
Lista de siglas e acrónimos	xii
Introdução	1
I. OS VALORES NA TEORIA SOCIAL	4
II. COMUNICAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA DE VALORES ...	13
II.1. Valores e espaço público	14
II.2. Exposição aos media na Europa e em Portugal	20
III. VALORES	25
III.1. Valores humanos	26
III.1.1. Valores Humanos na Europa	27
III.1.2. Valores Humanos em Portugal	36
III.1.2.1. Perspectiva geográfica	36
III.1.2.2. Perspectiva demográfica	39
Conclusão	44
III.2. Confiança	47
III.2.1. Confiança social e Institucional na Europa	50
III.2.2. Confiança social e institucional em Portugal	58
III.2.2.1. Perspectiva geográfica	59
III.2.2.2. Perspectiva demográfica	63
Conclusão	67
III.3. Política	71
III.3.1. Interesse pela política	72
III.3.2. Dificuldades com a política	77
III.3.3. Simpatia partidária e voto	83
III.3.4. Autoposicionamento político	88
Conclusão	92
III.4. Cidadania	96
III.4.1. Representações sociais sobre o que é ser um bom cidadão	96
III.4.2. Respeito pela Lei	102
III.4.3. Participação cívica	106
III.4.4. Ajudar aos outros	110
Conclusão	116

III.5. Trabalho	119
III.5.1. Valores sobre o trabalho	123
III.5.2. Sindicalismo e mobilidade profissional	129
III.5.3. Envolvimento com o trabalho	134
III.5.4. Justiça salarial	136
III.5.5. Satisfação com o trabalho	138
Conclusão	140
III.6. Regulação da esfera económica	143
Conclusão	146
III.7. Religião	148
III.7.1. Pertença religiosa e Religiosidade	149
III.7.2. Prática religiosa	153
Conclusão	157
III.8. Família e responsabilidades familiares	161
Conclusão	171
IV. FELICIDADE E BEM-ESTAR SUBJECTIVO	173
IV.1. Felicidade e bem-estar subjectivo	174
IV.1.1. Preditores da Felicidade e do Bem-estar Subjectivo	174
IV.1.2. A medida do Bem-estar subjectivo: construção de um índice	192
IV.1.3. Bem-estar subjectivo em Portugal	201
IV.1.4. Felicidade Interna Bruta na Europa	202
Conclusão	204
V. CONCLUSÃO: VALORES E FELICIDADE	207
Relação entre Valores e Felicidade	217
Conclusão geral	220
Bibliografia	225
Anexo I: Procedimentos metodológicos	236
Anexo II: Questionário usado no <i>European Social Survey, round 4, 2008</i>	246

Índice de figuras

Figura II.1.	Exposição à Televisão, Rádio e Jornais na Europa	20
Figura II.2.	Exposição à Televisão na Europa (> 3horas/dia de semana)	21
Figura II.3.	Leitura de Jornais na Europa	22
Figura II.4.	Exposição à Informação sobre política e assuntos da actualidade na Europa	23
Figura III.1.	Padrões de identificação com os 10 tipos motivacionais na Europa, por país	27
Figura III.2.	Mapa perceptual dos tipos motivacionais na Europa	29
Figura III.3.	Valores humanos na Europa: tipologia de países	30
Figura III.4.	Hierarquia dos Valores humanos na Europa, por país	31
Figura III.5.	“Autotranscendência” e “Autopromoção” na Europa, por país	33
Figura III.6.	“Abertura à mudança” e “Conservação” na Europa, por país	34
Figura III.7.	Eixos de identificação valorativa na Europa	35
Figura III.8	Prioridade dos tipos motivacionais em Portugal: padrões de identificação	36
Figura III.9.	Identificação com a “Autotranscendência”, “Autopromoção”, “Abertura à mudança” e “Conservação” em Portugal, por Região .	37
Figura III.10.	Eixos de identificação valorativa em Portugal, por região	38
Figura III.11.	Padrões de identificação com os 10 tipos motivacionais em Portugal, por sexo e idade	40
Figura III.12.	Valores humanos em Portugal: padrões de identificação por sexo	40
Figura III.13.	Valores humanos em Portugal: padrões de identificação por idade	41
Figura III.14.	“Autotranscendência” vs. “Autopromoção” em Portugal, por sexo e idade	42
Figura III.15.	“Abertura à mudança” vs. “Conservação” em Portugal, por sexo e idade	43
Figura III.16.	Eixos de identificação valorativa em Portugal, por sexo e idade ...	44
Figura III.17.	Valores humanos na Europa: padrões de identificação por anos de escolaridade concluídos	45
Figura III.18.	Confiança Social e Institucional na Europa, por país	51
Figura III.19.	Confiança nas Instituições nacionais na Europa, por país	52
Figura III.20.	Confiança Social e nas Instituições nacionais, na Europa	53
Figura III.21.	Confiança nas Instituições internacionais na Europa, por país	54
Figura III.22.	Confiança Social e nas Instituições nacionais e internacionais na Europa, por país	55
Figura III.23.	Confiança na Europa	56
Figura III.24.	Confiança e optimismo na Europa, por país.....	57
Figura III.25.	Confiança social e institucional em Portugal	58
Figura III.26.	Confiança social em Portugal, por Região	59
Figura III.27.	Confiança nas Instituições nacionais em Portugal, por Região	60
Figura III.28.	Confiança nas Instituições internacionais em Portugal, por Região	60

Figura III.29.	Confiança social e institucional em Portugal, por Região	61
Figura III.30.	Confiança social, nas Instituições nacionais, nas Instituições internacionais e Índice sintético de confiança em Portugal, por Região	62
Figura III.31.	Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por sexo	63
Figura III.32.	Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por idade	64
Figura III.33.	Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por sexo e idade	65
Figura III.34.	Confiança social e nas Instituições nacionais em Portugal, por sexo e escalão etário	66
Figura III.35.	Interesse pela política na Europa, por país	72
Figura III.36.	Interesse pela política na Europa	73
Figura III.37.	Interesse pela política em Portugal, por Região	74
Figura III.38.	Interesse pela política em Portugal, por Região	75
Figura III.39.	Interesse pela política em Portugal, por sexo	76
Figura III.40.	Interesse pela política em Portugal, por sexo e idade	76
Figura III.41.	“A política é uma coisa complicada” na Europa e em Portugal	78
Figura III.42.	“A política é uma coisa complicada” em Portugal, por sexo e idade	79
Figura III.43.	Dificuldade em tomar posições políticas na Europa e em Portugal	79
Figura III.44.	Dificuldade em tomar posições políticas em Portugal, por sexo e idade	80
Figura III.45.	“A política parece complicada e “Dificuldade em tomar posições políticas” em Portugal, por sexo e idade	81
Figura III.46.	Dificuldade com a política na Europa e em Portugal	82
Figura III.47.	Dificuldade com a política em Portugal, por sexo e idade	82
Figura III.48.	Simpatia partidária e voto na Europa	84
Figura III.49.	Simpatia por um partido e voto na Europa, por país	85
Figura III.50.	Simpatia por um partido e voto em Portugal, por Região	86
Figura III.51.	Proximidade com o partido que mais simpatiza, em Portugal, por Região	86
Figura III.52.	Simpatia por um partido e voto em Portugal, por sexo e idade	87
Figura III.53.	Autoposicionamento político na Europa, por país	88
Figura III.54.	Autoposicionamento político na Europa, por sexo	89
Figura III.55.	Autoposicionamento político na Europa e em Portugal, por sexo e idade	89
Figura III.56.	Autoposicionamento político em Portugal, por Região	91
Figura III.57.	“O que é preciso para ser um bom cidadão”, na Europa, por país	98
Figura III.58.	“O que é preciso para ser um bom cidadão”, prioridades na Europa, por país	99
Figura III.59.	“O que é preciso para ser um bom cidadão”, prioridades em Portugal, por Região	100

Figura III.60.	“O que é preciso para ser um bom cidadão” em Portugal, prioridades por sexo e idade	101
Figura III.61.	Cidadania na Europa e em Portugal	101
Figura III.62.	Cidadania em Portugal, por sexo e idade	102
Figura III.63.	Opinião sobre o comportamento em sociedade na Europa, por país	103
Figura III.64.	Respeito pela Lei na Europa, por país	103
Figura III.65.	Respeito pela Lei, em Portugal, por Região	104
Figura III.66.	“Os cidadãos não deviam fugir aos seus impostos” na Europa, por país	105
Figura III.67.	“Os cidadãos não deviam fugir aos seus impostos” em Portugal, por Região	106
Figura III.68.	Participação cívica na Europa, por país	107
Figura III.69.	Índice de participação cívica na Europa e em Portugal	108
Figura III.70.	Índice de participação cívica em Portugal, por sexo e idade	109
Figura III.71.	Cidadania e Participação cívica na Europa, por país	109
Figura III.72.	Cidadania e Participação cívica em Portugal, por sexo e idade	110
Figura III.73.	“Deve ajudar-se os outros” na Europa, por país	111
Figura III.74.	“Deve ajudar-se os outros” na Europa, por país	111
Figura III.75.	“Deve ajudar-se os outros” em Portugal	112
Figura III.76.	Colaboração com Organizações de Voluntariado ou de Caridade nos últimos 12 meses, na Europa, por país	113
Figura III.77.	Frequência com que ajudou activamente alguém nos últimos 12 meses, na Europa, por país	114
Figura III.78.	Ajuda aos outros nos últimos 12 meses, em Portugal por Região	115
Figura III.79.	Satisfação com o funcionamento da Democracia na Europa, por país	117
Figura III.80.	Importância do trabalho na Europa, por país	120
Figura III.81.	Valores sobre o trabalho na Europa, por país	124
Figura III.82.	Prioridade dos valores sobre o trabalho na Europa, por país	125
Figura III.83.	Prioridade dos valores sobre o trabalho na Europa: perfil dos países	126
Figura III.84.	Prioridade dos valores sobre o trabalho em Portugal: perfil regional	127
Figura III.85.	Prioridade dos valores sobre o trabalho em Portugal: perfil etário .	128
Figura III.86.	“Os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam”, na Europa, por país	129
Figura III.87.	Filiação sindical/associativa na Europa, por país	130
Figura III.88.	Filiação sindical/associativa na Europa	131
Figura III.89.	Filiação sindical/associativa em Portugal	132
Figura III.90.	Fidelidade à organização onde trabalha, na Europa, por país	132
Figura III.91.	Fidelidade à organização onde trabalha, em Portugal	133
Figura III.92.	Envolvimento com o trabalho, na Europa, por país	134

Figura III.93.	Índice de envolvimento com o trabalho na Europa	135
Figura III.94.	Índice de envolvimento com o trabalho em Portugal	136
Figura III.95.	Percepção da justiça salarial na Europa, por país	137
Figura III.96.	Percepção da justiça salarial em Portugal	138
Figura III.97.	Grau de Satisfação com o trabalho na Europa, por país	139
Figura III.98.	Satisfação com o trabalho na Europa, por país	139
Figura III.99.	Satisfação com o trabalho em Portugal	140
Figura III.100.	Horas de trabalho por semana na Europa, por país	142
Figura III.101.	Regulação da esfera económica na Europa, por país	144
Figura III.102.	Intervenção do Governo na Esfera Económica na Europa	145
Figura III.103.	Intervenção do Governo na Esfera Económica em Portugal	146
Figura III.104.	Pertença a uma religião na Europa, por país	149
Figura III.105.	Religiões na Europa, por país	150
Figura III.106.	Grau de religiosidade na Europa, por país	150
Figura III.107.	Religião e Religiosidade em Portugal, por Região	152
Figura III.108.	Religião em Portugal, por sexo e idade	153
Figura III.109.	Grau de Religiosidade em Portugal, por sexo e idade	153
Figura III.110.	Frequência de participação em serviços religiosos na Europa, por país	154
Figura III.111.	Frequência com que reza na Europa, por país	155
Figura III.112.	Frequência de participação em serviços religiosos em Portugal, por Região	156
Figura III.113.	Frequência com que reza em Portugal, por Região	156
Figura III.114.	Frequência de participação em serviços religiosos em Portugal, por sexo e idade	157
Figura III.115.	Frequência com que reza em Portugal, por sexo e idade	157
Figura III.116.	“Não sente que pertence a uma religião mas já sentiu que pertencia”, na Europa, por país	160
Figura III.117.	“Não sente que pertence a uma religião mas já sentiu que pertencia”, na Europa, por país e idade	160
Figura III.118.	Importância da Família, Amigos, Tempos livres, Política, Trabalho, Religião e Voluntariado, na vida dos europeus, por país	162
Figura III.119.	“A família próxima devia ser a principal prioridade na vida de cada um”, na Europa, por país	164
Figura III.120.	“A família próxima devia ser a principal prioridade na vida de cada um”, em Portugal, por Região	165
Figura III.121.	“Tempo passado com a família próxima”, na Europa, por país	165
Figura III.122.	“As tarefas domésticas provocam stress”, na Europa e em Portugal, por sexo e escalão etário	167
Figura III.123.	Tempo dedicado às tarefas domésticas na Europa e em Portugal, por sexo	167
Figura III.124.	“ <i>Há tantas coisas para fazer em casa que muitas vezes o tempo não chega para as fazer todas</i> ”, na Europa e em Portugal, por sexo e escalão etário	168

Figura III.125.	Horas dedicadas por semana a cuidar de crianças e familiares e tarefas domésticas, na Europa, por país	169
Figura III.126.	<i>Gap</i> entre homens e mulheres nas horas dedicadas por semana a cuidar de crianças e familiares e tarefas domésticas, na Europa, por país (mulheres – homens)	170
Figura III.127.	Satisfação com a divisão das tarefas domésticas, na Europa, por sexo	171
Figura IV.1.	Riqueza por adulto, no mundo	184
Figura IV.2.	Posição relativa dos países com PIB <i>per capita</i> mais elevado, no Produto Interno Bruto (PIB), Desigualdade na repartição de rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade	189
Figura IV.3.	PIB <i>per capita</i> vs. Felicidade: Posição relativa dos países na respectiva ordenação	190
Figura IV.4.	Desigualdade na Distribuição da Riqueza vs. Felicidade: Posição relativa dos países na respectiva ordenação	191
Figura IV.5.	Índice de Desenvolvimento Humano vs. Felicidade: Posição relativa dos países na respectiva ordenação	191
Figura IV.6.	Medida do Bem-estar subjectivo na Europa	198
Figura IV.7.	Bem-estar subjectivo, Satisfação com a vida e Felicidade na Europa, por país	200
Figura IV.8.	Bem-estar subjectivo em Portugal, por Região, sexo e idade	201
Figura IV.9.	Felicidade Interna Bruta na Europa, por país	202
Figura IV.10.	Felicidade Interna Bruta na Europa	203
Figura IV.11.	Felicidade Interna Bruta na Europa (média e desvio-padrão)	204
Figura V.1.	Escolaridade na Europa, por país e escalão etário	208
Figura V.2.	Valores e Felicidade na Europa e em Portugal	218
Figura V.3.	Grau de felicidade na Europa, por país	220
Figura V.4.	Felicidade Interna Bruta e Optimismo na Europa, por país	223

Índice de quadros

Quadro III.1.	Interesse dos Políticos na Europa, por país	68
Quadro III.2.	Religião na Europa e em Portugal	159
Quadro III.3.	Importância da Família, Amigos, Tempos livres, Política, Trabalho, Religião e Voluntariado, na vida dos europeus, por sexo	161
Quadro III.4.	“Tempo passado com a família próxima”, na Europa e em Portugal, por sexo e idade	166
Quadro IV.1.	Média da felicidade em 149 nações 2000 – 2009	185
Quadro IV.2.	Produto Interno Bruto <i>per capita</i> (PIB), Igualdade na Repartição de Rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade, em 31 países com PIB <i>per capita</i> superiores a 20 000 \$USA (Posição relativa dos países no mundo)	187
Quadro IV.3.	Produto Interno Bruto <i>per capita</i> (PIB), Igualdade na Repartição de Rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade, nos 30 países com PIB <i>per capita</i> mais elevado e em Portugal (Posição relativa dos 31 países face ao conjunto)	188
Quadro IV.4.	Dimensões e indicadores do Bem-estar subjectivo, na Europa e em Portugal	195
	Medida do Bem-estar subjectivo na Europa: impacto dos indicadores	199

Lista de siglas e acrónimos

BES -	Bem-estar subjectivo
ESS -	European Social Survey
FIB -	Felicidade Interna Bruta
HDI -	Índice de Desenvolvimento Humano
NUTS II -	Nomenclaturas de Unidades Territoriais para fins Estatísticos (5 regiões plano)
PIB -	Produto Interno Bruto
SPSS -	Statistical Package of Social Sciences

Introdução

Constato, a partir de diferentes indícios [...] um reaquecimento, por parte de sectores e em ambientes diversificados, do interesse pela problemática dos «Valores» e, em particular, por aquilo que alguns designam como «a formação em valores».

José Barata Moura¹

Este trabalho tem como objectivo principal traçar um “retrato” sociológico dos portugueses no início do século XXI, no que se refere aos valores e felicidade. Os dados são provenientes do European *Social Survey* (ESS)², em que Portugal participa desde o início, que vai na sua 4ª edição³.

Sendo consensual que os valores emergem em contextos sociais específicos e são relativamente estáveis, o conhecimento da sua estrutura e hierarquia temporal torna-se fundamental para perceber o sentido da mudança social quando o contexto se altera. Com efeito, sendo os valores produto de mudanças e transformações verificadas ao longo da história, surgem com um significado específico e mudam ou desaparecem em épocas distintas. É precisamente o significado social que se atribui aos valores um dos factores que contribui para os diferenciar em tradicionais e modernos.

¹ José Barata-Moura “Sobre o tópico: a formação em valores”, *Arquipélago* nº 8, 2007: 89-142.

² O objectivo central do ESS é o de desenvolver e conduzir um estudo sistemático centrado na mudança de valores, atitudes, atributos e padrões de comportamento entre os europeus, de modo a compreender a sua distribuição e variação, bem como o sentido e a intensidade da mudança, dentro de cada país e entre países.

O questionário, cuja aplicação é feita de dois em dois anos através de entrevista pessoal com cerca de uma hora de duração, consiste num módulo permanente, e módulos rotativos, que serão repetidos em intervalos, dedicados a um tema ou tópico específico.

Assim, enquanto os módulos rotativos têm como objectivo permitir um conhecimento detalhado das respectivas temáticas, com interesse académico ou para o estabelecimento de medidas políticas, o módulo permanente permitirá monitorar mudanças e continuidades numa vasta gama de variáveis sócio-económicas, sócio-políticas, sócio-psicológicas e sócio-demográficas.

³ 2002, 2004, 2006 e 2008. A recolha de informação do *round* 5 está em curso, prevendo-se a disponibilização dos dados no último trimestre de 2011.

É neste contexto que este estudo encontra justificação, uma vez que para além do objectivo principal, nos interessa caracterizar os portugueses relativamente a um conjunto de valores de que se dispõe de informação. Qualquer caracterização necessita, como se sabe, de referenciais. No nosso caso, privilegiamos três: a europeia, comparando Portugal com diversos países europeus participantes no ESS, a regional, comparando as cinco regiões definidas pelas NUTS II⁴ e sexo e idade, referenciais sociológicos por excelência.

A justificação para este estudo ganha ainda mais acuidade se tivermos presente que, embora os valores dos portugueses sejam objecto recorrente de análise nas ciências sociais, permanece por fazer um “retrato” sistemático e aprofundado do tema, que se torna agora possível mercê da grande quantidade de informação recolhida e disponibilizada no âmbito do ESS.

A perspectiva sociológica analisa a significação dos valores em si mesmos e como indutores e referência de comportamentos, procurando, ao mesmo tempo, os seus enraizamentos em classes sociais, em grupos e em indivíduos, sem descurar os grandes agregados constituídos pelos Estados nacionais e as suas eventuais identidades diferenciais. A análise dos valores assume hoje uma posição central na pesquisa social, podendo ser conceptualizados como “sistemas organizados e relativamente duradouros de preferências” [...] “tanto os valores como as representações são analisáveis em dois planos distintos. No plano social, atravessam e dão forma às dimensões culturais da sociedade. No plano grupal e individual, constituem sistemas de disposições interiorizadas pelos actores, sintetizam as suas experiências passadas ao mesmo tempo que lhes guiam e justificam comportamentos e estratégias” (Almeida, 1994: 177). Ou seja, enquanto sistemas simbólicos, os valores são produtores de ideologias assumindo, por conseguinte, uma importância crucial como marcadores dos padrões de classe. As classes têm, evidentemente, protagonismos evidenciados. Para dar o exemplo dos profissionais altamente

⁴ Embora tal comparação não seja isenta de críticas, uma vez que “corta” o país em fatias horizontais, não permitindo perceber as diferenças induzidas pela crescente litorização do país. Vemo-nos, no entanto, limitados na sua utilização, dado que é a única informação de natureza geográfica disponibilizada pelo ESS.

qualificados, e segundo Beck (2000: 48), eles “... são de *facto* agentes numa sociedade global de especialistas, e esta supranacionalidade realmente existente predestina-os a serem agentes de soluções globais”.

Conhecer os sistemas de valores que “marcam” as pessoas revela-se, assim, um campo fértil para a análise sociológica. Como notam Almeida *et all* referindo-se à escala de valores proposta por Schwartz e que integra o questionário do *European Social Survey (ESS)* desde a sua primeira aplicação em 2002, “os resultados sugerem que o desenvolvimento sistemático e continuado deste tipo de análises – das relações entre *estruturas de classe e padrões de valores* – aos níveis nacional e transnacional – pode ser cognitivamente muito promissor, desde que ambos os conceitos sejam bem trabalhados dos pontos de vista teórico e operativo”. A operacionalização dos valores básicos – transituacionais – proposta por Schwartz, terá mostrado definitivamente, segundo os autores, “a sua fecundidade analítica e empírica [pois] nunca chegámos tão perto de medir um outro conceito, há muito proposto por Bourdieu, o conceito de «habitus». Embora com raízes teóricas diferentes, o «habitus» o sistema de disposições, é também um conceito mediador entre estruturas e práticas” (Almeida, Machado e Costa, 2006: 70, 80).

Já no que se refere à análise dos valores por referência ao género e idade, variadas pesquisas têm mostrado “que as diferenças intra-sexos são muito mais relevantes do que as diferenças inter-sexos” (Torres e Brites, 2006: 325-378).

Assim, no capítulo I procedemos a uma revisão do tema dos valores na teoria social, no capítulo II desenvolvemos o tema da comunicação, globalização e mudança de valores, no capítulo III analisaremos o conjunto de valores de que dispomos de informação e no capítulo IV desenvolvemos o tema do Bem-estar subjectivo, a sua relação com a felicidade e construímos uma medida do primeiro com base na proposta da designada Comissão Stiglitz, nomeada por Sarkozy com o objectivo de fazer propostas que permitam “medir” a “Felicidade Interna Bruta” dos países. Concluímos com a construção de um modelo que equaciona Valores e Felicidade, avaliando o impacto daqueles nesta.

Capítulo I

Os Valores na Teoria Social

I – OS VALORES NA TEORIA SOCIAL

Os homens sempre defenderam ideias do que é bom ou mau, adequado ou inadequado, e indispensável ou dispensável. Essas ideias são **valores**; e quando elas são organizadas dentro de um sistema de padrões ou critérios para avaliar o valor moral e adequação ao comportamento, elas constituem um sistema de valores.

Jonathan Turner¹

Os valores, pese embora a dificuldade de clarificação do conceito, devido à sua polimorfia tributária da “apropriação” por diversas disciplinas, por um lado, e à dificuldade da sua operacionalização e medida, por outro, fazem parte do património da Sociologia que, desde o início, lhes reconhece o papel determinante que desempenham na coesão e transformação social. Para os “pais fundadores” da sociologia, os valores situam-se na ordem do ideal e possuem propriedades accionalistas, na perspectiva do “ideal-tipo” weberiano.

Comte considerava que os “três estados” – teológico, metafísico e positivo – são modelados por um conjunto de concepções, valores, opiniões e mentalidades, próprios e distintos e afirma, numa fórmula tornada célebre, que “é preciso *agir por afeição e pensar para agir*”. Para o chamado fundador da sociologia, “O problema principal da reforma social era o do *consenso*; tratava-se de restabelecer a homogeneidade de convicções religiosas e morais, sem a qual nenhuma sociedade pode ser estável. (Aron, 1982: 97 e 285).

Tocqueville, que se interrogava sobre as condições em que uma sociedade onde o destino dos indivíduos tende a ser uniforme pode evitar o despotismo, ou como compatibilizar a igualdade e a liberdade (cfr. Aron, 1982: 211), afirma que “A experiência provou-me, sobre quase todos os homens, mas seguramente sobre mim mesmo, que se retorna sempre mais ou menos aos próprios instintos fundamentais, e que não se faz

¹ *Sociologia- Conceitos e Aplicações*, São Paulo, MAKRON Books, 1999: 37.

bem senão o que está de acordo com os instintos. Procuramos, então, sinceramente onde estão os *meus instintos fundamentais e os meus princípios sérios*. Tenho pelas instituições democráticas um gosto racional, mas sou aristocrata por instinto, ou seja, desprezo e temo a multidão. Amo com paixão a liberdade, a legalidade e o respeito dos direitos, mas não a democracia, eis o fundo da minha alma. (...) A liberdade é a primeira de minhas paixões, eis o que é verdade”.² A importância do conhecimento dos valores sociais objectivados nos “costumes”, que constituem os alicerces da sociedade, está bem presente em Tocqueville, quando afirma (cfr. 1962: 242) que “A minha finalidade foi mostrar, pelo exemplo da América, que as leis e, sobretudo os costumes, podiam permitir a um povo democrático permanecer livre”.

Marx, no Prefácio à «Contribuição à Crítica da Economia Política», publicada em 1859, afirma que “Na produção social da sua existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau do desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura económica da sociedade, a base concreta sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é pelo contrário o ser social que determina a sua consciência”.

Durkheim, ao analisar “as mudanças que na sua época estavam a transformar a sociedade, acreditava que o que a mantinha unida eram os valores e costumes compartilhados” (Giddens, 1991b: 34). Distinguiu os “juízos de realidade”, sobre factos concretos, dos “juízos de valor”, sobre a qualidade dos factos e condutas dos actores sociais.

Weber enfatizou que “os factores económicos eram importantes, mas o impacto das ideias e dos valores sobre a mudança social eram igualmente significativos”. [...] As ideias e os valores culturais ajudam a que se constitua uma sociedade e conformam as

² Tocqueville, A. (1985) “Écrits et discours politiques”, em *Oeuvres Complètes*, T. III. v. 2, Paris: Gallimard. (citado por Reis, H. E. (2007)

acções individuais. (Giddens, 1991b: 37). Rejeita, segundo Bloom (1987: 205) “a racionalidade dos «valores» [...] eles correspondem a «decisões», não a «deliberações», impostas a um mundo caótico por personalidades poderosas, «visões do mundo» ou «interpretações do mundo». Como nota (1974: 135) “a verdadeira significação de uma discussão sobre o *valor* consiste em contribuir para apreender o que o adversário (ou inclusivamente o próprio) pretende dizer realmente, isto é, compreender o valor que está em jogo – realmente e não apenas na aparência – entre ambas as partes, e desta forma possibilitar uma tomada de posição face ao citado valor”.

Ou seja, o sistema de valores é moldado pelas circunstâncias do estádio social é determinante na sua mudança. Nesta perspectiva, como salientou Parsons (1962: 55)³ “um sistema cultural é um sistema [...] constituído, não pela organização das interacções nem pela organização das acções de um único actor (como tal), mas sim pela organização dos valores, normas e símbolos que orientam as escolhas feitas pelos actores e que limitam os tipos de interacção que pode ocorrer entre os actores”. Para o autor (1951), a estrutura e o sistema de estratificação de uma sociedade são determinados pelo consenso e aceitação de um sistema de valores comum. A mudança social era fruto da falta de congruência entre valores (culturais), normas (sociais) e motivações (individuais). O sistema cultural traduzia os valores gerais do sistema cultural em “normas” específicas, condicionadoras da acção, promovendo a correspondência entre expectativas, situações de status e desempenho adequado de papéis sociais. Ou seja, para Parsons⁴, “é inerente a todo o sistema de acção que a acção... seja orientada normativamente”.

O estudo dos valores ganha, no entanto, um grande incremento no princípio do século XX, principalmente a partir dos trabalhos pioneiros de Thomas e Znaniecki sobre o campesinato (1918), onde os autores sublinhavam a sua importância no estudo das atitudes que diferenciam os grupos sociais. Contudo, conceber os valores como uma espécie de “conduta moral interna” são um fenómeno bastante recente. Kluckhohn, em 1951, definia valores como uma concepção, explícita ou implícita, distintiva de um

³ Tradução livre.

⁴ Social System, p. 16. citado por Moya (1970: 73).

indivíduo ou característico de um grupo – o desejável – capaz de influenciar a selecção de modos disponíveis, meios, e fins implícitos na acção. Já Rokeach, a quem se deve muito do impulso e da popularidade do estudo dos valores, definia-os, cerca de vinte anos mais tarde (1973), como crenças duradouras de que um modo específico de conduta é pessoal ou socialmente preferível a outro. Kluckhohn enfatizou a acção; Rokeach a forma como dão significado à acção (cfr. Hitlin e Piliavin, 2004: 362).

Ainda nos anos 70, Inglehart propôs uma taxonomia de valores sócio-políticos que distingue os valores materialistas, associados à satisfação de necessidades básicas elementares, ao bem-estar económico e à coesão social, dos valores pós-materialistas, associados a preocupações sociais e individuais: estéticas, intelectuais, qualidade de vida e envolvimento em processos de tomada de decisão. Segundo o autor, observa-se nas sociedades ocidentais uma prevalência dos valores pós-materialistas sobre os valores materialistas.

Nos anos 80, Ajzen e Fishbein propõem a teoria da «*acção reflectida*», que relaciona valores com crenças comportamentais como determinantes das atitudes. Esta proposta tem conhecido ampla divulgação e orientado campanhas de marketing social centradas na mudança comportamental desenvolvidas pela OMS e Banco Mundial. O objectivo principal dos autores (1980) é o de compreender e prever o comportamento humano, no pressuposto de que este é deliberado *reasoned action*, visando a teoria da *acção reflectida* a explicação virtual de todos os comportamentos humanos, independentemente da sua natureza, impondo-se para isso a identificação e medição do comportamento que interessa analisar. Definido esse comportamento, será possível, segundo os autores, aferir das razões que o determinam, já que os indivíduos exercem um controlo voluntário sobre as acções que consideram relevantes socialmente, sendo a determinante imediata da acção a sua intenção da realização do comportamento.

De acordo com o modelo, os comportamentos não são difíceis de prever uma vez que, embora não exista uma correspondência directa entre intenção e comportamento, desde que se identifiquem as determinantes das intenções é possível compreender aquele e, por conseguinte, prevê-lo. De facto, segundo os autores, a intenção de um indivíduo é função de duas determinantes principais: uma de natureza

peçoal e outra que reflecte a influência social. A primeira expressa-se na avalia o positiva ou negativa face ao comportamento em si mesmo e denomina-se *atitude em rela o ao comportamento*; a segunda   a percep o das pressões sociais para a execu o ou não do comportamento em causa e denomina-se *norma subjectiva*. Como referem (1980: 26-27): “os indivíduos ter o tendência a executar um comportamento quando o avaliarem positivamente e quando acharem que outros que são importantes para eles pensarem que eles o devem fazer”.

Mais recentemente, Schwartz e Bilsky (1987: 551) resumiram as cinco características comuns   maioria das defini es de valores. Para os autores: “de acordo com a literatura, os valores são: (a) conceitos ou crenças, (b) sobre fins desejáveis ou comportamentos, (c) que transcendem situa es específicas, (d) guiam a selec o ou a avalia o de comportamentos e eventos, e (e) estão ordenados pela importância relativa”. Schwartz (1992) defende que os valores são representa es cognitivas de três exigências humanas universais: (a) necessidades de base biológica, (b) requisitos de interac o social, e (c) respostas institucionais para o bem-estar do grupo e sobrevivência (cfr. Hitlin e Piliavin, 2004: 362).

Schwartz e Bilsky (1987) lançaram as bases de uma teoria estrutural dos valores que tem sido desenvolvida e verificada através de diversas pesquisas interculturais. Na perspectiva de Schwartz, os valores expressam metas motivacionais individuais: “o conteúdo fundamental que diferencia os valores entre si   o tipo de meta motivacional que expressam” (Schwartz, 1996). A tipologia de valores humanos desenvolvida pelo autor tem como base o “Inventário de Valores Humanos” e, na sua formula o mais recente⁵ contempla 21 indicadores constitutivos de 10 tipos de valores motivacionais, que se diferenciam entre si pelas metas e interesses que perseguem.

Não obstante, devido ao seu carácter complexo e multifacetado por um lado e, ao facto de se constituir em objecto de estudo de várias ciências sociais, por outro, o

⁵ Consultar a este respeito o *European Social Survey*, para o qual Schwartz apresentou uma proposta para medir as orienta es transnacionais de valores. Disponível em http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=126&Itemid=80, consultado em 25/01/2010.

conceito de valor apresenta-se ainda algumas dificuldades na sua definição precisa. A sua estrutura e emergência têm sido alvo do interesse de muitos investigadores sociais, dada a importância que se lhes atribui na organização dos sistemas de crenças sociais e dos grupos em sociedade, ao assumirem um papel central na compreensão dos comportamentos desses grupos frente aos diversos problemas sociais (Rokeach, 1973; Seligman & Katz, 1996). A literatura sobre esse tema revela a existência de várias abordagens teóricas e metodológicas sobre a natureza dos valores (Inglehart, 1977; Schwartz, 1992), realçando, no entanto, as suas propriedades axiológicas. Como afirmou Rokeach (1973: 122): “O conhecimento dos valores de uma pessoa deveria permitir-nos prever como é que ela se comportará em diversas situações experimentais e da vida real”. Para o autor, eles são os principais factores que influenciam e determinam o comportamento social, uma vez que a prioridade que um determinado valor tem para uma pessoa ou grupo de pessoas, influencia todo o seu sistema de valores que configuram projectos de vida concretos. O conceito de *habitus* proposto por Bourdieu partilha desta ideia pois, sendo “o *habitus* como indica a palavra, um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista), o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada [...] o «lado activo» do conhecimento prático”. (cfr. Bourdieu, 1989: 61).

A problemática dos valores assume hoje, por conseguinte, uma posição central nos sistemas de educação, quer pela importância que se lhes reconhece nas orientações comportamentais, quer pela aceleração globalizada das transformações sociais e societárias induzidas pelos meios de comunicação social, com inevitáveis reflexos na formação e na alteração dos valores. A educação pelos valores nomeadamente no que se refere aos chamados valores de cidadania, assume, neste contexto, uma importância crescente, pois é o sistema de valores, entendidos como refere Ferreira de Almeida (cfr. 1994: 172-173) como “sistemas organizados e relativamente duradouros de preferências”, que caracteriza uma determinada cultura, entendendo-se esta na sua acepção antropológica, como um “agregado extenso e variado de características que, ao limite, é sinónimo da própria noção de sociedade”. Neste contexto, as representações sociais, definidas por Moscovici (1978: 79) como o “sistema de valores, noções e práticas

que proporcionam aos indivíduos os meios para se orientarem no contexto social e material (...) um corpo organizado de conhecimentos e uma das actividades psíquicas graças à qual os homens tornam inteligíveis a realidade física e social”, assumem, uma importância preponderante.

Como salienta Vala (2003: 29), os valores “referem-se a princípios abstractos que guiam ou justificam as atitudes, as opiniões e os comportamentos. Tornam desejáveis certas formas de pensar, sentir e agir e menos desejáveis ou mesmo indesejáveis, outras situações alternativas”. Outros autores procuram estabelecer relações entre enraizamentos sociais e esses “princípios abstractos” orientadores. Já Ferreira de Almeida (1990), numa obra dedicada ao tema dos *Valores e Representações Sociais* numa lógica que remete para a génese da formação dos valores, defende que são uma “expressão de sistemas organizados e duradouros de preferências” que tanto podem ser analisados e encontrados no plano social, como no plano individual, referindo-se a sistemas de disposições incorporadas. Nessa obra, além do debate conceptual e teórico sobre o tema, o autor propõe, apoiado em resultados de pesquisas em que explora a relação entre classes, idade e valores, uma matriz de valores enquadradora a partir de dois eixos analíticos – o eixo do sócio e do auto centramento e o eixo do quotidiano e projecto – que dão origem a quatro grandes orientações no plano valorativo, elas próprias constituindo indicadores de práticas e comportamentos distintos, ou seja, das propriedades axiológicas dos valores.

A perspectiva sociológica dos valores enfatiza a significação social que têm os objectos e fenómenos da realidade para uma determinada classe social, grupo ou para os indivíduos, na medida em que entram em relação com as suas necessidades. É assim que na tradição sociológica de orientação marxista, por exemplo, alguns autores privilegiam o estudo da expressão objectiva dos valores, enquanto outros privilegiam a subjectiva. Ou seja, a formação dos valores ocorre no contexto das categorias dialécticas do desenvolvimento social, cuja força motriz emana da unidade contraditória do objectivo e do subjectivo. Tal facto está bem patente na frase emblemática de Marx: “não é a consciência dos homens que determina o seu ser social, é, pelo contrário, o seu ser social que determina a sua consciência”.

Como refere Machado Pais (1998: 19-29) “Apesar de todas as diferenças, *normas, valores, atitudes e ideologias* acabam, finalmente, por manifestar-se, em sentido lato, como sistemas de representações sociais, uma vez que, se como dizia Durkheim, «a sociedade é a ideia que ela forma de si mesma», tal ideia acaba por ser conjuntamente dada e construída através de normas, valores, atitudes ou ideologias, em suma, através de diferentes tipos de representações sociais”.

Capítulo II

Comunicação, globalização e mudança de valores

II – Comunicação, globalização e mudança de valores

“O universo das comunicações de massa é – reconhecamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objectivas das comunicações aquelas fornecidas pela existência de jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visiva e auditiva”.

Umberto Eco¹

II.1. Valores e espaço público

Como nota Ferreira de Almeida, enquanto a experiência humana, em épocas mais recuadas, estava praticamente limitada aos sistemas interrelacionais directos, actualmente o alargamento dos meios de comunicação de massas transformaram radicalmente o modo de produzir, difundir e receber informação. É assim inegável o papel determinante que os meios de comunicação de massas têm no plano dos valores, nomeadamente na sua transformação. A globalização a que assistimos hoje que, refira-se, é fruto da massificação da comunicação mediática, especialmente da televisão, acentua ainda mais a sua importância. Alguns autores mais cépticos, como por exemplo Lipovetsky (s/d), não hesitam em criticar o seu suposto papel na homogeneização dos valores, caracterizada pelo “vazio” reflexivo, na esteira, aliás, das críticas apocalípticas de Marcuse e Braudillard nos anos 70. Como refere: “já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria ou projecto histórico mobilizador; doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse”.

No entanto, a questão da alteração dos valores é largamente tributária do debate sobre os benefícios/malefícios da sociedade da comunicação que se instalou nas ciências sociais há mais de um quarto de século e permanece ainda vivo. De um lado,

¹ *Apocalípticos e Integrados*, p. 11.

estão os críticos com a sua chamada de atenção para a «corrupção dos valores», propugnando um retorno a um passado “virtuoso” de obediência e dever. De outro, os apologistas de uma racionalidade acrescida, tornada possível pelo alargamento do “espaço público” permitido pela comunicação. Umberto Eco (1970) chamou a uns e outros, numa obra célebre, “Apocalípticos e Integrados”. Afirmava então (1970: 11): que “o universo das comunicações de massa é – reconhecamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objectivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visiva e auditiva. Ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso que, indignado com a natureza inumana desse universo da informação, transmite o próprio protesto através dos canais de comunicação de massa, pelas colunas do grande diário, ou nas páginas do volume em *paperback*”. Ou seja, os meios de comunicação de massas, ao mesmo tempo que influenciam a mudança de valores, promovem o alargamento do “espaço público”, contribuindo para o aumento da “racionalidade” social que, como nota Habermas (cfr. 1987a: 24), supõe uma ligação estreita ao saber. Não obstante, essa ligação necessita de algum questionamento, pois, conferindo o saber uma estrutura posicional aos actores sociais, estes emitem as suas opiniões sob a forma de enunciados formalmente correctos, embora, muitas vezes, sem capacidade crítica. O aumento da racionalidade estaria assim dependente não apenas da tematização mediática, operada pelos *mass media*, mas também da capacidade crítica do receptor/enunciador. É precisamente neste ponto que ancoram as críticas aos *mass media*, que se limitariam apenas a dar conta da tematização.

Habermas (1984), que desenvolve amplamente o conceito de «espaço público», procedendo a uma espécie de *arqueologia* do mesmo, nota que a opinião pública surge quando surge o espaço público e adquire a sua dimensão. Ou seja, ela é bastante alargada num espaço público alargado e é bastante restrita num espaço público restrito. O espaço público acentua a importância da opinião pública que, enquanto reflectora dos valores sociais, se torna em legitimadora dos regimes políticos democráticos. Mas este é, precisamente, o “campo de batalha” dos investigadores críticos dos efeitos dos *mass-media* na opinião pública, com base no pressuposto de que esta não era um veículo de

emancipação da sociedade mas sim um veículo de dominação da mesma. As críticas mais radicais afirmam, ou que não existe ou que não pensa e se pensa, pensa mal (Bourdieu, 1980). Nesta perspectiva, é célebre a obra apocalíptica de Marcuse, *O Homem Unidimensional*, onde o autor defende a tese de que a racionalidade instrumental submeteria irremediavelmente a racionalidade emancipadora que a massa alienava alegremente numa sociedade de consumo, publicitada abundantemente pelos *media*. A tese central do autor era a que, quando pela primeira vez na história da humanidade uma sociedade consegue satisfazer as necessidades vitais dos seus membros, podendo estes utilizar os esforços até então despendidos com aquele fim para se emanciparem culturalmente, acabam por sucumbir inabalavelmente a uma racionalidade puramente instrumental. Daí que Marcuse afirme que a racionalidade das sociedades capitalistas desenvolvidas seja afinal... irracional.

Foi um pouco em torno desta ideia que os críticos da opinião pública assentaram arraiais. O mote, como notou Wright Mills (1956: 304), era o de que a opinião pública se “transforma em massa, na medida em que nesta é sempre menor o número das pessoas que expressam a opinião do que aquele que a recebe”; a massa recebe as “comunicações” organizadas pelas “elites do poder”, sem poder responder-lhes; a opinião está controlada pelas elites que dominam os meios de comunicação de massa, faltando, por sua vez, às massas, instrumentos ou canais para emitir opiniões autónomas”. Os numerosos estudos sobre os efeitos cognitivos dos meios de comunicação de massas empreendidos desde a década de cinquenta, e que deram origem a todas as críticas então formuladas, partiam sempre do pressuposto de que a opinião pública era grandemente determinada e produzida pelos meios de comunicação e pelos *líderes de opinião*, estando a sua capacidade selectiva gravemente diminuída. A prova disso deram-na Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (*The People's Choice*) quando, a partir da generalização dos resultados obtidos na sua pesquisa, afirmaram que “os dados obtidos na resposta individual [mostravam] que o indivíduo tende, no campo da comunicação política, à predisposição psicológica para aquelas mensagens que não impliquem uma situação conflitual, ou seja, tendem a reforçar as atitudes prévias e dificilmente podem mudar a opinião dos indivíduos considerados” (Citado por Saperas, 1987).

Por seu lado, Braudrillard acusava em meados da década de 70, num livro célebre - *A Sociedade de Consumo* - os meios de comunicação de massa de produzirem uma opinião pública sujeita à *M.M.C. (Menor Cultura Comum)* donde estava excluída a cultura e o saber. As *ondas radiofónicas ou grandes revistas ilustradas de imprensa* seriam as grandes culpadas desse facto. A ideia subjacente à «corrupção» da opinião pública pelos meios de comunicação de massas assenta no seguinte pressuposto: a necessidade que estes têm de atingir o maior número de receptores tem como consequência a produção de uma mensagem o mais simples possível. Ou seja, esta deve ser construída de forma a poder ser decodificada por uma massa heterogénea, com competências diferenciadas para o fazer, decorrendo desse facto um *empobrecimento* do que é dito de modo a aumentar a sua receptividade. Ao mesmo tempo, a massa reagiria indiferentemente à mensagem, cujo efeito *narcotizante* produziria reflexos nos valores sociais no sentido da sua homogeneização. Também as chamadas correntes da *ideologia soft* fazem notar, como refere Huyghe (cfr. 1987: 9 e segs.) que escreveu um livro precisamente com esse nome, que “os tempos são duros e as ideias são moles [...] A soft-ideologia é essa vulgata intelectual, esse corpus de crenças que permitiram a reunião de famílias políticas culturais morais antes radicalmente opostas”. Na sua perspectiva, a vida política está hoje normalizada, o debate político evacuou ideias e projectos, a propaganda eleitoral tornou-se publicidade... e a história foi definitivamente arredada do... processo histórico. A pior das consequências preconizada pela *soft-ideologia* é a confusão de valores que lhe subjaz. A luta de classes torna-se *soft*; a exploração do homem pelo homem torna-se *soft*; a política torna-se *soft*, etc. etc.

Esta ideia tem sido refutada por diversos estudos empíricos que têm revelado precisamente o contrário: que a massa reage diferentemente à mensagem. Tal facto originou a que se questione hoje a proclamada onnipotência dos *mass-media* ao serviço da manipulação política ou publicitária. De facto, os actores sociais são produtores de sentido e este reflecte, inevitavelmente, os respectivos sistemas de valores, investindo-o em todas as suas formas de cognição. Como notou Verón (1981: 201): “qualquer que seja o nível de produção de sentido em que nos coloquemos, qualquer que seja o lapso de tempo histórico que recortemos, gramáticas de produção e gramáticas de reprodução

não coincidem jamais exactamente”. Alguns autores têm ainda colocado a ênfase no facto de se assistir actualmente a uma situação totalmente inversa daquela que a visão apocalíptica dos críticos da cultura de massas tinham previsto. Ao contrário da unidimensionalidade avançada por Marcuse e da uniformização dos gostos anunciada por Braudrillard, para só falar nestes, constata-se hoje uma diversificação cada vez maior dos modos de expressão artística, da especialização do trabalho, dos estilos de vida familiar, etc. etc. O ser humano, como se sabe, possui reservas e estratégias de subtracção ao controlo social. É por isso que o “ideal” de uma sociedade controlada em todos os seus movimentos, como a descrita por Foucault (1981) e George Orwell, nunca existiu verdadeiramente. É assim interessante verificar, no que se refere a uma problemática clássica da sociologia - o *status* - o que observa Turner (1989): “Nas décadas finais do século XX, parece que nos estamos dirigindo para um outro complexo de relações sociais dissociado do futuro desenvolvimento do consumo de massas e da tendência para uma cultura pós-moderna. As hierarquias convencionais dentro do sistema cultural parecem estar mais fragmentadas e diversificadas do que em qualquer época passada. A esfera cultural dissocia-se de certo modo dos sistemas políticos e económico, e a luta competitiva dentro do capital cultural produz uma explosão de indícios culturais e uma cacofonia de estilos de vida”. Ou seja, apesar da uniformização preconizada, a homogeneização cultural é um mito e a cultura, como se sabe, tem um papel determinante na configuração dos valores. De facto, embora os indivíduos estejam agradavelmente embalados, tendo substituído as *relações de produção* pelas *relações de sedução*, como refere Lipovetsky (s/d), ao contrário do *indivíduo marcuseano*, que perderia toda a sua capacidade de se emancipar devido à sua alienação na sociedade de consumo, o *indivíduo lipovetskyano* prossegue na senda da emancipação pessoal. Enquanto a emancipação para Marcuse era sempre total, reportando-se a um sujeito colectivo, para Lipovetsky ela é individual e tem como fundamento o *processo de personalização*. Como diz (s/d: 24): “o processo de personalização impulsionado pela aceleração das técnicas, pela gestão, pelo consumo de massa, pelos *media*, pelos desenvolvimentos da ideologia individualista, pelo psicologismo, leva ao seu ponto culminante o reino do indivíduo, faz explodir as últimas barreiras”. Temos assim a

deslocação dos grandes objectivos colectivos para os pequenos objectivos individuais. A ideia de mobilização colectiva na acção política com vista à transformação da sociedade parece estar definitivamente ultrapassada.

Contrariando as teses da uniformização social que, ao limite, conduziria à “Aldeia global” preconizada por McLuhan, em que “o meio é a mensagem” e a “mensagem é a mensagem” alguns autores, como Certeau, (cfr. Rebelo, 2008: 23), consideram que sem descurar os efeitos de dominação inerentes aos *media*, consumir não é sinónimo de passividade ou docilidade, dispondo o indivíduo, por conseguinte, de uma margem de manobra que lhe permite subverter-se ao efeito homogeneizador. No entanto, como se depreende, essa margem de manobra é socialmente distribuída de forma desigual. A margem de manobra será tanto maior quanto maior for o nível sociocultural. A Televisão apela pouco à reflexão do espectador que é, essencialmente, um sujeito passivo, enquanto a imprensa estimula a reflexão.

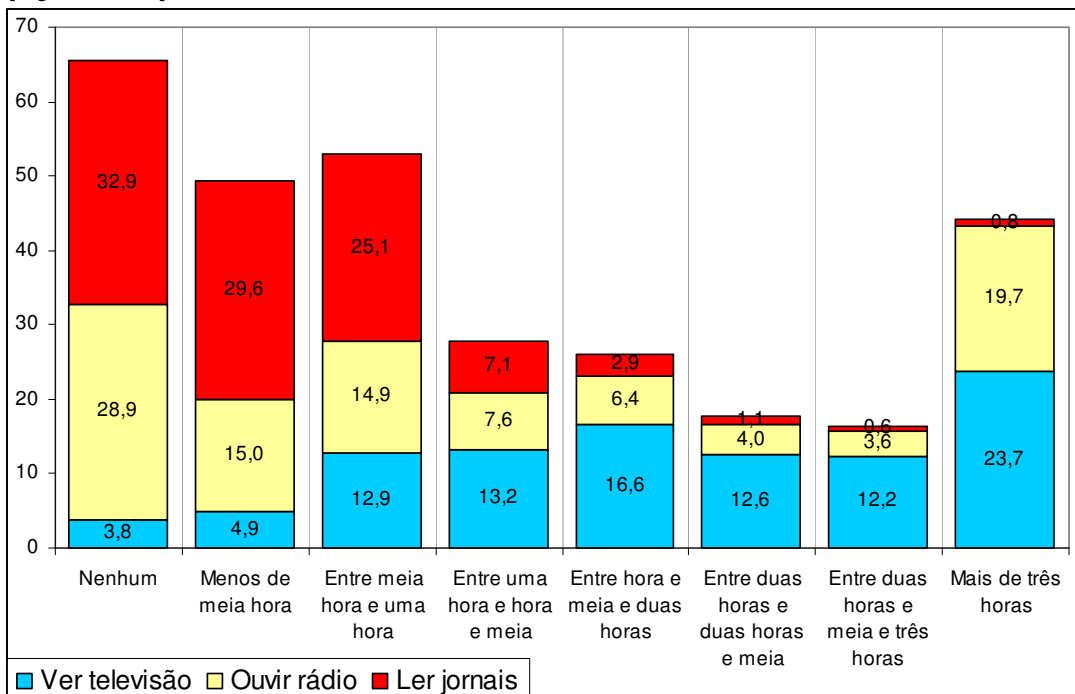
Seja como for, a capacidade de descodificação do receptor é desigualmente e socialmente distribuída e afecta o processamento da informação, dificultando comunicação. Como nota Luhmann (1992: 73): “a ideia de «opinião pública» pressupõe que os estados conscientes são o meio que pode ser ligado a formas específicas de sentido. Este conceito de meio, isto é, a distinção meio/forma, é pressuposta quando deixamos de ver a comunicação como transferência de informação e passamos a vê-la como o processamento de informação”.

II.2. Exposição aos *media* na Europa e em Portugal

Numa perspectiva optimista podíamos dizer que a “passividade” da exposição à televisão seria compensada pela “actividade reflexiva e selectiva” da exposição aos jornais. No entanto, o nível de exposição aos dois meios de informação é muito desigual, com clara supremacia da televisão, como mostram os resultados da exposição aos *media* na Europa:

Exposição à Televisão, Rádio e Jornais na Europa
Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a:
(percentagens)

[Figura nº II.1.]



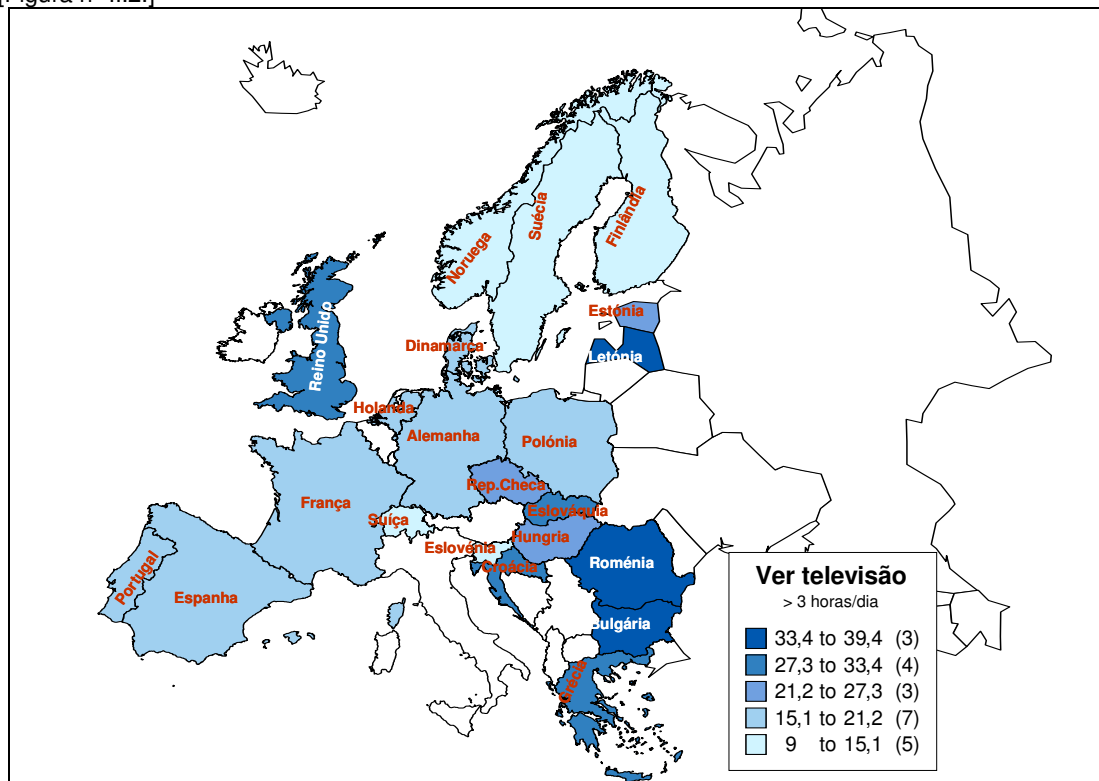
Fonte: Fonte: ESS, round 4, 2008.

Como se pode observar, a Televisão é claramente hegemónica. Quase ¼ (23,7%) dos europeus declaram que num dia de semana normal vêm mais de 3 horas de Televisão e 19,7% ouvem Rádio mais de 3 horas. No que se refere à leitura de Jornais, apenas 10% lêem mais de 1 hora, enquanto 32,9% diz que não lê.

Os países onde mais se vê televisão (figura II.2.) são o Reino Unido, a Letónia, a Roménia e a Bulgária, apresentando os Países escandinavos a Suíça e a Eslovénia os mais baixos níveis de exposição. Em Portugal, com 21% diz que vê mais de 3 horas por dia/semana.

Exposição à Televisão na Europa (> 3horas/dia de semana) (percentagens)

[Figura nº II.2.]



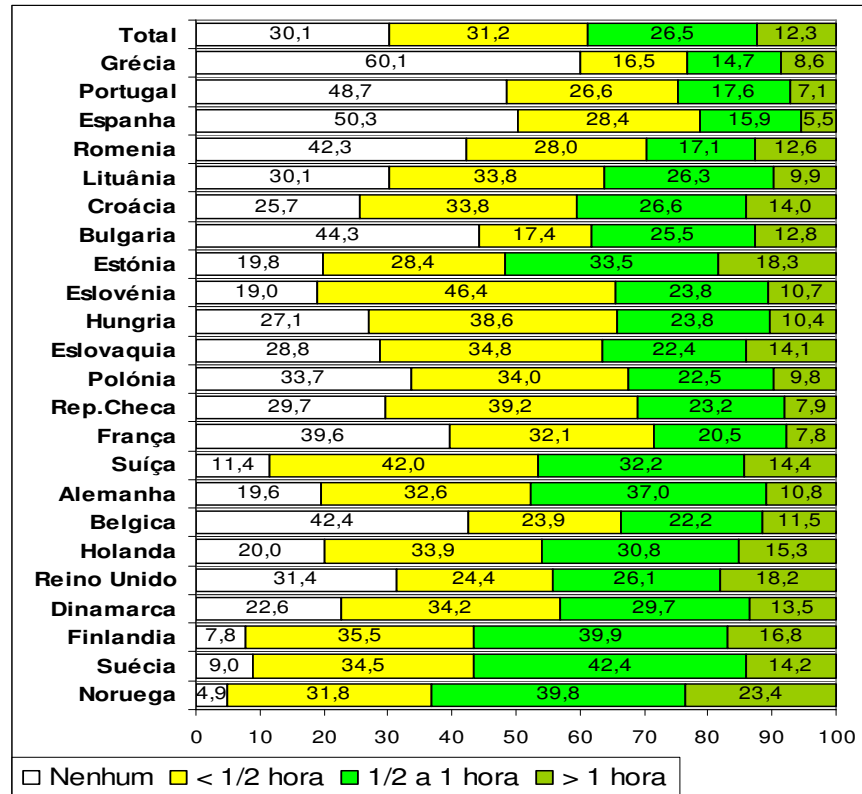
Fonte: ESS, round 4, 2008

A Televisão constitui, por conseguinte, o principal meio de informação no quotidiano dos europeus. A atestá-lo está o facto de cerca de metade afirmar que vê televisão mais de 2 horas por dia num dia de semana. Daí a importância que o agendamento deste *media* assume nos debates sobre os efeitos dos *mass media*: narcotizantes para uns, estimulantes para outros.

Já no que toca à leitura de Jornais na Europa, como se pode observar na figura II.3, cerca de 30% dos europeus não lê jornais nos dias de semana, 31% lê menos de meia hora, 26,5% lê até uma hora e apenas 12,3% lê mais de meia hora. Portugal, a par da Grécia, Espanha, Bélgica, Roménia e Bulgária, está entre os que menos lêem jornais.

Leitura de Jornais na Europa (percentagens)

[figura nº II.3.]



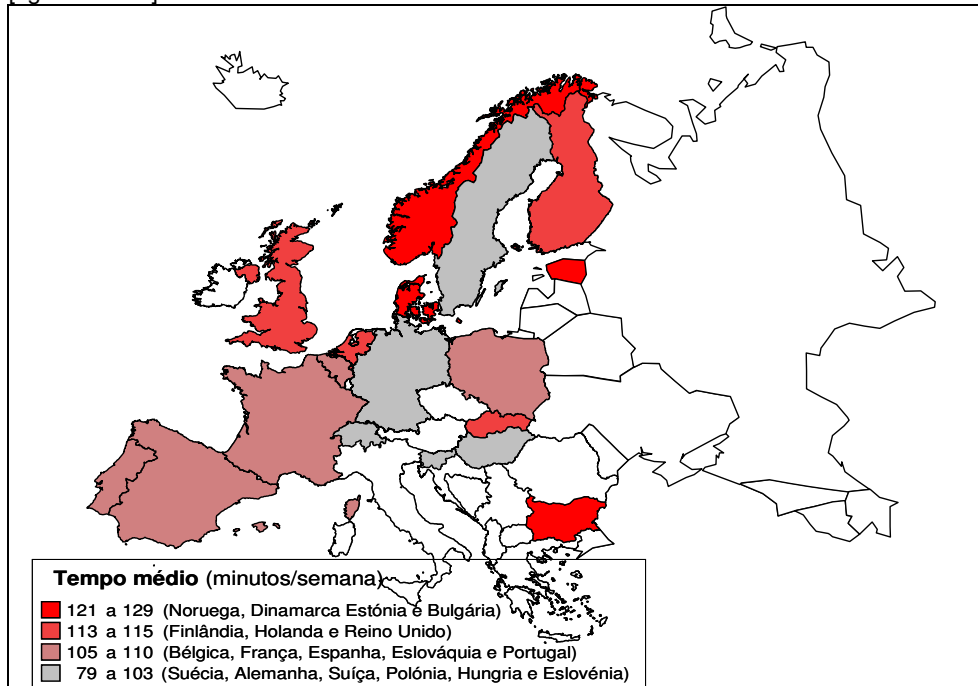
Fonte: ESS, round 4, 2008

Não obstante a pouca leitura de jornais, a esmagadora maioria dos europeus diz que depende mais de 1,5 hora por dia a informar-se através dos três *media*: jornais, rádio e televisão². A figura seguinte mostra a distribuição desse tempo por país. Portugal está no segundo grupo de países com menor tempo de exposição à informação (105 a 110 minutos), juntamente com a Bélgica, França, Espanha e Eslováquia, à frente de países como a Suécia, Alemanha, Suíça, Polónia, Hungria e Eslovénia (79 a 103 minutos). Os escandinavos, com excepção da Suécia, juntamente com a Holanda e o Reino Unido, mas a que se juntam também a Estónia e a Bulgária, são os países com tempo médio de exposição mais elevado (113 a 129 minutos).

² O tempo de exposição à informação política e actualidade foi calculado com base no somatório dos centros de classe da resposta a três indicadores: "Num dia de semana normal quanto tempo dedica a notícias ou programas acerca de política e assuntos da actualidade na Televisão, na Rádio e nos Jornais?"

Exposição à Informação sobre política e assuntos da actualidade na Europa

[figura nº II.4.]



Fonte: ESS, round 4, 2008

Convém, no entanto, relativizar este dado, uma vez que o *media* predominante é a televisão e, como nota Lipovetsky (1994: 267) “uma forte tendência pressiona a informação televisiva no sentido de «navegar» numa vaga de imagens, de «frases feitas» de entrevistas a quente com personalidades célebres ou anónimas, pobres em conteúdo mas ricas em *efeito*”. Ou seja, para além do efeito de “desejabilidade social” na resposta dos inquiridos, há que ter em conta, como salientou Bourdieu, que “a televisão pode, paradoxalmente, esconder mostrando. Exibindo outra coisa em vez daquilo que devia mostrar [...]. Ou até mesmo mostrando o que deve mostrar, mas de tal maneira que se torna sem sentido, não correspondendo de todo à realidade. [...] O princípio da selecção é a busca do sensacional, do espectacular. A televisão apela à dramatização, em duplo sentido: põe em cena, em imagens, um facto e exagera a sua importância, a gravidade e o carácter dramático, trágico”.³ Trata-se, como se sabe, do efeito *agenda setting*. Ou seja, como notou McCombs (cfr. s/d: 17), as imagens do mundo na cabeça das pessoas são significativamente influenciadas pelos *media*. A *agenda-setting*, para além da influência nas atitudes e opiniões, tem implicações nos comportamentos pessoais, nomeadamente

³ *Acerca de la televisión.*

na capacidade/intenção para votar numa eleição. De acordo com Habermas (cfr. 2006: 14): "os votos não crescem naturalmente do solo da sociedade civil (...) Eles são moldados pelo ruído confuso da conversação quotidiana mediatizada". A hegemonia cultural dos *media* nos últimos 50 anos, especialmente da televisão, levou a que se apelidem estes de 4º poder, com capacidade de influência na vida política, económica e moral. Isso não seria necessariamente mau se não se desse o caso da lógica económica porque se regem e da necessidade de atingir vastas audiências. A análise dos "tops" da programação/tematização mostra como a submissão ao princípio MCC (menor cultura comum)⁴, da comunicação é a regra.

É neste sentido que Vátimo (1992: 31 e 32) afirma: "em vez de avançar para a autotransparência, a sociedade das ciências humanas e da comunicação generalizada avançou para aquela que, pelo menos em geral, se pode chamar a «fabulação do mundo». As imagens do mundo que nos são fornecidas pelos *media* e pelas ciências humanas, embora em planos diferentes, constituem a própria objectividade do mundo e não apenas a interpretações diferentes de uma «realidade» de algum modo «dada». Entre nós, Proença de Carvalho, ex-Ministro da Comunicação Social do IV Governo Constitucional e ex-presidente do CA da RTP⁵, não hesita em afirmar que "hoje, poder-se-á dizer com propriedade que a comunicação social não é apenas um contrapoder; é um poder que condiciona fortemente os poderes dos órgãos políticos do Estado e influencia decisivamente a evolução social e cultural, contribuindo para a formação dos valores, das crenças, das opiniões, em maior grau do que instituições como a Família, a Escola, a Igreja. [...] A Comunicação Social contribui significativamente para a formação da opinião pública, e esta baliza, condiciona, e impõe a governação" (cfr. 1999: 27 e 28).

⁴ Na acepção de Braudillard (cfr. 1981: 121).

⁵ Sabe do que fala. Foi apelidado de ministro da propaganda.

Capítulo III

VALORES

1. Valores Humanos

“Values or internalized value standards are, as we have repeated several times, need-dispositions. That is, they are, on the one hand, needs to realize certain functional prerequisites of the system. (Specifically, they aim at those end states which are not in conflict with and which are demanded by such cultural value standards as have been internalized and have come to define, in part, the system.) On the other hand, they are dispositions to handle objects in certain fashions in order to bring about the cathected relationships”.

Talcott Parsons¹

Como nota Schwartz (1992), os valores expressam “metas motivacionais e diferenciam-se, precisamente, pelas metas que expressam”. A tipologia de valores humanos usado no ESS, que tem como base o “Inventário de Valores Humanos” proposto pelo autor, contempla vinte e um indicadores constitutivos de dez tipos de valores motivacionais básicos – transituacionais – agrupados em quatro valores de ordem mais elevada² que se diferenciam entre si pelas metas e interesses que perseguem. Os indicadores são medidos através de uma escala de seis pontos, pedindo-se aos inquiridos que se posicionem na mesma, de acordo com as seguintes categorias: “exactamente como eu”, “muito parecido(a) comigo”, “parecido(a) comigo”, “um bocadinho parecido(a) comigo”, “nada parecido(a) comigo” e “não tem nada a ver comigo”.

Com o objectivo de minimizar o efeito de desejabilidade social que caracteriza as respostas a este tipo de questões, o autor sugere que o *score* de cada um dos 10 tipos de valores motivacionais seja obtido através da média aritmética individual dos respectivos indicadores, subtraído da média individual dos 21 indicadores. Ou seja, assume-se que a posição individual em cada um dos tipos motivacionais é medida por referência à média dos 21 indicadores. A identificação dos inquiridos é auto-referencial, permitindo, por conseguinte, hierarquizar individualmente os tipos motivacionais. Os valores individuais deverão ser interpretados da seguinte forma:

¹ Toward a General Theory of Action, p.116.

² “Higher-order types of values” no original.

- Identificação elevada (>0);
- Identificação moderada (0)
- Identificação baixa (<0)

1. 1. Valores Humanos na Europa

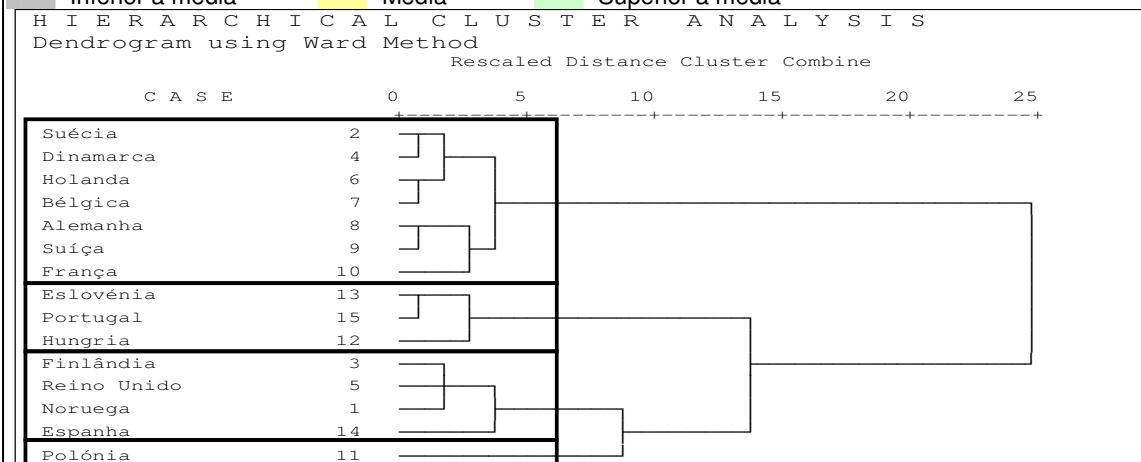
Padrões de identificação com os 10 tipos motivacionais na Europa, por país
(médias)

[figura III.1.]

	Auto transcendência		Abertura à mudança			Autopromoção		Conservação		
	Benevolência	Universalismo	Autodeterminação	Estimulação	Hedonismo	Realização	Poder	Segurança	Conforto	Tradição
Suécia	0,80	0,65	0,52	-0,56	0,08	-0,60	-0,91	-0,05	-0,23	-0,04
Dinamarca	0,98	0,56	0,58	-0,58	0,18	-0,54	-0,92	-0,13	-0,10	-0,32
Holanda	0,64	0,57	0,53	-0,50	0,04	-0,46	-0,99	0,12	-0,02	-0,21
Bélgica	0,74	0,59	0,31	-0,66	0,13	-0,47	-1,00	0,20	-0,18	0,05
Alemanha	0,79	0,62	0,56	-0,82	-0,09	-0,40	-0,91	0,33	-0,34	-0,05
Suíça	0,81	0,74	0,62	-0,69	0,12	-0,51	-0,97	0,14	-0,58	-0,06
França	0,76	0,85	0,39	-0,60	0,19	-0,81	-1,24	0,28	-0,30	0,03
Eslovénia	0,38	0,45	0,30	-0,55	-0,10	-0,14	-0,89	0,36	-0,20	0,16
Portugal	0,55	0,42	0,16	-0,72	-0,29	-0,13	-0,65	0,43	-0,20	0,21
Hungria	0,50	0,46	0,33	-0,88	0,10	-0,23	-0,90	0,72	-0,40	0,07
Finlândia	0,73	0,77	0,45	-0,49	-0,28	-0,72	-1,21	0,47	0,04	-0,14
Reino Unido	0,76	0,53	0,42	-0,50	-0,30	-0,36	-0,95	0,39	-0,19	-0,06
Espanha	0,79	0,67	0,30	-0,85	-0,39	-0,73	-0,96	0,62	0,04	0,19
Noruega	0,77	0,59	0,46	-0,55	-0,41	-0,48	-0,86	0,12	0,25	-0,19
Polónia	0,51	0,50	0,18	-0,68	-0,88	-0,30	-0,68	0,60	0,29	0,21
Total	0,70	0,60	0,41	-0,64	-0,13	-0,46	-0,94	0,31	-0,14	-0,01
Desvio-padrão	0,15	0,12	0,14	0,13	0,30	0,21	0,15	0,24	0,23	0,16

Legenda:

Inferior à média Média Superior à média



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Como evidenciam os resultados, o “Universalismo” e a “Benevolência” são os tipos motivacionais com que os europeus mais se identificam. No pólo oposto – menor identificação – situam-se o “Poder”, a “Estimulação” e a “Realização”.

Uma análise de clusters com base nos 10 tipos motivacionais³ permite constatar que a Polónia constitui um cluster isolado e identificar três grupos de países que apresentam semelhanças nos padrões de identificação:

1. Suécia, Dinamarca, Holanda Bélgica, Alemanha, Suíça e França;
2. Eslovénia, Portugal e Hungria;
3. Finlândia, Reino Unido, Noruega e Espanha.

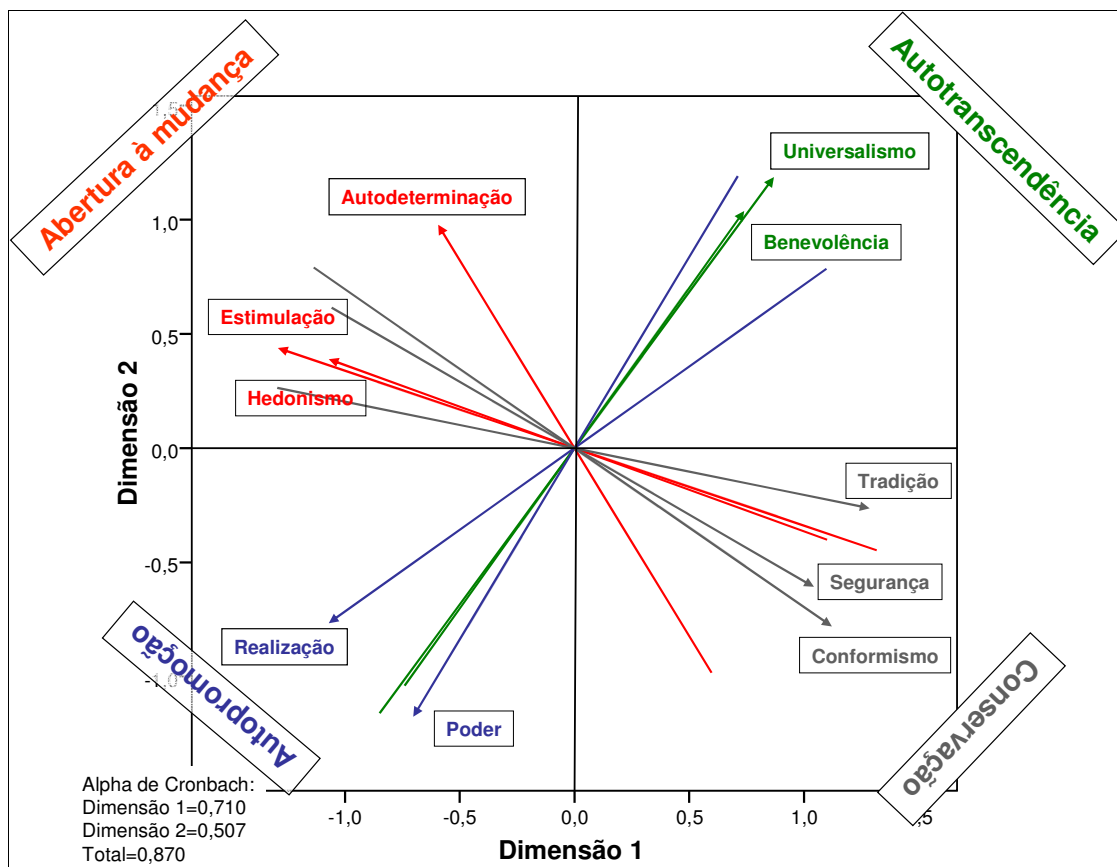
Schwartz considera, ainda, que a relação entre os tipos motivacionais é dinâmica e pode ser sumariada em duas dimensões ortogonais: “Autopromoção” vs. “Autotranscendência” e “Abertura à mudança” vs. “Conservação”. A primeira dimensão apresenta num dos extremos os tipos motivacionais “poder” e “realização” e no outro, os valores de “universalismo” e “benevolência”. Este eixo ordena os valores com base na motivação da pessoa para promover os seus próprios interesses mesmo às custas dos outros, por oposição a transcender as suas preocupações egoístas. A segunda dimensão, opõe os tipos motivacionais “autodeterminação”, “estimulação” e “hedonismo” ao “conformismo”, “segurança” e “tradição”, ordenando os valores com base na motivação da pessoa a seguir os seus próprios interesses intelectuais e afectivos através de novas experiências, por oposição à auto-restricção, ordem e resistência à mudança. O hedonismo partilha elementos com a “abertura à mudança” e à “autopromoção”.

Os resultados do ESS confirmam amplamente a proposta de Schwartz, conforme mostra a figura seguinte:

³ Análise hierárquica, método *Ward*.

Mapa perceptual dos tipos motivacionais na Europa

[figura III.2.]



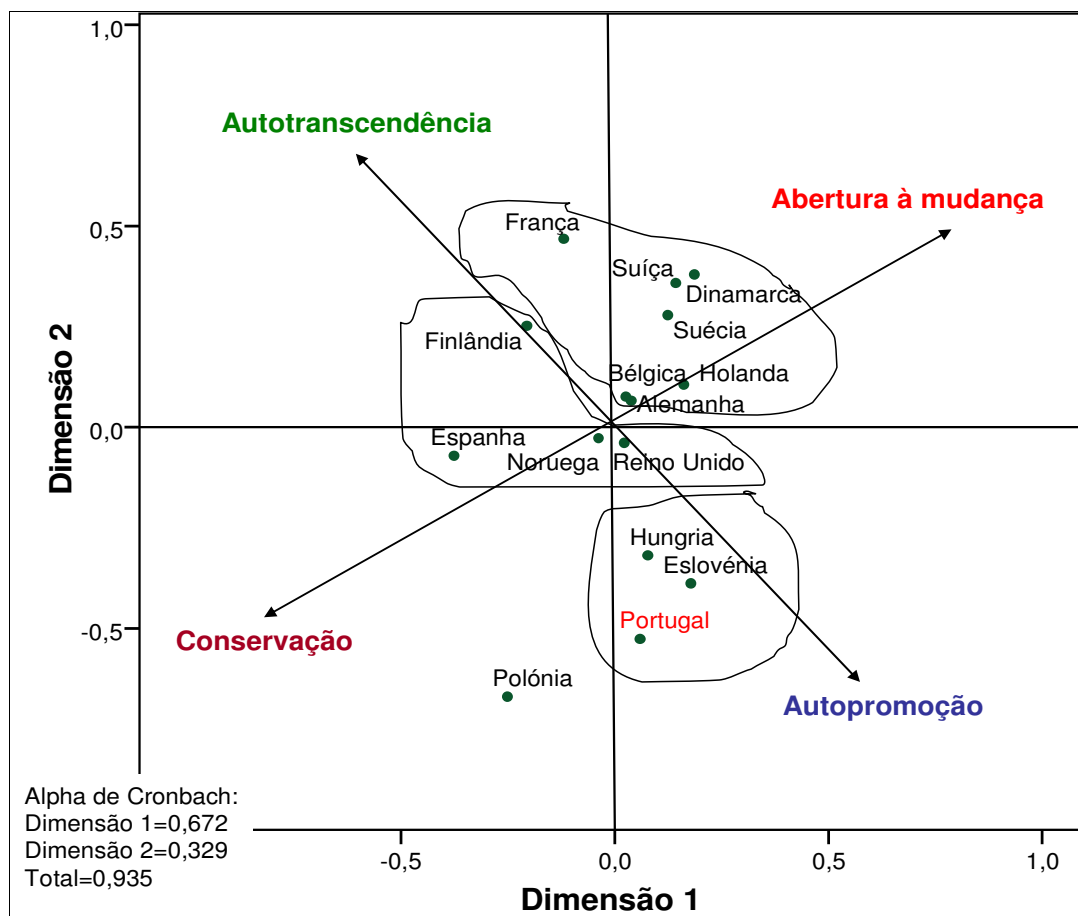
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A ortogonalização das duas dimensões: “Autotranscendência” vs. “Autopromoção” e “Abertura à mudança” vs. “Conservação” comprovam bem a consistência dos dados com o modelo, mostrando assim as suas potencialidades heurísticas e justificando as análises subsequentes.

A figura III.3. mostra a projecção dos países nos dois eixos que sumarizam os quatro valores de ordem mais elevada, salientando a pertinência dos quatro clusters construídos com base nos dez tipos motivacionais:

Valores humanos na Europa: tipologia de países

[figura III.3.]

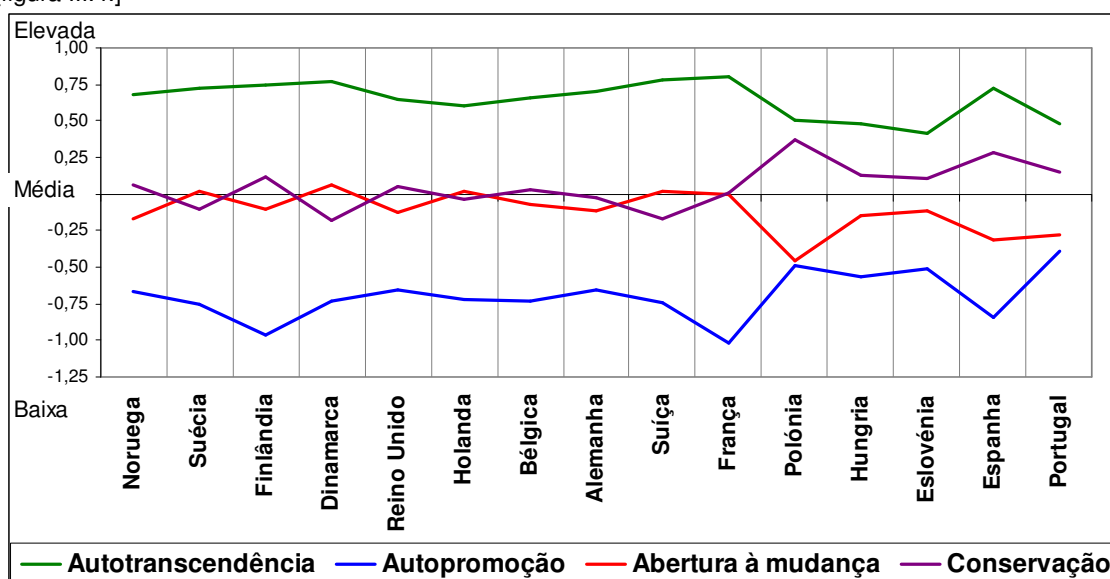


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

No conjunto dos países analisados, em termos médios, a hierarquia da identificação com os quatro valores, cujas diferenças são estatisticamente significativas, é a seguinte:

Hierarquia dos Valores humanos na Europa, por país⁴

[figura III.4.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Em todos os países os indivíduos identificam-se mais com a “Autotranscendência” – menos nos países Pós-comunistas e Portugal –, e menos com a “Autopromoção” – mais nos países Pós-comunistas e Portugal – A “Abertura à mudança” e a “Conservação” apresentam valores médios de identificação em torno da média (moderada), abaixo na primeira e acima na segunda, nos países Pós-comunitas, em Espanha e Portugal.

O panorama global na maioria dos países europeus quanto aos valores parece claro. Os europeus vêem-se a si próprios como defensores de valores que sublinham a ajuda aos outros e a lealdade aos amigos “benevolência”, acham importante a igualdade de oportunidades, o respeito pela diferença e a protecção da natureza “universalismo”. Em contrapartida, têm, na sua maioria, uma imagem de si próprios como indivíduos que dão menos importância à riqueza e ao controlo sobre as outras pessoas “poder”, bem como ao sucesso, ou a serem muito admirados e reconhecidos pelos outros “realização”.

Como se pode ver, na figura nº 4, a identificação com a “Autotranscendência” e a rejeição da “Autopromoção” são escolhas maioritárias claras em todos os países. Já quanto à “Conservação” ou a “Abertura à mudança” as posições estão muito mais próximas

⁴ Autotranscendência: $F(14, 103874)=398,555$; $p=0,000$; $\eta^2=0,051$. Autopromoção: $F(14, 103874)=390,331$; $p=0,000$; $\eta^2=0,051$. Abertura à mudança: $F(14, 103874)=393,965$; $p=0,000$; $\eta^2=0,050$. Conservação: $F(14, 103874)=385,412$; $p=0,000$; $\eta^2=0,049$.

da identificação média – como se a este propósito não se quisesse dar uma imagem de si muito extremada. Nem se apoiam claramente, nem se rejeitam com vigor, na maior parte dos países, os valores da obediência ou do cumprimento das regras “conformismo”, nem da modéstia, humildade ou tradição “tradição” ou ainda os da segurança pessoal ou política “segurança”. Do mesmo modo, para a maioria, não são de forma nítida nem rejeitados nem defendidos valores e atitudes que sublinham o prazer imediato “hedonismo”, a criatividade e independência “autodeterminação”, nem a novidade, o risco, a aventura e o desafio “estimulação”.

Quanto à “Conservação” e à “Abertura à mudança”, vale a pena ainda adiantar, que apesar de os níveis de identificação estarem muito próximos do média na maioria dos países, as posições tornam-se mais claras na Polónia, Espanha e Portugal, mais identificados com a primeira e menos com a segunda.

Poder-se-á assim dizer que estas afirmações de maior “benevolência”, de maior “universalismo” e de maior afastamento das preocupações relativas ao “poder” correspondem bem aos estereótipos. Mas o que dizer da afirmação global em todos os países de forma regular e inequívoca – de homens e de mulheres – de adesão tão marcadamente positiva aos valores “Autotranscendentes” e de afastamento claro dos que se referem ao “poder” e à “realização”, os valores da chamada “Autopromoção”?

Estão os europeus, no plano dos valores, mais próximos dos estereótipos femininos do que dos masculinos? Uma visão mais cínica explicaria esta tendência como a resposta adequada em termos de desejabilidade social. Mas se assim for, será indiferente que em todos os países se definam os valores “Autotranscendentes” como desejáveis? Será que esta afirmação tão dominante de interesse pelos outros e pela igualdade de oportunidades funciona de forma compensatória? E por que é que, mais uma vez, a desejabilidade social é a mesma, apesar das distâncias relativas, para homens e para mulheres?

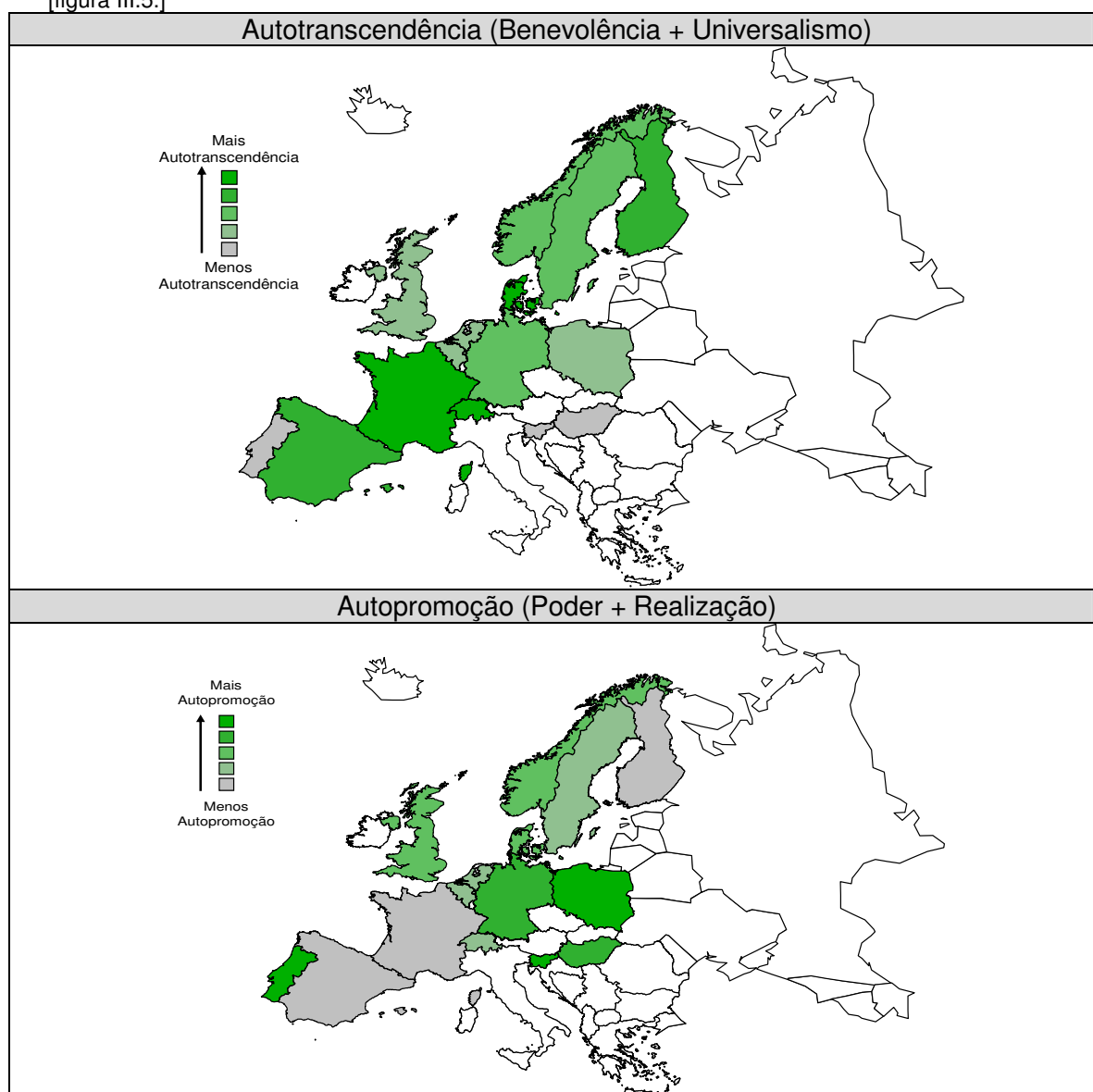
As figuras III.5. e III.6. mostram a projecção destes resultados no mapa da Europa, salientando as diferenças e semelhanças entre os países relativamente aos quatro valores: “Autotranscendência”, “Autopromoção”, “Abertura à mudança” e “Conservação”.

- “Autotranscendência”: maior identificação na Suécia, Finlândia, Dinamarca, França e Suíça; e menor na Polónia, Hungria, Eslovénia e Portugal;

- “Autopromoção”: maior identificação na Polónia, Hungria, Eslovénia e Portugal; e menor na Finlândia e Espanha.
- “Abertura à mudança”: maior identificação na Suécia, Dinamarca, Holanda, França e Suíça; e menor na Polónia, Espanha e Portugal;
- “Conservação”: maior identificação na Polónia e Espanha; e menor na Suécia, Dinamarca e Suíça.

“Autotranscendência” e “Autopromoção” na Europa, por país

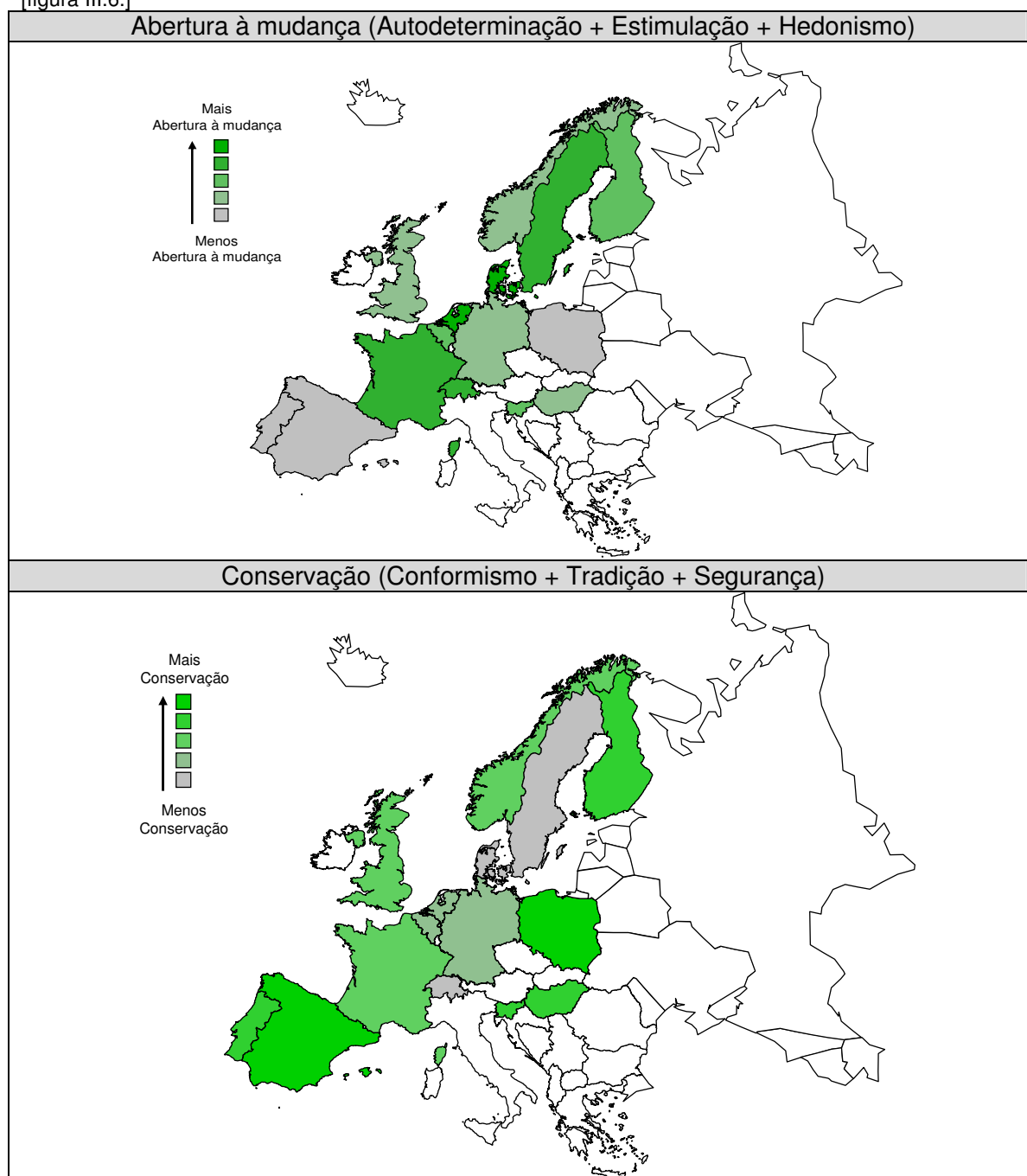
[figura III.5.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

“Abertura à mudança” e “Conservação” na Europa, por país

[figura III.6.]



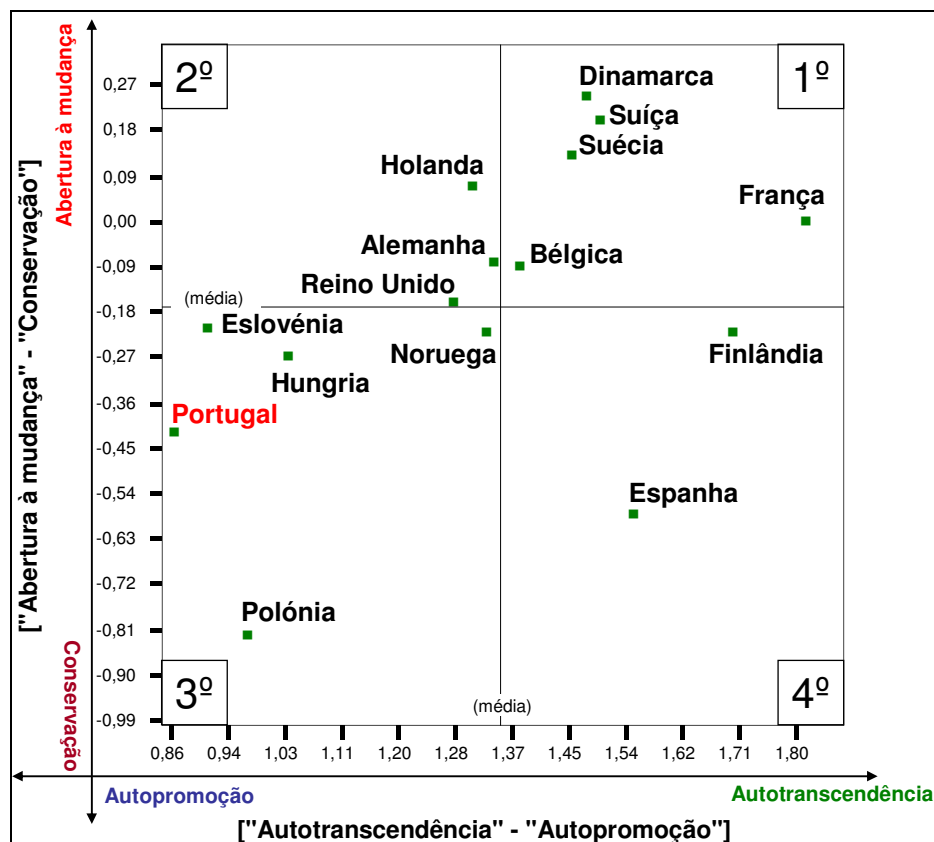
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A projecção dos países nas duas dimensões ortogonais sintetizadoras dos quatro valores⁵, tendo como referência a respectiva média (fig. 7), reforça a análise que temos vindo a fazer:

⁵ Os dois eixos são constituídos pelos valores resultantes da subtração dos dois pólos dimensionais.

Eixos de identificação valorativa na Europa

[figura III.7.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A avaliação da posição relativa dos países face às duas dimensões simultaneamente, através de quatro quadrantes, mostra ainda que:

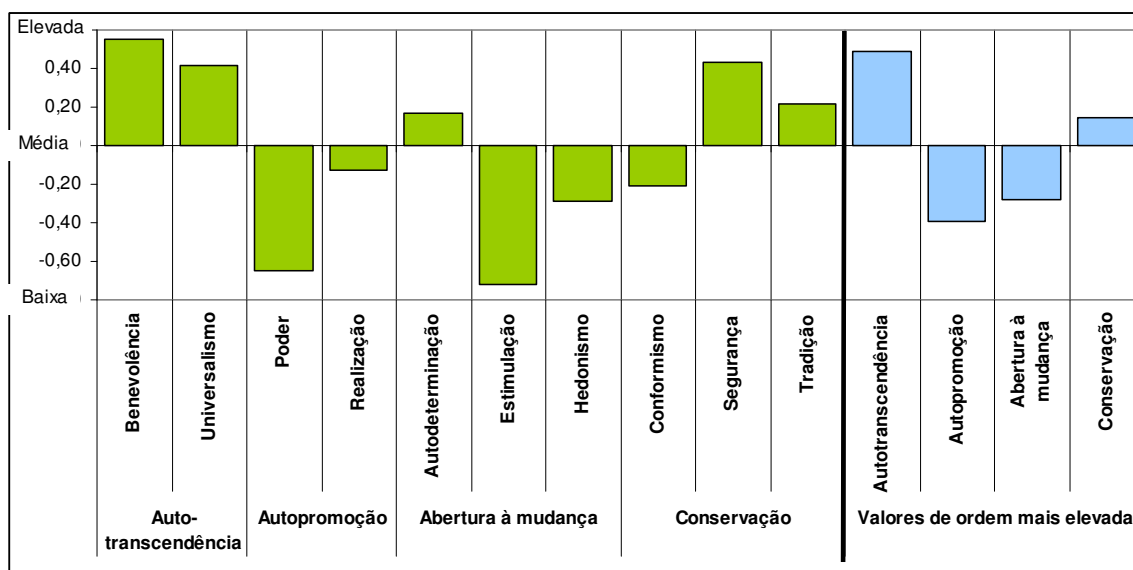
- a) a Dinamarca, Suíça, Suécia, França e Bélgica, mais identificados com a "autotranscendencia" e a "Abertura à mudança" se opõem à Polónia, Eslovénia, Hungria, Portugal e Noruega, mais identificados com a "Autopromoção" e, no caso da Polónia e Portugal, com a "Conservação" (1º e 3º quadrante);
- b) a Holanda, Alemanha e Reino Unido, mais identificados com "Abertura à mudança" se opõem à Espanha e à Finlândia, mais identificados com a "Autotranscendência" (2º e 4º quadrante).

1. 2. Valores Humanos em Portugal

Os dez tipos motivacionais em Portugal apresentam a seguinte configuração (figura III.8.):

Prioridade dos tipos motivacionais em Portugal: padrões de identificação

[figura III.8.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Por esta ordem, os portugueses identificam-se mais com a “Benevolência”, a “Segurança” o “Universalismo”, a “Tradição” e a “Autodeterminação”, e menos com a “Estimulação”, o “Poder”, o “Hedonismo”, o “Conformismo” e a “Realização”.

Relativamente aos pólos das duas dimensões ortogonais, observa-se um padrão de identificação acima da média com a “Autotranscendência” e a “Conservação” e abaixo da média com a “Autopromoção” e a “Abertura à mudança”.

1.2.1. Perspectiva geográfica

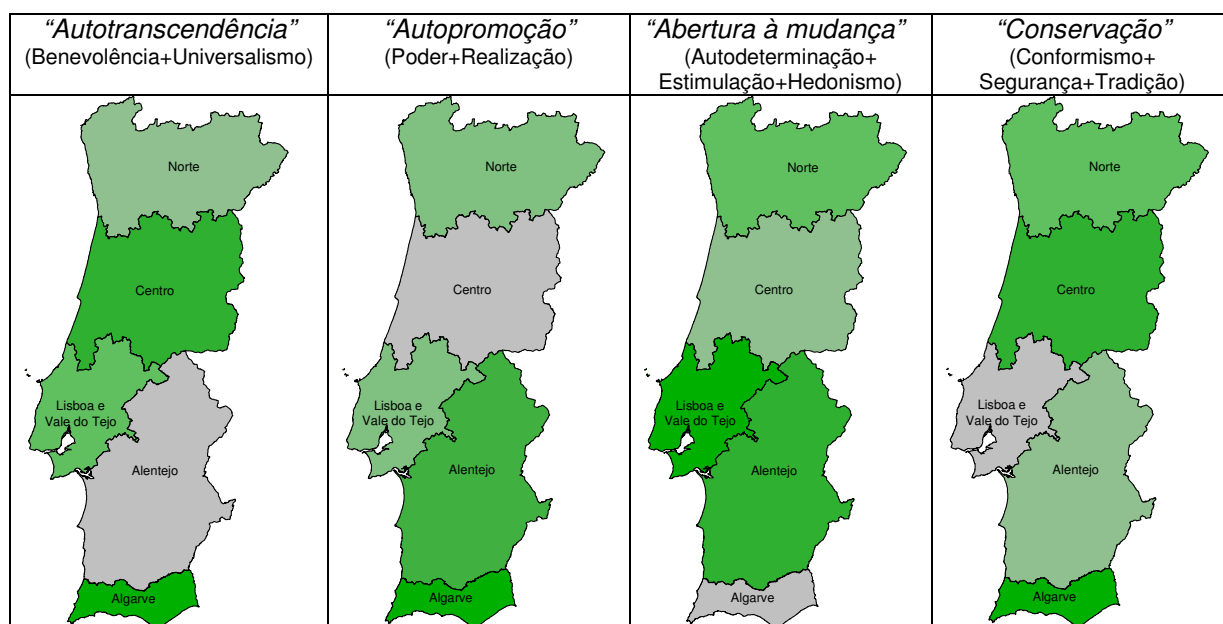
A comparação entre países esconde, como se sabe, as diferenças intra-país. Por exemplo, serão os padrões de identificação dos portugueses iguais nas cinco regiões? Claro que temos consciência que a comparação regional com base nas cinco regiões (NUTSII) não é, com certeza, a melhor, dadas as assimetrias litoral/interior. No entanto, é a única informação disponível nas bases de dados do ESS.

No que se refere às duas dimensões ortogonais – “Autodeterminação” vs. “Autopromoção” e “Abertura à mudança” vs. “Conservação” – o perfil de identificação das cinco regiões é o seguinte (figura III.9. e III.10.).

- O Algarve é a região que mais se identifica com a “Autotranscendência” e a “Autopromoção”. O Alentejo na primeira e o Centro na segunda registam os valores mais baixos de identificação.
- Lisboa e Vale do Tejo é a região que mais se identifica com a “Abertura à mudança” e menos com a “Conservação”, sucedendo o inverso com o Algarve, que regista os valores mais baixos de identificação na primeira e mais elevados na segunda.

Identificação com a “Autotranscendência”, “Autopromoção”, “Abertura à mudança” e “Conservação” em Portugal, por região

[figura III.9.]

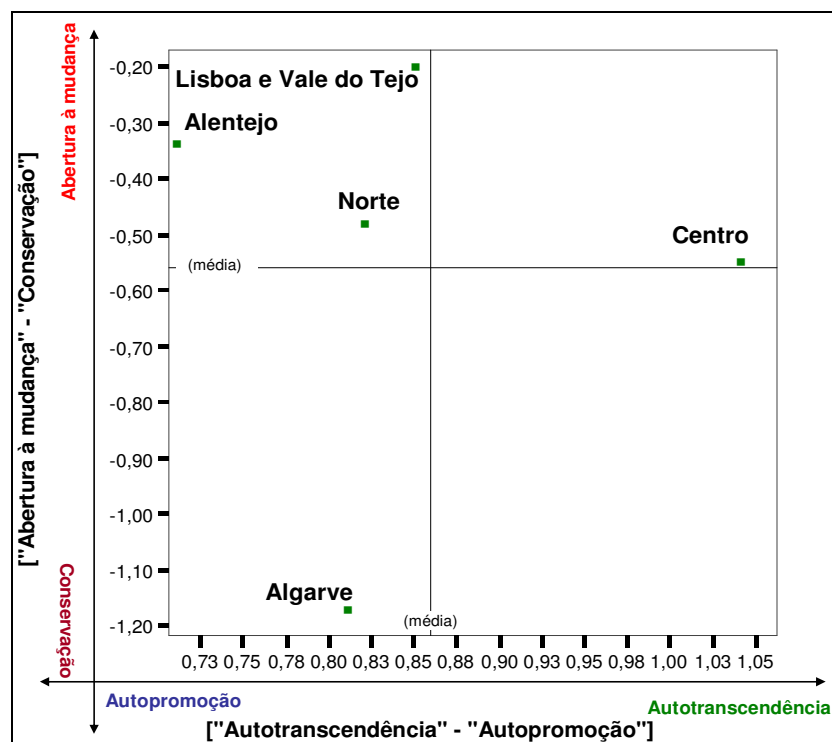


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A projecção das duas regiões face aos dois eixos, tendo como referência a respectiva média, é a seguinte:

Eixos de identificação valorativa em Portugal, por região

[Figura III.10]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Os resultados reforçam as observações anteriores e permitem sintetizá-las da seguinte forma:

- Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Norte mais "Abertos à mudança";
- Centro mais "Autotranscendente;"
- Algarve mais "Conservador".

1.2.2. Perspectiva demográfica

Na perspectiva demográfica o sexo e a idade assumem particular interesse na análise sociológica, pois, como se sabe, são habitualmente diferenciadoras quer no campo das práticas, quer no campo das representações sociais. Enquanto o sexo “marca” pela socialização, a idade “marca” pelo ciclo de vida.

A identificação com os 10 tipos motivacionais, como evidenciam os resultados da figura III.11. permite concluir que o “Universalismo” e a “Benevolência” são os tipos motivacionais com que os portugueses mais se identificam, estando, no pólo oposto – menor identificação – o “Poder” e a “Realização”.

Uma análise de clusters com base nos 10 tipos motivacionais⁶ identifica três tipos que apresentam semelhanças nos padrões de identificação entre as mulheres com mais de 50 anos e os homens com mais de 65 anos, os homens e as mulheres até 35 anos e as mulheres dos 35 aos 50 anos e os homens dos 35 aos 65 anos.

As mulheres são mais “Autotranscendentes” e “Conservadoras” do que os homens, sucedendo o inverso com a “Autopromoção” e a “Abertura à mudança”⁷, como se observa na figura III.12.

⁶ Análise hierárquica, método Ward.

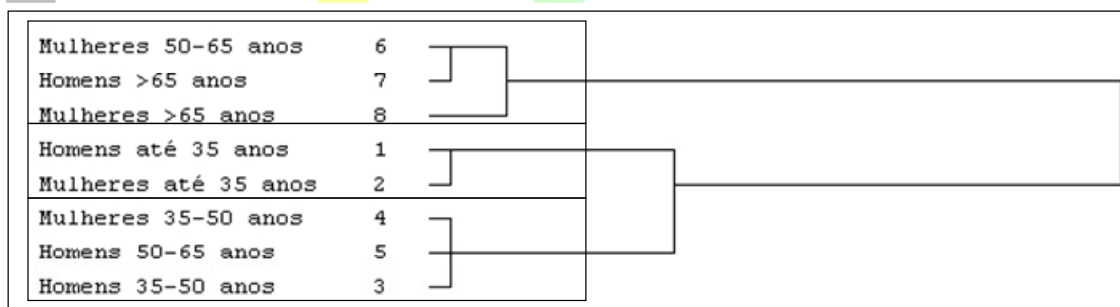
⁷ As diferenças são estatisticamente significativas nos quatro valores . Autotranscendência: $F(1,7625)=131,143$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,017$. Autopromoção: $F(1,7625)=90,615$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,010$. Abertura à mudança: $F(1,7625)=188,023$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,024$. Conservação: $F(1,7625)=156,800$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,020$

Padrões de identificação com os 10 tipos motivacionais em Portugal, por sexo e idade (médias)

[Figura III.11.]

	Auto transcendência		Abertura à mudança			Autopromoção		Conservação		
	Benevo-lência	Universa-lismo	Autodeter-minação	Estimu-lação	Hedo-nismo	Realização	Poder	Segurança	Conformismo	Tradição
Homens até 35 anos	0,47	0,39	0,40	-0,04	0,22	-0,23	-0,78	0,17	-0,32	-0,47
Mulheres até 35 anos	0,82	0,68	0,33	-0,12	0,30	-0,52	-1,21	0,19	-0,33	-0,48
Homens 35-50 anos	0,59	0,66	0,57	-0,29	-0,26	-0,56	-1,02	0,35	-0,05	-0,30
Mulheres 35-50 anos	0,87	0,93	0,45	-0,50	-0,27	-0,90	-1,37	0,50	-0,01	-0,16
Homens 50-65 anos	0,62	0,80	0,59	-0,55	-0,53	-0,75	-1,16	0,50	0,15	-0,08
Mulheres 50-65 anos	0,93	1,06	0,45	-0,76	-0,57	-1,10	-1,54	0,67	0,24	0,09
Homens >65 anos	0,69	0,72	0,43	-1,03	-0,73	-0,71	-1,18	0,79	0,53	0,13
Mulheres >65 anos	0,92	0,95	0,40	-1,16	-0,93	-1,23	-1,51	0,91	0,65	0,54
Total	0,73	0,77	0,45	-0,49	-0,28	-0,72	-1,21	0,47	0,04	-0,14
Desvio-padrão	0,12	0,08	0,14	0,36	0,31	0,18	0,05	0,17	0,27	0,32

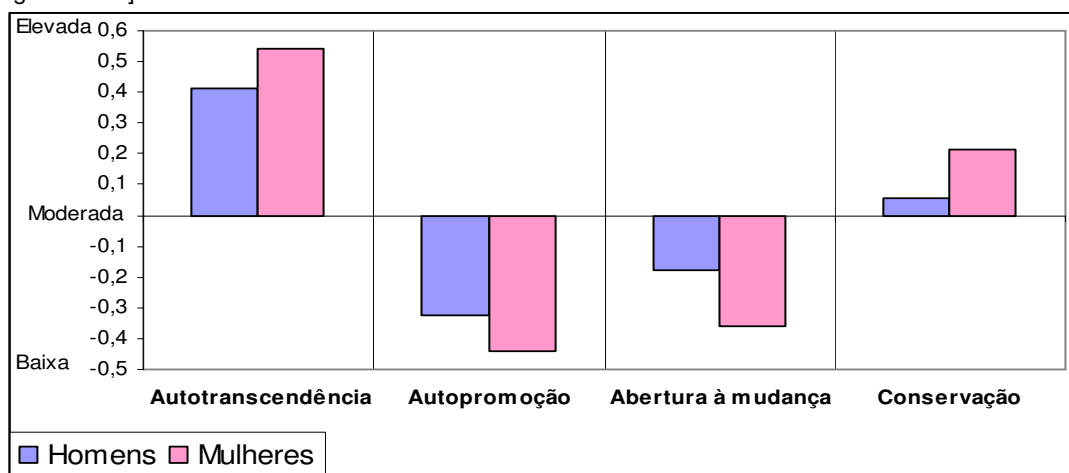
Legenda:



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Valores humanos em Portugal: padrões de identificação por sexo

[Figura III.12.]

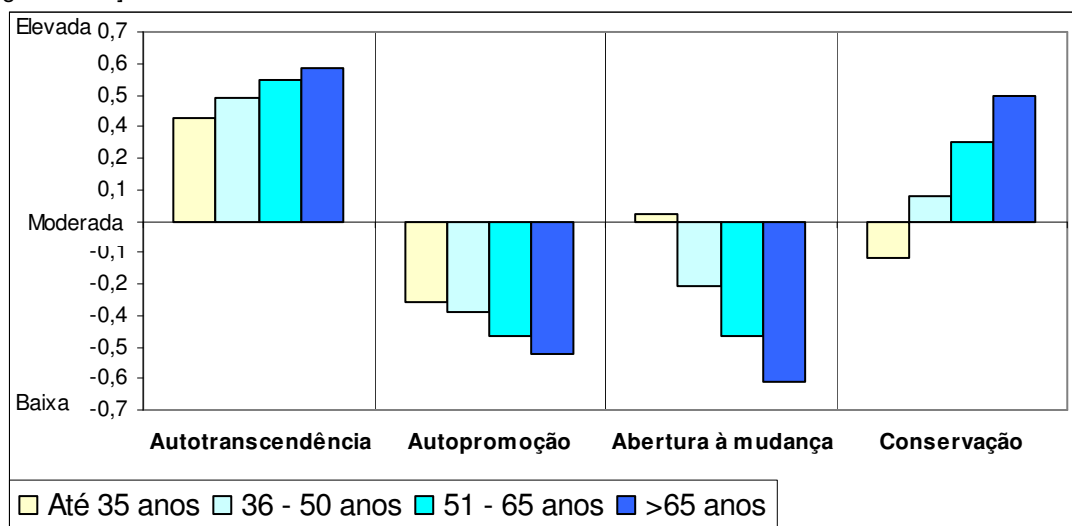


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Já no que se refere à idade, vemos que a identificação com a “Autotranscendência” e a “Conservação” aumenta com a idade, sucedendo o inverso com a “Autopromoção” e a “Abertura à mudança”, que decrescem. As diferenças são estatisticamente significativas⁸ (figura III.13):

Valores humanos em Portugal: padrões de identificação por idade

[Figura III.13.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

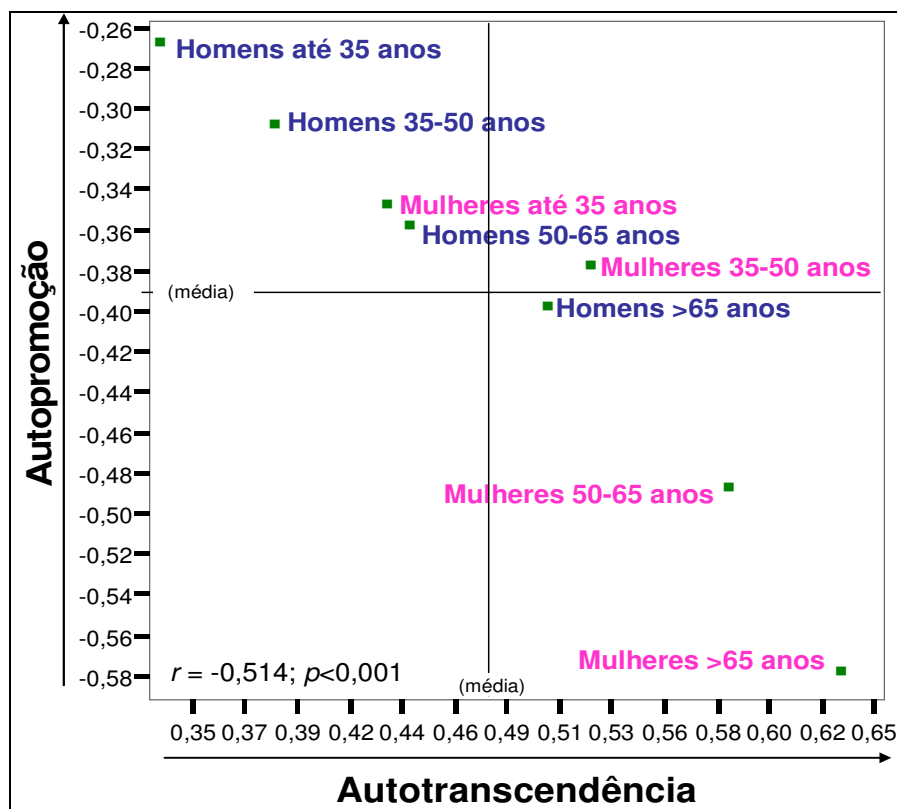
A análise por sexo e idade mostra, no que se refere à “Autotranscendência” e à “Autopromoção”, as seguintes semelhanças entre homens e mulheres de escalões etários diferentes (figura III.14.):

- mulheres até 35 anos com os homens de 50 a 65 anos;
- mulheres de 35 a 50 anos com os homens com mais de 65 anos.

⁸ Autotranscendência: $F(3,7621)=58,761$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,023$. Autopromoção: $F(3,7621)=46,445$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,018$. Abertura à mudança: $F(1,7625)=546,361$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,177$. Conservação: $F(1,7625)=582,675$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,187$.

“Autotranscendência” vs. “Autopromoção” em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.14.]



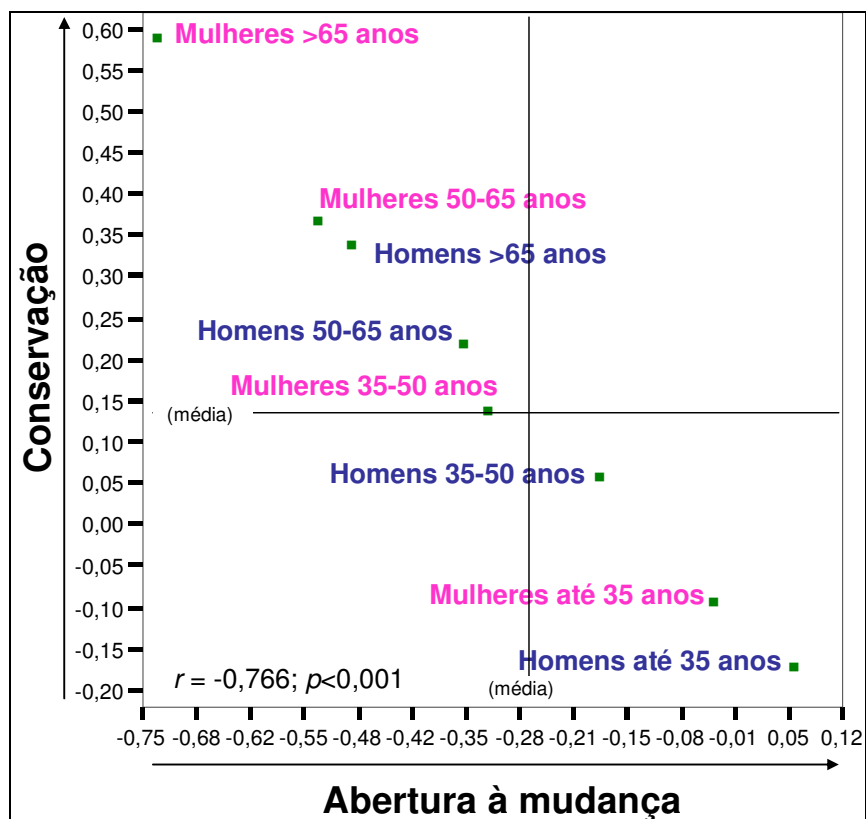
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Já no que se refere à “Abertura à mudança” e “Conservação”, observam-se as seguintes semelhanças entre homens e mulheres de escalões etários diferentes (figura III.15.):

- mulheres até de 50 a 65 anos com os homens com mais de 65 anos;
- mulheres de 35 a 50 anos com os homens de 50 a 65 anos.

“Abertura à mudança” vs. “Conservação” em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.15.]



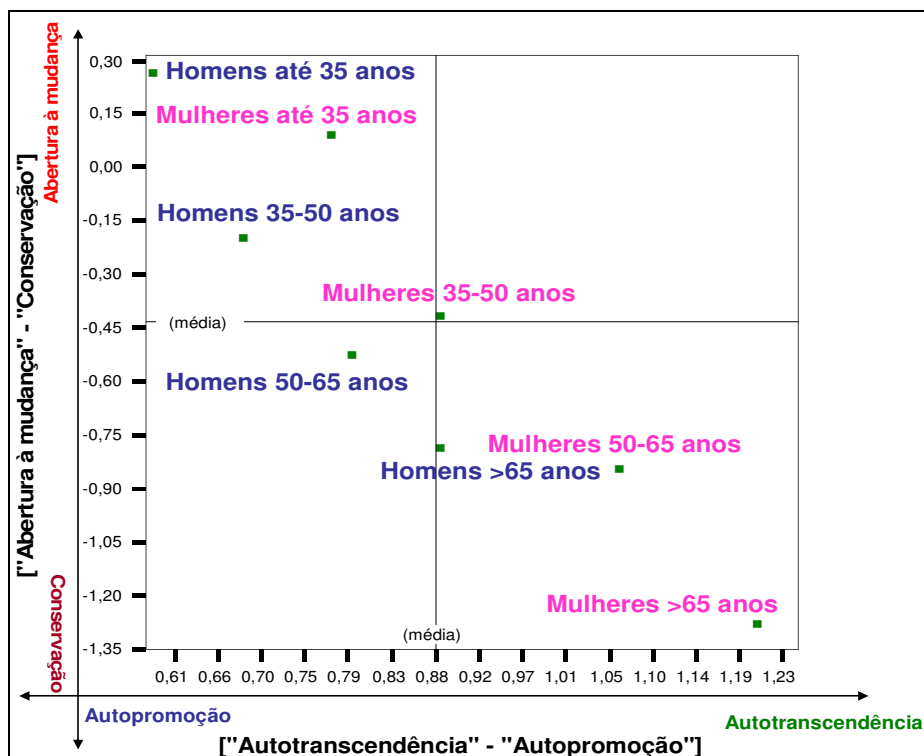
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A leitura dos padrões de identificação com os quatro valores em simultâneo, possível através da projecção dos grupos etários nas duas dimensões ortogonais que sintetizam os quatro valores⁹, tendo como referência a respectiva média, mostra, por sua vez, que os homens e as mulheres são relativamente semelhantes dentro do mesmo escalão etário (figura III.16.):

⁹ Os dois eixos são constituídos pelos valores resultantes da subtração dos dois pólos dimensionais.

Eixos de identificação valorativa em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.16.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Podemos concluir que, embora, como vimos na análise por sexo, se verifiquem diferenças entre homens e mulheres, as diferenças se esbatem dentro do mesmo escalão etário, sendo isso mais visível entre os que têm até 35 anos.¹⁰

Conclusão

Na Europa os indivíduos identificam-se mais com a “Autotranscendência” – menos nos países Pós-comunistas e Portugal –, e menos com a “Autopromoção” – mais nos países Pós-comunistas e Portugal. A “Abertura à mudança” e a “Conservação” apresentam valores médios de identificação em torno da média (moderada) nos países Escandinavos e na Europa do Norte e do Centro. Os países Pós-comunistas e Portugal apresentam níveis de identificação inferiores à média na “Abertura à mudança” e superiores à média na

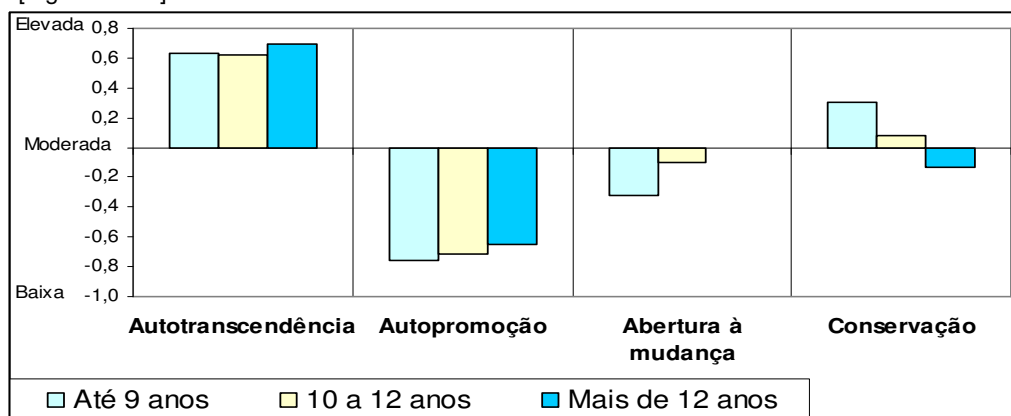
¹⁰ O modelo explica 4,2% da variação do eixo “Autotranscendência” vs. “Autopromoção” e 23% da variação do eixo “Abertura à mudança” vs. “Conservação”. Não obstante, o efeito de interação apenas é significativo neste último: $F(3, 7397)=12,249$; $p<0,001$.

“Conservação”. Ou seja os portugueses, a par dos cidadãos dos países Pós-comunistas, revelam-se menos “Abertos à mudança” e mais “Conservadores” do que os restantes europeus. A análise de clusters com base na identificação com os 10 tipos motivacionais acentua a especificidade dos Países Pós-comunistas e de Portugal, já que mostra a sua relativa homogeneidade neste domínio.

Uma das possíveis explicações para este facto, para além da história recente, claro, é a baixa escolaridade dos portugueses. Portugal (7,5) apresenta a média de anos concluídos mais baixa no conjunto dos países analisados: países Escandinavos (12,7), Europa do Norte e do Centro (12,8) e países Pós-comunistas (11,6)¹¹. A média da identificação com cada um dos quatro valores, por grau de escolaridade parece sustentar esta ideia (figura III.17.):

Valores humanos na Europa: padrões de identificação por anos de escolaridade concluídos¹²

[Figura III.17.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Como se pode ver, o efeito da escolaridade na “Autotranscendência” e na “Autopromoção” embora seja significativo, é mínimo, sendo, no entanto, mais expressivo na “Abertura à mudança” e na “Conservação”. Os menos escolarizados identificam-se menos com o primeiro e mais com o segundo.

¹¹ Embora fraca, a correlação da escolaridade com os quatro valores é estatisticamente significativa ($p < 0,001$), positiva com a “Autotranscendência” ($r = 0,07$), a “Autopromoção” ($r = 0,054$), e a “Abertura à mudança” ($r = 0,213$) e negativa com a “Conservação” ($r = -0,292$).

¹² Autotranscendência: $F(2,103058) = 224,938$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,004$. Autopromoção: $F(2,103058) = 177,257$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,003$. Abertura à mudança: $F(2,103058) = 2335,728$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,043$. Conservação: $F(2,103058) = 4072,510$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,073$

Em Portugal, a perspectiva regional mostra que Lisboa e Vale do Tejo é a região que mais se identifica com a “Abertura à mudança”, que o Centro é a que mais se identifica com a “Autotranscendência”, que o Alentejo é a que mais se identifica com a “Autopromoção” e o Algarve é a que mais se identifica com a “Conservação”. O Norte caracteriza-se por apresentar um perfil médio de identificação, em termos da média nacional, face aos quatro valores.

Já no que se refere à perspectiva demográfica, nas diferenças entre homens e mulheres é interessante verificar que, não havendo disparidades frontais, as distinções relativas se adequam a expectativas previsíveis. As mulheres afirmam-se, ainda mais do que os homens, preocupadas com os outros e defensoras de direitos humanos universais, ao mesmo tempo que se revelam mais distantes de uma afirmação em termos de sucesso e de poder. Reflectem-se certamente aqui os seus quotidianos, a realidade da vida de muitas mulheres que se desdobram quer precisamente nos cuidados aos outros, através das responsabilidades familiares, quer no trabalho profissional. Com efeito, valores como a “Abertura à mudança” de que as mulheres parecem estar mais distantes e os homens relativamente mais próximos, parecem agora estar associadas a um grupo específico de mulheres mais jovens (até 35 anos), enquanto em contrapartida a “Conservação”, do qual as mulheres se revelavam globalmente mais próximas, surge agora mais associado aos homens e mulheres mais velhos.

Por sua vez a “Autotranscendência” que tendo globalmente mais adesão no feminino, também surgia associada ao masculino, passando-se o inverso com a “Autopromoção”, estão respectivamente mais associados às mulheres mais velhas no primeiro caso e aos homens e mulheres mais novos no segundo.

Os mais “Abertos à mudança” são os homens e as mulheres até aos 35 anos, São também estes, juntamente com os homens de 35 a 50 anos que mais se identificam com a “Autopromoção”. Os mais “Autotranscendentes” são as mulheres com mais de 50 anos e os homens com mais de 65 anos. As mulheres de 35 a 50 anos e os homens de 50 a 65 anos apresentam o perfil médio de identificação, em termos da média nacional, face aos quatro valores.

2. Confiança

“La confiance que l'on a en soi fait naître la plus grande partie de celle que l'on a aux autres”

La Rochefoucauld¹³

A confiança, como têm sublinhado diversos autores, está intimamente ligada ao “capital social”, relacionando-se com questões sociais e interesses que, como nota Newton (2004, p. 61), vão “desde o pagamento de impostos, o sucesso escolar e o crescimento económico, até à satisfação com a vida, a longevidade, o envolvimento comunitário e a participação eleitoral”. Para este autor, “quanto menos as pessoas confiarem, colaborarem e cooperarem com os seus conterrâneos, e quanto mais se descomprometerem com a vida colectiva e voluntária das suas comunidades, mais fracas e menos eficientes serão as instituições sociais da sociedade civil. Quanto menos os cidadãos confiarem nos seus líderes políticos e nas instituições governamentais, menos eficiente se tornará o governo e maior será a probabilidade de os cidadãos verem pouca credibilidade no seu sistema político”.

Como salienta Fernandes (2002): a confiança “nas sociedades pré-modernas era depositada nas pessoas, que acreditavam em prescrições religiosas, enquanto, na actualidade, é posta em ‘sistemas abstractos’, os únicos que tendem a proporcionar um pouco de segurança”. A falta de confiança nas instituições leva, como se sabe, ao reforço de medidas de autoprotecção que, quando têm como alvo os outros, especialmente quando são estrangeiros, conduz ao exacerbamento da xenofobia que neste início do século XXI, com o agravar da crise económica, tem recrudescido na Europa, com alguns países a quererem repor os controlo fronteiriço de pessoas, contrariando o acordo de Schengen. Por outro lado, a falta de confiança nas instituições, especialmente nos políticos, também contribui para o “fechamento social exclusionário” que, de acordo com

¹³ *Oeuvres de François, duc de La Rochefoucauld* (1820), Chez A. Belin, p. 200.

Weber, consiste na restrição do acesso a recursos e oportunidades, geralmente de natureza económica, a um círculo restrito. Na acepção de Parkin (1979), que retoma o conceito weberiano de “Closure”, os actores sociais desenvolvem nas suas interacções três tipos de estratégias: “exclusão”, “usurpação” e “dupla estratégia”, sendo aquelas que conduzem ao “fechamento social exclusionário”. A desconfiança, como se sabe, radica na falta de autoconfiança, e é uma forma de autodefesa por exclusão dos desafios.

Para Giddens (2000: 20), “a confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, enquanto a segurança não o faz”. O aumento da violência, que caracteriza as sociedades de risco, gera uma perspectiva de medo e desconfiança. Na acepção do autor (2000: 24), “a confiança pode definir-se como a segurança na credibilidade de uma pessoa ou na fiabilidade de um sistema, no que diz respeito a um dado conjunto de resultados ou de acontecimentos em que essa segurança exprime fé na integridade ou no amor de outrem, ou na correcção de princípios abstractos (conhecimento técnico)”. A falta de confiança estará assim, por conseguinte, na base do conflito. Numa dada sociedade as relações sociais serão tanto mais conflituosas quanto menor for a confiança. É assim que o controlo do nível de conflito interno nos regimes ditatoriais passa pela definição de “outros” não nacionais como causadores dos “males”.

É este também o princípio dos nacionalismos: cerrar fronteiras contra o outro estrangeiro. As sociedades mais confiantes são também as mais tolerantes e solidárias. São também aquelas que, na acepção de Putnam, dispõem de mais “capital social”. Como nota o autor (1995: 67), para quem o capital social é uma consequência de um processo cultural de longo prazo, que se refere às “características de organização, tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para o benefício mútuo”. Chama, no entanto, a atenção (cfr. 2001) para o facto de “a confiança social não fazer parte da definição de capital social, mas ser certamente uma consequência próxima”.

Em contrapartida, como enfatiza Fukuyama (1996: 38) “se as pessoas não confiam umas nas outras, acabam por só cooperar quando submetidas a um sistema formal de regras e regulamentos, o qual tem de ser negociado, acordado, discutido judicialmente e algumas vezes aplicado por meios coercivos. Este aparato legal. Que funciona como substituto da confiança, gera aquilo que os economistas chamam «custos de transacção».

Por outras palavras, a desconfiança generalizada no seio de uma sociedade obriga a uma espécie de imposto em todo o tipo de actividades económicas, imposto que as sociedades de elevado grau de confiança não têm de pagar.

A falta de confiança, também designada na linguagem comum por desconfiança, torna-se assim um elemento constrangedor da cidadania e, por consequência, do desenvolvimento económico e social. Como bem notou Francis Bacon nos seus Ensaios: “as suspeitas impelem os reis à tirania, os maridos ao ciúme, os sábios à irresolução e à melancolia. São fraquezas não do coração, mas do cérebro” [...] O que leva o homem a suspeitar muito é o saber pouco; por isso os homens deveriam dar remédio às suspeitas procurando saber mais, em vez de se deixarem sufocar por elas.”

Newton (2004: 71-72) chama a atenção para o facto de “quanto mais democrático for um país, mais confiança tenderá a existir no seio da sua população. [...] um governo democrático e eficiente, bem como o funcionamento idóneo das instituições públicas, ajuda a criar circunstâncias nas quais os comportamentos dignos de confiança são pouco custosos e altamente valorizados”. Neste sentido, a criação de mecanismos internos capazes de reforçarem a confiança social e a confiança política, podem revelar-se aliados preciosos na consolidação e melhoria da qualidade da democracia pois, como notou Maquiavel (1972: 94): “os homens são tão simples e tão obedientes às necessidades do momento, que quem engana encontra sempre quem se deixe enganar”.

Neste capítulo vamos analisar a confiança social e a confiança institucional, com base nos seguintes indicadores contemplados no *European Social Survey*

Confiança social:

- Confiança nos outros¹⁴
- Confiança na honestidade dos outros¹⁵
- Confiança no altruísmo dos outros¹⁶

¹⁴ A8: De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas?

¹⁵ A9: Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas?

¹⁶ A10: Acha que, na maior parte das vezes, as pessoas estão preocupadas com elas próprias ou acha que tentam ajudar os outros?

*Confiança Institucional*¹⁷ (Instituições nacionais):

- Confiança no Parlamento nacional
- Confiança no Sistema Jurídico
- Confiança na Polícia
- Confiança nos Políticos

Confiança Institucional (Instituições internacionais):

- Confiança no Parlamento europeu
- Confiança nas Nações Unidas

Para podermos perceber a relação entre os três tipos de confiança e proceder à respectiva comparação, procedemos à construção de três índices sintéticos¹⁸ – Confiança social¹⁹, Confiança nas Instituições nacionais²⁰ e Confiança nas Instituições internacionais²¹ – que também vão ser objecto de análise.

2.1. Confiança social e Institucional na Europa

A teoria do capital social, como nota Newton (2004: 61) “defende que os níveis decrescentes de confiança social e a deterioração da vida social e comunitária são causas fulcrais de problemas democráticos na sociedade ocidental. Um bom governo depende de instituições sociais fortes e eficientes para enquadrar e implementar políticas de interesse público, mas quanto menos as pessoas confiarem, colaborarem e cooperarem com os seus conterrâneos, e quanto mais se descomprometerem com a vida colectiva e voluntária das suas comunidades, mais fracas e menos eficientes serão as instituições sociais da sociedade civil. Quanto menos os cidadãos confiarem nos seus líderes políticos e nas

¹⁷ Diga-me, por favor, qual a **confiança pessoal** que tem em cada uma das instituições que lhe vou dizer. Situe a sua posição nesta escala em que 0 significa que não tem confiança nenhuma na instituição que referi e uma pontuação de 10 quer dizer que tem muita confiança.

¹⁸ Ver no Anexo I: Procedimentos metodológicos, a forma como foram construídos.

¹⁹ Alpha de Cronbach: 0,76; Variância explicada: 67,2%.

²⁰ Alpha de Cronbach: 0,85; Variância explicada: 68,6%.

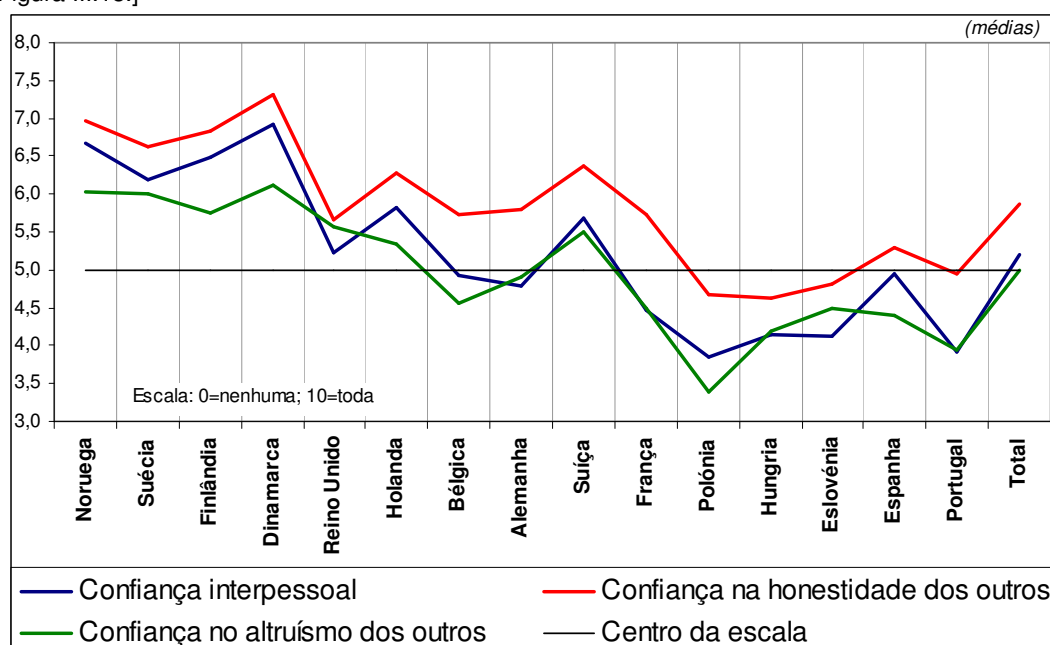
²¹ Alpha de Cronbach: 0,77; Variância explicada: 81,3%.

instituições governamentais, menos eficiente se tornará o governo e maior será a probabilidade de os cidadãos verem pouca credibilidade no seu sistema político”.

Como se pode observar na figura III.19., o padrão dos três indicadores de confiança social analisados é idêntico e decresce de norte para sul. Os escandinavos são os que mais confiam, verificando-se os menores níveis de confiança nos países pós-comunistas, seguidos de perto por Espanha e Portugal. Globalmente, é a “Confiança na honestidade dos outros” que regista valores médios mais elevados.

Confiança Social e Institucional na Europa, por país²²

[Figura III.18.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

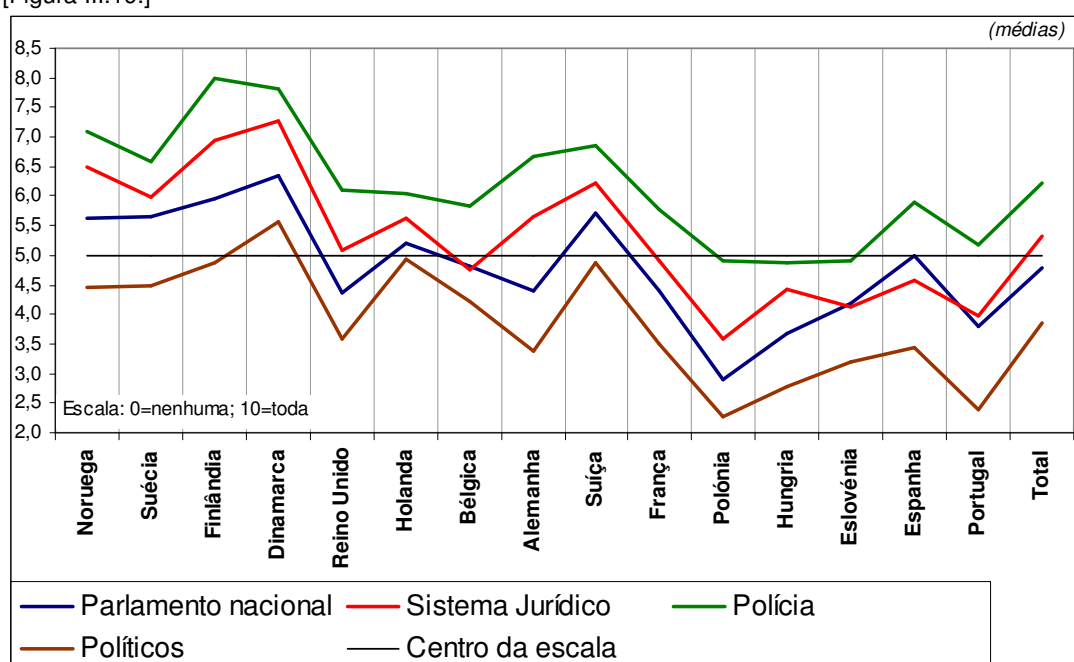
O padrão da confiança nas instituições é idêntico, em termos médios, ao que se verifica com os indicadores de Confiança social, decresce de norte para sul. Como mostra a figura III.19., a confiança na Polícia e nos Políticos registam os valores médios mais elevados e mais baixos, respectivamente. Enquanto a primeira regista valores superiores ao centro da escala em todos os países, excepto nos Pós-comunistas, a última regista valores inferiores ao centro da escala em todos os países, excepto na Dinamarca. Os europeus não confiam nos políticos.

²² Confiança interpessoal: $F(14, 114284) = 1566,368$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,161$. Confiança na Honestidade dos outros: $F(14, 113864) = 1186,779$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,127$. Confiança no Altruísmo dos outros: $F(14, 114148) = 1158,306$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,124$

A Escandinávia e os Países pós-comunistas, Espanha e Portugal registam, respectivamente, os maiores e menores níveis de confiança nos quatro indicadores. Note-se ainda o facto de a confiança no sistema jurídico registar valores médios claramente superiores ao centro da escala nos países Escandinavos, na Alemanha e na Suíça e inferiores nos países Pós-comunistas, Espanha e Portugal.

Confiança nas Instituições nacionais na Europa, por país²³

[Figura III.19.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Com excepção dos escandinavos, estes resultados são consistentes com a análise que Teixeira Fernandes (2004: 37) faz dos resultados do Estudo Europeu dos Valores²⁴, quando afirma: “os dados disponíveis revelam uma adesão forte aos valores fundamentais da democracia, mas pouca confiança dada às principais instituições do Estado”.

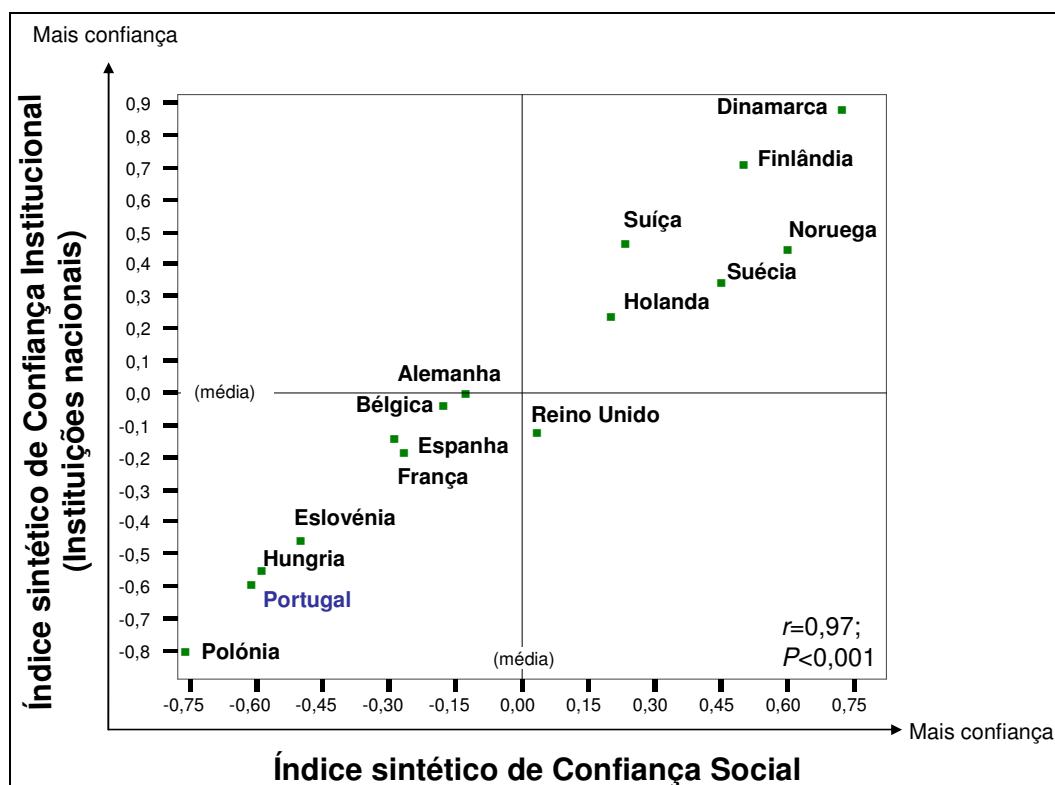
A relação entre a confiança social e a confiança institucional, como seria de esperar, mostra a forte correlação positiva entre as duas dimensões ($r(15)=0,969$; $p < 0,001$), denotando com isso que a maior ou menor confiança é mais um atributo idiossincrático dos países do que uma mera manifestação conjuntural.

²³ Parlamento nacional: $F(14, 111293)=1264,855$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,137$. Sistema jurídico: $F(14, 112072)=1622,812$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,169$. Polícia: $F(14, 113584)=1431,006$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,150$. Políticos: $F(14, 112680)=1614,822$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,167$

²⁴ *European Values Study*.

Confiança Social e nas Instituições nacionais, na Europa

[Figura III.20.]

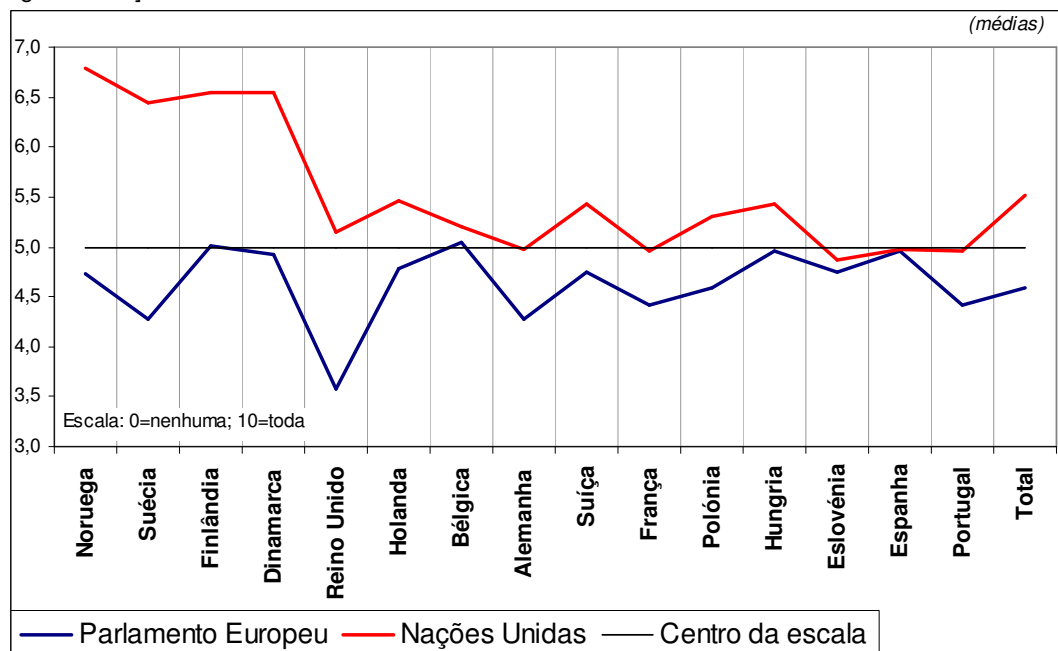


Já no que se refere à confiança nas Instituições internacionais – Parlamento Europeu e Nações Unidas – com excepção dos Escandinavos e do Reino Unido, que registam um *gap* acentuado de confiança entre as duas instituições, nos restantes países parece haver um “maior consenso” em torno do ponto central da escala²⁵. Note-se ainda o facto da Eslovénia e da Espanha, com valores médios idênticos, a confiança nas Nações Unidas é superior à confiança no Parlamento Europeu.

²⁵ Os valores dos η^2 s, que estatisticamente significam a percentagem de variação da variável dependente que é explicada pelo país, quando comparados com os indicadores de confiança com as Instituições nacionais, mostram isso mesmo. Ou seja, o país explica menos na segunda do que na primeira.

Confiança nas Instituições internacionais na Europa, por país²⁶

[Figura III.21.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

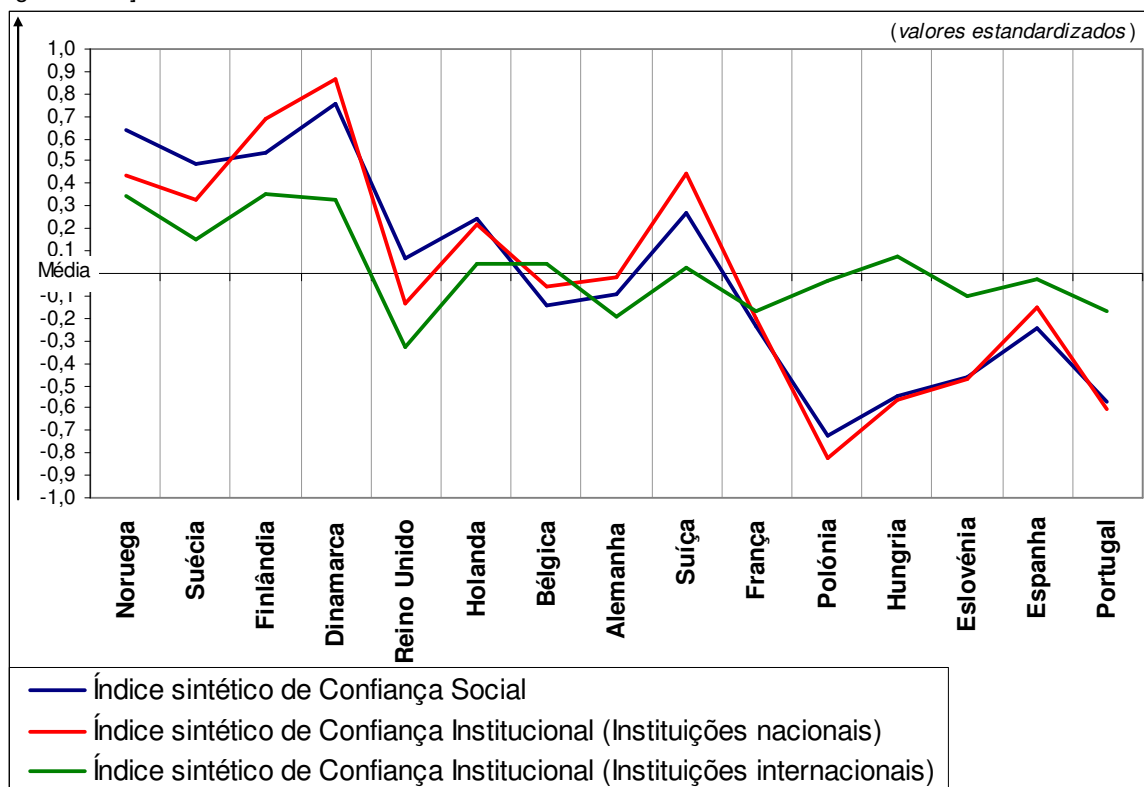
Como se pode observar na figura seguinte, a sumarização dos três tipos de confiança através de três índices sintéticos²⁷ reforça as observações sobre os indicadores de confiança nas três dimensões aqui analisadas, sendo claro o decréscimo de confiança do norte para o sul da Europa, com os países escandinavos a destacarem-se pelos níveis de confiança superiores à média e os países Pós-comunistas, Espanha e Portugal pelos valores inferiores à média. Saliente-se ainda o facto de a confiança nas Instituições internacionais ser a que apresenta menores desvios em relação à média na Noruega, Finlândia e Dinamarca, e o mínimo no Reino Unido.

²⁶ Parlamento Europeu: $F(14, 101721)=222,800$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,030$. Nações Unidas: $F(14, 104782)=1622,812$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,169$

²⁷ Ver procedimento no Anexo I: "Procedimento metodológicos".

Confiança Social e nas Instituições nacionais e internacionais na Europa, por país

[Figura III.22.]



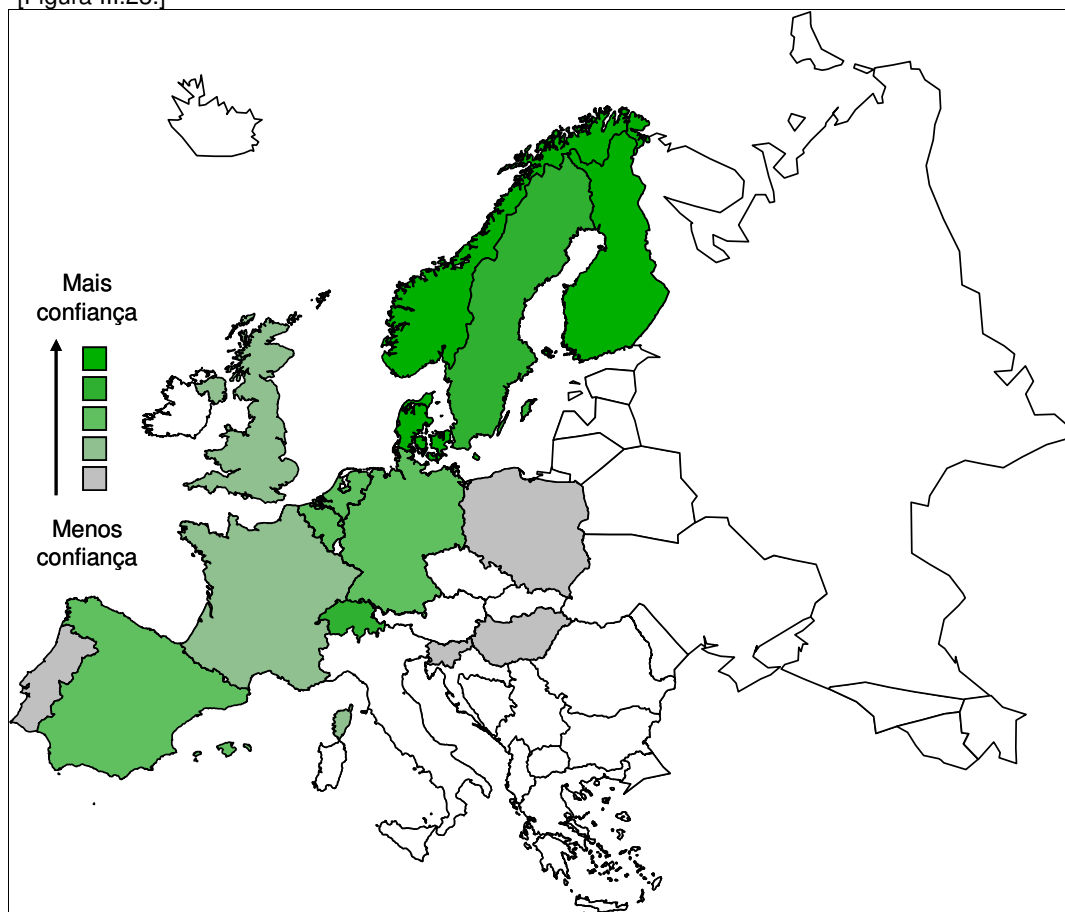
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A projecção do Índice sintético de Confiança²⁸, que agrega as três dimensões, no mapa da Europa, permite evidenciar os maiores níveis de confiança na Escandinávia, Holanda e Suíça, seguidos da Alemanha, Bélgica e Espanha, que apresentam níveis de confiança em torno da média. O Reino Unido, França e Hungria, seguidos de Portugal, Polónia e Eslovénia são os países que denotam menor confiança, com valores médios inferiores à média do conjunto.

²⁸ Alpha de Cronbach: 0,73; Variância explicada: 65,4%.

Confiança na Europa

[Figura III.23.]



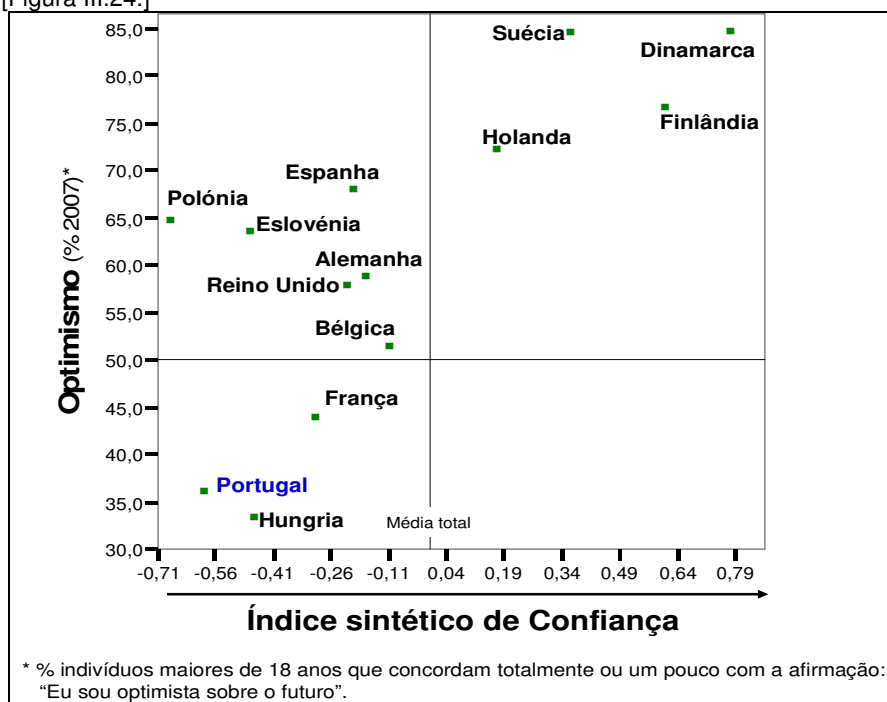
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Sabendo-se que a confiança está relacionada com a auto-estima e com o optimismo, entendido como disposição para encarar as coisas pelo lado positivo e esperar sempre por um desfecho favorável, é interessante observar a figura seguinte que cruza o optimismo com a confiança. São bem visíveis três grupos de países:

1. mais optimistas e mais confiantes (Escandinávia e Holanda);
2. mais de 50% de optimistas, e com níveis de confiança inferior à média (Espanha, Polónia, Eslovénia, Alemanha, Reino Unido e Bélgica);
3. menos de 50% de optimistas e com níveis de confiança inferior à média (França, Portugal e Hungria).

Confiança e optimismo na Europa, por país

[Figura III.24.]



Fontes: Confiança - ESS, base acumulada, 2002-2008;
Optimismo - Eurofund, EQLS 2007

Como vimos no capítulo anterior e veremos mais à frente, a Escandinávia e a Holanda partilham o grupo de países que podemos caracterizar como melhor posicionados face aos indicadores que aqui analisamos. Estes resultados são um bom exemplo disso. Independentemente de sabermos se são confiantes porque são optimistas, ou optimistas porque são confiantes, é importante saber que são as duas coisas em simultâneo, e que isso pode fazer a diferença.

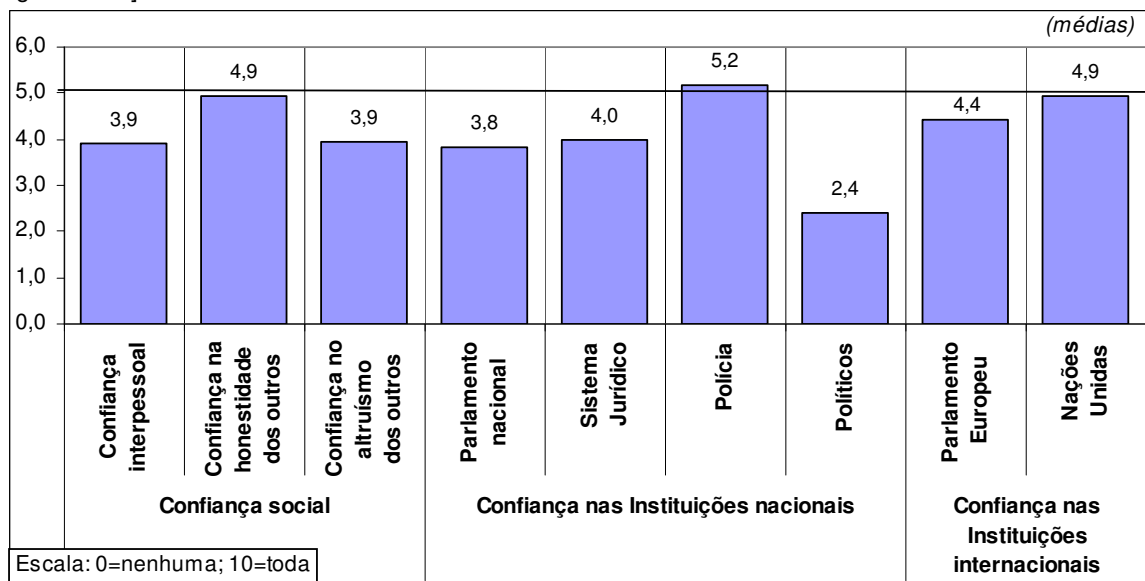
Ao contrário, os portugueses, para além de serem os menos confiantes, são também dos menos optimistas, juntamente com os húngaros, posição que se pode considerar uma constante, pois na maioria dos indicadores que analisamos, surgem próximos.

2.2. Confiança social e institucional em Portugal

Os indicadores de Confiança social e Institucional em Portugal apresentam a seguinte configuração (figura III.25.):

Confiança social e institucional em Portugal

[Figura III.25.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Como se observa, os portugueses só confiam, ainda que moderadamente, na “Honestidade dos outros”, na “Polícia” e nas “Nações Unidas”. Relativamente aos políticos, são claramente desconfiados²⁹. Como nota Jalali (2005): “uma explicação cada vez mais popular no nosso país para esta crescente desconfiança e incapacidade de envolver os cidadãos prende-se com a qualidade dos políticos, a ideia de que assistimos a uma degradação da qualidade da nossa classe política”.

Estes resultados não deixam de ser preocupantes pelo impacto que podem ter naquilo a que Durkheim chamou de “anomia social”, pelo impacto que têm, nomeadamente, na falta de referenciais. Sem confiança no poder legislativo e executivo,

²⁹ A desconfiança no “Sistema jurídico” e no “Parlamento nacional” conduzem à desmoralização social sendo, por conseguinte, indutoras da anomia no sentido durkheimiano do termo.

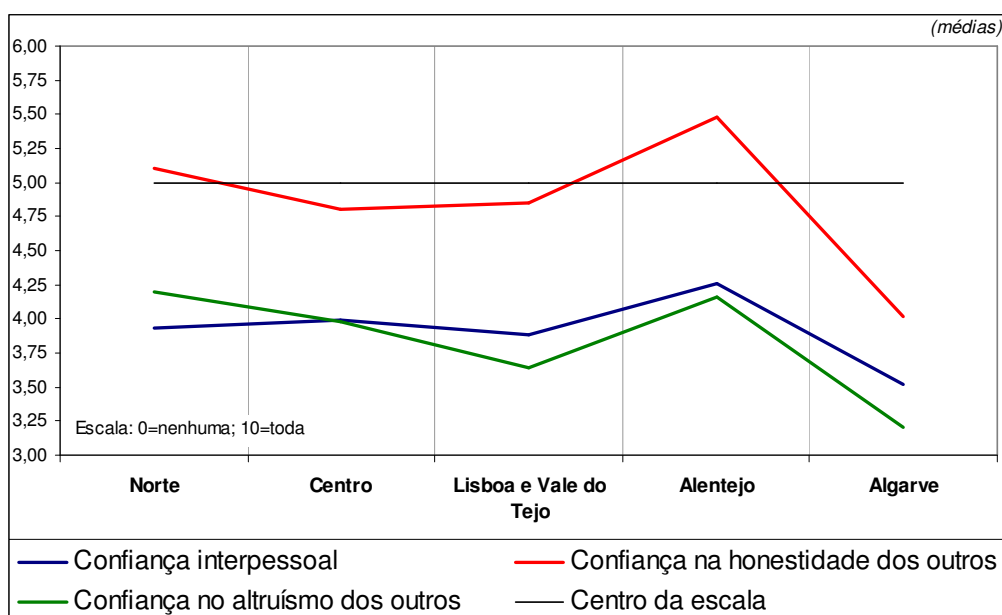
instala-se, a crença de que “vale tudo” e que os “fins justificam os meios” (cfr. Dahrendorf (1985).

2.2.1. Perspectiva geográfica

A confiança social, nas suas três dimensões constituintes, apresenta a seguinte configuração em Portugal:

Confiança social em Portugal, por região

[Figura III.26.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

O padrão dos indicadores de confiança social é idêntico nas cinco regiões. Com valores médios superiores ao centro da escala (confiança), apenas aparece a confiança na honestidade dos outros no Norte e no Alentejo. A confiança interpessoal e no altruísmo regista valores médios inferiores ao centro da escala (desconfiança) em todas as regiões, com o Algarve a apresentar os níveis mais baixos³⁰.

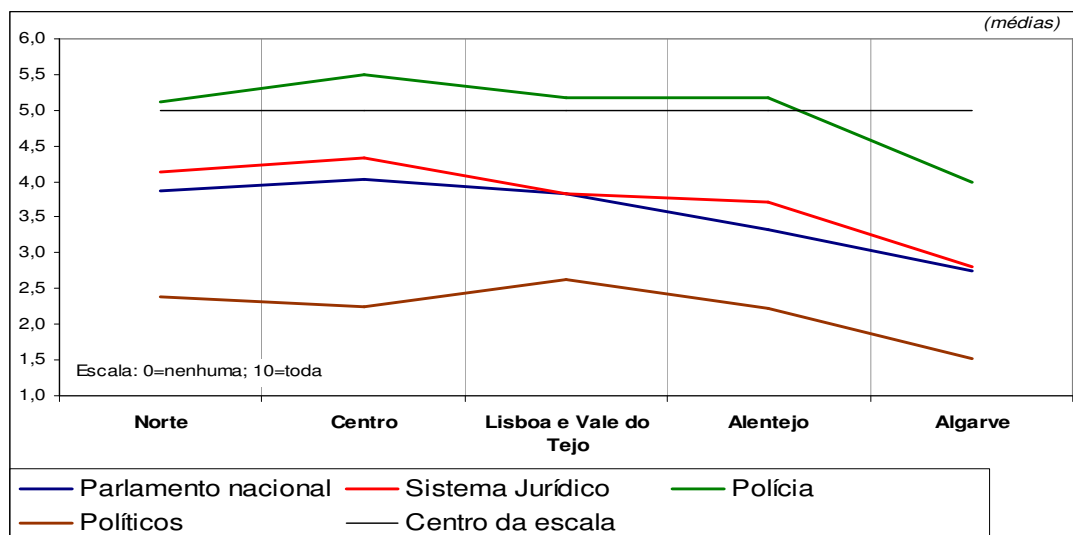
Já no que se refere à Confiança nas instituições nacionais, como mostra a figura seguinte, apenas se registam valores médios superiores ao centro da escala na Polícia, com excepção do Algarve. A confiança nos políticos regista os valores mais baixos em

³⁰ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões. Confiança interpessoal: $F(4, 8100) = 5,141$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,003$. Confiança na Honestidade dos outros: $F(4, 8068) = 27,158$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,013$. Confiança no Altruísmo dos outros: $F(4, 8056) = 35,695$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,017$

todas as regiões. Mais uma vez, em todos os indicadores, o Algarve tem os valores médios mais baixos de confiança³¹.

Confiança nas Instituições nacionais em Portugal, por região

[Figura III.27.]

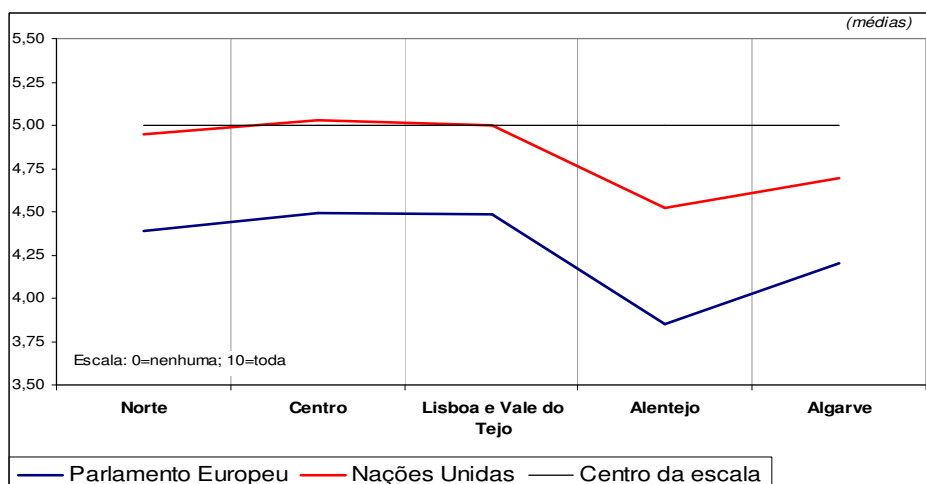


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Nas instituições internacionais³², o Alentejo é a região que menos confia.

Confiança nas Instituições internacionais em Portugal, por região

[Figura III.28.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

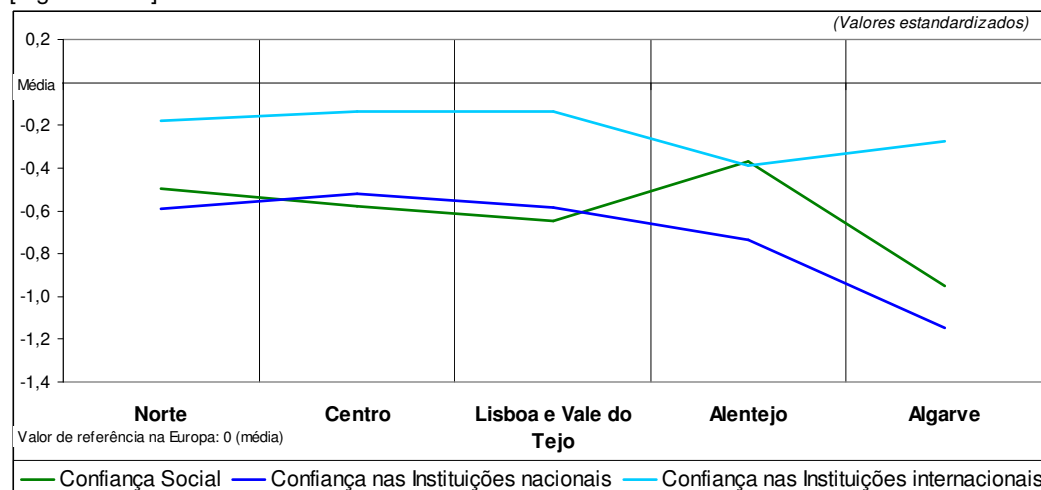
³¹ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões. Parlamento nacional: $F(4, 7693) = 24,149$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,012$. Sistema jurídico: $F(4, 7762) = 34,486$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,017$. Polícia: $F(4, 8004) = 27565$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,014$. Políticos: $F(4, 7964) = 26,305$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,013$.

³² Parlamento Europeu: $F(4, 6649) = 6,730$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,004$. Nações Unidas: $F(4, 6826) = 3,826$; $p < 0,005$; $\eta^2 = 0,002$.

A distribuição regional das três dimensões de confiança referidas anteriormente, é a seguinte³³:

Confiança social e institucional em Portugal, por região

[Figura III.29.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

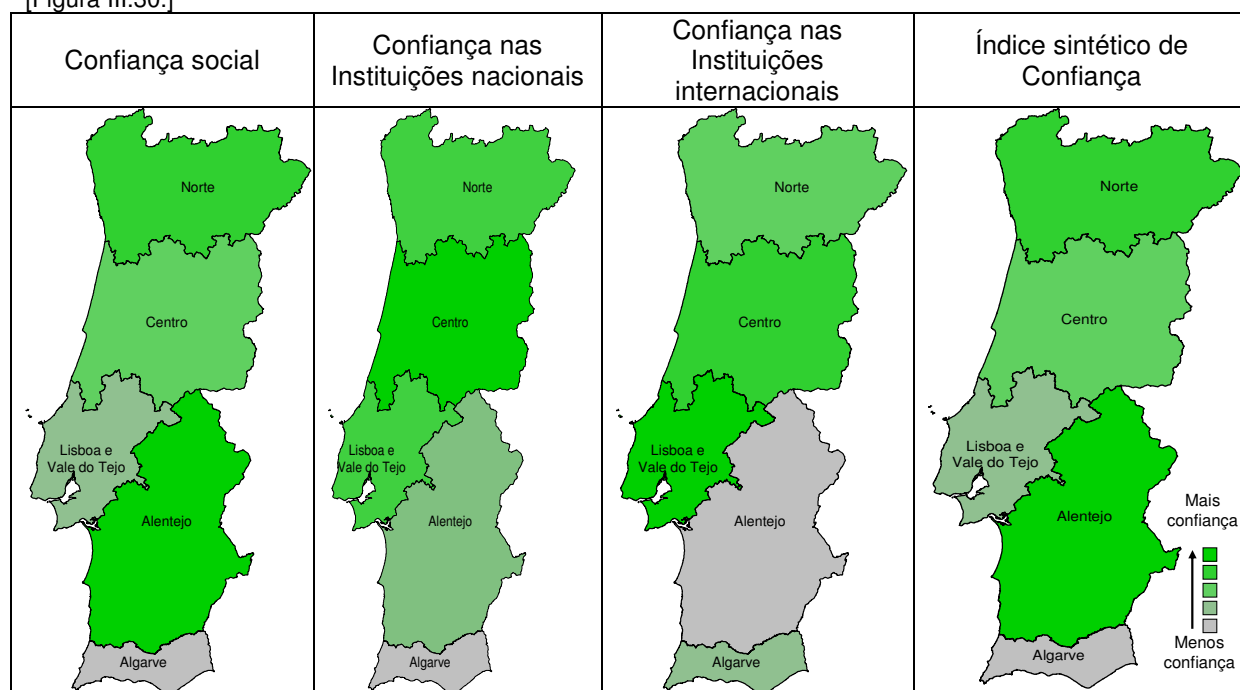
Como se nota, confirmando as observações anteriores, é nas Instituições internacionais que os portugueses mais confiam, registando-se no Alentejo o *gap* mais elevado entre a confiança social e a confiança nas Instituições nacionais. No conjunto das três dimensões, é no Algarve que se verificam os níveis de confiança mais baixos.

A projecção das três dimensões de confiança e do índice sintético de confiança no mapa de Portugal permite perceber melhor os diferentes perfis regionais. Tanto na confiança social como nas instituições nacionais, os algarvios são os que menos confiam, trocando esta posição com os alentejanos na confiança com as instituições internacionais. Globalmente a confiança é maior no Alentejo e no Norte e menor no Algarve:

³³ Recordar-se que a comparação é feita por referência à média europeia: 0, uma vez que se trata de valores estandardizados.

Confiança social, nas Instituições nacionais e nas Instituições internacionais em Portugal, por região

[Figura III.30.]



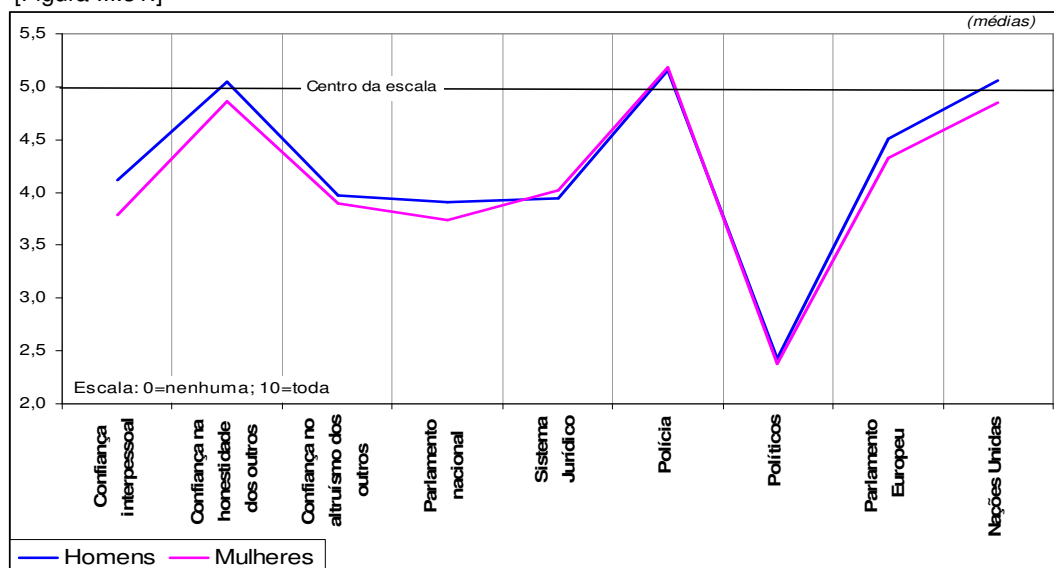
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

2.2.2. Perspectiva demográfica

Homens e mulheres apresentam o mesmo padrão de confiança em todos os indicadores das três dimensões analisadas e, embora as diferenças entre ambos sejam diminutas, são, ainda assim, estatisticamente significativas nalguns indicadores³⁴:

Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por sexo

[Figura III.31.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

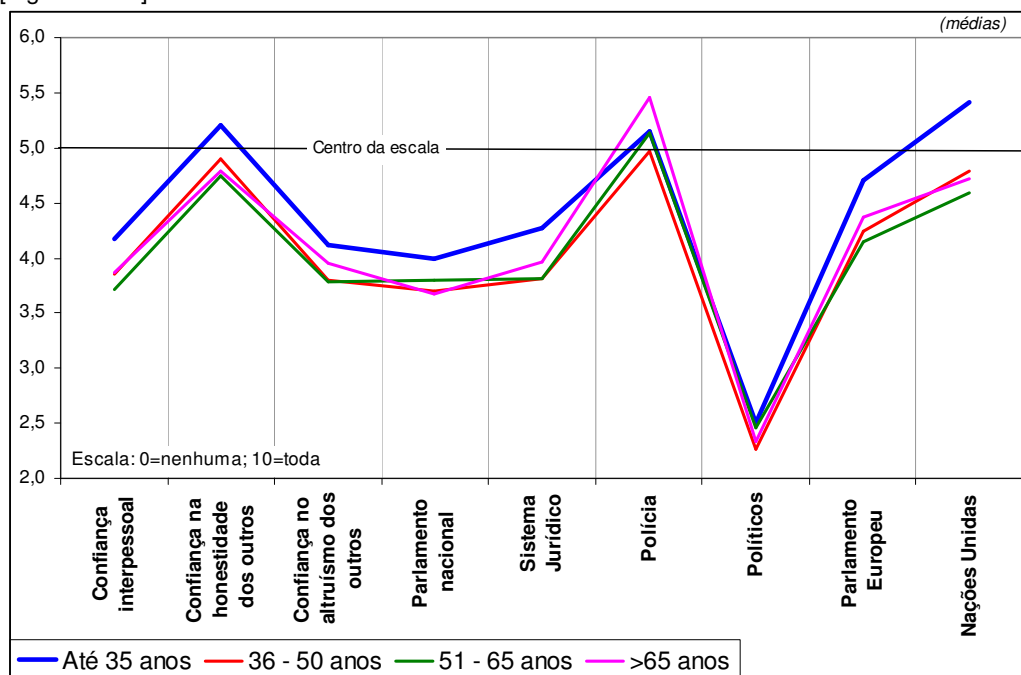
No que se refere à idade que, como se sabe, afecta os níveis de confiança³⁵ o padrão é idêntico em todos os escalões etários, revelando os mais jovens níveis médios de confiança mais elevados, excepto com a Polícia, em que são os mais velhos que mais confiam, como mostra a figura seguinte:

³⁴ Apenas se registam diferenças significativas na Confiança interpessoal: $F(1, 8100) = 212,776$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,005$; na Confiança na Honestidade dos outros: $F(1, 8055) = 2,008$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,002$; na Confiança no Parlamento nacional: $F(1, 7693) = 9,010$; $p < 0,004$; $\eta^2 = 0,001$; na Confiança no Parlamento Europeu $F(1, 6849) = 9,704$; $p < 0,003$; $\eta^2 = 0,001$ e na Confiança na Nações Unidas $F(1, 6828) = 11,719$; $p < 0,002$; $\eta^2 = 0,002$.

³⁵ A correlação linear da idade com todos diversos indicadores de confiança é estatisticamente significativa ($p < 0,001$) e negativa – mais velhos, menos confiança – excepto com a Polícia ($r = 0,041$), Confiança interpessoal ($r = -0,063$), Confiança na Honestidade dos outros ($r = 0,081$), Confiança no Altruísmo dos outros ($r = -0,043$), Confiança no Parlamento Nacional ($r = -0,050$), Sistema jurídico ($r = -0,062$), Políticos ($r = -0,027$), Parlamento Europeu ($r = -0,081$) e Nações Unidas ($r = -0,137$).

Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por idade

[Figura III.32.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Em termos médios, a análise por sexo e idade (figura III.34.), permite concluir que são os homens até 35 anos que mais confiam, com exceção da confiança no Sistema jurídico, em que são as mulheres até 35 anos que mais confiam, e na Polícia, com as mulheres com mais de 65 anos a confiarem mais.

Uma análise clusters³⁶ com base em todos os indicadores analisados, evidencia a existência dos seguintes perfis de confiança:

- semelhança entre homens e mulheres dos 35 aos 65 anos;
- semelhança entre homens e mulheres com mais de 65 anos;
- diferenças de perfil entre homens e mulheres até aos 35 anos. Homens mais confiantes.

³⁶ Análise hierárquica de Clusters, método Ward.

Indicadores de confiança social e institucional em Portugal, por sexo e idade

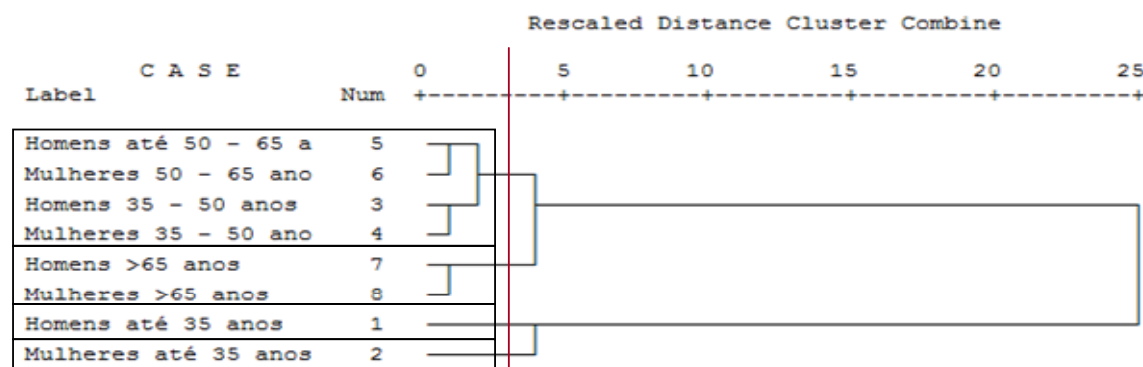
[Figura III.33.]

	Confiança Social			Confiança nas Instituições nacionais				Confiança nas Instituições internacionais		Índices sintéticos			
	Confiança interpessoal	Confiança na honestidade dos outros	Confiança no altruísmo dos outros	Parlamento nacional	Sistema Jurídico	Polícia	Políticos	Parlamento Europeu	Nações Unidas	Índice sintético de Confiança Social	Confiança Institucional (Instituições nacionais)	Confiança Institucional (Instituições internacionais)	Confiança (Confiança social + Confiança nas Instituições nacionais e Internacionais)
	(médias, escala: 0=nenhuma; 10=toda)									(valores estandardizados, valor de referência: 0=média europeia)			
Homens até 35 anos	4,4	5,4	4,2	4,1	4,2	5,1	2,6	4,9	5,6	-0,36	-0,51	0,09	-0,36
Mulheres até 35 anos	4,0	5,1	4,0	3,9	4,3	5,1	2,4	4,6	5,2	-0,53	-0,56	-0,07	-0,49
Homens 35 - 50 anos	4,0	5,0	3,8	3,8	3,7	5,0	2,2	4,3	4,8	-0,59	-0,67	-0,22	-0,64
Mulheres 35 - 50 anos	3,7	4,8	3,8	3,6	3,9	4,9	2,3	4,2	4,8	-0,64	-0,69	-0,26	-0,67
Homens até 50 - 65 anos	3,9	4,8	3,7	3,8	3,7	5,0	2,5	4,1	4,6	-0,64	-0,65	-0,33	-0,67
Mulheres 50 - 65 anos	3,6	4,7	3,8	3,8	3,9	5,2	2,5	4,2	4,6	-0,68	-0,61	-0,30	-0,65
Homens >65 anos	4,0	4,8	4,0	3,7	4,0	5,4	2,4	4,5	4,9	-0,57	-0,61	-0,18	-0,55
Mulheres >65 anos	3,8	4,8	4,0	3,6	4,0	5,5	2,3	4,3	4,6	-0,63	-0,60	-0,28	-0,60

Legenda: **Azul**=maior nível de confiança; **Vermelho**=menor nível de confiança

***** H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S *****

Dendrogram using Ward Method

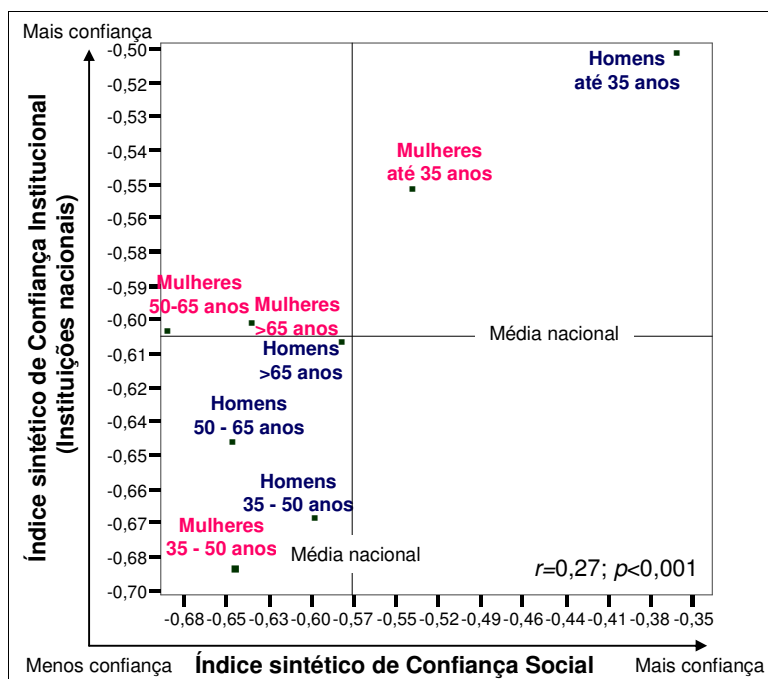


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A análise conjunta das dimensões de Confiança social e Confiança nas Instituições nacionais acentua bem os diferentes perfis, como mostra a figura seguinte:

Confiança social e nas Instituições nacionais em Portugal, por sexo e escalão etário

[Figura III.34.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Tendo por referência a média nacional, os homens e as mulheres até 35 anos, aqueles mais confiantes, são os únicos que apresentam níveis de confiança superiores à média nas duas dimensões. Ao invés, os homens dos 35 aos 65 anos e as mulheres dos 35 aos 50 anos, apresentam níveis de confiança inferiores à média nas duas dimensões. Já as mulheres com mais de 50 anos apresentam níveis de confiança inferiores à média na confiança social e idênticos à média na confiança nas instituições nacionais. Por sua vez, os homens com mais de 65 anos apresentam valores de confiança médios nas duas dimensões.

Conclusão

Como refere Kriesi (2004: 191): “A confiança é um género de atalho que nos permite fugir ao processamento de muita informação [...] É um elemento de equivalência emocional aos esquemas cognitivos, simplificando de forma útil o mundo. Embora saibamos pouco como opera a confiança na tomada de decisões políticas, partimos do princípio de que quem confia nas autoridades mais facilmente as apoiará do que quem não confia”. Ora, no que se refere a Portugal que, juntamente com a Eslovénia, Hungria e a Polónia³⁷, regista os valores mais baixos na Confiança social e na Instituições nacionais, já se tinha chamado a atenção para os baixos níveis de confiança interpessoal registados, não sendo fácil encontrar variáveis explicativas para essa realidade (Halman, 2003; Cabral, 2005). Por exemplo, a religiosidade, elevada em Portugal, como nos outros países do sul e em alguns Pós-comunistas, como a Polónia, países também de baixos níveis de confiança social, não se encontra positivamente correlacionada com os níveis de confiança e de capital social, como bem demonstrou Halman (2003). Também Fukuyama sustenta que a haver alguma relação entre religião e confiança, ela deverá ser negativa e não positiva, tal como se conclui também a partir dos resultados do ESS. Segundo o autor: “a religião tem aparentemente efeitos contraditórios na confiança; os fundamentalistas e as pessoas que vão à igreja tendem a ser mais desconfiados do que a média geral” (Fukuyama, cit. por Fernandes, 2003, p. 182).

Já no que se refere especificamente à Confiança institucional, não será alheia aos baixos níveis registados, a percepção que os indivíduos fazem do “interesse dos políticos”, aqui considerado como a tradução das respostas dadas a duas questões: “os políticos, em geral, interessam-se por aquilo que as pessoas pensam” e “os políticos estão mais interessados em ganhar os votos das pessoas e não se interessam tanto pelas suas opiniões”. Trata-se, no essencial, de perceber se os políticos estão mais interessados no bem público do que nas suas carreiras. O quadro seguinte sintetiza essa informação:

³⁷ Note-se que, ao contrário de Portugal que vive num regime democrático há 30 anos, a Eslovénia, Polónia e República Checa são democracias recentes.

Interesse dos Políticos na Europa, por país
(percentagens)

[Quadro III.1.]

	Os políticos, em geral, interessam-se por aquilo que as pessoas pensam						Os políticos estão mais interessados em ganhar os votos das pessoas e não se interessam tanto pelas suas opiniões					
	Quase nenhuns se interessam	Muito poucos se interessam	Alguns interessam-se	Muitos interessam-se	Quase todos se interessam	Média	Quase todos estão interessados apenas nos votos	A maior parte está interessada apenas nos votos	Alguns estão interessados apenas nos votos, outros não	A maior parte está interessada na opinião das pessoas	Quase todos estão interessados na opinião das pessoas	Média
Noruega	7,6	21,1	46,0	17,6	7,7	3,0	12,5	18,6	36,7	27,3	5,0	2,9
Suécia	11,4	18,3	40,4	21,8	8,2	3,0	15,7	19,8	38,5	22,5	3,5	2,8
Finlândia	11,3	25,9	44,7	15,5	2,6	2,7	18,6	27,0	35,2	18,5	,7	2,6
Dinamarca	13,9	18,5	37,2	18,3	12,0	3,0	15,3	16,5	36,3	25,7	6,2	2,9
Reino Unido	18,1	28,0	40,7	9,1	4,1	2,5	29,2	30,5	29,1	10,1	1,1	2,2
França	24,4	32,6	36,9	3,9	2,3	2,3	36,6	20,6	33,6	7,1	2,2	2,2
Alemanha	27,6	36,8	27,6	6,6	1,4	2,2	26,6	37,6	27,7	7,2	,9	2,2
Áustria	27,0	33,5	31,2	6,5	1,8	2,2	34,8	36,5	23,3	4,6	,7	2,0
Holanda	12,1	25,3	45,4	13,3	3,9	2,7	15,2	31,3	37,4	14,7	1,3	2,6
Bélgica	16,8	32,1	40,6	7,0	3,4	2,5	26,9	33,4	29,7	8,4	1,6	2,2
Luxemburgo	18,7	26,6	41,2	8,6	4,9	2,5	26,1	27,8	34,0	9,4	2,8	2,4
Suíça	10,5	26,2	45,2	13,9	4,3	2,8	16,8	27,3	42,8	12,2	,9	2,5
Irlanda	21,1	29,5	37,1	8,3	4,0	2,4	31,5	31,1	26,2	9,8	1,4	2,2
Hungria	20,7	47,0	19,0	11,9	1,4	2,3	25,0	38,7	23,4	12,2	,7	2,2
Rep.Checa	26,5	41,7	28,4	2,3	1,0	2,1	32,1	37,7	25,9	3,7	,5	2,0
Polónia	35,0	38,0	22,6	3,0	1,3	2,0	41,5	31,7	22,0	3,9	,9	1,9
Eslovénia	34,5	45,6	14,8	2,8	2,2	1,9	35,4	33,2	24,5	5,5	1,5	2,0
Itália	28,6	31,8	30,8	5,6	3,3	2,2	39,4	31,0	25,1	3,6	,9	2,0
Espanha	35,6	32,5	24,1	5,3	2,5	2,1	44,8	29,5	20,4	4,3	1,0	1,9
Portugal	44,1	35,6	18,9	,9	,7	1,8	49,9	34,8	13,0	1,9	,3	1,7
Grécia	44,4	34,2	16,9	2,7	1,7	1,8	48,9	36,2	12,5	1,9	,5	1,7
Total	23,8	31,0	32,8	8,8	3,6	2,4	29,8	30,5	28,2	9,9	1,6	2,2

Fonte: ESS1, 2002

Como se conclui, é precisamente nos países da Europa do sul e Pós-comunistas que a percepção do interesse dos políticos é mais negativa. Os países Escandinavos, que revelam maiores níveis de confiança, são também os que percebem mais positivamente o interesse dos políticos. Como notou Bourdieu (1989: 187-188), “o capital político é uma forma de capital simbólico, *crédito* firmado na *crença* e no *reconhecimento* ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objecto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem. [...] O poder simbólico que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o

exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides* uma *auctoritas* que ele lhe confia, pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”. Ou seja, a falta de confiança nos políticos e a percepção negativa dos seus interesses conduz, inevitavelmente, a uma situação de anomia social que, no seu extremo, tem levado a confrontos violentos entre os que detêm mais poder simbólico e os que detêm menos. Por outras palavras, entre os administradores do poder político e os administrados. Nesta perspectiva, convém ter presente que a consolidação democrática, como notou Stock (1988: 153), “resulta da relação complexa que se estabelece entre os diferentes actores políticos, assumindo aí particular relevo a inter-relação entre as estruturas políticas e a sociedade. Os contornos desta relação passam pela aceitação progressiva daquelas estruturas e normas, entre as quais será primordial a aquisição de identidade pelos partidos políticos, actores fundamentais dum regime democrático. A consolidação através dos partidos políticos caracterizar-se-á, assim, pela progressiva organização e expansão das estruturas partidárias e do sistema de partidos, que passa pelo reconhecimento, por parte dos cidadãos, da importância de ambos e de uma presença consistente da «bondade» da sua imagem na cultura política do país em causa”.

Os portugueses, mais uma vez acompanhados dos cidadãos dos países Pós-comunistas, são os que revelam menores níveis de confiança social e nas instituições nacionais. Nas instituições internacionais revelam-se mais confiantes, com valores médios próximos da média europeia. Só confiam, ainda que moderadamente, na “Honestidade dos outros”, na “Polícia” e nas “Nações Unidas”. Relativamente aos políticos, são claramente desconfiados. Como nota Jalali (2005): “uma explicação cada vez mais popular no nosso país para esta crescente desconfiança e incapacidade de envolver os cidadãos prende-se com a qualidade dos políticos, a ideia de que assistimos a uma degradação da qualidade da nossa classe política”.

Esta característica parece, no entanto, não ser recente, pois não passou despercebida à veia satírica de Eça de Queiroz, como mostra o seguinte excerto de *Os Maias*:

“— Sim, senhor, um navio fretado à custa da nação, em que se mandasse pela barra fora o rei, a família real, a cambada dos ministros, dos políticos, dos

deputados, dos intrigantes, etc. e etc. Carlos sorria, às vezes argumentava com ele.

– Mas está o Sr. Vicente bem certo, que apenas a cambada, como tão exactamente diz, desaparecesse pela barra fora, ficavam resolvidas todas as coisas e tudo atolado em felicidade?

Não, o Sr. Vicente não era «burro» que assim pensasse. Mas, suprimida a cambada, não via Sua Excelência? Ficava o país desatravancado; e podiam então começar a governar os homens de saber e de progresso...

– Sabe Vossa Excelência qual é o nosso mal? Não é má vontade dessa gente; é muita soma de ignorância. Não sabem. Não sabem nada. Eles não são maus, mas são umas cavalgadas!"

A análise por região mostra que em todas as regiões os maiores níveis de confiança são com as instituições internacionais. Globalmente, os alentejanos e os algarvios são os menos e mais desconfiados, respectivamente.

Considerando os três índices de confiança, os homens portugueses revelam-se menos desconfiados do que as mulheres, sendo as diferenças estatisticamente significativas. São os mais jovens, homens e mulheres, que registam níveis médios de confiança mais elevados, excepto com a Polícia, em que são os mais velhos que mais confiam.

3. Política

“O mais forte não é suficientemente forte para ser sempre o senhor, senão transformar a sua força em direito e a obediência em dever”.

Rousseau³⁸

Os valores sociopolíticos, nomeadamente os que se referem ao interesse pela política, autopoicionamento político e participação política, assumem um papel central na esfera da cidadania activa, como se sabe. Inglehart (cfr. 1977), que propôs uma taxonomia dos valores sociopolíticos distinguindo dois grupos: “materialistas” e “pós-materialistas”, os primeiros mais associados à satisfação das necessidades básicas, ao bem-estar económico e à coesão social³⁹, e os segundos associados a preocupações sociais e individuais – estéticas, intelectuais, qualidade de vida e envolvimento nos processos de tomada de decisão no trabalho, nas relações de vizinhança e no sistema político – salientava o facto de as sociedades ocidentais darem uma prevalência cada vez maior aos valores pós-materialistas, notando que quanto maior for o desenvolvimento sociocultural maior será a saliência deste tipo de valores. A socialização política assume, assim, um papel primordial na formação das crenças e valores dos jovens, contribuindo para os capacitar para uma cidadania activa e participativa. Se a política é a arte do possível, convém que o “possível” seja exigente. Só o será se os cidadãos tomarem consciência do seu papel de agentes transformadores da sociedade, recusando os “determinismos sociais” patentes nos modelos de sociedade com que amiúde são confrontados. As mudanças sociais e de sociedade registadas ao longo do processo histórico da humanidade são bem o exemplo de que o “que tinha que ser assim e não podia ser de outra maneira”, afinal... “podia ser de outra maneira”.

³⁸ *Do Contrato Social* - Livro I.

³⁹ Eram estes os valores prevaletentes no longo consulado salazarista. Lembre-se, a este propósito, um dito popular então em voga: «os portugueses são pobres, mas alegres».

3.1. Interesse pela política

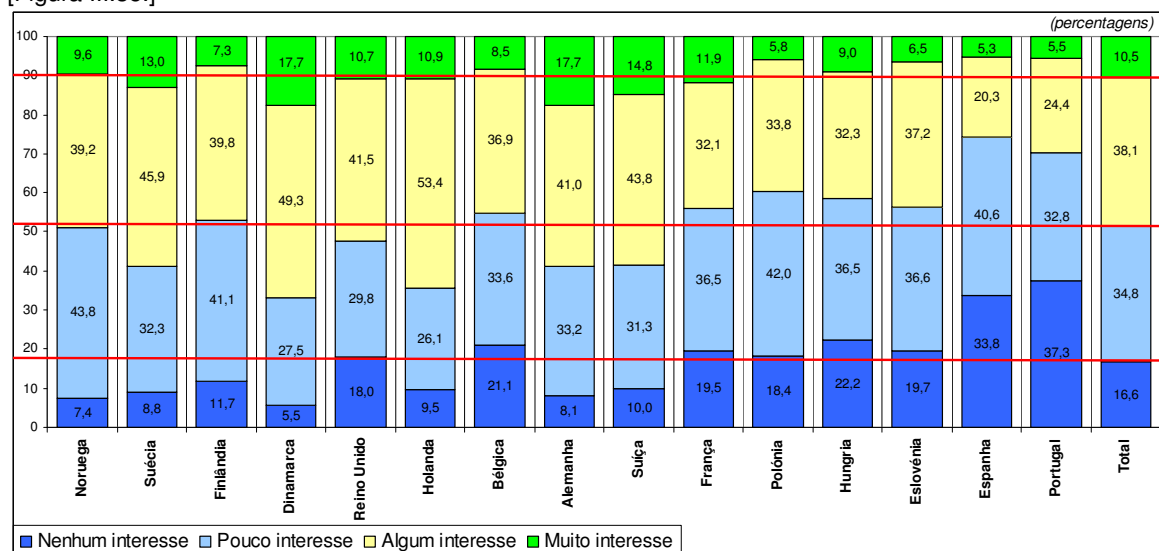
A mesa resplandecia; e as tapeçarias, representando massas de arvoredos, punham em redor como a sombra escura de um retiro silvestre onde, por um capricho, se tivessem acendido candelabros de prata. Os vinhos saíam da frasqueira preciosa do Ramalhete. De todas as coisas da Terra e do Céu se grulhava com fantasia – menos de «política portuguesa», considerada conversa indecorosa entre pessoas de gosto”.

Eça de Queiroz (*Os Maias*)

O interesse pela política é um indicador que funciona como barómetro da preocupação dos cidadãos pela “coisa pública”. Para além de outros indicadores, o ESS contempla no seu módulo fixo a seguinte questão: “De um modo geral, qual o seu interesse pela política?”. Os resultados da resposta a esta questão são os seguintes⁴⁰:

Interesse pela política na Europa, por país

[Figura III.35.]



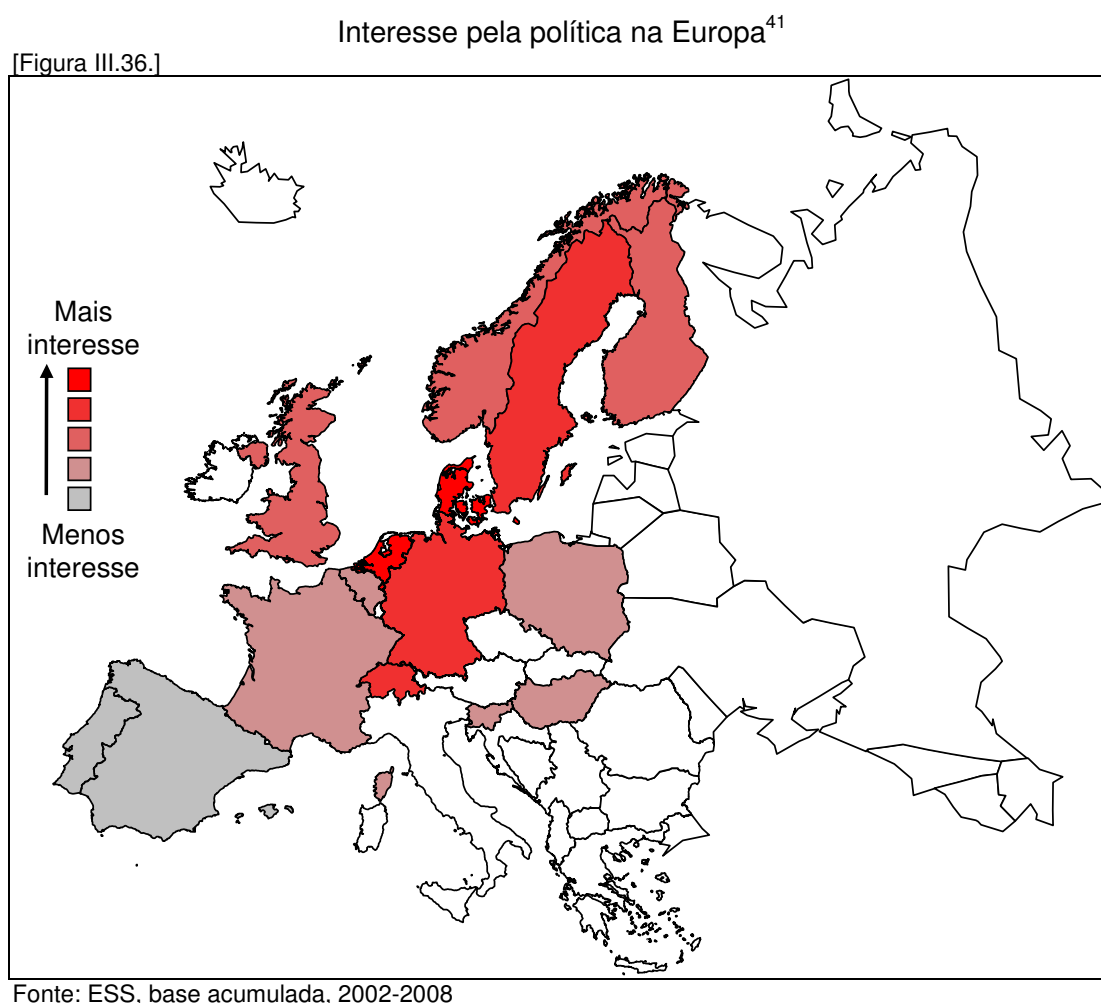
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Na categoria “muito interesse” a Dinamarca, a Alemanha, a Suíça, a Suécia, a França e o Reino Unido, por esta ordem, são os únicos países com valores percentuais superiores à percentagem europeia (10,5%). Portugal (5,5%) e Espanha (5,3%) são os que registam os valores mais baixos. Ao invés, na categoria “nenhum interesse”, Portugal

⁴⁰ Diferenças entre países estatisticamente significativas: $F(14, 114452) = 628,086$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,071$

(37,3%) e Espanha (33,8%) registam valores superiores ao dobro do conjunto (16,6%). O ditado popular “a minha política é o trabalho”, parece ter uma ancoragem forte em Portugal. Uma expressão equivalente, aliás, ganhou um inusitado mediatismo em Portugal quando o Primeiro-ministro na altura – Cavaco Silva –, solicitado a pronunciar-se sobre a Política nacional, então relativamente “turbulenta”, terá respondido: “deixem-me trabalhar”, entendido pela opinião pública “publicada” como querendo dizer, precisamente, que a sua política era o trabalho.

A projecção no mapa da Europa, como se mostra na figura seguinte, das categorias “algum interesse” e “muito interesse”, permite perceber melhor o perfil europeu, com a Holanda, a Dinamarca e a Suécia a destacarem-se pela positiva (mais cidadãos interessados) e Portugal e Espanha pela negativa (menos cidadãos interessados):

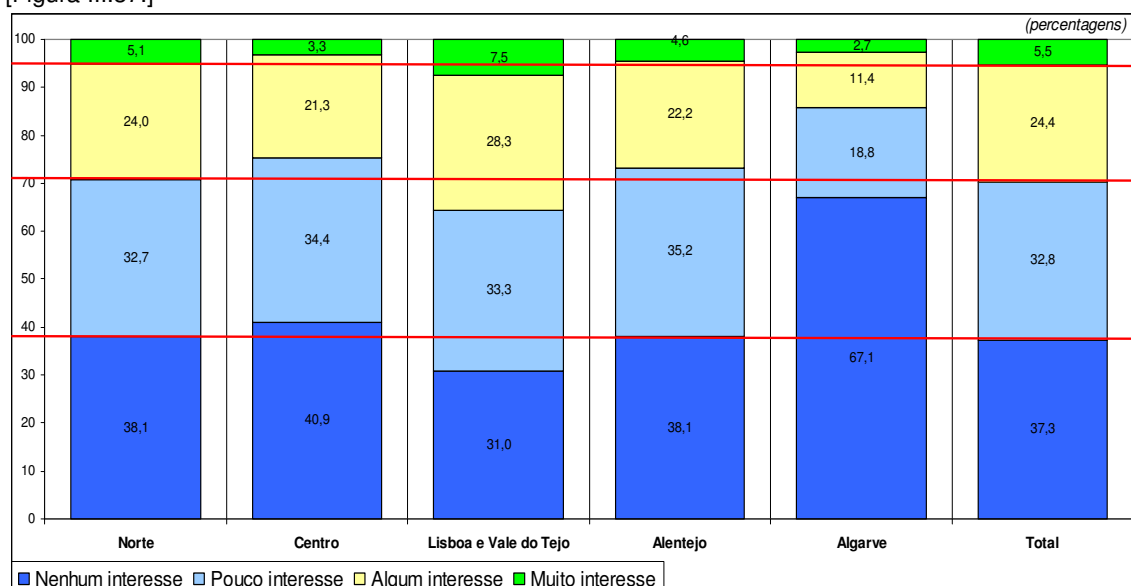


⁴¹ Soma das categorias “algum interesse”+ “muito interesse”

Mas, se a posição relativa de Portugal no contexto europeu deve ser um motivo de preocupação e de chamada de atenção para o poder político, já que estes resultados não devem ser interpretados isoladamente mas em conjunto com outros indicadores, como a confiança nas instituições, por exemplo, que vimos no capítulo anterior, interessa perceber se o padrão regional e demográfico é idêntico ou não. Os resultados por região⁴², como se pode ver na figura seguinte, mostram que o Algarve (67,1%) e o Centro (40,9%) registam valores percentuais superiores à percentagem média nacional (37,3%) de portugueses que afirmam não ter interesse pela política. O Norte e o Alentejo, com 38,1%, têm o padrão de resposta mais próximo do nacional. No que se refere à categoria de resposta “muito interesse”, é em Lisboa e Vale do Tejo que se observa a maior percentagem (7,5%), a única superior à percentagem nacional (5,5%), registando o Norte valores próximos (5,1%). O Algarve regista os valores mais baixos (2,7%), sucedendo o mesmo com a categoria “algum interesse” (11,4%), o que corresponde a menos de metade da percentagem nacional (24,4%). A categoria “pouco interesse”, cuja percentagem nacional ascende a 32,8%, regista também no Algarve o valor mais baixo (18,8%), quedando-se nas restantes regiões em valores que oscilam entre 32,7% no Norte e os 35,2% no Alentejo.

Interesse pela política em Portugal, por região

[Figura III.37.]



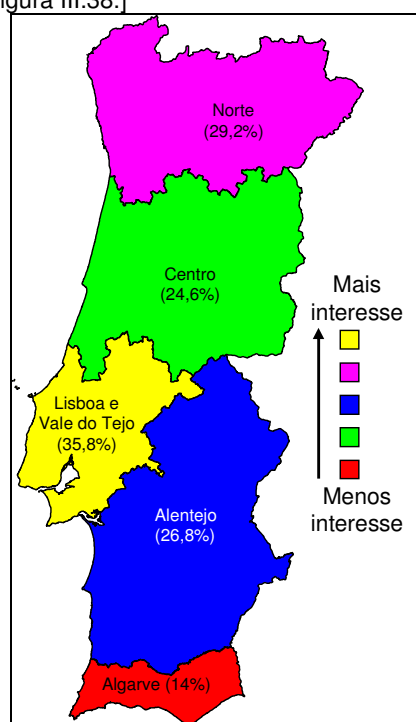
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁴² Diferenças entre regiões estatisticamente significativas: $F(4, 8123) = 628,086$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,022$

A figura seguinte que mostra a projecção no mapa de Portugal das respostas “algum interesse” e “muito interesse”, permite perceber melhor o padrão nacional, com Lisboa e Vale do Tejo a registar os valores percentuais mais elevados de portugueses com interesse pela política, e o Algarve os mais baixos:

Interesse pela política em Portugal, por região

[Figura III.38.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

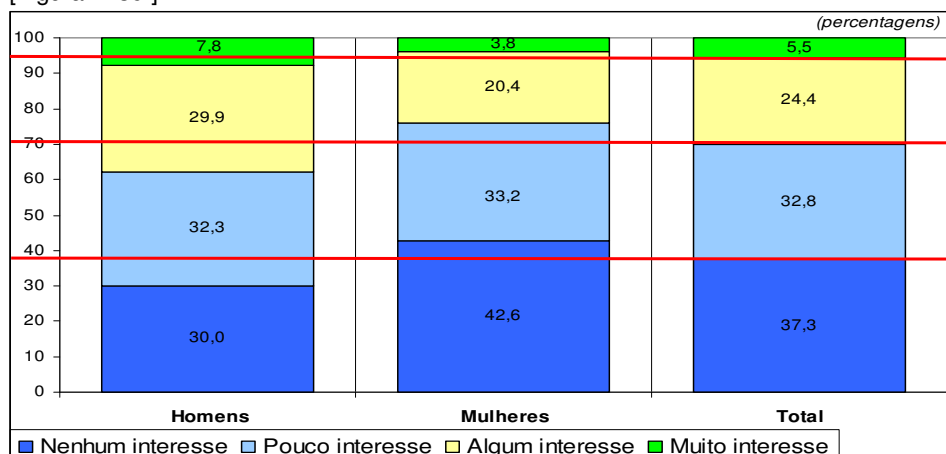
Mas se, como já vimos, os portugueses se interessam pouco pela política e que esse interesse é ainda menor no Algarve, será que homens e mulheres têm um perfil idêntico? As duas figuras seguintes mostram que não⁴³. Não só os homens que dizem ter muito interesse (7,8%) são, em termos percentuais, o dobro das mulheres (3,8%), sendo que entre estas, 42,6% afirmam que não têm nenhum interesse, contra 30% daqueles, como também a idade faz a diferença⁴⁴:

⁴³ Diferenças estatisticamente significativas: $F(1, 8123) = 223,105$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,027$

⁴⁴ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 8119) = 47,986$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,04$

Interesse pela política em Portugal, por sexo

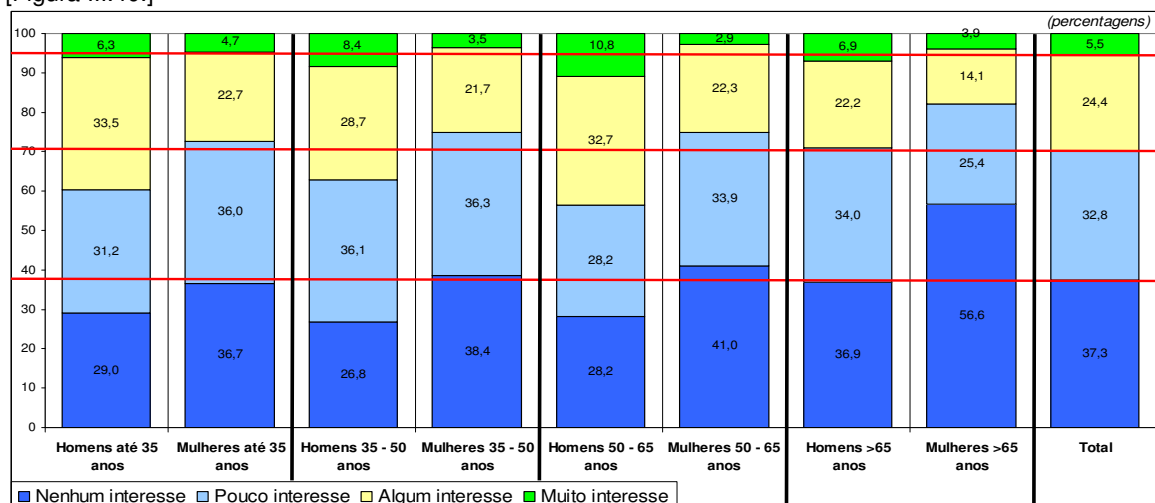
[Figura III.39.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Interesse pela política em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.40.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Em síntese podemos concluir que:

- as mulheres no mesmo escalão etário afirmam, sempre mais que os homens, que não têm interesse pela política, que as que mais declaram ter muito interesse (6,3%) têm até 35 anos, e as que mais afirmam que não têm interesse nenhum (56,6%) têm mais de 65 anos;
- os homens que mais dizem que têm muito interesse têm entre 50 e 65 anos (10,8%), e os que mais dizem que não têm interesse nenhum, a exemplo das mulheres, têm mais de 65 anos (36,9%).

3.2. Dificuldades com a política

– Meu caro, a política hoje é uma coisa muito diferente! Nós fizemos como vocês, os literatos. Antigamente a literatura era a imaginação, a fantasia, o ideal... Hoje é a realidade, a experiência, o facto positivo, o documento.

Eça de Queiroz (*Os Maias*)

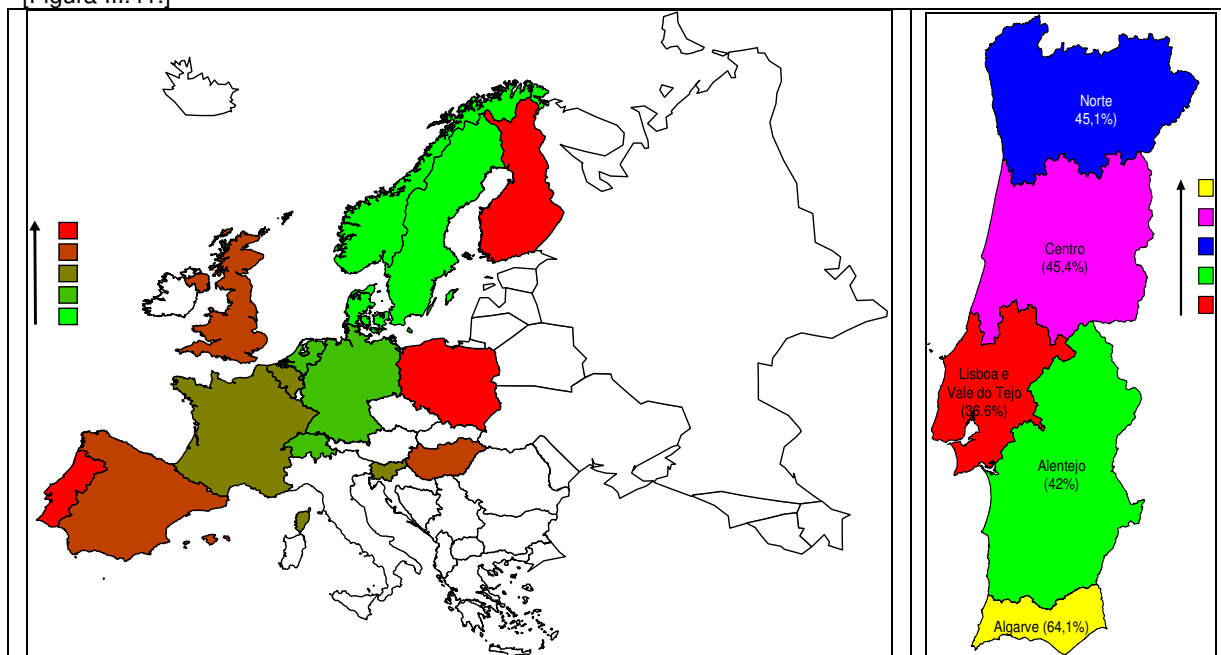
Se o desinteresse pela política é um sintoma preocupante, as dificuldades em perceber a política, certamente, não o são menos pois em concreto pode traduzir-se em tomadas decisão pouco informadas, de que é exemplo o acto de votar. As campanhas eleitorais têm como principal finalidade, como se sabe, convencer os indecisos. O anátema de que os candidatos mentem todos e, quando estão no poder não cumprem as promessas que fizeram decorre da “impossibilidade” de o fazerem. Mente-se mais quando o público-alvo quer que lhe mintam. Ou seja, um candidato que diga a “verdade” não tem hipóteses de ser eleito, como bem tem demonstrado a ciência política. Advém daí a importância do marketing político que, a exemplo do marketing comercial, pretende “vender” um candidato, exaltando, para o efeito as suas pretensas qualidades, mas escamoteando os seus defeitos.

Daí a importância da resposta à seguinte questão colocada pelo ESS: “Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente, o que se está a passar?”. Como mostra a figura seguinte, Portugal, Finlândia⁴⁵ e Polónia são os europeus que mais acham que a política é uma coisa complicada. Em Portugal é no Algarve que mais se acha que a política é complicada, o que revela total consistência com o interesse pela política, como vimos.

⁴⁵ Recorde-se que entre os escandinavos, os finlandeses são os que menos respondem que têm “muito interesse pela política”.

“A política é uma coisa complicada”, na Europa e em Portugal⁴⁶

[Figura III.41.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Ainda em Portugal, as diferenças entre homens e mulheres⁴⁷ são totalmente consistentes com o que se observou no interesse pela política e confirmam os resultados observados:

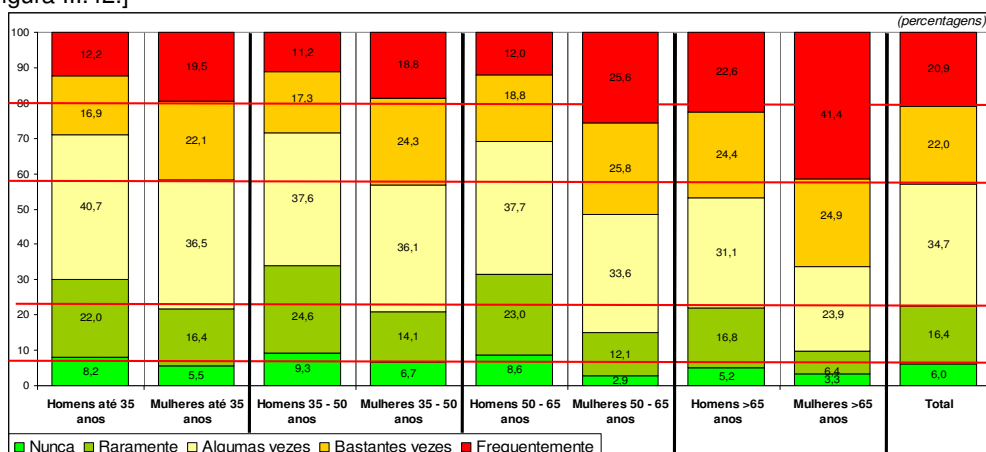
- no mesmo escalão etário as mulheres afirmam sempre mais que os homens, que a política é uma coisa complicada e menos que nunca é complicada;
- são os mais velhos, homens (22,6%) e mulheres (41,4%) que mais dizem que a política é complicada;
- os homens (11,2%) e as mulheres (18,8%) que mais dizem que a política nunca lhe parece complicada, estão no escalão etário dos 35 aos 50 anos.

⁴⁶ Soma das categorias “bastantes vezes”+ “frequentemente”

⁴⁷ Diferenças estatisticamente significativas: $F(1, 8012) = 296,284$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,04$

“A política é uma coisa complicada” em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.42.]

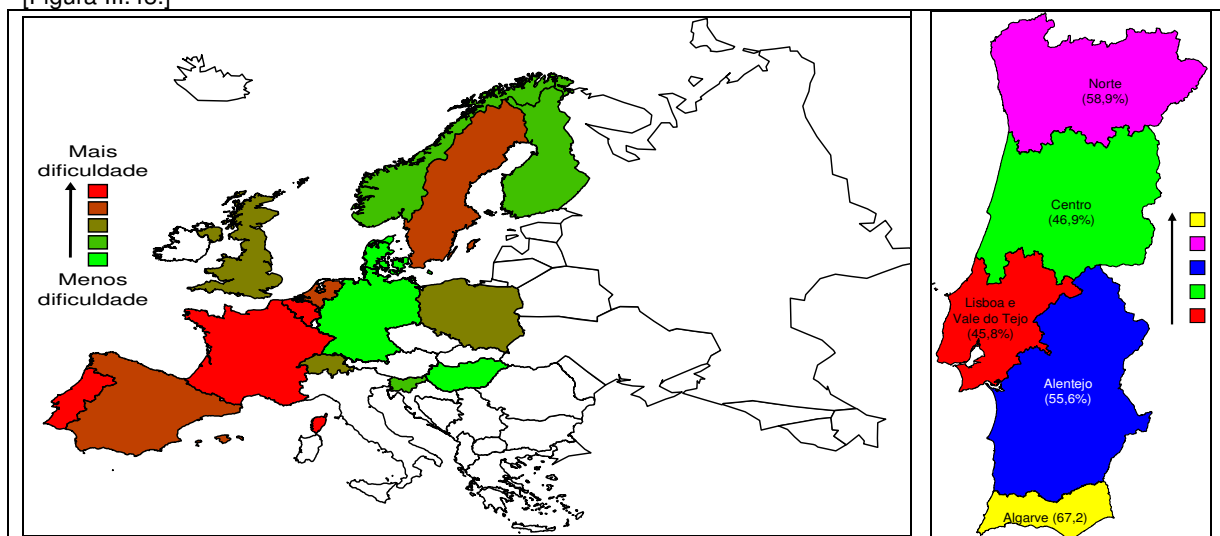


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Um outro indicador importante para perceber a relação dos cidadãos com a política é a resposta à questão: “De uma forma geral, qual o grau de dificuldade que sente em tomar uma posição acerca de questões políticas?”. Portugal, revelando total consistência com o facto de ser o país com menor interesse pela política e mais achar que a política é complicada, é também o que mais refere que tem dificuldades em tomar posições políticas, emparceirando aqui, surpreendentemente, com a França e a Bélgica. Ainda em Portugal, mais uma vez, é o Algarve que apresenta os valores percentuais mais elevados e Lisboa e Vale do Tejo os mais baixos.

Dificuldade em tomar posições políticas, na Europa e em Portugal⁴⁸

[Figura III.43.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

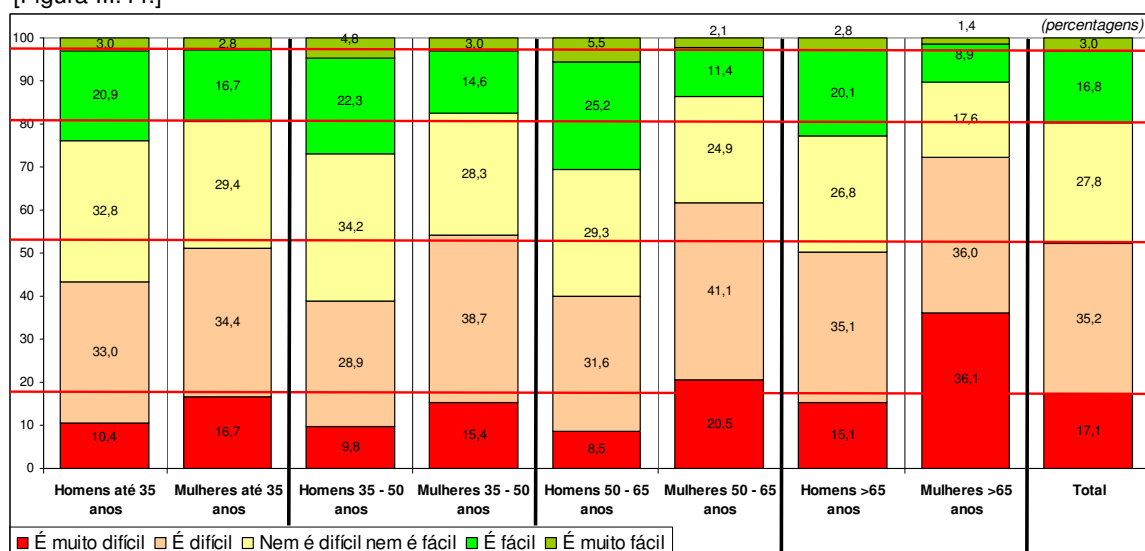
⁴⁸ Soma das categorias “É muito difícil” + “É difícil”.

Também neste indicador as diferenças entre homens e mulheres em Portugal são estatisticamente significativas⁴⁹, indo no mesmo sentido do que já se observou anteriormente:

- no mesmo escalão etário as mulheres afirmam sempre mais que os homens, que é muito difícil tomarem uma posição política;
- são os mais velhos, homens (15,1%) e mulheres (36,1%) que mais dizem que é muito difícil (36,1%);
- são os homens entre 50 e 65 anos (8,5%) e as mulheres entre os 35 e 50 anos (15,4%) que menos dizem que é muito difícil.

Dificuldade em tomar posições políticas em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.44.]



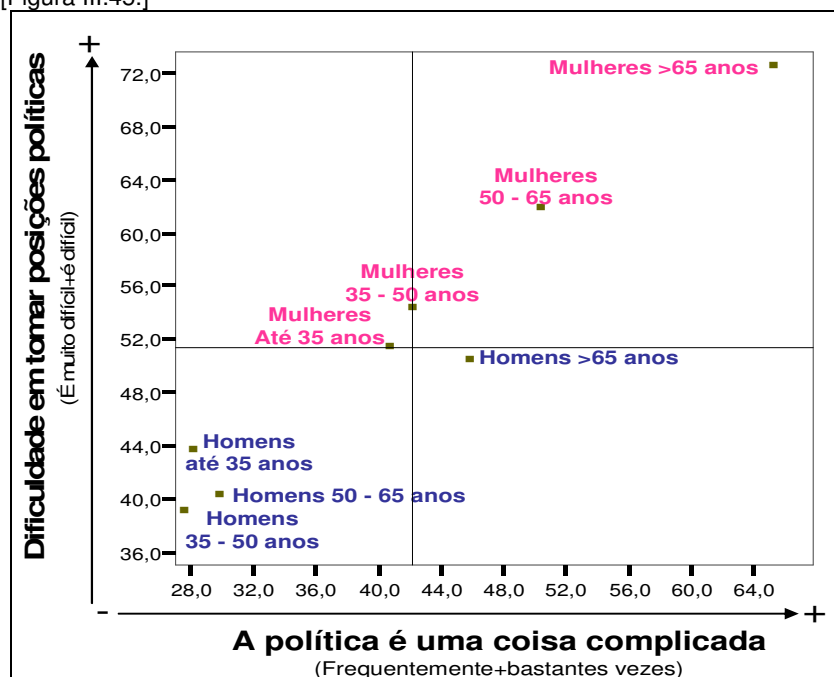
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

O cruzamento da “dificuldade em tomar posições políticas” com “a política é uma coisa complicada” mostra uma clara diferença de género na dificuldade com a política: maior nas mulheres e menor nos homens, em todos os escalões etários:

⁴⁹ $F(1, 7920) = 289,700; p < 0,001; \eta^2 = 0,04$

“A política parece complicada e “Dificuldade em tomar posições políticas” em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.45.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

O Índice sintético de dificuldade com a política⁵⁰, construído a partir da agregação dos resultados dos dois indicadores – “a política parece complicada” e “dificuldade em tomar posições políticas” – confirma os resultados que vimos para cada um dos indicadores, e sintetiza bem, permitindo visualizar melhor, a posição relativa dos países na Europa⁵¹ e das Regiões em Portugal, como se verifica na figura seguinte, a Escandinávia e o Centro da Europa têm menos dificuldade e Portugal e Espanha têm mais. Em Portugal, o Algarve tem mais dificuldade e Lisboa e Vale do Tejo tem menos⁵²:

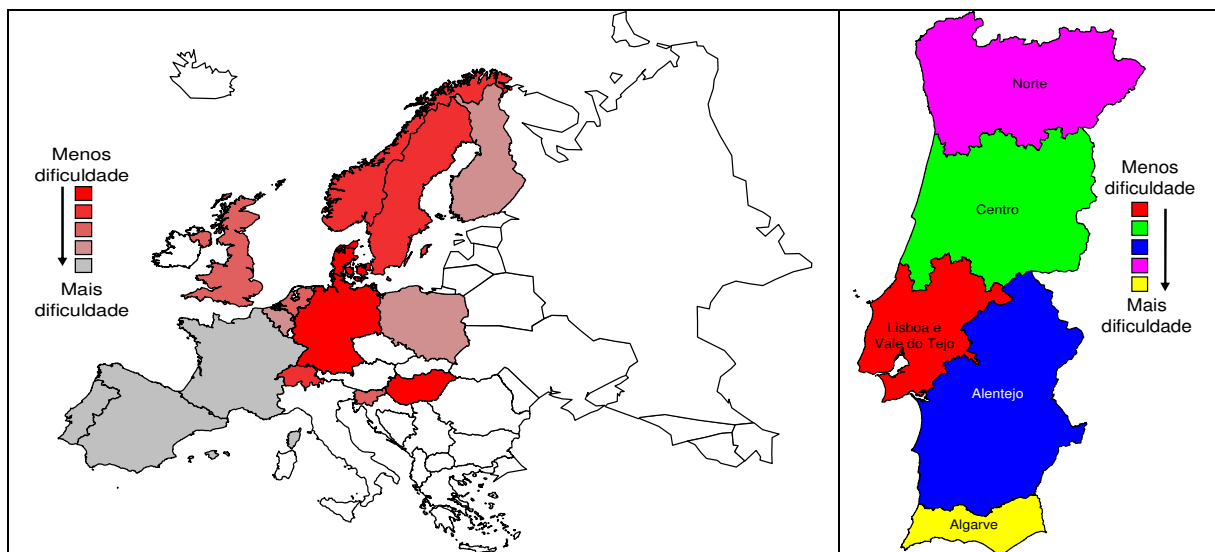
⁵⁰ Alpha de Cronbach: 0,61; Variância explicada: 72,2%.

⁵¹ Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(14, 112246) = 280,481$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,034$

⁵² Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 7839) = 50,836$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,025$

Dificuldade com a política na Europa e em Portugal

[Figura III.46.]

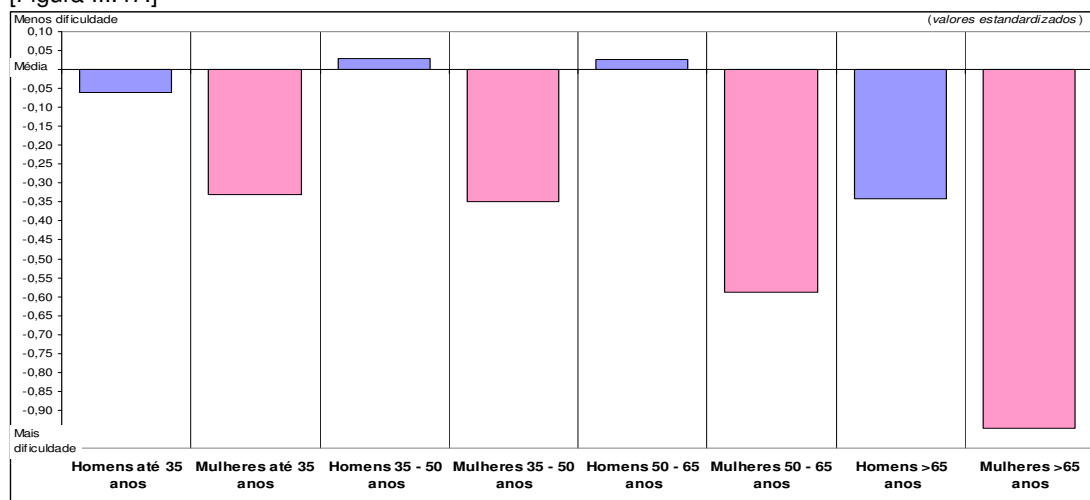


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Na análise por sexo e idade em Portugal, os resultados também são bem expressivos, salientando as diferenças de género observadas na análise dos dois indicadores individualmente:

Dificuldade com a política em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.47.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Em todos os escalões etários as mulheres têm mais dificuldade com a política⁵³ do que os homens e é o escalão etário 50 a 65 anos que revela maiores diferenças.

⁵³ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 7842) = 102,871$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,084$

3.3. Simpatia partidária e voto

“Um eleitor que declara o seu voto já não é um simples eleitor, começa a tornar-se um simpatizante... a sua confissão traz já em si um elemento de propaganda; ela aproxima-o igualmente dos outros simpatizantes e cria os primeiros laços duma comunidade”

Maurice Duverger⁵⁴

De acordo com Viegas (2003) “O aumento do abstencionismo em meios urbanos e escolarizados, a diminuição da fidelidade partidária no voto eleitoral, a menor relevância do posicionamento ideológico esquerda/direita, o crescimento do individualismo e do voto conjuntural e instrumental, são algumas das novas tendências atitudinais e comportamentais que evidenciaram as insuficiências das explicações tradicionais sobre a abstenção”. Ao analisar a abstenção nas eleições legislativas de 2002, e ao procurar variáveis explicativas do voto, nota que a simpatia partidária é um preditor importante, já que “a variância explicada aumenta para 35,9% e as variáveis com maior peso passam a ser: “o interesse pela política”, a “idade”, que se mantém, e a «simpatia partidária»”. Os resultados do ESS confirmam aqueles resultados pois, como mostra a figura seguinte, entre os que têm simpatia por um partido⁵⁵, apenas 10,7% dizem que não votaram nas últimas eleições nacionais⁵⁶, enquanto nos que não têm, aquele valor ascende a 31,8%⁵⁷:

⁵⁴ Citado por Cot e Mounier (1976: 147).

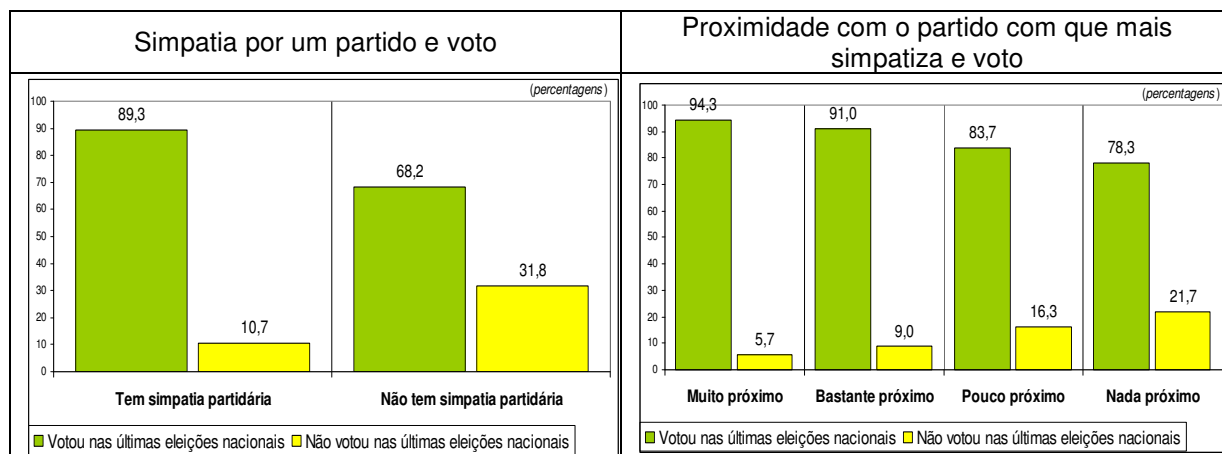
⁵⁵ A questão é formulada da seguinte forma: “Há algum partido pelo qual sinta mais simpatia do que pelos outros?”

⁵⁶ A questão é formulada da seguinte forma: “Por uma razão ou por outra, actualmente muitas pessoas não votam. O(a) sr(a) votou nas últimas eleições para [o inquiridor refere a última eleição nacional]?”

⁵⁷ Os resultados referem-se só aos inquiridos com capacidade eleitoral e as diferenças são estatisticamente significativas: $\chi^2(1) = 6973,119; p < 0,001$.

Simpatia partidária e voto na Europa

[Figura III.48.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Chama-se a atenção, no entanto, para o efeito de “desejabilidade social” nas respostas sobre o voto, uma vez que, quando confrontados directamente sobre atitudes e comportamentos, como é o caso nestes dados, os inquiridos tenderem a dar a “boa resposta” empolando o que é bem aceita socialmente. Ou seja as diferenças entre a abstenção real e a declaração não anónima de ter ou não votado, revelam essa prática. Assim, devemos interpretar estes dados como representações sociais de comportamentos efectivos. Não obstante, dizer que votou sem ter votado é uma forma de autocensura moral por não o ter feito, que revela consciência da falta.

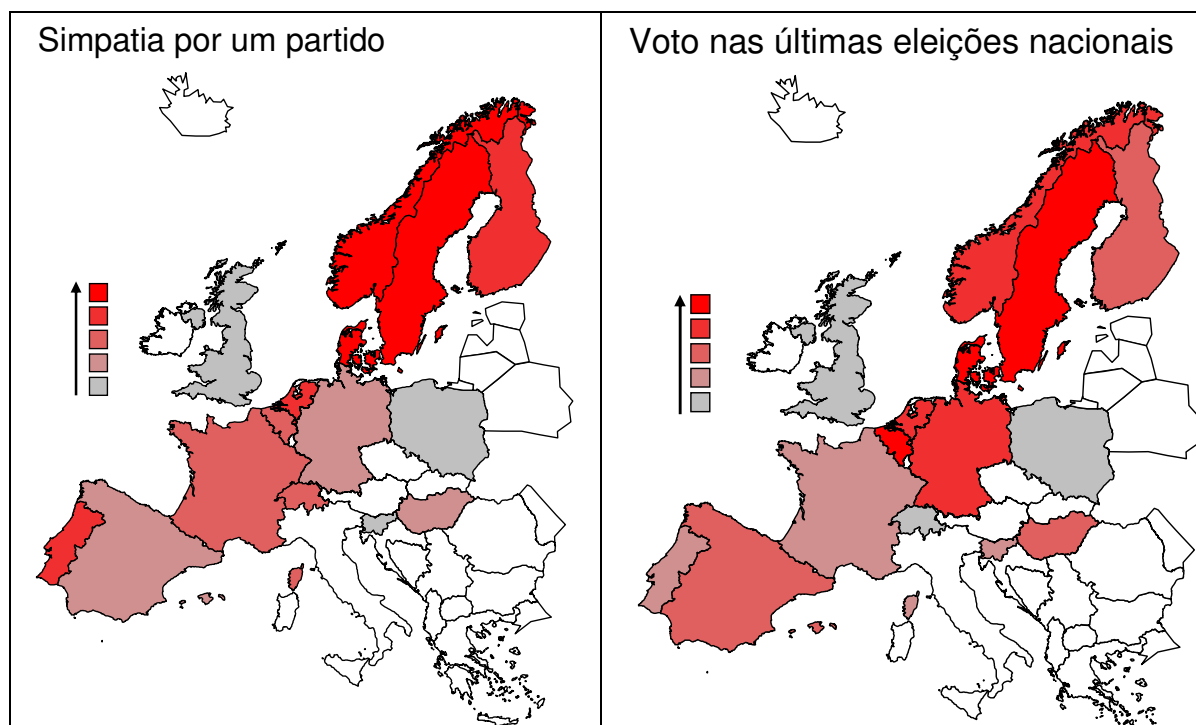
A proximidade que se sente com o partido com que mais se simpatiza⁵⁸, como também sugerem os resultados, parece ter influência no acto de votar, uma vez que os que mais dizem que votam são os que mais dizem que se sentem muito ou bastante próximos.

No entanto, se a observação é válida para o conjunto dos países, entre países é possível observar algumas diferenças de consonância entre a simpatia partidária e o voto, como mostra a figura seguinte:

⁵⁸ A questão é formulada da seguinte forma: “Qual a proximidade que sente relativamente a esse partido?” Os resultados referem-se só aos inquiridos com simpatia por um partido e as diferenças são estatisticamente significativas: $U = -28,444$; $p < 0,001$.

Simpatia por um partido e voto na Europa, por país

[Figura III.49.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

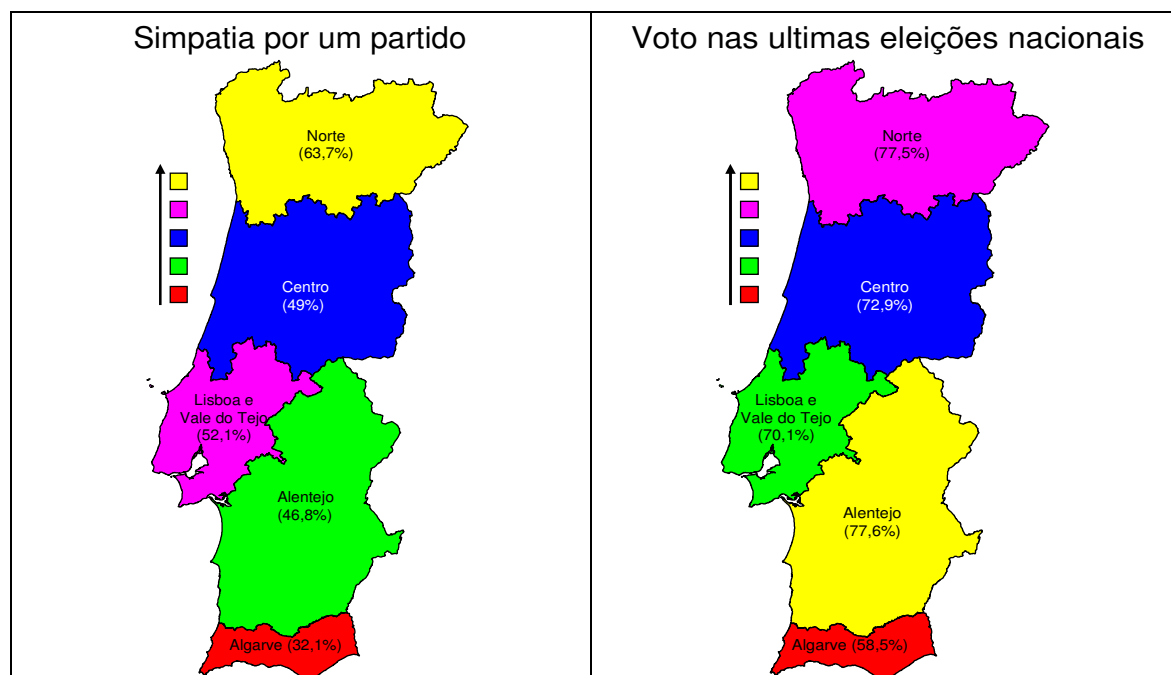
Os países Escandinavos, que estão entre os países com mais simpatia partidária, são também os países onde mais se vota, sucedendo o inverso com o Reino Unido e a Polónia que, revelando menos simpatia partidária, estão também entre os países em que menos se vota. Mas já no que se refere a Portugal, note-se que estando entre os que mais têm simpatia por um partido, está entre os que menos votam. Atente-se ainda o facto curioso da Alemanha, porventura a carecer de estudos mais pormenorizados, que sendo dos países que revelam menores percentagens de simpatizantes com um partido, está entre os que mais votam.

Em Portugal, por região⁵⁹, podemos verificar que a simpatia partidária não apresenta consonância com o voto pois, como mostra a figura seguinte, enquanto o Algarve e o Centro mantêm a mesma posição nos dois indicadores, 4º e 3º lugar, respectivamente, o Norte, 1º na simpatia, troca com Alentejo no voto. Lisboa e Vale do Tejo que estava em 2º lugar na simpatia, queda-se pelo 4º lugar no voto.

⁵⁹ Os resultados referem-se só aos inquiridos com capacidade eleitoral e as diferenças são estatisticamente significativas: $\chi^2(4) = 201,475$; $p < 0,001$.

Simpatia por um partido e voto em Portugal, por região

[Figura III.50.]

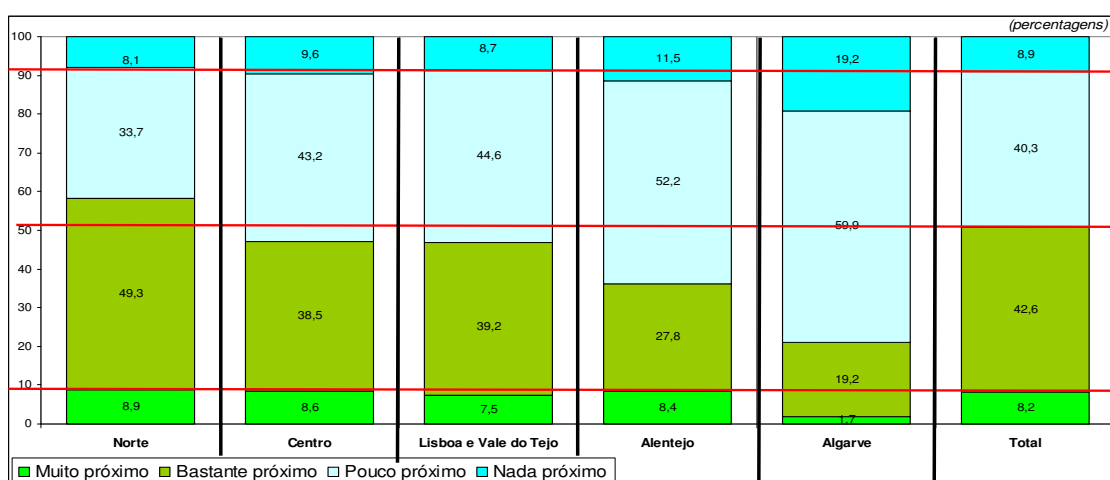


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Quanto à proximidade com o partido com que mais simpatiza⁶⁰, é na região do Norte que se observa a maior proximidade, seguida do Centro e Lisboa e Vale do Tejo. O Algarve, em consonância com a simpatia e o voto, é a região com os menores índices de proximidade com os partidos, como revela a figura seguinte:

Proximidade com o partido que mais simpatiza, em Portugal, por região

[Figura III.51.]



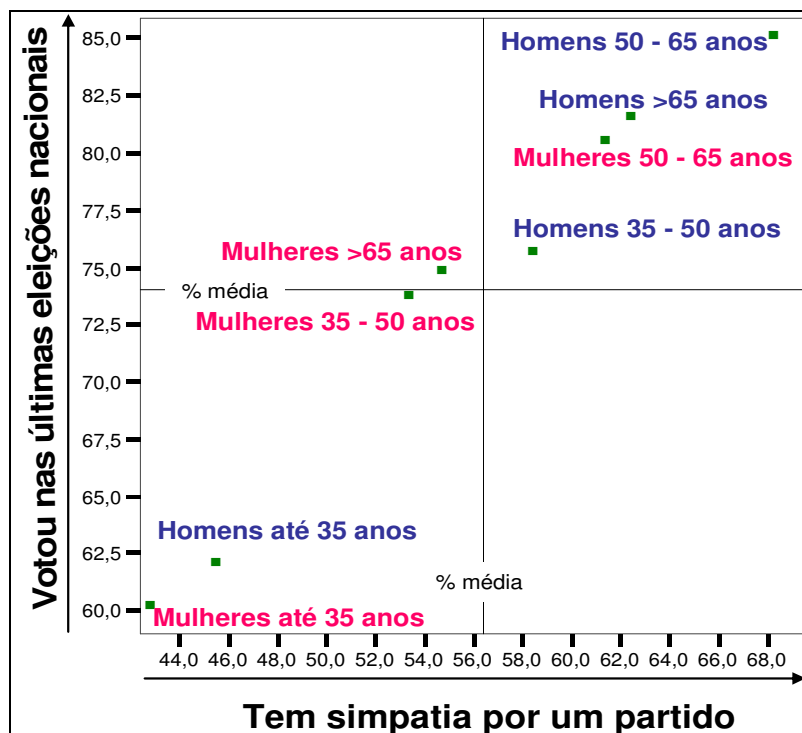
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁶⁰ Os resultados referem-se só aos inquiridos com simpatia por um partido e as diferenças são estatisticamente significativas: $H(4) = 76,766$; $p < 0,001$.

A análise por sexo e idade em Portugal revela que são os mais novos – homens e mulheres – que menos simpatizam com um partido e menos votam. No pólo oposto, estão os homens com 50 anos ou mais e as mulheres entre 50 a 65 anos.

Simpatia por um partido e voto em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.52.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Estes resultados são preocupantes pois a “desafeição” dos mais jovens relativamente à intervenção cívica expressa na simpatia partidária e no voto pode indiciar que os partidos não conseguem mobilizar a juventude.

3.4. Autoposicionamento político

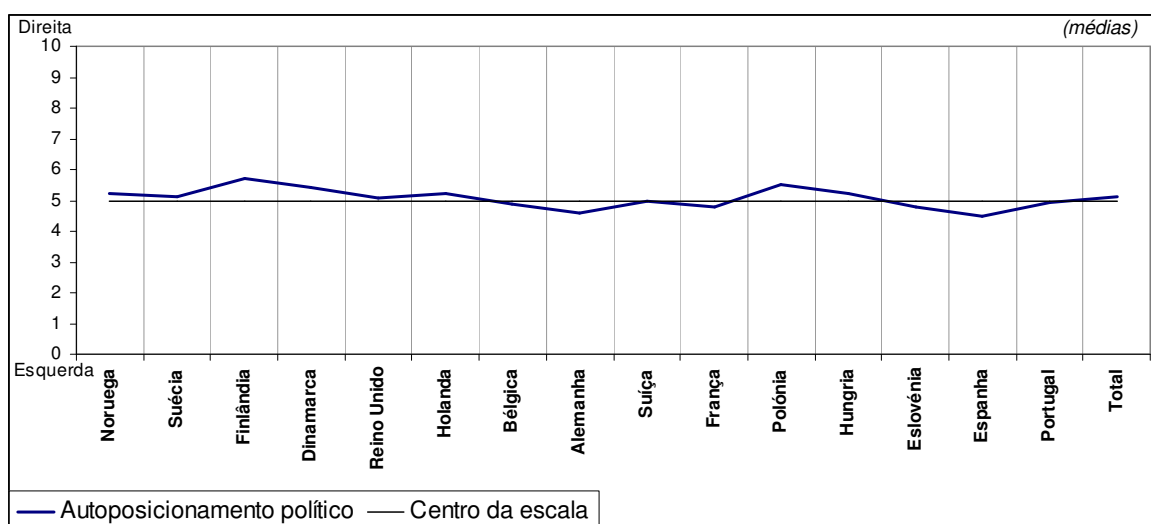
“Uma das componentes fundamentais do posicionamento dos indivíduos no esquema esquerda-direita diz respeito à relação desse posicionamento com a atitude dos sujeitos perante os temas centrais do conflito político nas democracias ocidentais, os quais têm geralmente sistemas de valores associados

André Freire⁶¹

Como escreveu alguns Eduardo Prado Coelho, e cito de memória, quando alguém diz que já não há razão para distinguir a esquerda da direita, é porque é... de direita. Vem isto a propósito da dicotomia esquerda direita no discurso político, por um lado, e do significado que isso pode ter para o cidadão comum, por outro. Com efeito, quando analisamos a resposta à seguinte questão constante do ESS: “Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?”, os resultados parecem desconcertantes, como se pode observar na figura seguinte:

Autoposicionamento político na Europa, por país

[Figura III.53.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁶¹ *Esquerda e Direita na Política Europeia: Portugal, Espanha e Grécia em Perspectiva Comparada*, p. 99.

A conclusão mais imediata é a de que falar em esquerda e direita na Europa já não faz sentido. Mas será mesmo assim? Como nota Freire (2006: 171-173), “a componente partidária da ideologia refere-se à parte do posicionamento ideológico que, não sendo explicável pelas opções valorativas dos indivíduos, remete para a identificação destes com os partidos políticos. Ou seja, neste caso, os indivíduos posicionam-se à esquerda ou direita mais em função de se identificarem com partidos de esquerda ou de direita, respectivamente, do que por partilharem determinadas preferências em matéria de políticas públicas e/ou dos sistemas de valores que lhes estão subjacentes”.

Nesta perspectiva, e tomando como adquirido que a identificação esquerda/direita, mesmo se em função de um partido, é subjectiva, uma vez que para quem é de direita, o centro já é esquerda e vice-versa, a nossa proposta é a de usar outra medida que não a resposta à pergunta directa, até porque, seja de direita ou de esquerda, os inquiridos “fogem” de autoposicionamentos extremos. A desejabilidade social desta resposta está em considerarem-se “moderados”. Assim, parece-nos pertinente usar como medida do autoposicionamento o desvio individual em relação à média do país⁶² que, como vimos na figura III.54., corresponde, com poucas variações, ao centro da escala⁶³. Em abono desta proposta saliente-se, ainda, o facto de ser uma evidência que vem sendo verificada empiricamente, que a Europa é, na esmagadora maioria dos países, governada ao centro. Este procedimento permitirá, por conseguinte, perceber o autoposicionamento político de grupos sociais dentro de cada país e no conjunto de países, tomando como referência o seu desvio em relação à média do país (centro). Neste caso, valores médios (0) significam centro, inferiores a 0, esquerda e superiores a 0, direita, uma vez que a escala original vai da esquerda (0) para a direita (10). Como mostra a figura a seguinte, globalmente, as

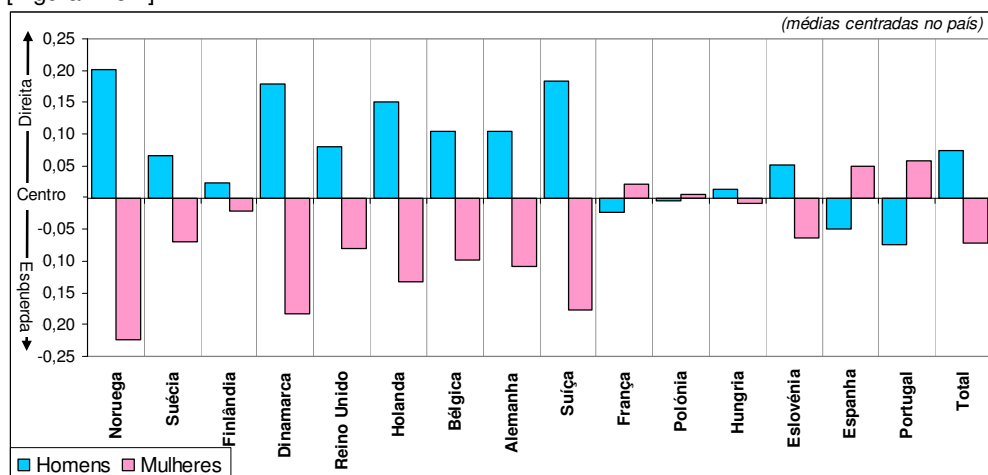
⁶² A média do país é assim o referencial individual para o autoposicionamento político. Este procedimento minimiza, assim, as dificuldades de comparação entre grupos de países diferentes, associadas às idiosincrasias nas respostas a inquéritos por questionário que tem vindo a ser apontadas em muitos trabalhos de investigação. Sabe-se, por exemplo, e o ESS tem ajudado a dar visibilidade a esse facto, que em escalas crescentes, como satisfação/insatisfação, discordância/concordância, etc. os escandinavos tendem a escolher categorias de resposta colocadas à direita do ponto central, enquanto os países do sul da Europa escolhem categorias à esquerda.

⁶³ O procedimento consiste em centrar a média no país, subtraindo às respostas dos inquiridos em cada país, a respectiva média do país.

mulheres estão à esquerda e os homens à direita⁶⁴, o que é válido para a maioria dos países, sendo exceção a França, Espanha e Portugal. Na Polónia e na Hungria, homens e mulheres diferem muito pouco na posição central.

Autoposicionamento político na Europa, por sexo

[Figura III.54.]

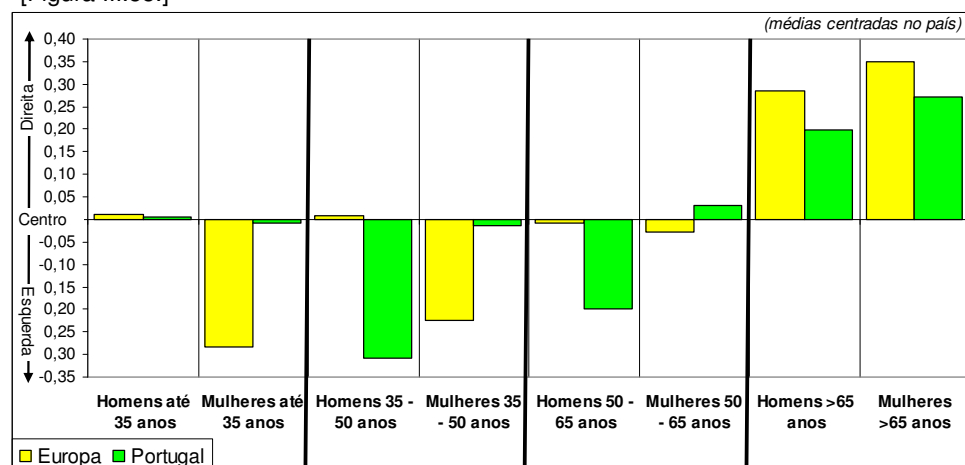


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A análise por sexo e idade na Europa⁶⁵ e em Portugal⁶⁶ mostra, contudo, alguns resultados curiosos, como se observa na figura seguinte:

Autoposicionamento político na Europa e em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.55.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁶⁴ Diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres: $F(1, 101810) = 124,030$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,001$

⁶⁵ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 101573) = 122,956$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,008$

⁶⁶ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 5740) = 4,966$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,006$

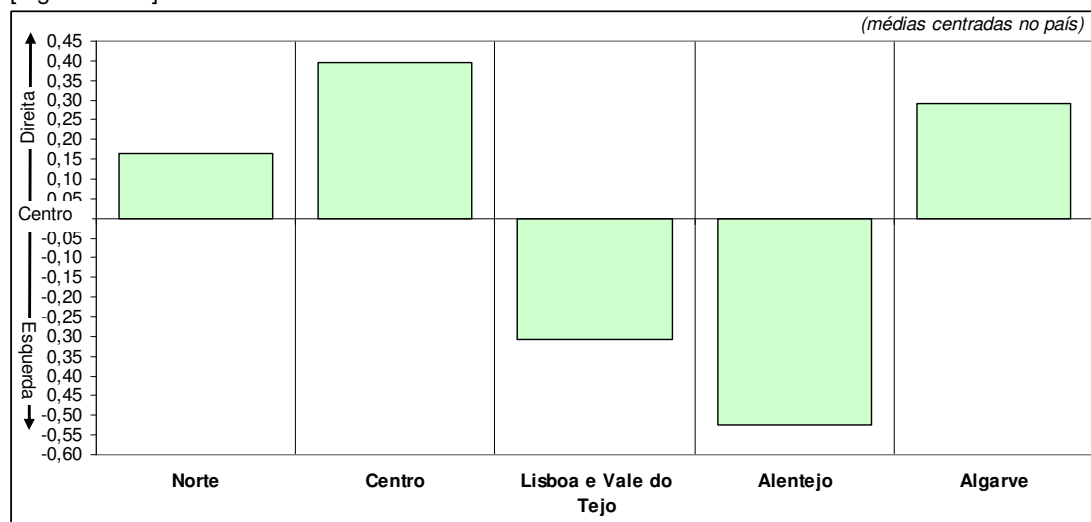
1. Até aos 35 anos: os homens autoposicionam-se ao centro na Europa e as mulheres em Portugal mas, na Europa, situam-se à esquerda;
2. Entre os 35 e os 50 anos: homens ao centro na Europa e à esquerda em Portugal, verificando-se o inverso nas mulheres, que estão à esquerda na Europa e ao centro em Portugal;
3. Dos 50 aos 65 anos: homens ao centro na Europa e à esquerda em Portugal, situando-se as mulheres ao centro, tanto na Europa como em Portugal;
4. Mais de 65 anos: homens e mulheres autoposicionam-se, claramente, à direita.

Caso estes resultados mostrem estabilidade, podemos concluir que com o envelhecimento da população a Europa tenderá a autoposicionar-se dada vez mais à direita.

Em Portugal⁶⁷, os resultados que se mostram na figura seguinte dizem que o Centro, o Algarve e o Norte, por esta ordem, se autoposicionam à direita, enquanto o Alentejo e Lisboa se situam à esquerda.

Autoposicionamento político em Portugal, por região

[Figura III.56.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁶⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 5743) = 30,197$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,021$

Conclusão

Relativamente ao interesse pela política, a primeira conclusão a retirar destes dados é a de que são perfeitamente consistentes, no que se refere a Portugal, com o que se observou no capítulo da confiança. Um dos países que se revelam menos confiante, o 2º, já que o primeiro é a Polónia, também é o que mais denota não ter interesse pela política, achar que a política é uma coisa complicada e ter dificuldades em tomar posições políticas.

Sabendo-se que o distanciamento da política condiciona o exercício pleno da cidadania, notou-se que em todos os países são os homens que declaram mais “interesse pela política”. Ao invés, as mulheres referem, mais do que os homens, que acham a “política complicada” e que “têm dificuldade em tomar uma posição acerca de questões políticas”. Schweisguth (2004: 257) já tinha chamado a atenção para o facto de, em França, constituir ideia adquirida que a política está em crise, manifestando-se o desinteresse por esta de tal forma, que era possível falar numa tendência para a despolitização, cuja causa mais frequentemente avançada seria o “comportamento dos próprios actores políticos”, nomeadamente, os numerosos escândalos políticos que puseram em causa a sua credibilidade.

Através do “Índice sintético de dificuldade com a política”, que sintetiza a informação de dois indicadores instrumentais – “a política parece complicada”, e “dificuldade em tomar posições políticas” – foi possível concluir que a Escandinávia e o Centro da Europa têm menos dificuldade e Portugal, Espanha e a Polónia têm mais. Em Portugal é o Algarve que tem mais dificuldade e Lisboa e Vale do Tejo tem menos e, em todos os escalões etários as mulheres têm mais dificuldade com a política do que os homens, registando-se as maiores diferenças no escalão etário 50 a 65 anos.

A relação entre a simpatia por um partido e o voto não é linear. Sendo aquela maior nos países Escandinavos - onde mais se vota - observou-se que a Alemanha, que está entre estes últimos, regista valores baixos na simpatia partidária.

Portugal, ao contrário, está entre os países com mais simpatia por um partido e entre os que menos votam. A região Norte é a que tem maior proximidade com o partido

com que mais se simpatiza, seguida do Centro e Lisboa e Vale do Tejo. O Algarve regista os menores valores, tanto em simpatia como no voto. Nota-se também uma clara diferença de género, uma vez que, em todos os escalões etários, as mulheres simpatizam menos com um partido e votam menos que os homens.

No que se refere ao autoposicionamento político, notou-se que na Europa os cidadãos se autoposicionam maioritariamente em torno do centro da escala, ou seja, identificam-se com posições moderadas ao centro. A maioria das pessoas evita situar-se à esquerda e à direita, escolhendo o centro. Claro que falamos de grandes grupos (países, homens/mulheres, etc.) e sabemos como a “teoria do limite central”, oriunda da estatística, tem um efeito homogeneizador que encobre as diferenças individuais ou dos pequenos grupos. Falar em termos médios é falar do que não existe, como se sabe. Assim, há que interpretar com parcimónia os dados salientando que se referem apenas a pequenas variações em torno da média na dicotomia esquerda/direita. Alguns dirão, no entanto, que se trata de pequenas variações relevantes e que assinalam claras regularidades.

Não obstante, observaram-se diferenças entre homens e mulheres, com estas, na maior parte dos países, a posicionarem-se à esquerda dos homens. Portugal é uma excepção, pois os homens estão à esquerda das mulheres, excepto no escalão etário “até aos 35 anos”, onde ambos convergem em posições centrais. Inquéritos sobre autoposicionamento político, e mesmo sobre o voto, realizados a partir dos anos 80 nos Estados Unidos e na maioria dos países da União Europeia, confirmam estes resultados. As mulheres posicionam-se sistematicamente mais à esquerda do que os homens, mesmo no voto (cfr. Inglehart e Norris, 2003). Tendência que tem sido designada como a passagem de um *traditional gender gap*, para um *modern gender gap*. Enquanto nos anos 50 e 60 parecia adquirido que as mulheres se posicionavam sempre à direita dos homens, a partir dos anos 80 verificou-se que, de forma mais sistemática nos países mais desenvolvidos, as mulheres tendem a posicionar-se à esquerda dos homens.

Para explicar esta tendência – que se desenhou nos EUA a partir dos anos 80 quando as mulheres começaram a deslocar o seu voto para o partido democrata, tem-se avançado que os partidos de esquerda tendem a estar mais comprometidos com apoios ao Estado-Providência, aos serviços públicos de apoio às crianças e à família, têm mais

preocupações ecológicas, com a educação e com os direitos reprodutivos, posições essas a que, como se mostra em vários estudos de opinião, as mulheres são particularmente sensíveis (Inglehart e Norris, 2003). Nas questões da igualdade de género, a maior participação e afirmação das mulheres na vida pública e na política, de que é exemplo a questão das quotas, a luta pela afirmação dos seus direitos e contra a discriminação, são também tópicos tendencialmente tematizados à esquerda.

Com efeito, embora, num primeiro momento, se tivesse pensado que o facto de as mulheres se aproximarem cada vez mais dos homens nas suas escolhas políticas, deixando as suas antigas posições mais à direita, possa também ser explicado como efeito da maior escolarização e da maior participação femininas no mercado de trabalho, a verdade é que, em muitos estudos, mesmo controlando essas variáveis, se verifica a persistência de diferenças entre os sexos, desta vez posicionando-se as mulheres sempre à esquerda dos homens (cf. Inglehart e Norris, 2003).

Apesar de tudo, conclui-se que as mulheres, em todos os países, de forma muito regular, têm mais dificuldade com a política do que os homens. Esta diferença, perante o universo de funcionamento do “político”, pode ser explicada pela conjugação de diferentes factores quer de ordem estrutural, quer cultural. Por um lado, as condições objectivas da vida quotidiana da maior parte das mulheres avaliadas, nomeadamente, através da estrita contabilidade horária do tempo ocupado com actividade profissional e responsabilidades familiares, torna difícil a existência de tempo disponível para qualquer forma de participação política, como resulta tão claro no caso português (cfr. Torres, Silva, Monteiro e Cabrita, 2004^a e Torres e Brites, 2007). E faz sentido lembrar, igualmente, que uma das formas mais subtis da dominação masculina é aquela que se pressente através da autoresponsabilização feminina pelo exercício das tarefas familiares quando, em condições de dispêndio de tempo igual ao dos homens na actividade profissional, deveriam estas ser repartidas também em condições de igualdade.

Mas o menor interesse pela política e a menor disponibilidade para a participação por parte das mulheres, tanto na Europa como em Portugal, podem também ser explicados pela existência de obstáculos específicos como o próprio funcionamento das instituições e do espaço político (Viegas e Faria, 2001) cujos ritmos se conjugam mal com os ritmos das

responsabilidades familiares – das quais os homens parecem estar dispensados. De forma persistente também se tem concluído, a partir dos resultados de inquéritos em vários países, que o “activismo político” feminino regista sempre valores inferiores ao masculino ainda que essas diferenças sejam menores nos países mais desenvolvidos. Também aí se conclui que, as mulheres mais velhas, mais religiosas, menos escolarizadas e que não participam no mercado de trabalho, têm ainda maior distanciamento da política (Inglehart e Norris, 2003).

Também se pode admitir que o conjunto de características que levam as mulheres a posicionarem-se à esquerda na maior parte dos países europeus, estejam menos presentes nos países pós-comunistas e em Espanha e Portugal. Nos primeiros, pelo processo histórico recente e nos segundos pelo facto de o Estado-Providência ser aqui mais deficitário, revelando-se menos protagonista de medidas que protegem interesses a que as mulheres são mais sensíveis, ou de persistirem lógicas mais tradicionalistas quanto ao desempenho dos papéis na família, pode contribuir para um autoposicionamento político mais à direita. Do mesmo modo é indubitável a menor força dos movimentos feministas nestes países, movimentos que estão habitualmente também conotados à esquerda.

O autoposicionamento político em Portugal mostra que o Centro, o Algarve e o Norte, por esta ordem, se autoposicionam à direita, enquanto o Alentejo e Lisboa à esquerda. Villaverde Cabral demonstrou, com base nos resultados de um inquérito por questionário realizado em 1994 (Cfr. 1995: 201) que a “clivagem Esquerda-Direita é, contudo, tanto mais ténue quanto os dois maiores grupos de simpatia partidária (PS e PSD, representando entre eles 50% da população) revelam padrões atitudinais, disposições cognitivas e comportamentos cívicos bastante próximos dos perfis nacionais, ficando as diferenças a dever-se ao facto de os «simpatizantes» do PS serem mais jovens e mais inseridos na vida activa, nomeadamente como assalariados, do que os do PSD.

4. Cidadania

“Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa – salvar a humanidade”

Almada Negreiros

O conceito de cidadania, que remonta à *polis* grega, remete tanto para a normatividade como para a participação política e social. Associado aos debates sobre a emergência acentuada do individualismo nas sociedades democráticas, assume particular importância perceber quais os valores de cidadania a que os cidadãos dão predominância, uma vez que, como nota Beck (2000: 13), que contesta o facto de se pensar que a individualização significa atomização, isolamento, solidão, etc., defendendo que a “«Individualização» significa, primeiro a descontextualização e, segundo, a recontextualização dos modos de vida da sociedade industrial substituindo-os por outros novos, nos quais os indivíduos têm que produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias”.

4.1. Representações sociais sobre o que é ser um bom cidadão

As representações sociais, que tiveram em Moscovici o seu grande teorizador, são definidas como "um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e de elaboração das respostas, e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade" (Vala, 1986). Possuem uma dupla função: o estabelecimento de uma ordem que capacita os indivíduos para se orientarem e dominarem o seu mundo social, e facilitarem a comunicação entre membros de uma comunidade, dotando-os de um código classificatório da realidade social (cfr. Flath e Moscovici, 1983)

Nesta perspectiva, o conhecimento das representações sociais dos indivíduos, actores sociais na acepção de Touraine, torna-se essencial para perceber os contextos sociais em que operam que, como sublinharam Crozier e Friedberg (cfr. 1977), por mais estruturado que o mesmo seja, deixa ao “actor” uma margem de liberdade que só ele pode gerir. Ou seja: “o actor não existe fora do sistema que define a liberdade que é a sua e a racionalidade que pode utilizar na sua acção. Mas o sistema só existe em função do actor que é o único que o pode usar, dar-lhe vida e mudá-lo”.

O ESS round 1, em 2002, incluiu as seguintes questões relativas á representações sociais da cidadania⁶⁸:

Para se ser um bom cidadão em que medida acha que é importante:

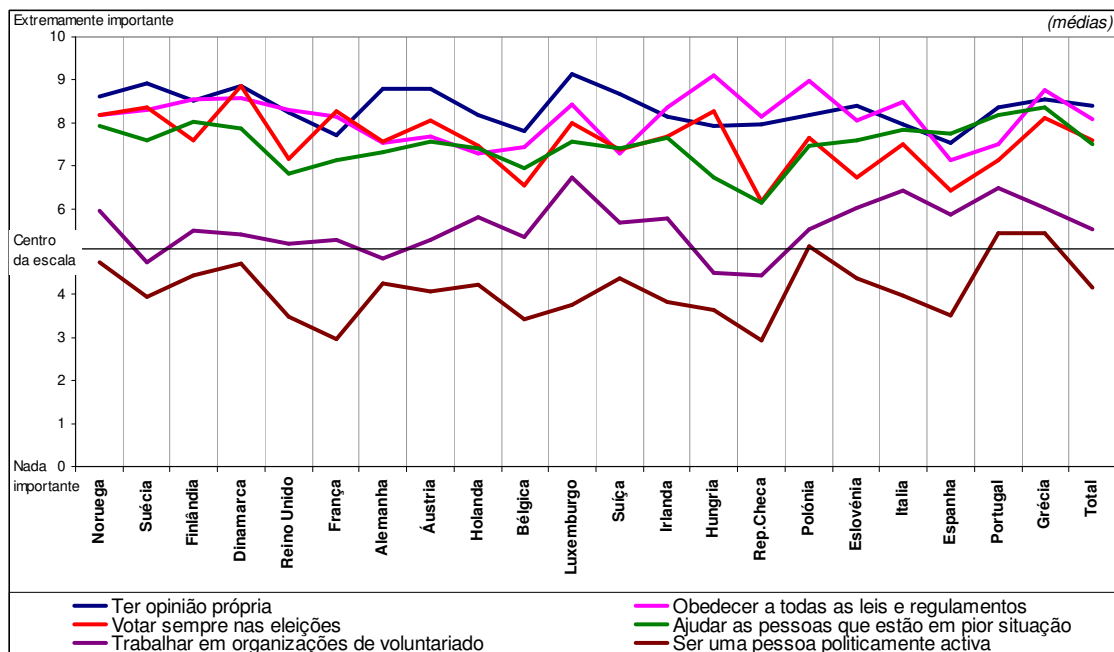
- *“Ajudar os que estão em pior situação?”*.
- *“Votar sempre nas eleições?”*;
- *“Obedecer a todas as leis e regulamentos?”*;
- *“Ter opinião própria independentemente da opinião dos outros?”*;
- *“Trabalhar em organizações de voluntariado?”*;
- *“Ser uma pessoa politicamente activa?”*.

Como se pode observar na figura III.60, o padrão de resposta aos seis indicadores é idêntico em todos os países. “Ter opinião própria”, “obedecer a todas as leis e regulamentos”, “votar sempre nas eleições” e “ajudar as pessoas que estão em pior situação”, registam os valores mais elevados, situados acima do centro da escala em todos os países. Seguem-se “trabalhar em organizações de voluntariado” e “ser uma pessoa politicamente activa” que oscilam em torno do centro da escala, registando o Luxemburgo, Itália e Portugal os valores mais elevados no primeiro e a Hungria e República Checa os mais baixos, enquanto no segundo, que aparece em último lugar em todos os países, Polónia, Portugal e Grécia são os únicos países que apresentam valores ligeiramente acima do centro da escala.

⁶⁸ Medidos através da seguinte escala: 0=nada importante; 10=extremamente importante.

“O que é preciso para ser um bom cidadão”, na Europa, por país

[Figura III.57.]



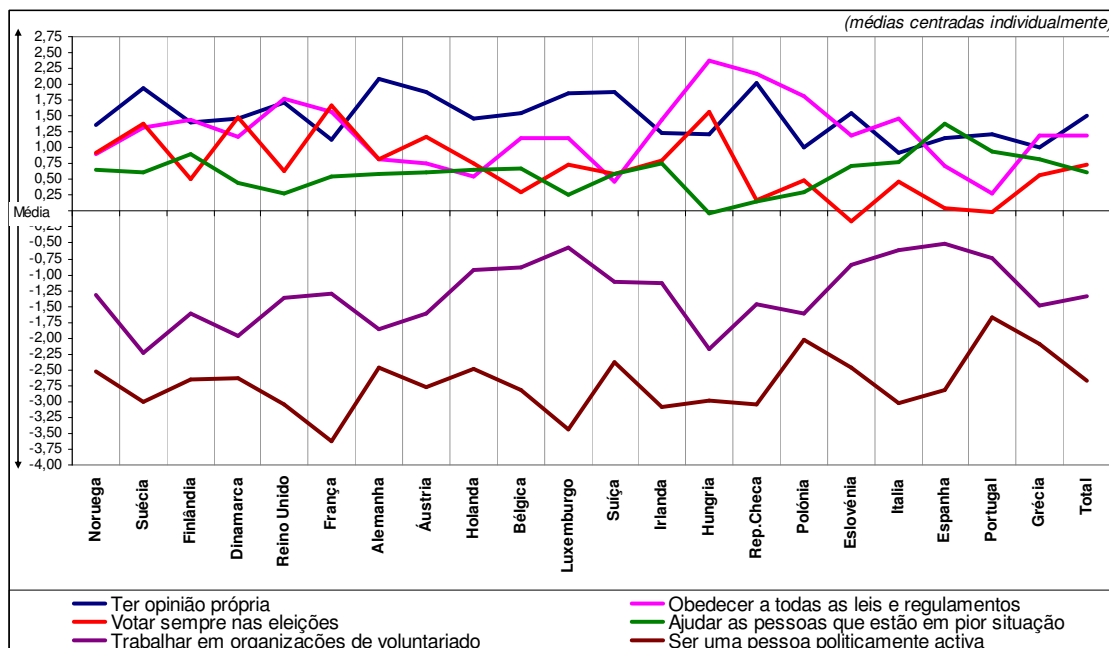
Fonte: ESS1, 2002

Contudo, a forte desejabilidade social associada à resposta a estes indicadores, impõe algum cuidado na sua análise. Assim, seguindo a proposta de Schwartz atrás referida de proceder à hierarquização dos indicadores, procedemos à sua transformação⁶⁹. Os resultados em termos médios, como se pode ver na figura III.61, auto-referenciados à média individual para minimizar os enviesamentos produzidos pela “desejabilidade social”, mostram mais claramente que os europeus, em todos os países, apenas dão importância inferior à média nacional auto-referenciada a “ser uma pessoa politicamente activa” e “trabalhar em Organizações de voluntariado”. Saliente-se ainda, o facto curioso de “obedecer ao todas as leis e regulamentos” registar os valores mais elevados nos países Pós-comunistas e mais baixos em Portugal:

⁶⁹ Recorde-se o procedimento: (1) calcular a média individual para os seis indicadores e (2) subtraí-la a cada um. Neste caso, em que o inquirido é auto-referencial, os resultados devem ser interpretados como inferiores à média individual (<0), média (0) e superiores à média (>0), permitindo, por conseguinte, perceber a hierarquia individual dos indicadores.

“O que é preciso para ser um bom cidadão”, prioridades na Europa, por país

[Figura III.58.]



Fonte: ESS1, 2002

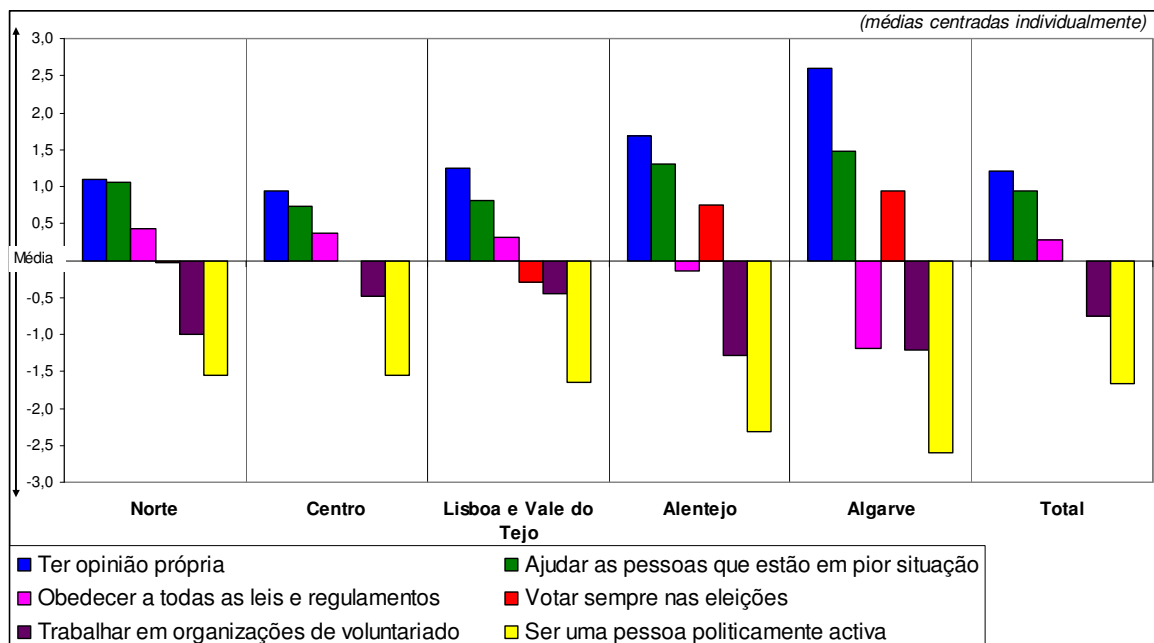
Em Portugal, por regiões, podemos verificar que o padrão nacional é o seguinte, como mostra a figura III.62:

- 1º Ter opinião própria;
- 2º Ajudar as pessoas que estão em pior situação
- 3º Obedecer a todas as leis e regulamentos;
- 4º Votar sempre em eleições (cuja média é 0);
- 5º Trabalhar em Organizações de voluntariado
- 6º Ser uma pessoa politicamente activa.

O Norte e o Centro têm o perfil nacional, de que Lisboa e Vale do Tejo só se afasta ligeiramente por dar importância abaixo da média a “votar sempre em eleições”. O Alentejo e o Algarve invertem a posição em “votar sempre em eleições” (3º) e “obedecer a todas as leis e regulamentos” (4º), dando importância superior à média no primeiro e inferior no segundo.

“O que é preciso para ser um bom cidadão”, prioridades em Portugal, por região

[Figura III.59.]

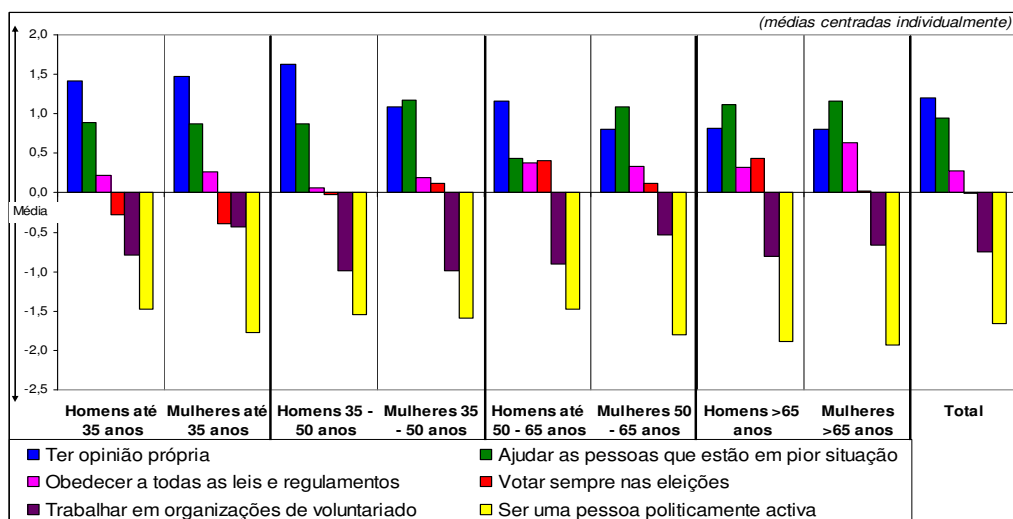


Fonte: ESS1, 2002

Já no que se refere às diferenças entre escalões etários em Portugal, por sexo e idade, como se observa na figura III.63., os mais jovens, homens e mulheres, têm um perfil idêntico ao padrão nacional, com excepção de “votar sempre em eleições” a que dão menos importância do que a média, sendo o único escalão que o faz. Saliente-se ainda que para os homens até aos 65 anos o 1º lugar é ocupado por ter “opinião própria”, o que também acontece com as mulheres até aos 35 anos, que, a partir dessa idade, dão mais importância a “ajudar os outros que estão em pior situação”. A “obediência a todas as leis e regulamentos, com valores superiores à média em todos os escalões etários, é menos entre os homens dos 35 aos 50 anos e maior entre as mulheres com mais de 65 anos.

“O que é preciso para ser um bom cidadão” em Portugal, prioridades por sexo e idade

[Figura III.60.]

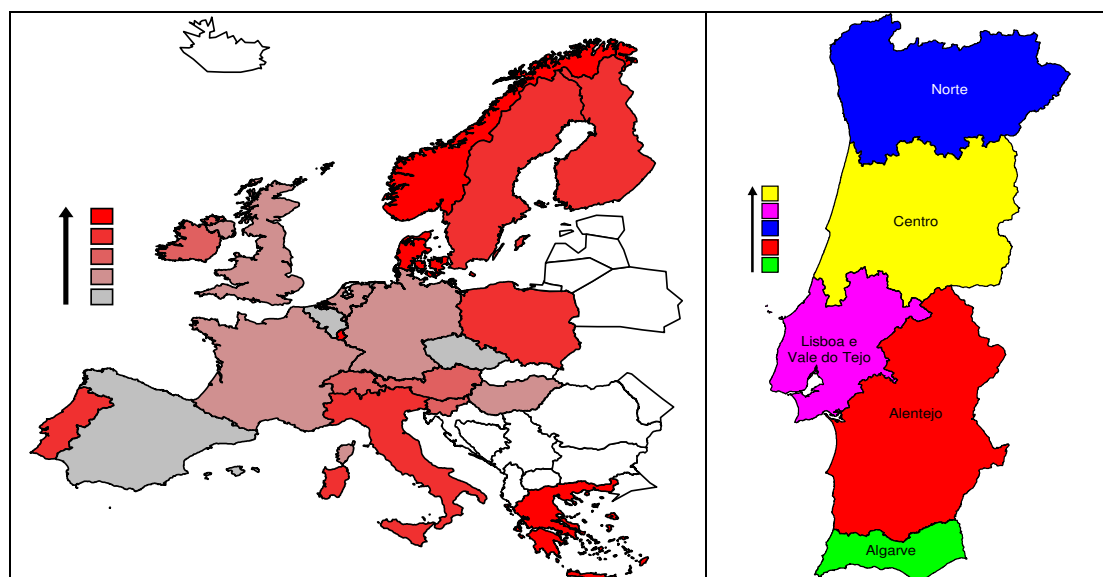


Fonte: ESS1, 2002

O Índice sintético de cidadania, que agrega a resposta conjunta aos seis indicadores⁷⁰, coloca Portugal entre os países europeus com pontuações mais elevadas, enquanto a Espanha, a Bélgica e a República Checa registam as mais baixas. Em Portugal, a perspectiva regional mostra que é no Centro que se regista o valor mais elevado e no Algarve, o mais baixo, como se observa na figura seguinte:

Cidadania na Europa e em Portugal

[Figura III.61.]



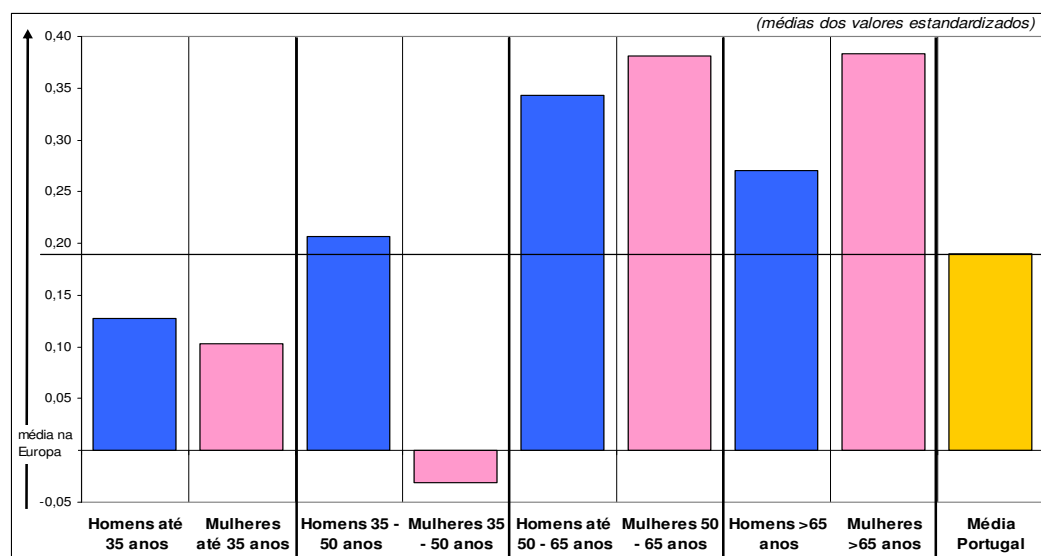
Fonte: ESS1, 2002

⁷⁰ Alpha de Cronbach: 0,7; Variância explicada: 40%.

A análise por sexo e idade em Portugal revela, como mostra a figura III.65, que são os mais velhos, homens e mulheres, que registam os valores mais elevados no índice de cidadania, que tem o seu valor mais baixo, aliás, é único valor inferior à média da Europa. Os mais novos, homens e mulheres até aos 35 anos, registam valores inferiores à média nacional:

Cidadania em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.62.]



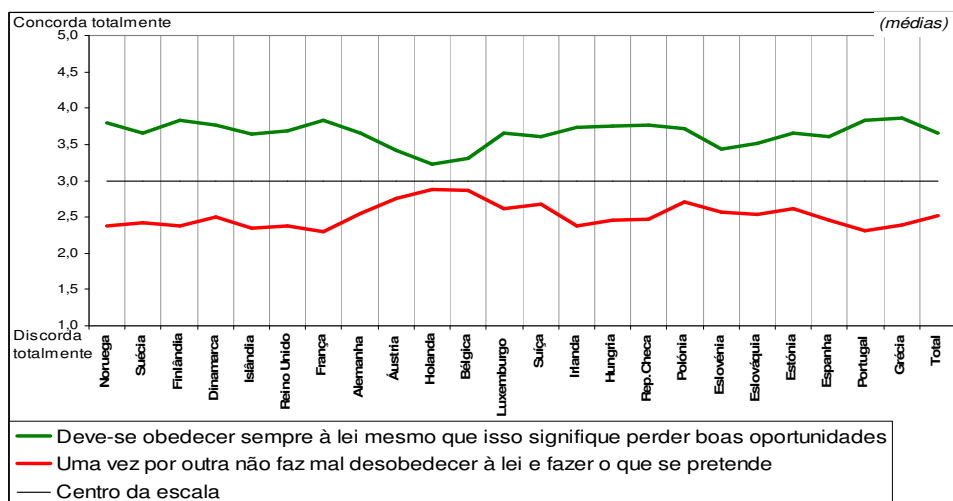
Fonte: ESS1, 2002

4.2. Respeito pela Lei

Ainda no domínio das representações sociais sobre a cidadania, no *round 2* do ESS (2004) foi pedido aos inquiridos que dessem a sua opinião sobre a forma como achavam que os cidadãos e membros da sociedade deveriam comportar-se. Os resultados são esclarecedores, como mostra a figura III.66. Todos os países participantes concordam, um pouco menos na Holanda e na Bélgica, que se deve obedecer sempre à lei, mesmo que isso signifique perder boas oportunidades, e discordam, menos também na Holanda e na Bélgica, de que uma vez por outra não faz mal desobedecer à lei e fazer o que se pretende.

Opinião sobre o comportamento em sociedade na Europa, por país

[Figura III.63.]

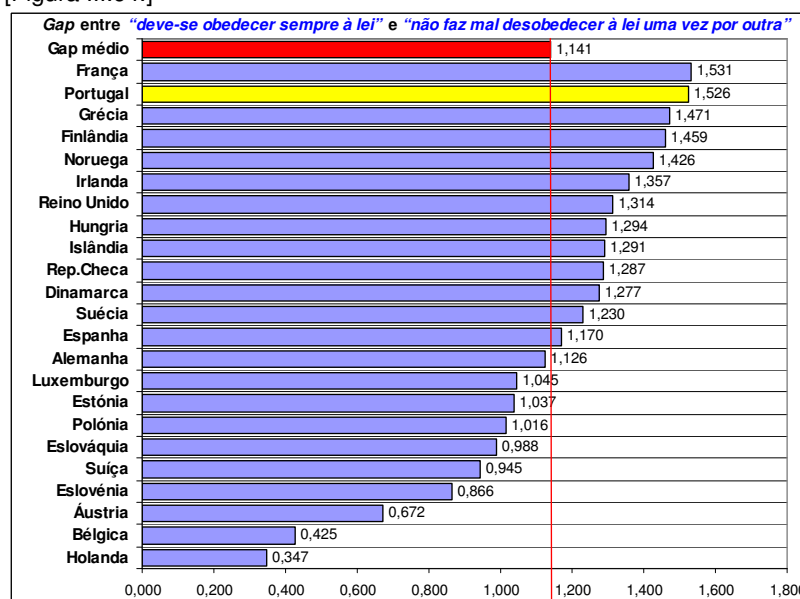


Fonte: ESS2, 2004

O que é interessante analisar nesta “regularidade” europeia, é a magnitude do *gap* entre as duas afirmações, pois, quanto maior for, maior é a saliência da primeira afirmação, ou seja, o respeito pela lei. Como mostra a figura seguinte, aqui os portugueses dão uma lição de honestidade, pois estão entre os que mais concordam com a primeira afirmação e mais discordam com a segunda, só sendo ultrapassados pelos franceses. Ou seja, os portugueses são claramente adeptos do “respeitinho” pela lei.

Respeito pela Lei na Europa, por país

[Figura III.64.]

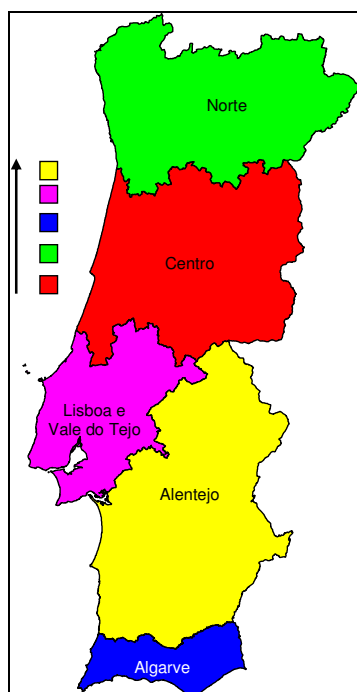


Fonte: ESS2, 2004

Em Portugal, a análise do *gap* por região⁷¹, regista o valor mais elevado – mais respeito pela lei – no Alentejo e mais baixo no Centro. As diferenças entre grupos etários com base no sexo e na idade não são estatisticamente significativas, ou seja, homens e mulheres, em todos os escalões etários, manifestam o mesmo respeito pela lei em Portugal.

Respeito pela Lei, em Portugal, por região

[Figura III.65.]



Fonte: ESS2, 2004

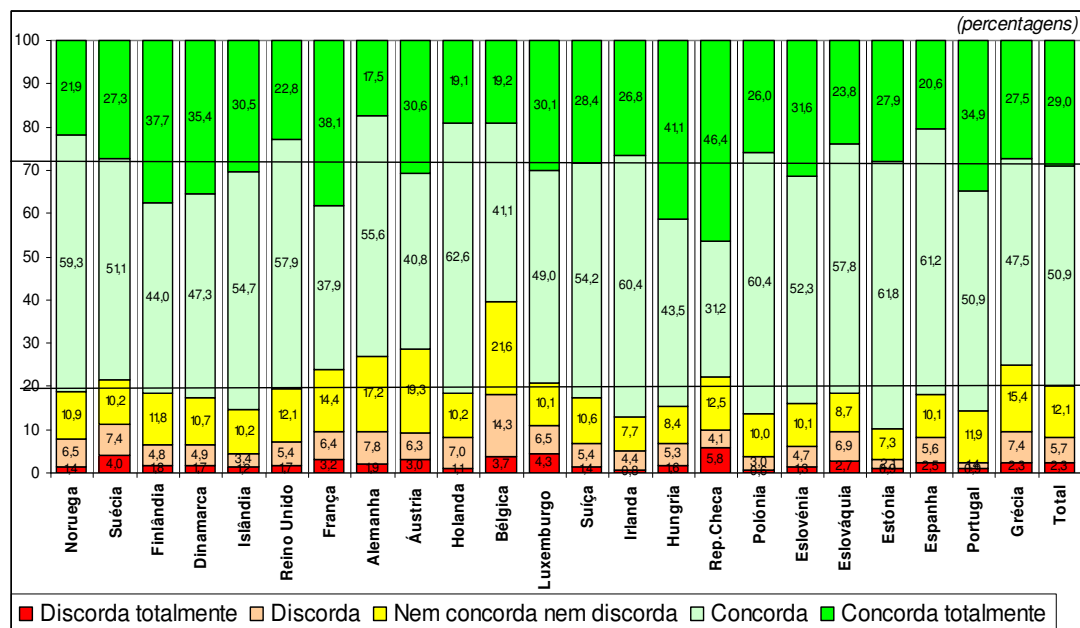
Estes resultados são consentâneos com a resposta à pergunta sobre a fuga aos impostos. Como se observa na figura seguinte, na Europa⁷², os portugueses estão entre os que mais concordam que “não se devia fugir aos impostos”, mais de 1/3 (34,9%) concorda totalmente que não se deve fugir aos impostos.

⁷¹ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 2015) = 14,893$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,029$

⁷² As diferenças entre países são estatisticamente significativas: $H(22) = 1047,035$; $p < 0,001$.

“Os cidadãos não deviam fugir aos seus impostos” na Europa, por país

[Figura III.66.]



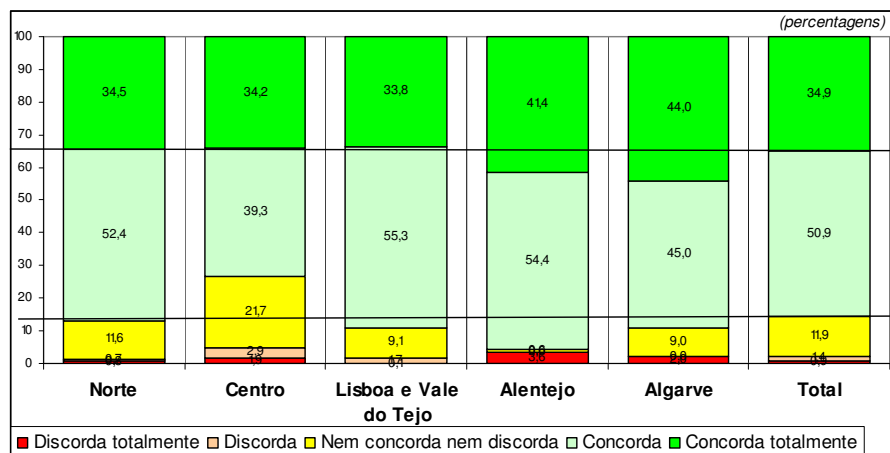
Fonte: ESS2, 2004

A distribuição regional em Portugal mostra que os maiores níveis de concordância se registam no Alentejo e no Algarve, verificando-se no Centro a maior percentagem de indiferentes⁷³, 21,7%, quase o dobro do que se verifica a nível nacional (11,9%). Já as diferenças entre grupos etários com base no sexo e na idade, não são estatisticamente significativas.

⁷³ Não concordam nem discordam com a afirmação. As diferenças entre regiões são estatisticamente significativas: $H(4) = 16,607$; $p < 0,003$.

“Os cidadãos não deviam fugir aos seus impostos” em Portugal, por região

[Figura III.67.]



Fonte: ESS2, 2004

4.3. Participação cívica

A participação em acções cívicas que melhorem a vida em sociedade é uma dimensão das mais importantes no domínio da cidadania activa, uma vez que consubstancia a existência de práticas concretas. A resposta à seguinte questão colocada pelo ESS:

“Há várias acções que se podem desenvolver para melhorar as coisas em [referir o país] ou para evitar que corram mal. Durante os últimos 12 meses, fez alguma das seguintes coisas?”

permite ter uma percepção da participação cívica dos europeus. Como mostra a figura, seguinte, a participação decresce de norte para sul, sendo mais elevada nos países escandinavos e mais baixa nos países Pós-comunistas e em Portugal.

Uma análise de clusters sobre as percentagens de participantes por tipo de acção enunciada⁷⁴, coloca Portugal no mesmo cluster que a Polónia, Hungria e a Eslovénia, os países que têm menor nível de participação.

⁷⁴ As diferenças entre os clusters são estatisticamente significativas ($p < 0,05$), com excepção das variáveis “Trabalhou para um partido político ou movimento cívico” e Participou numa manifestação.

Participação cívica na Europa, por país

[Figura III.68.]

Cluster	País	Contactou um político, um representante do Governo ou do Poder local	Trabalhou para um partido político ou movimento cívico	Trabalhou numa organização de outro tipo	Usou um emblema auto-colante de campanha/movimento	Assinou uma petição	Participou numa manifestação	Boicotou determinados produtos
1	Noruega	22,5	7,7	27,1	24,0	37,8	8,8	22,8
	Finlândia	21,5	4,2	32,5	15,0	28,5	2,1	28,7
	Suécia	15,1	4,4	25,6	14,5	45,2	6,3	33,7
2	Reino Unido	16,7	2,6	8,2	8,0	38,7	4,1	23,7
	Suíça	14,4	6,5	14,4	7,8	37,8	7,9	27,4
	Dinamarca	18,8	4,4	22,8	8,2	31,8	7,7	24,4
	Alemanha	13,2	3,7	21,0	4,9	30,3	8,5	25,5
	França	15,5	4,0	15,9	11,7	33,1	15,2	27,3
3	Holanda	14,2	3,6	22,7	4,5	22,5	3,4	9,4
	Bélgica	16,3	4,9	21,4	7,3	28,6	7,5	11,1
	Espanha	11,5	5,1	13,9	8,0	21,5	20,6	9,7
4	Portugal	7,8	2,1	3,3	3,8	5,2	3,6	2,7
	Polónia	7,6	2,5	5,5	3,3	7,2	1,4	4,2
	Hungria	11,5	1,8	2,8	2,1	5,7	2,7	5,1
	Eslovénia	12,6	3,4	2,0	2,7	10,1	2,5	4,3
Total		14,6	4,0	16,3	8,4	26,2	6,9	18,0

Legenda:

Inferior à % média
 ≈% Média
 Superior à % média

Polónia	11
Portugal	15
Hungria	12
Eslovénia	13
Holanda	6
Bélgica	7
Espanha	14
Reino Unido	8
Suíça	9
Dinamarca	4
Alemanha	8
França	10
Noruega	1
Finlândia	3
Suécia	2

Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

O Índice de participação cívica⁷⁵ projectado no mapa da Europa e de Portugal, confirma a análise dos diversos indicadores e permite ver melhor o nível de participação por país⁷⁶, com os escandinavos e os franceses a registarem os valores mais elevados e Portugal, juntamente com os países Pós-comunistas a apresentar os mais baixos. As

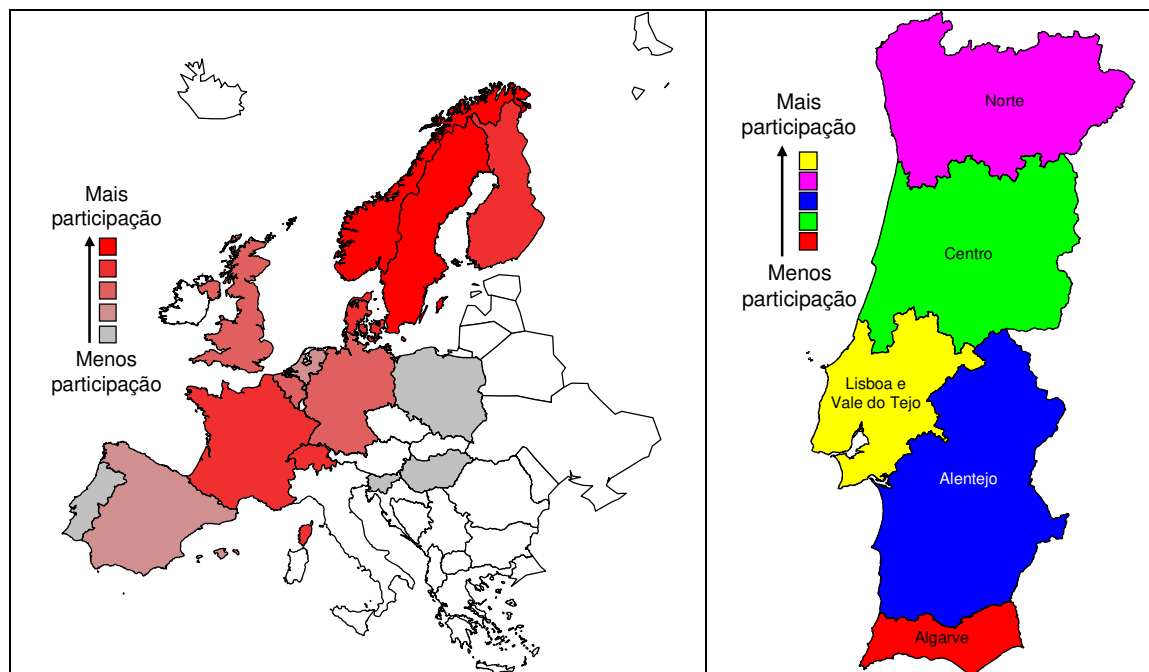
⁷⁵ Construído através do somatório da resposta “sim” a cada indicador. Alpha de Cronbach: 0,74. Varia entre 0=“não participou em nenhuma acção” e 7=“participou em todas as acções”.

⁷⁶ Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(14, 114617) = 809,107$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,09$

diferenças regionais em Portugal⁷⁷ mostram que Lisboa e Vale do Tejo tem o maior índice de participação e o Algarve, a menor:

Índice de participação cívica na Europa e em Portugal

[Figura III.69.]



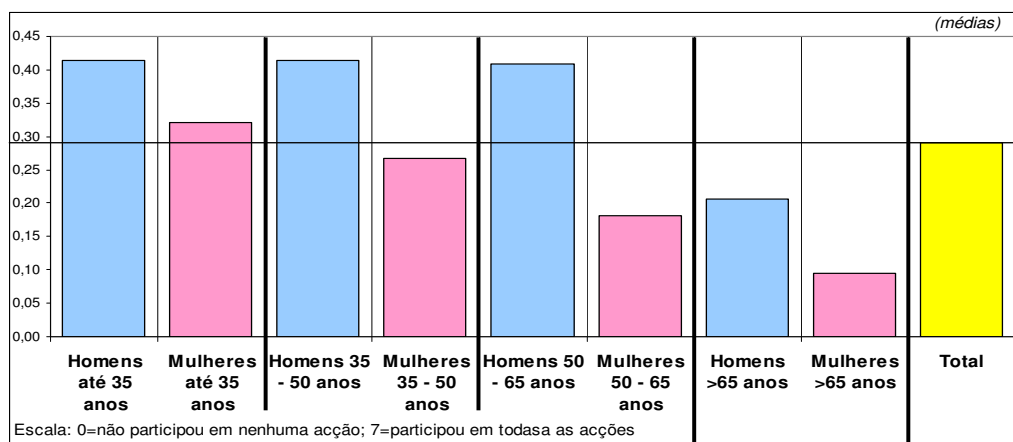
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

As diferenças entre homens e mulheres por escalão etário em Portugal mostram que os homens mantêm um nível de participação idêntico e acima da participação média nos escalões etários até aos 65 anos, decrescendo acentuadamente no escalão etário superior aos 65 anos. Nas mulheres, que em todos os escalões etários revelam um menor índice de participação cívica do que os homens, este decresce em todos os escalões etários, do mais novo para o mais velho, sendo que, apenas no escalão até aos 35 anos, o índice de participação supera a média nacional.

⁷⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 8151) = 5,334$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,003$

Índice de participação cívica em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.70.]

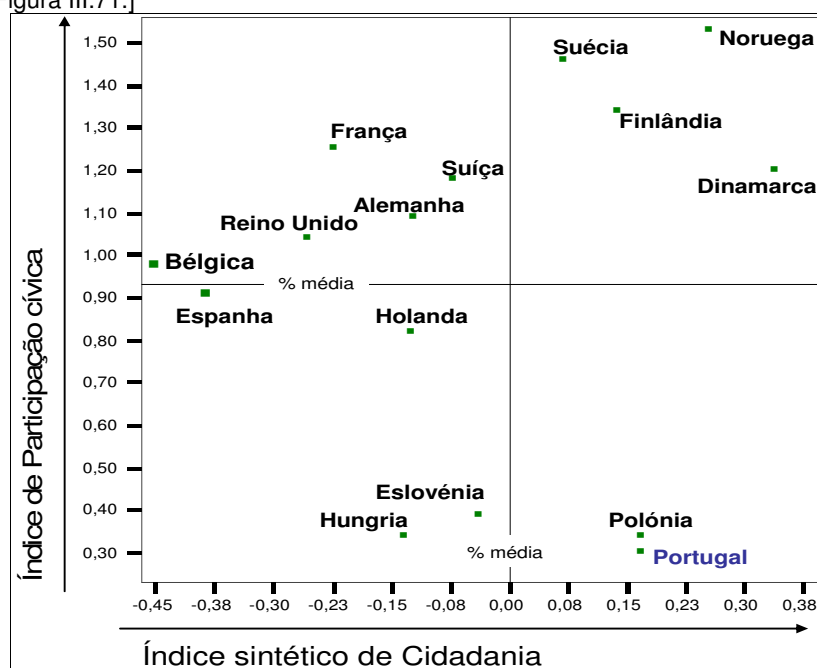


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Chegados aqui, é interessante observar a relação entre o índice de participação cívica e o índice de cidadania. Entre países, como mostra a figura seguinte, a relação não é linear pois, se os escandinavos, que têm os valores mais elevados na cidadania, são também os que têm maior participação cívica, Portugal e a Polónia – sempre juntos na maior parte das análises efectuadas – contrariam a linearidade da relação pois, com índices de cidadania idênticos àqueles, apresentam os valores mais baixos na participação cívica,

Cidadania e Participação cívica na Europa, por país

[Figura III.71.]

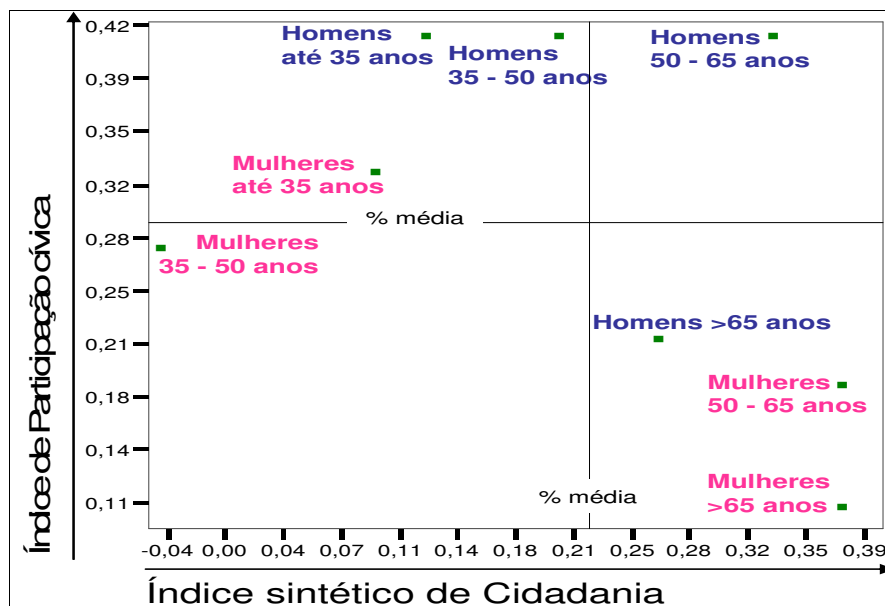


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008 (Participação cívica) e ESS1, 2002 (cidadania)

A mesma análise por grupos etários em Portugal, revela semelhanças entre as mulheres até 35 anos e 35 a 50 anos e mulheres com mais 50 anos ou mais e homens com mais de 65 anos, como se observa na figura seguinte:

Cidadania e Participação cívica em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.72.]



Fontes: ESS, base acumulada, 2002-2008 (Participação cívica) e ESS1, 2002 (cidadania)

4.4. Ajudar aos outros

Mas, se o índice de participação cívica mostra valores baixos na Europa e ainda mais baixos em Portugal, os europeus, contudo, quando se pronunciam sobre a necessidade de ajudar os outros, mostram-se que têm uma representação social solidária.

Dois questões colocadas pelo ESS em 2004 mostram isso mesmo:

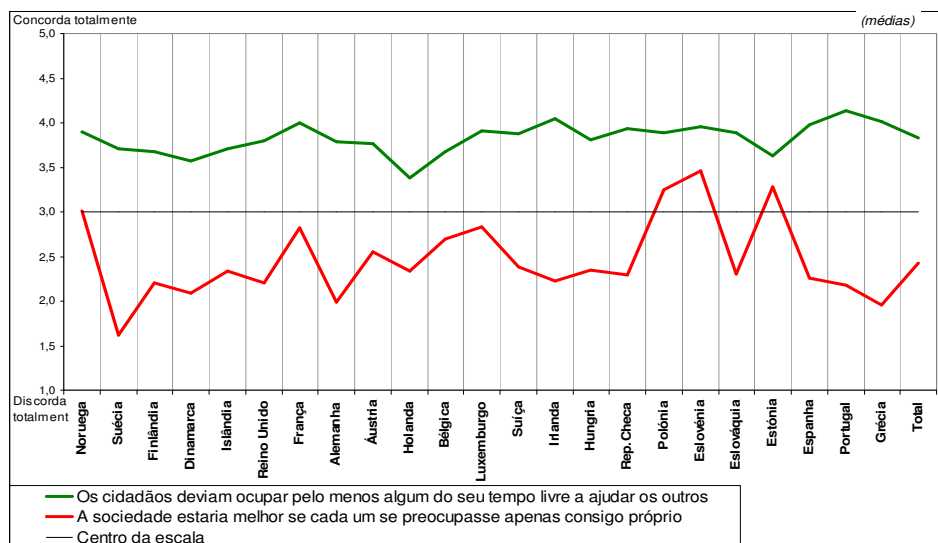
“Qual a sua opinião sobre a forma como acha que os cidadãos e membros da sociedade devem comportar-se?”

- *“Os cidadãos deviam ocupar pelo menos algum do seu tempo livre a ajudar os outros”;*
- *“A sociedade estaria melhor se cada um se preocupasse apenas consigo próprio”;*

Como se observa na figura seguinte, todos os países tendem a concordar com a primeira afirmação e, com excepção da Polónia, Eslovénia e Estónia, a discordar com a segunda. Portugal está entre os que mais concordam e discordam, respectivamente.

“Deve ajudar-se os outros” na Europa, por país

[Figura III.73.]

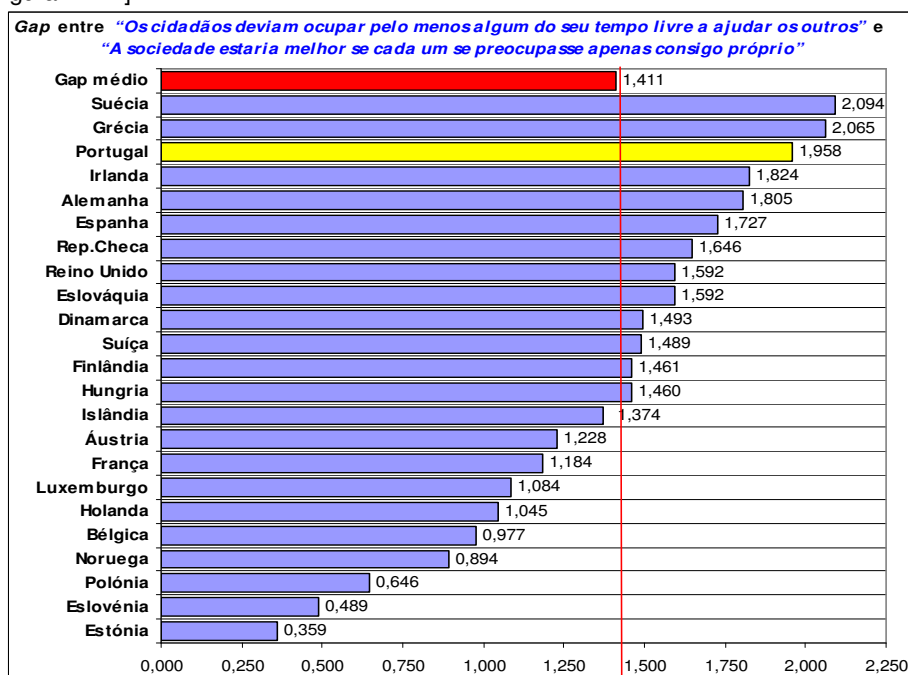


Fonte: ESS2, 2004

Mais uma vez, o que será interessante analisar aqui é o *gap* entre as duas afirmações, sendo que, quanto maior ele for, maior é a saliência da primeira: ajudar os outros. Os resultados são elucidativos. Como se mostra na figura seguinte, Portugal regista o terceiro *gap* mais elevado, só antecedido da Suécia e da Grécia. Ou seja, os Portugueses evidenciam, claramente, uma representação social altruísta:

“Deve ajudar-se os outros” na Europa, por país

[Figura III.74.]



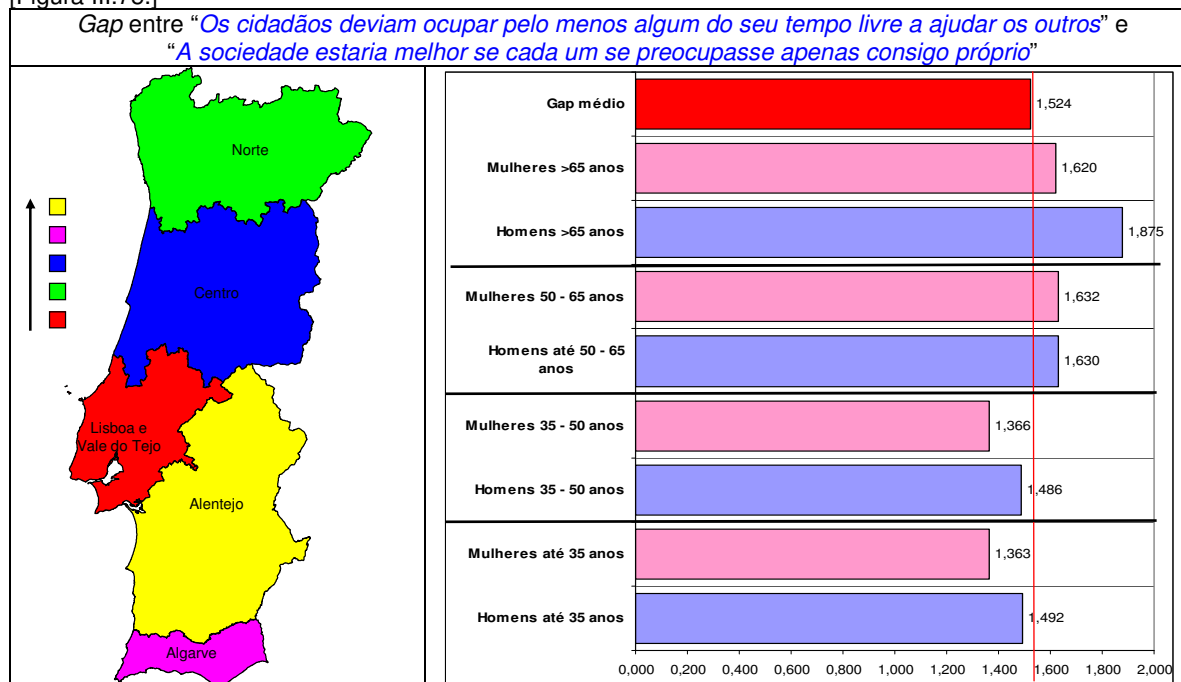
Fonte: ESS2, 2004

A mesma análise em Portugal, por regiões⁷⁸ e por grupos etários com base no sexo e idade⁷⁹, permite concluir que, no que se refere à representação social altruísta:

- o Alentejo e Lisboa e Vale do Tejo são as regiões mais e menos altruístas, respectivamente;
- que os homens, excepto no escalão etário 50 a 65 anos, em que igualam as mulheres, são mais altruístas que estas.

“Deve ajudar-se os outros” em Portugal

[Figura III.75.]



Fonte: ESS2, 2004

O facto de os homens acharem mais do que as mulheres que devem ser altruístas, não deixa de ser surpreendente, pois contraria as evidências do senso comum. Não podemos esquecer, no entanto, que a resposta à questão traduz uma representação social e não um comportamento. A fazer fé no princípio de frei Tomás: “faça como ele diz, não como ele faz”, os homens tenderão a responder, mais do que as mulheres o que acham que “deveria ser”, enquanto estas tenderão a reflectir na resposta, mais que eles, o “é”.

Não obstante, uma coisa é a representação social, outra é o comportamento. E aqui, temos grandes surpresas, que nos alertam para a necessidade de tentarmos

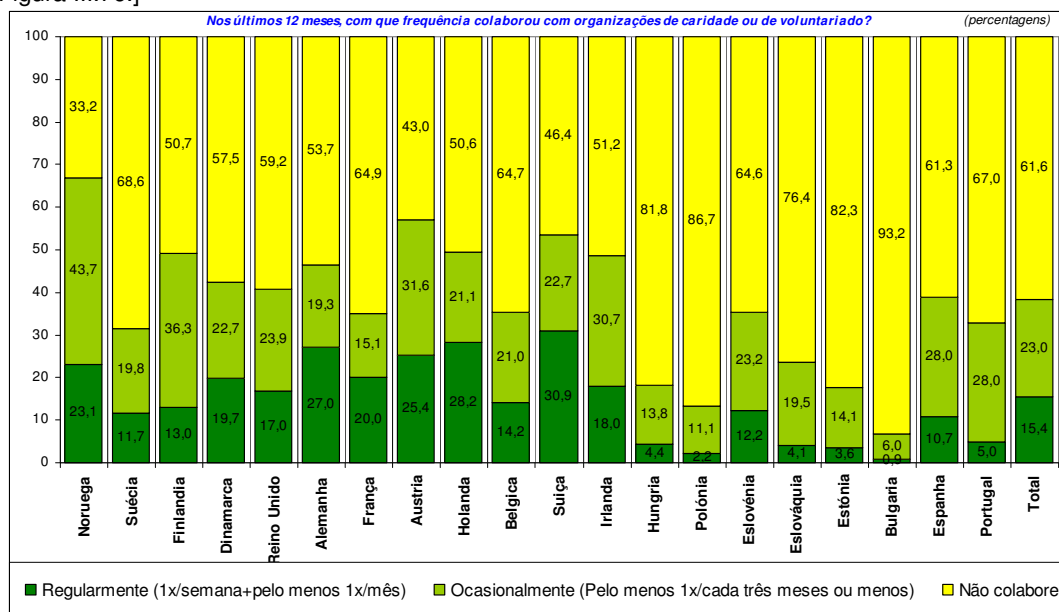
⁷⁸ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 1987) = 22,918$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,044$

⁷⁹ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 1985) = 2,712$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,01$

perceber a influência da “boa resposta”, muitas vezes uma característica idiossincrática, a questões deste tipo, pois o confronto com a intenção e a acção pode ser perturbador, como mostram os resultados da figura seguinte:

Colaboração com Organizações de Voluntariado ou de Caridade nos últimos 12 meses, na Europa, por país

[Figura III.76.]



Fonte: ESS3, 2006

Como se observa, os portugueses, que estavam entre os europeus que mais achavam que se devia ocupar algum tempo a ajudar os outros em pior situação, são dos que menos colaboram regularmente (pelo menos 1 vez por mês) com organizações de caridade ou voluntariado, tal como os países Pós-comunistas⁸⁰.

Estes resultados ganham ainda mais expressão na resposta à seguinte questão:

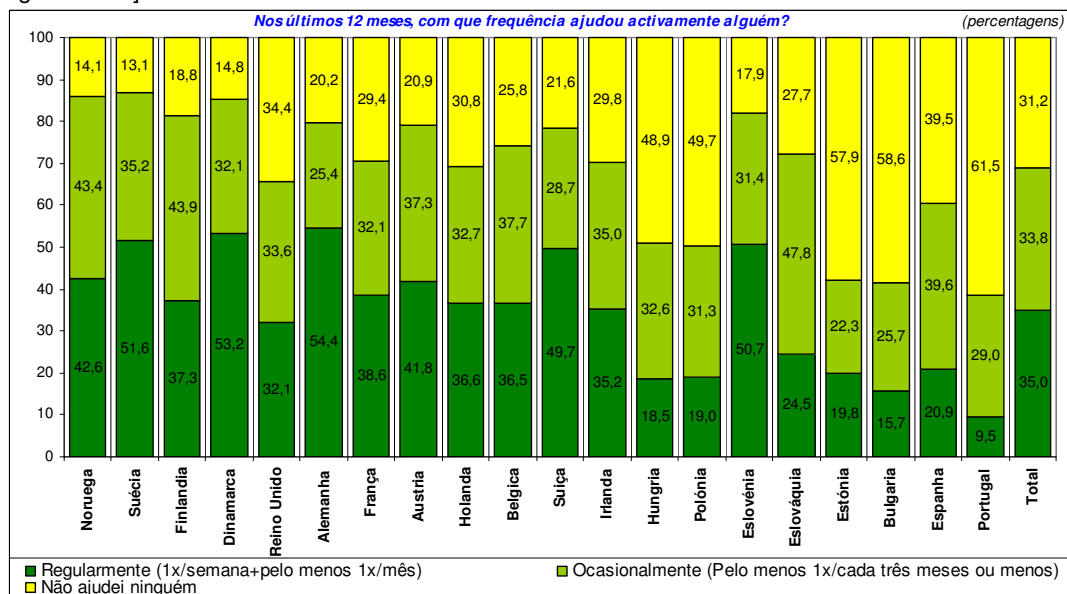
“Sem contar com o apoio à família, com o que faz no trabalho ou em organizações de voluntariado, com que frequência ajudou activamente alguém, nos últimos 12 meses?”⁸¹

⁸⁰ A questão consta do ESS3 e utilizou a seguinte escala de resposta com 5 posições: 1=pelo menos uma vez por semana, 2=pelo menos uma vez por mês, 3=pelo menos uma vez em cada 3 meses, 4=pelo menos uma vez em cada seis meses, 5=ainda menos que isso. As diferenças entre países são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(19)=3542,201$; $p < 0,001$.

⁸¹ A questão encontrava-se imediatamente a seguir à anterior e utilizava a mesma escala de resposta. As diferenças entre países são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(19)=4256,342$; $p < 0,001$.

Frequência com que ajudou activamente alguém nos últimos 12 meses,
na Europa, por país

[Figura III.77.]



Fonte: ESS3, 2006

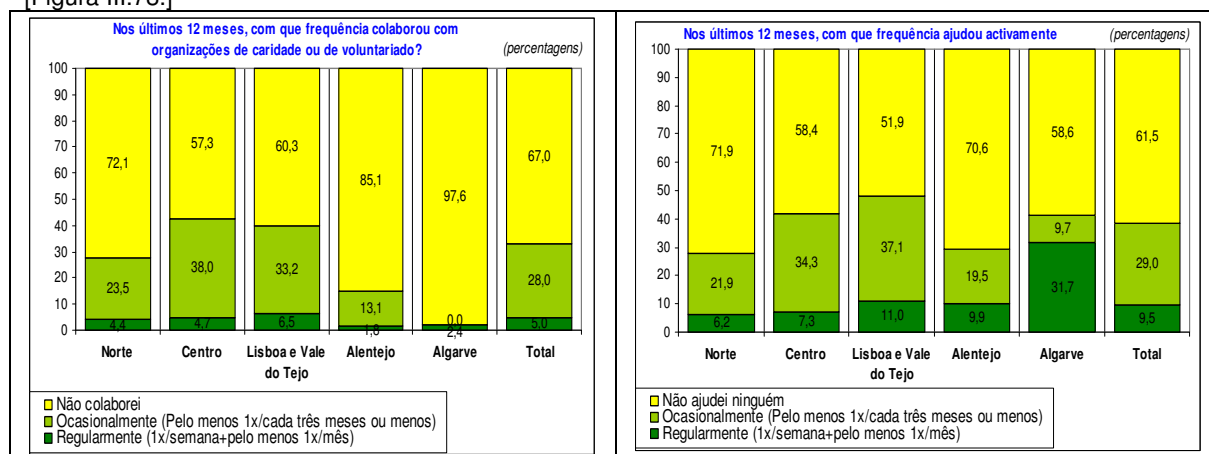
Os portugueses (61,5%) são os que mais referem que não ajudaram activamente alguém nos últimos 12 meses. Nos países Escandinavos essa percentagem não chega aos 20% e na Europa do Norte e do centro anda em torno dos 30%. Nesta questão, a Eslovénia apresenta o perfil dos escandinavos, sendo um dos países que regista os valores mais elevadas na ajuda regular (50,7%), contrariando completamente o perfil dos restantes países Pós-comunistas, que não ultrapassam os 25%. Em Portugal, aquele valor ascende apenas a 9,5%, o mais baixo dos países analisados.

A análise por região em Portugal revela que a colaboração com organizações de voluntariado e de caridade é mais elevada em Lisboa e Vale do Tejo e Centro e menor no Algarve e no Alentejo⁸². No entanto, quando se referem a terem ajudado activamente alguém, os algarvios são quem mais afirma que o faz regularmente (31,7%)⁸³.

As diferenças entre homens e mulheres por escalão etário, em Portugal, não são estatisticamente significativas.

Ajuda aos outros nos últimos 12 meses, em Portugal por região

[Figura III.78.]



Fonte: ESS3, 2006

Estes resultados permitem concluir que os portugueses ajudam mais os outros enquanto pessoas concretas, ou seja, devidamente identificadas, do que através do voluntariado, em que, por natureza, o alvo da ajuda não é alguém em particular. Embora Portugal seja o país europeu que menos diz que ajudou activamente alguém, 9,5%, contra os mais de 50% registados na Alemanha, Suécia e Eslovénia, o Algarve, com 31,7%, regista valores próximos da percentagem média europeia (35%).

⁸² As diferenças entre regiões são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(4)=79,691$; $p < 0,001$.

⁸³ As diferenças entre regiões são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(4)=60,200$; $p < 0,001$.

Conclusão

O que é importante para ser um bom cidadão? Saliente-se o facto de um valor como “ser politicamente activo” registar o *score* mais baixo em todos os países e ser inferior ao centro da escala na esmagadora maioria. Ou seja, considera-se que é pouco importante para se ser um bom cidadão. Este dado tanto pode indiciar uma apatia política passível de se traduzir num distanciamento em relação à política, tanto mais preocupante quanto menos circunstancial for, como uma desconfiança em relação aos políticos⁸⁴. Contudo, a valorização da necessidade de “votar sempre em eleições”, que surge em terceiro lugar na escala de importância, leva-nos a considerar que se trata mais de desconfiança circunstancial nos políticos do que de apatia política. Não obstante, interrogamo-nos sobre os elevados níveis de abstenção registados nas democracias consolidadas que se verifica na União Europeia, pois importa questionar se não traduzirão uma falta de identificação dos eleitores com os candidatos, por um lado, e da descrença da eficácia política do voto, por outro. Como nota Pedro Magalhães (cfr. 2004), os portugueses afirmam-se como democratas mas mostram também descontentamento com o desempenho das instituições políticas, “uma desafeição marcada por sentimentos de desinteresse e distanciamento em relação a estas instituições”.

Não obstante, a maior ou menor “desafeição” dos portugueses para com as instituições políticas, e apesar, como vimos, da profunda desconfiança no “Sistema judicial”, só suplantada pelos polacos, os portugueses são dos que mais acham que se deve respeitar a lei.

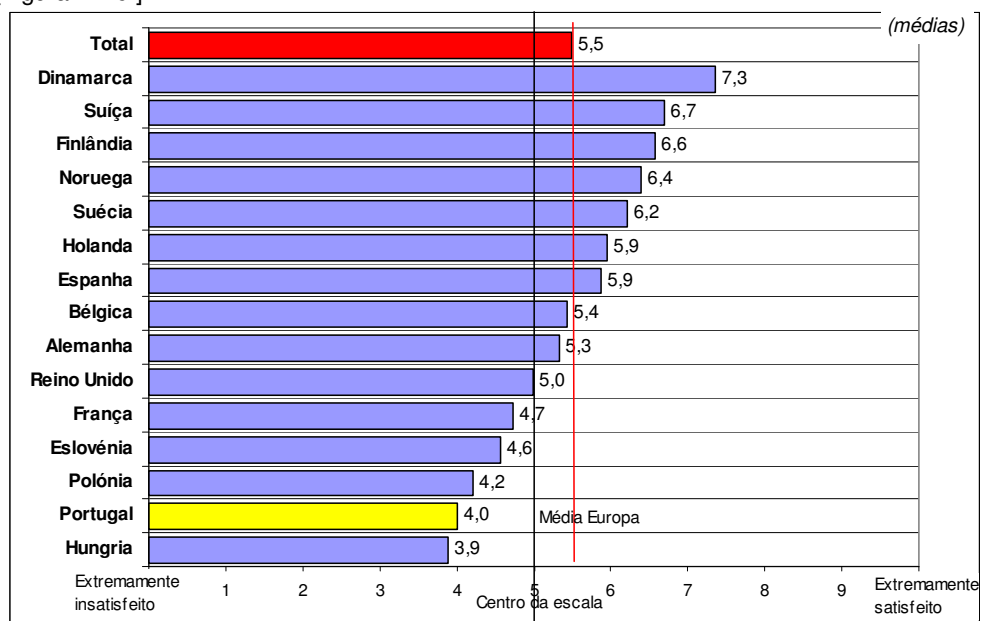
Já no que toca à participação cívica, uma das mais importantes dimensões da cidadania, importa ter presente, como salienta Fernandes (2004: 36): que “não existe democracia sem participação [...] Um regime político pode ser livre e democrático pela lei e pelas suas instituições, e não o ser pelos costumes e pela vida social. Assim como pode ser livre e democrático pelos costumes e pela vida social, e não o ser pela lei e pelas

⁸⁴ A “confiança nos políticos” e ser “politicamente activo” estão positivamente correlacionadas ($r(35871)=0,224$; $p=0,000$).

instituições do poder. Uma sociedade verdadeiramente democrática é aquela que o é na sua lei e nas suas instituições, mas sobretudo na prática democrática do quotidiano dos indivíduos”. Ora, os dados aqui analisados induzem-nos a reflectir na qualidade da nossa democracia pois se, como dizia Churchill, a democracia é o pior dos regimes, excluindo todos os outros, não é a afirmação da crença na democracia que importa mas o exercício quotidiano da cidadania, no sentido do seu aperfeiçoamento e funcionamento. Os baixos níveis de participação cívica observados em Portugal⁸⁵ deverão ser, entre outros indicadores, interpretados à luz da satisfação expressa com a democracia⁸⁶. Como revela a figura seguinte, os europeus consideram-se moderadamente satisfeitos com a democracia⁸⁷, mas Portugal está no penúltimo lugar, só à frente da Hungria, que é o país mais insatisfeito:

Satisfação com o funcionamento da Democracia na Europa, por país

[Figura III.79.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008.

⁸⁵ Como nota Freire (2003: 327), citando Villaverde Cabral, Madureira Pinto e Ferreira de Almeida, os baixos níveis de participação cívica observados em Portugal são conhecidos, quer no período democrático, quer numa perspectiva histórica. Podemos, por conseguinte, não estar perante uma característica meramente conjuntural mas sim estrutural.

⁸⁶ A pergunta consta do módulo fixo do questionário do ESS.

⁸⁷ Média 5,5 numa escala de 0=extremamente insatisfeito a 10=extremamente satisfeito. Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(14, 110619) = 1635,803$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,17$

Mas se os portugueses têm, no conjunto dos europeus, os valores mais baixos no índice de participação cívica – o ser – são dos melhor classificados no índice que traduz a representação social sobre o que é que é preciso para ser um bom cidadão – o dever ser. Ou seja, ao contrário do que postulavam os intelectuais da chamada “Escola de Frankfurt”: “pessimistas nas ideias mas optimistas nas acções”, os portugueses parecem acreditar no contrário, seguindo as orientações de Frei Tomás: “fazei o que eu digo, não o que eu faço”. Parece ser uma característica bem portuguesa pensar que “há alguém” que fará por mim. O facto de as mulheres, apresentarem um índice da participação cívica menor do que os homens em todos os escalões etários, aliado ao facto de serem os mais velhos que registam valores mais elevados no índice de cidadania, significa o quê? Um menor interesse das mulheres e dos jovens pela “coisa pública”? Ou, usando o termo de Pedro Magalhães significar uma maior “desafeição” das mulheres e dos mais jovens pela cidadania política? É que quando se fala na ajuda aos outros “despida” de conotações políticas, os portugueses “dão cartas”, pois estão em 3º lugar, só antecidos da Suécia e da Grécia.

No entanto, quando se trata de ajudar os outros – uma dimensão importante da cidadania – ou, mais especificamente, da representação social sobre a necessidade de ajudar os outros, os portugueses evidenciam, claramente, uma representação social altruísta, pois são dos que mais concordam que os cidadãos devem ocupar algum do seu tempo livre a ajudar os outros e que menos concordam que a sociedade estaria melhor se cada um se preocupasse apenas consigo.

Não obstante, quando a resposta se refere a comportamentos concretos, os portugueses já não são assim tão altruístas, pois situam-se entre os que registam percentagens mais baixas na colaboração com organizações de voluntariados e de caridade nos últimos 12 meses. A confirmar estes resultados, está o facto dos portugueses serem os europeus que mais referem que não ajudaram activamente alguém nos últimos 12 meses (61,5%) e só 9,5 refere que ajuda regularmente. O Algarve contraria este resultados e apresenta uma percentagem média de 31,7% que diz que o faz, valor próximo da percentagem média europeia (35%).

5. Trabalho

“Produzindo os seus meios de subsistência, os homens produzem indirectamente a sua vida própria material.

Os indivíduos são aquilo que manifestam através da sua vida. O que eles são coincide, pois, com a sua produção, tanto *pelo* que eles produzem, como pela *maneira* como produzem. Por consequência, os indivíduos dependem das condições materiais da sua produção”.

Karl Marx (*A Ideologia Alemã*)⁸⁸

O trabalho, como se sabe, constitui uma das dimensões mais importantes da vida humana. Essa importância pode “diminuir” quando há trabalho mas, em situações de crise económica com profundas repercussões no emprego, como a que vivemos actualmente, a sua “importância relativa” nas prioridades humanas será, certamente, acrescida. Como notam os autores do estudo *Emprego, contratação colectiva de trabalho e protecção da mobilidade profissional em Portugal*⁸⁹: “a generalidade dos observadores e das organizações internacionais de referência convergem no facto de que a crise financeira reconhecida publicamente no final de 2008 terá consequências económicas muito vincadas durante vários anos” e, por extensão, no emprego. A expressão da importância do trabalho na vida das pessoas está bem vincada na resposta dos europeus às seguintes questões colocadas num questionário levado a efeito pelo Eurobarómetro em 2003⁹⁰:

“Geralmente tende a concordar ou a discordar com...

- *O trabalho que eu faço é uma parte importante da minha vida;*
- *Eu quero continuar a trabalhar mesmo que não necessite do dinheiro”*

Como se observa na figura seguinte, a percentagem de concordância dos europeus com a primeira afirmação atinge os 89,2% e com a segunda 51,5%. Portugal regista a percentagem mais elevada de concordância com a primeira afirmação (96,2%). No que se refere à segunda afirmação, atente-se no facto de as maiores percentagens, com valores

⁸⁸ Excerto retirado de AA.V.V. (1975), *O Marxismo nos seus textos*, p. 41.

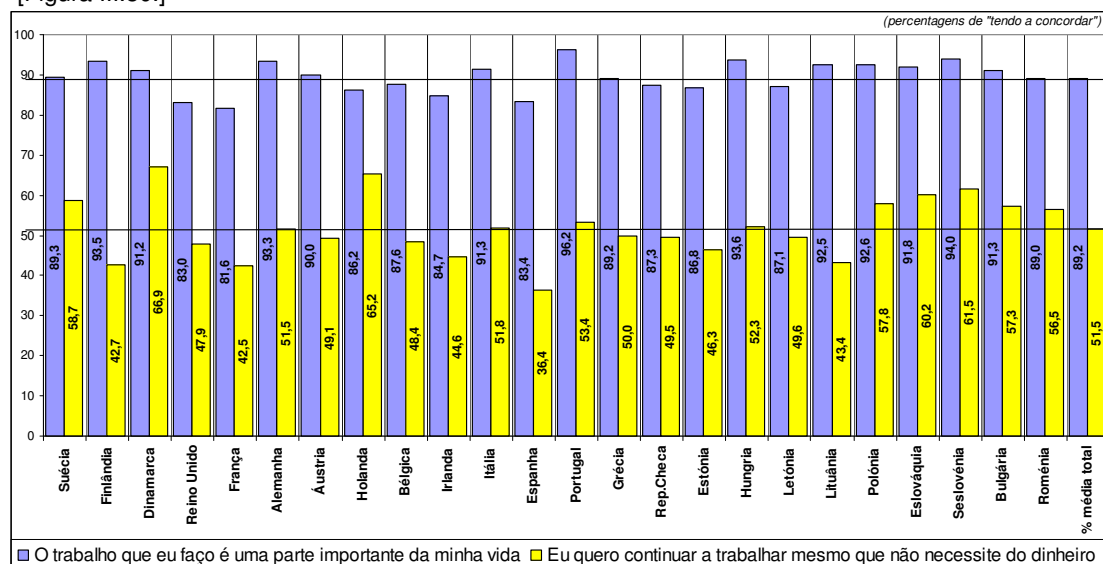
⁸⁹ Dornelas, António (Coord.), Antonieta Ministro, Fernando Ribeiro Lopes, José Luís Albuquerque, Maria Manuela Paixão e Nuno Costa Santos (2010), *Emprego, contratação colectiva de trabalho e protecção da mobilidade profissional em Portugal*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

⁹⁰ Eurobarometer survey and the Candidate Countries Eurobarometer (CCEB) survey 2003.

superiores à percentagem média total, se registarem em países “mais ricos”, como a Suécia, Dinamarca e Holanda, mas também entre países “menos ricos”, como alguns pós-comunistas. Ou seja, nestes países o trabalho não é uma simples forma de subsistência mas é mesmo uma forma de estar na vida.

Importância do trabalho na Europa, por país

[Figura III.80.]



Fonte: EB 60.3 e CEEB 2003.

Neste contexto, perceber a saliência dos valores relativos ao trabalho torna-se crucial, devido à sua capacidade de influenciar o tecido social envolvente. Sabe-se que tanto o tipo de trabalho que as pessoas realizam, como as formas de socialização e o modo como relacionam a actividade profissional com outros aspectos da sua vida, são determinantes no seu equilíbrio psicossocial. Cerca de sessenta anos após os estudos pioneiros de Elton Mayo, a gestão das organizações pela cultura redescobre a relação existente entre a produtividade e o “factor humano”. O êxito da gestão já não pode fazer apelo apenas ao interesse e à razão técnica e admite-se que deve dedicar-se a criar uma inspiração comum e forte consenso em torno de projectos e valores. No entanto, como refere Lipovetsky (cfr. s/d), os indivíduos mobilizam-se menos em torno de grandes projectos colectivos. Terão antes cedido o seu lugar a objectivos mais centrados sobre si próprios, como sejam as ideias de bem-estar, de bem consumir e de realização pessoal, configurando-se, também por aí, uma tendência global de individualização.

De facto, parece assistir-se actualmente nas sociedades desenvolvidas do Ocidente, à mutação dos valores implicando o predomínio acentuado da individualização, que não deixará de ter, como é óbvio, repercussão nas organizações, sejam elas colectivos de trabalho ou outras. Como notavam Naisbitt e Aburdene (1986): os valores dos anos 60 mudaram os indivíduos, mas não mudaram as empresas, que se defrontam com um contexto cada vez mais complexo, necessitando, na sua linguagem, de serem *reinventadas*. Para estes autores, o movimento sindical tinha morrido, embora o anúncio da morte, do sindicalismo, se revelasse manifestamente prematuro. Mas o diagnóstico, feito nos anos oitenta foi ainda mais inadequado se pensarmos nas respostas dos europeus sobre a necessidade ou não de um movimento sindical forte no início do novo milénio: com efeito, cerca de 76% dos inquiridos reconhecem essa necessidade e apenas 10,6% discordam, como veremos mais à frente, neste capítulo.

Shein (1984) notava que a cultura organizacional podia ser analisada a vários níveis: artefactos e criações; valores e concepções básicas. Valores e concepções básicas constituem a grande fonte de conhecimento, já que governam o comportamento. Mas, sendo aqueles difíceis de observar directamente, é necessário inferi-los entrevistando os membros chave da organização. Mesmo assim, verifica-se usualmente que os valores inferidos representam, tão só, a mera adopção dos valores da cultura. Ou seja, detém-se no que as pessoas, à superfície, dizem ser a razão do seu comportamento e não nas razões propriamente ditas que podem permanecer ocultas e inconscientes. Daí que, se se quiser compreender o comportamento, seja imperioso perceber as concepções básicas – os valores. Segundo o autor, não pode haver cultura sem que haja um grupo que a suporte e este é constituído por pessoas que estão juntas há tempo suficiente, para terem partilhado problemas significativos. A história partilhada é obviamente diferente de grupo para grupo, ou seja, o sistema de valores de cada grupo sofre a sua influência e reflecte, por isso, concepções básicas e específicas da realidade social.

Num trabalho que levámos a cabo anteriormente (Brites, 1997) equacionamos a questão dos novos valores, que se dizem emergentes na sociedade da comunicação, considerados como descentrados dos objectivos colectivos, assentes numa moral que

prescrevia obrigações superiores de dever, que caracterizaram a sociedade industrial e centrados em preocupações individualistas. A importância que as “Emoções sobre o Trabalho” e a “Satisfação com a Vida” apresentaram no modelo que propusemos para análise da satisfação com o trabalho, parece dar consistência a esta tese. Note-se, no entanto, que a constatação deste facto não deverá ser, em si, preocupante no que se refere à relação dos seres humanos com o trabalho. Como nota Lipovetsky (1994: 197-198), as tentativas da gestão científica do trabalho de descurar o factor humano em detrimento da produtividade e da escola das relações humanas no fomento do “espírito de cooperação”, conduziram à disciplina mecânica sobre a interiorização dos valores. “Quanto mais alto a religião do trabalho clamava os seus imperativos, menos a produção se organizava em função dos princípios de iniciativa, de responsabilidade, de empenho voluntário dos homens. [...] O movimento dos valores individualistas-hedonistas-consumistas, por um lado, os novos paradigmas da gestão, por outro, foram os impulsionadores do advento de um novo «significado imaginário» do trabalho, de uma cultura pós-materialista e pós-tecnocrática do trabalho”. Concluíamos, então, que era importante perceber aquele “significado imaginário” do trabalho que configuraria, certamente, novas atitudes perante o mesmo. Parece-nos que neste contexto as “emoções”, enquanto tradutoras dos “estados de espírito” dos actores sociais têm um papel cada vez mais relevante.

5.1. Valores sobre o trabalho

“A irrupção dos valores na gestão não deixa de levantar múltiplas questões de ética e de eficácia. Que virtude atribuir à formulação de uma visão comum, quando esta não evita, de forma alguma, as práticas de fusão e de aquisição selvagem de empresas, de reestruturação e despedimentos, mais ou menos brutais, mais ou menos maciços de pessoal?”

Lipovetsky⁹¹

Como referem Porto e Tamayo (2003), das várias escalas utilizadas para medir valores relativos ao trabalho, “a maioria apresenta problemas em relação à definição do conceito ou à falta de integração com os modelos teóricos sobre valores pessoais”.

O *ESS round 2* apresenta uma questão relativa aos valores sobre o trabalho com a seguinte formulação⁹²:

Se estivesse à procura de trabalho, qual a importância que cada um dos seguintes aspectos teria para si pessoalmente⁹³:

- Trabalho seguro;
- Remuneração elevada;
- Boas oportunidades de promoção;
- Um trabalho em que pudesse ter iniciativa;
- Um trabalho que lhe permitisse conciliar o trabalho com as responsabilidades familiares.

Para cada um destes valores, a média das respostas na Europa, como mostra a figura seguinte, situa-se clara e expressivamente acima do centro da escala, denotando a sua importância para os europeus:

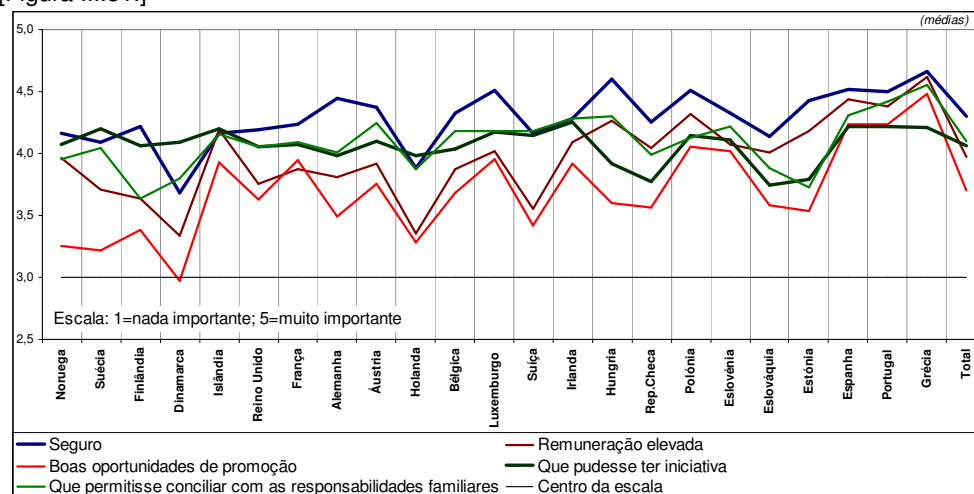
⁹¹ *O Crepúsculo do Dever*, p. 308.

⁹² A esta questão só responderam apenas os inquiridos com menos de 70 anos, tendo os indicadores sido medidos numa escala que varia de 1=nada importante, a 5=muito importante.

⁹³ Apenas responderam os inquiridos com menos de 70 anos, variando a escala de respostas entre 1=nada importante e 5=muito importante.

Valores sobre o trabalho na Europa, por país

[Figura III.81.]



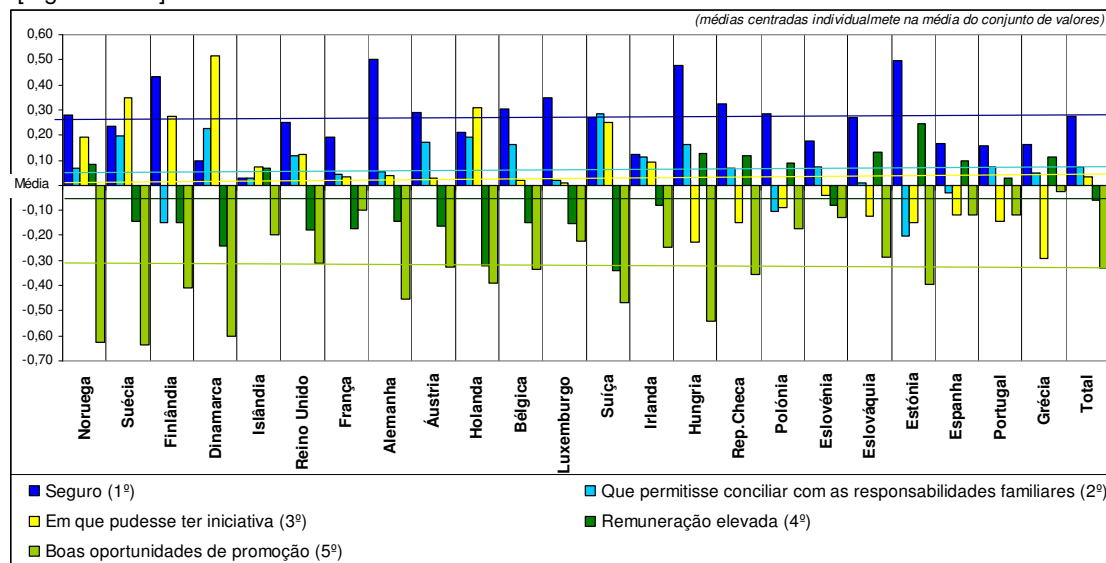
Fonte: ESS2, 2004.

Como podemos observar, no conjunto dos países, com excepção das *boas oportunidades de promoção* na Dinamarca, com resultados médios no centro da escala (indiferente), todos os valores apresentam resultados por país acima do centro da escala (importante/muito importante). O “trabalho seguro” é o mais importante, sendo excepção a Noruega, Suécia, Dinamarca, Islândia, Holanda, Suíça e Dinamarca, e as “boas oportunidades de promoção” são o menos importante, sendo excepção a França, Espanha, Portugal e a Grécia.

Estes resultados, no entanto, podem evidenciar a tendência dos inquiridos para dar a “boa resposta” característica do efeito de “desejabilidade social”, patente nos resultados obtidos através de inquérito por questionário. Assim, tentar interpretar os dados através da resposta directa, para além de ser extremamente redutor, revela-se pouco útil do ponto de vista sociológico. Nesta perspectiva, a nossa proposta de análise que se baseia no trabalho de Schwartz referido em III.1., que defende que os valores possuem uma estrutura hierárquica que não pode ser negligenciada, centra-se na configuração da mesma, como mostram os resultados da figura seguinte:

Prioridade dos valores sobre o trabalho na Europa, por país

[Figura III.82.]



Fonte: ESS2, 2004.

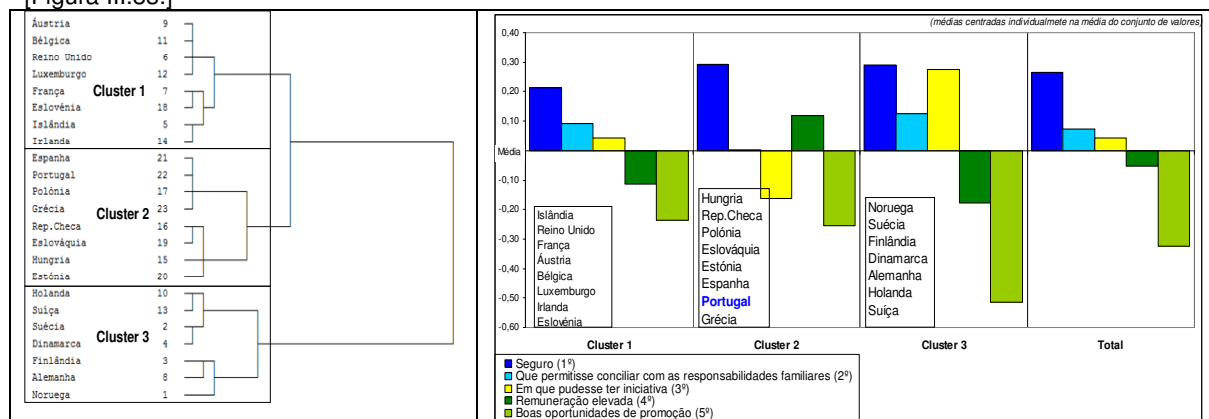
No conjunto dos países as prioridades são, por esta ordem, o *trabalho seguro*, a *conciliação família e trabalho* e o *trabalho com iniciativa*, aparecendo abaixo da média a *remuneração elevada* e as *boas oportunidades de promoção*. O *trabalho seguro* está sempre acima da média e é a primeira prioridade em 19 casos, exceptuando-se apenas a Suécia, a Dinamarca, a Islândia e a Holanda. Em todos os países, as *boas oportunidades de promoção* estão abaixo da média e são mesmo a última prioridade, excepto na França, em Portugal e na Grécia. O *trabalho que permita ter iniciativa* constitui primeira prioridade apenas na Suécia, Dinamarca, Islândia e Holanda. Finalmente, em todos os países Pós-comunistas da UE e na Europa do Sul o *trabalho em que possa ter iniciativa* apresenta resultados abaixo da média, sendo, na maioria deles, a penúltima prioridade.

Uma análise de Clusters com base nas prioridades valorativas⁹⁴ coloca Portugal num cluster junto com a Espanha, Grécia e países Pós-comunistas, cujo perfil se afasta do perfil médio europeu pelo facto de dar importância superior à média à “remuneração elevada” e inferior à média à “iniciativa”, como se pode observar na figura seguinte:

⁹⁴ Análise hierárquica, método *Ward*.

Prioridade dos valores sobre o trabalho na Europa: perfil dos países

[Figura III.83.]



Fonte: ESS2, 2004.

Mas voltando às preferências mais globais a respeito do trabalho, os europeus, na sua maioria, dão prioridade à *segurança* no emprego e à *conciliação do trabalho com a família*, por um lado, e desvalorizam uma *remuneração elevada* e *boas oportunidades de promoção*, por outro. Poderá ver-se, em particular na primeira dimensão, um sintoma reactivo à concorrência acrescida no mercado de trabalho induzida pela globalização, de que a deslocalização e a resultante precarização do emprego constituem sinais visíveis.

De um modo global, tem de se sublinhar o contraste verificado a propósito de um valor tão importante para o desenvolvimento socioeconómico dos indivíduos e, por extensão, dos países, como é o de poderem desenvolver uma actividade onde seja importante a iniciativa individual. Com efeito, enquanto os países Escandinavos e da Europa do Norte e do Centro apresentam aí resultados positivos, países Pós-comunistas e da Europa do Sul ficam claramente abaixo nessas dimensões. É também nestes países que se revelam predominantes, valores como a “segurança no emprego” e a “remuneração elevada”.

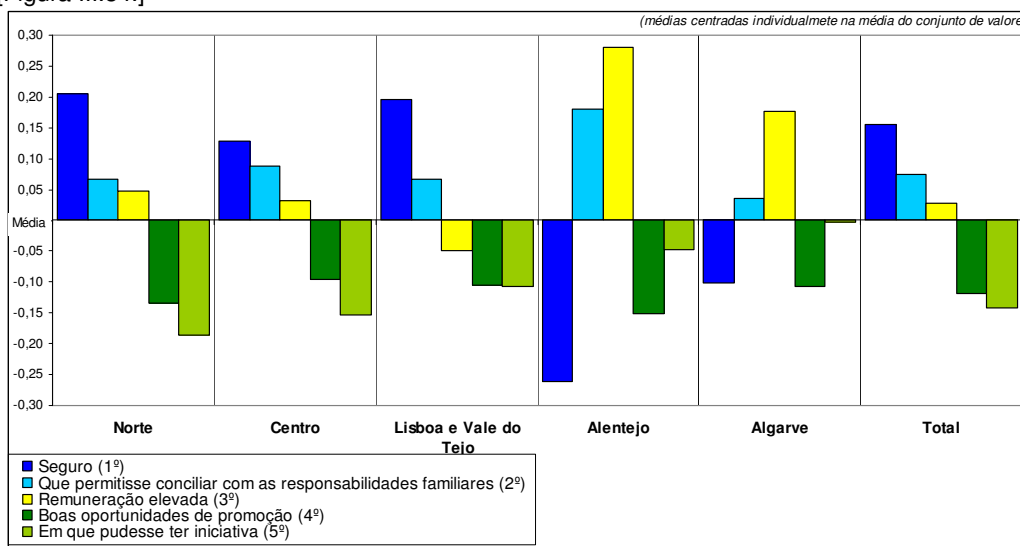
Sem prejuízo de diferentes tradições históricas que cristalizam valores igualmente diferentes e com as suas inércias próprias, os factores explicativos fundamentais não--de encontrar-se, justamente, nos desníveis ainda existentes entre o Norte e o Sul no que respeita ao desenvolvimento económico e às funções do Estado Social. Ou seja, do que se

tratará, no essencial, é dos efeitos de avaliações, aliás realistas, de realidades nacionais diversificadas e, em certos casos, razoavelmente contrastantes.

A perspectiva regional em Portugal apresenta a seguinte configuração:

Prioridade dos valores sobre o trabalho em Portugal: perfil regional

[Figura III.84.]



Fonte: ESS2, 2004.

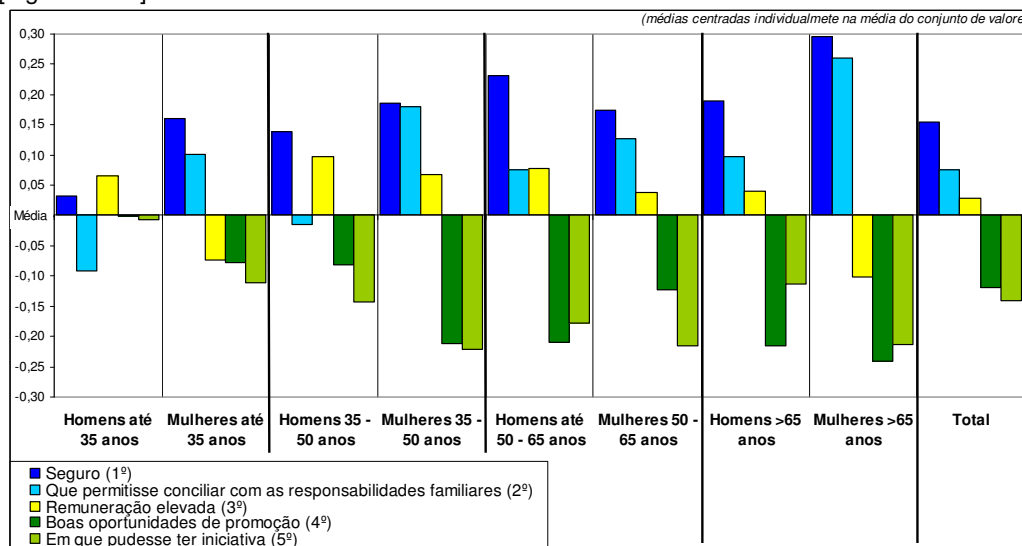
As prioridades do perfil nacional, como se observa, são o “trabalho seguro” em 1º lugar, “conciliação família e trabalho” em 2º, “remuneração elevada” em 3º, todos com valores médios superiores à média e, com valores inferiores à média: “boas oportunidades de promoção em 4º e “iniciativa” em 5º. O Norte e o Centro apresentam o perfil nacional. Lisboa e vale do Tejo, embora mantendo a mesma hierarquia, difere deste perfil por dar importância inferior à média à “remuneração elevada”. O Alentejo e o Algarve contrariam o perfil nacional, tanto na hierarquia como na saliência, ressaltando-se o facto de o “trabalho seguro” constituir a última prioridade, ex aequo com a “oportunidades de promoção” no Algarve. Será isto um reflexo da precariedade e sazonalidade do trabalho, agrícola no primeiro caso e no turismo, no segundo?

Ainda no que se refere a Portugal, as diferenças de género por escalão etário mostram como as mulheres, independentemente da idade, dão mais importância à conciliação família-trabalho do que os homens. Atente-se ainda no facto de, apenas entre os homens mais novos, o “trabalho seguro” não constituir a primeira prioridade, que

priorizam a “remuneração elevada”. Curioso é também o facto de ser entre estes que a última prioridade é a “conciliação família-trabalho”, como mostra a figura seguinte:

Prioridade dos valores sobre o trabalho em Portugal: perfil etário

[Figura III.85.]



Fonte: ESS2, 2004.

Com excepção dos homens até aos 35 anos, onde registam valores médios, as “boas oportunidades de promoção” e a “iniciativa” são valores não prioritários.

5.2. Sindicalismo e mobilidade profissional

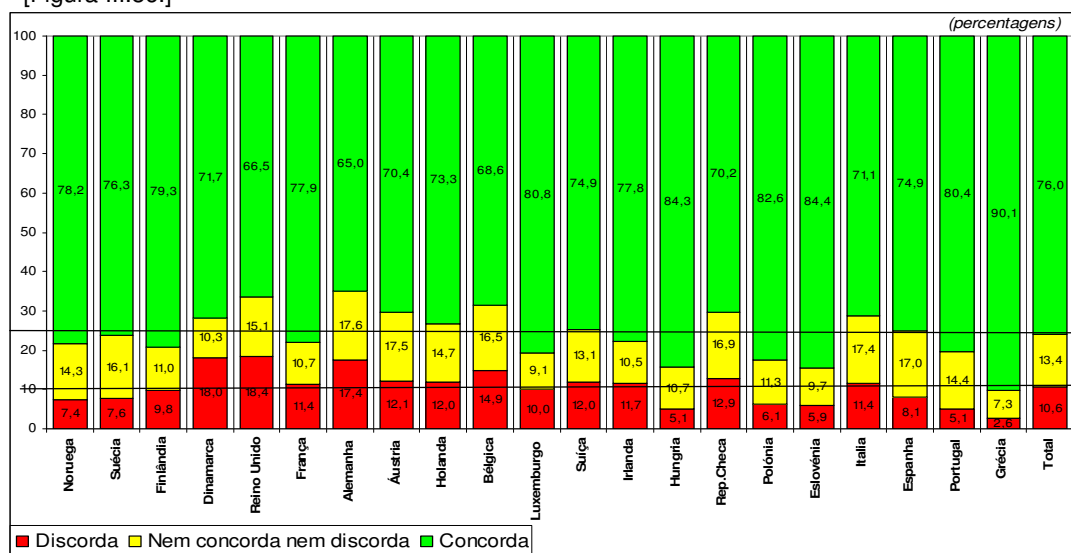
“O aumento da competitividade, a agressividade do mercado e o crescimento do desemprego não combatem, antes reforçam as situações de precariedade do trabalhador. A condição precária vem dando lugar a um processo de desilusão social que conduz à redução dos níveis de participação cívica, associativa e política”.

Elísio Estanque⁹⁵

No que se refere à segurança no emprego é interessante verificar a posição dos europeus face ao associativismo sindical e profissional. Com efeito, a esmagadora maioria concorda com a “existência de sindicatos fortes que defendam os direitos dos trabalhadores”, apresentando a posição extrema – “concorda totalmente” – valores ligeiramente superiores nos países Pós-comunistas e da Europa do Sul, como mostra a figura seguinte⁹⁶:

“Os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam”, na Europa, por país

[Figura III.86.]



Fonte: ESS1, 2002.

⁹⁵ *Trabalho, desigualdades e sindicalismo em Portugal*

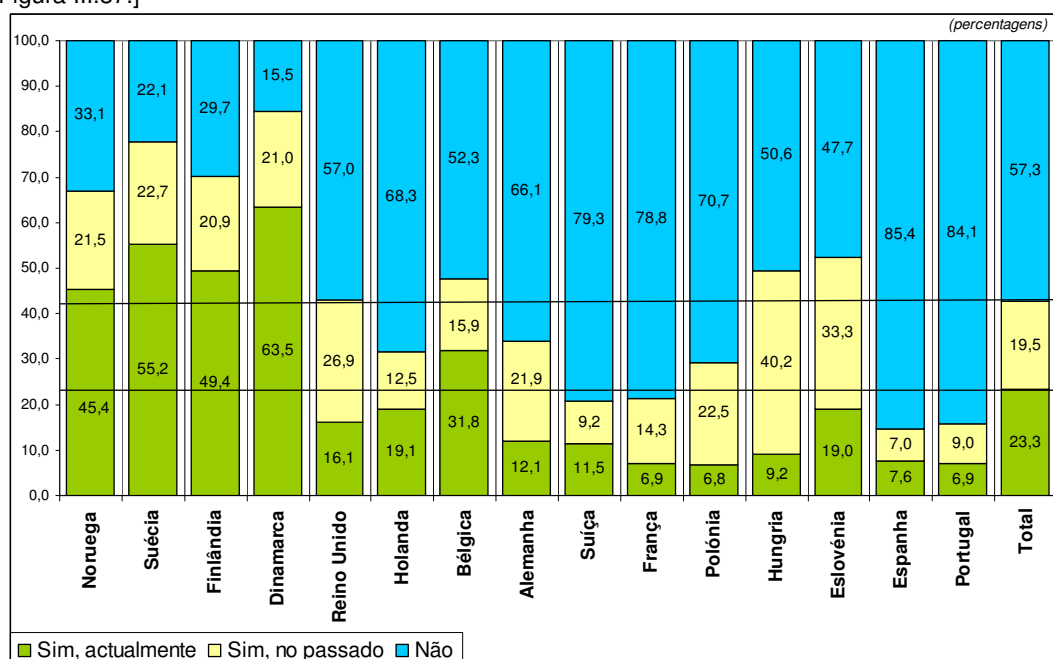
⁹⁶ A questão foi colocada no ESS1 e foi formulada da seguinte forma: “Os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que defendam as suas condições de trabalho e os seus salários”, variando a escala de resposta, com 5 posições, entre “discorda totalmente” e “concorda totalmente”. Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(20, 38602) = 73,171$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,037$

A alta adesão aos sindicatos depende, entre outros factores, como se sabe, dos níveis de serviços que estes prestam aos seus membros. E sabe-se, por outro lado, que incidências significativas de precarização e desemprego não tendem a favorecer essa mesma filiação.

Ao muito generalizado favorecimento da existência e da acção dos sindicatos contrapõe-se, no entanto, uma relativamente fraca, embora diferenciada, adesão efectiva. Com efeito, quando questionados sobre se são, ou alguma vez foram, membros de um sindicato ou de uma associação profissional, 57,3% dos europeus dizem que não⁹⁷.

Filiação sindical/associativa na Europa, por país

[Figura III.87.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

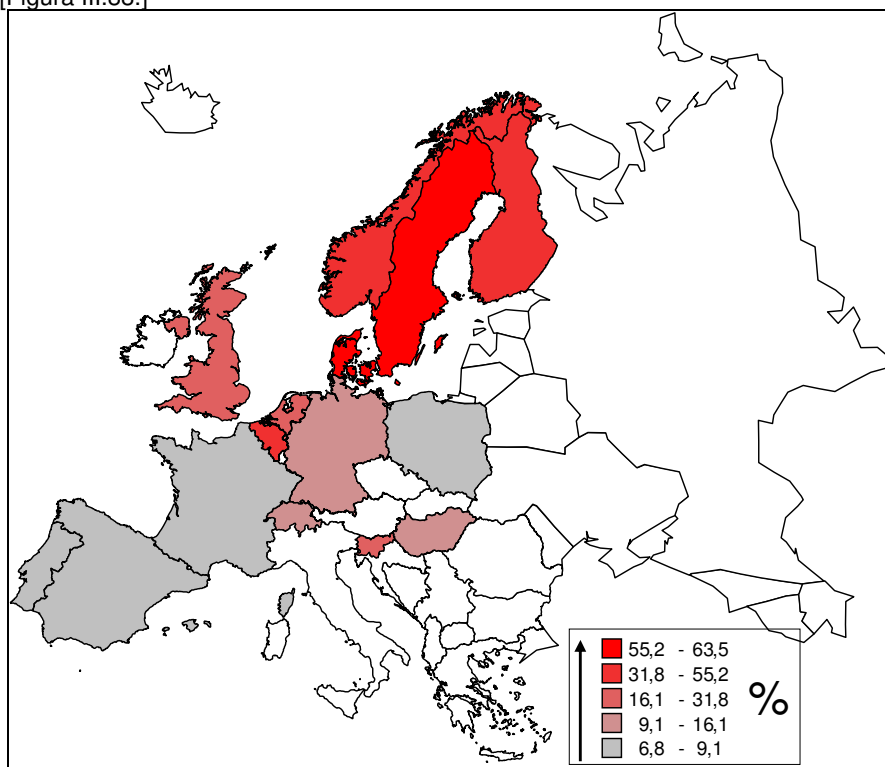
Nos países Escandinavos, onde as condições materiais de existência são mais favoráveis e o Estado Social se encontra mais desenvolvido, verificam-se as taxas de pertença sindical mais elevada com valores que oscilam entre os 45% na Noruega e os 63% na Dinamarca, claramente acima da percentagem média europeia. Ao invés, nos Países Pós-comunistas e na Europa do Sul, mais pobres e com menos protecção social, revelam-se as menores taxas de pertença. Finalmente, nos países Pós-comunistas, mais

⁹⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $\chi^2(28) = 30547,301$; $p < 0,001$.

recentemente chegados à economia de mercado, observam-se as maiores taxas de desfiliação. Em Portugal apenas 6,9% dos inquiridos afirma que é actualmente membro de um sindicato ou associação profissional, o valor mais baixo registado, idêntico ao da Polónia e França. A projecção das taxas de filiação sindical/associativa no mapa da Europa e de Portugal permite ver melhor aquela relação:

Filiação sindical/associativa na Europa

[Figura III.88.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

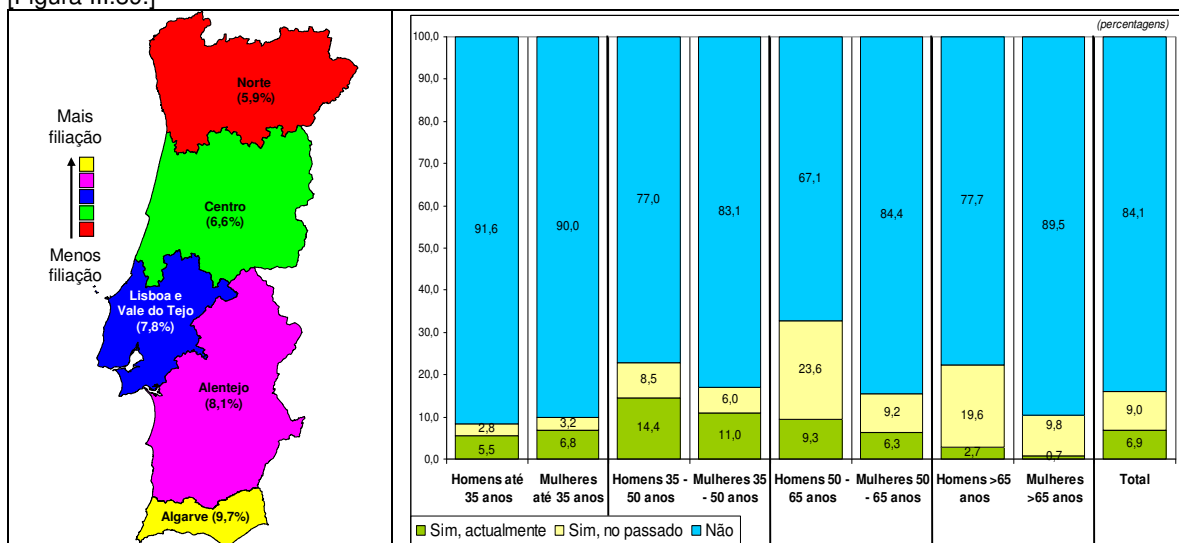
Em Portugal, a distribuição regional⁹⁸ mostra que é no Algarve que se verificam as maiores taxas de filiação e no Norte as mais baixas, enquanto no que se refere ao escalão etário⁹⁹, na idade activa, são os mais jovens que menos aderem à filiação sindical/profissional. Certamente que a este facto não será alheia a precarização do trabalho e os contratos a prazo nesta faixa etária.

⁹⁸ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões: $\chi^2 (8) = 47,417$; $p < 0,001$.

⁹⁹ Diferenças estatisticamente significativas entre escalões etários: $\chi^2 (14) = 598,873$; $p < 0,001$

Filiação sindical/associativa em Portugal

[Figura III.89.]

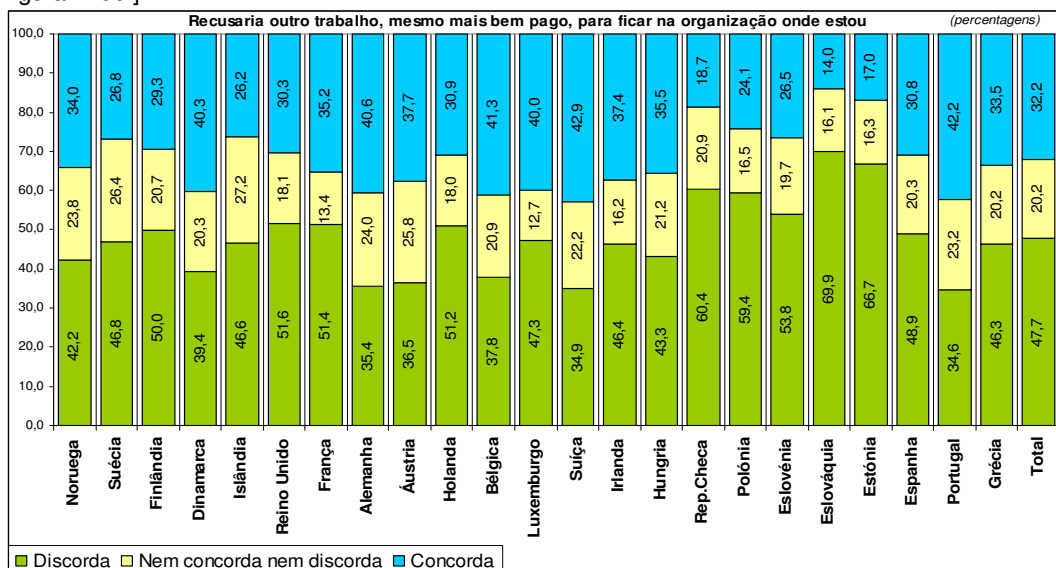


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

O ESS permite ainda verificar o grau de fidelidade que os europeus manifestam em relação às suas empresas¹⁰⁰:

Fidelidade à organização onde trabalha, na Europa, por país

[Figura III.90.]



Fonte: ESS 2002

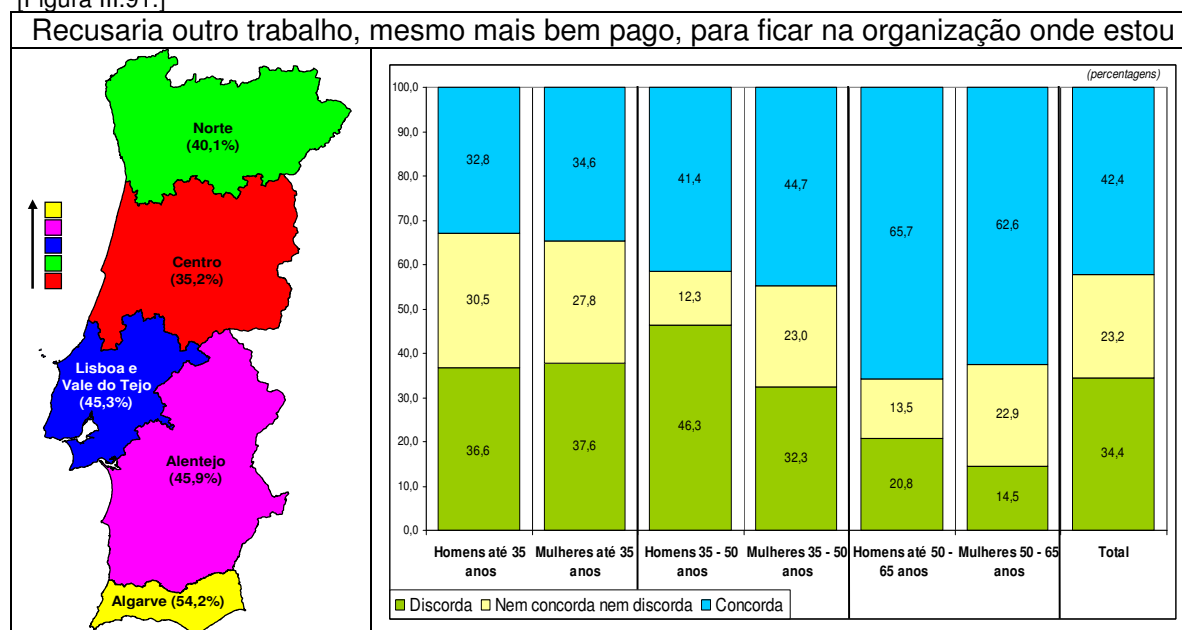
¹⁰⁰ A questão foi colocada no ESS2, formulada da seguinte forma: "Relativamente à empresa para que trabalha, diga, por favor, em que medida concorda ou discorda com a seguinte afirmação: *Recusaria outro trabalho, mesmo mais bem pago, para ficar na organização onde estou*", variando a escala de resposta, com 5 posições, entre "discorda totalmente" e "concorda totalmente". As diferenças entre países são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(21)=693,489$; $p < 0,001$.

A “fidelidade” à empresa – o chamado “amor à camisola” – é um valor não muito expressivo: apenas cerca de 32% dos europeus a trabalharem por conta de outrem, no momento da aplicação do questionário, admitiram que recusariam outro trabalho, mesmo mais bem pago, para ficarem na organização a que pertencem. Os países Pós-comunistas são os que revelam mais casos de opção de eventual saída da empresa ou da organização.

Os portugueses (42,2%) e os suíços (42,9%) são os mais “amigos da camisola”, pois são os que mais concordam com a afirmação. É no Algarve¹⁰¹ e entre os mais velhos (> 50 anos)¹⁰² que mais se manifesta a “fidelidade” à organização. Os homens entre os 35 e os 50 anos são os que mais denotam propensão à troca mudança de organização (46,3%).

Fidelidade à organização onde trabalha, em Portugal

[Figura III.91.]



Fonte: ESS1, 2002

¹⁰¹ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões: $\chi^2_{kw}(4)=9,783$; $p < 0,045$

¹⁰² Diferenças estatisticamente significativas entre grupos etários: $\chi^2_{kw}(5)=31,176$; $p < 0,001$

5.3. Envolvimento com o trabalho

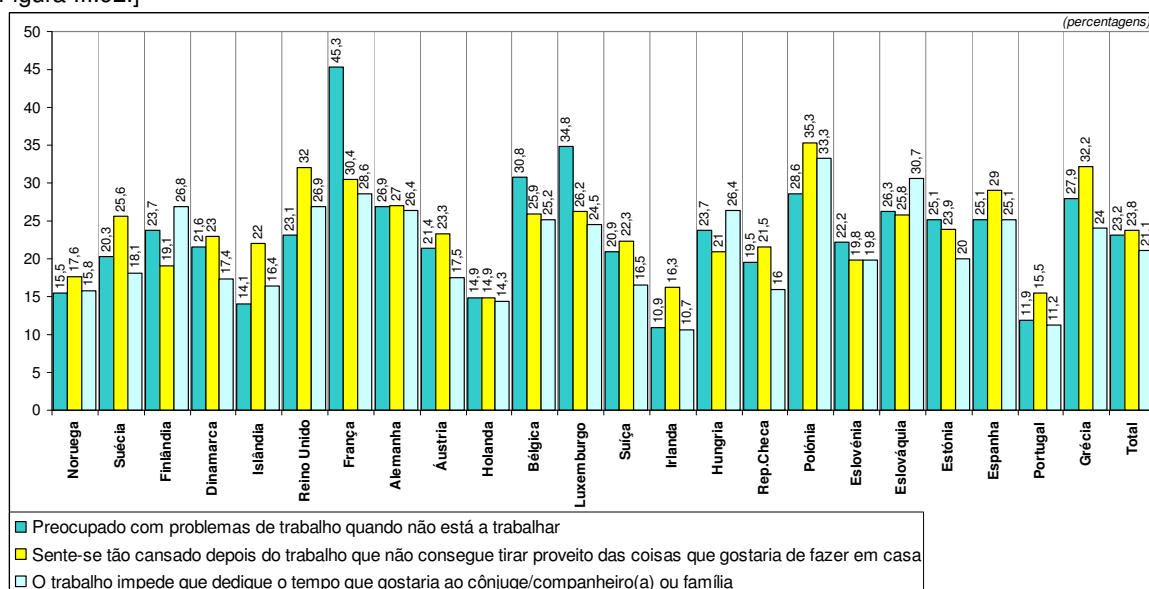
O ESS incluiu em 2004 três questões sobre o envolvimento com o trabalho, expressas da seguinte forma: “*com que frequência lhe acontece*”¹⁰³

- *Ficar preocupado com problemas de trabalho quando não está a trabalhar*
- *Sentir-se tão cansado depois do trabalho que não consegue tirar proveito das coisas que gostaria de fazer em casa*
- *Chegar à conclusão que o seu trabalho o(a) impede de dedicar o tempo que gostaria ao seu cônjuge/companheiro(a) ou família*

Os resultados são elucidativos, como podemos observar na figura seguinte. Os portugueses, irlandeses, holandeses e islandeses são os “menos envolvidos”, sendo que, no que se refere à preocupação com o trabalho quando não estão a trabalhar, os franceses (45,3%) destacam-se claramente dos restantes países, contra apenas 10,9% na Irlanda e 11,9% em Portugal, que registam os valores mais baixos.

Envolvimento com o trabalho¹⁰⁴, na Europa, por país

[Figura III.92.]



Fonte: ESS2, 2004

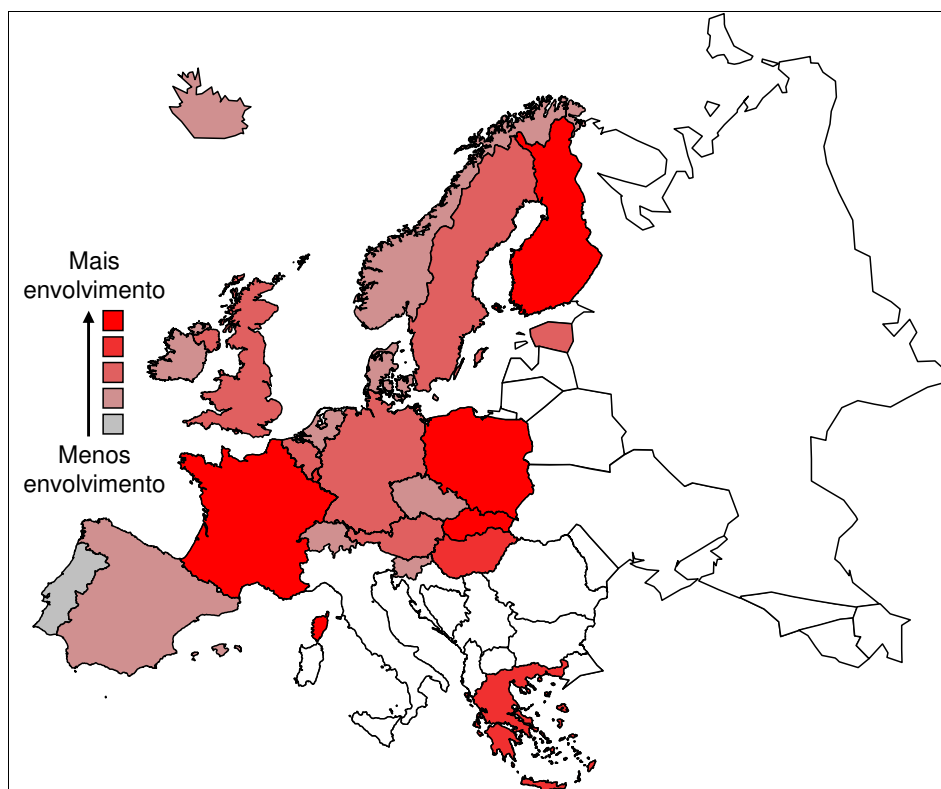
¹⁰³ Escala de resposta de cinco pontos, variando entre “1=nunca” e “5=sempre”.

¹⁰⁴ Somatório das respostas “muitas vezes” e “sempre”.

O índice sintético de envolvimento com o trabalho¹⁰⁵, construído com base nestas três dimensões, revela que na Europa¹⁰⁶, o maior envolvimento com o trabalho se verifica na Finlândia, França, Polónia e Eslováquia, registando Portugal o valor mais baixo:

Índice de envolvimento com o trabalho na Europa

[Figura III.93.]



Entre os portugueses, é em Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve que se registam os valores mais e menos elevados, respectivamente¹⁰⁷. As diferenças entre homens e mulheres por escalão etário não são estatisticamente significativas.

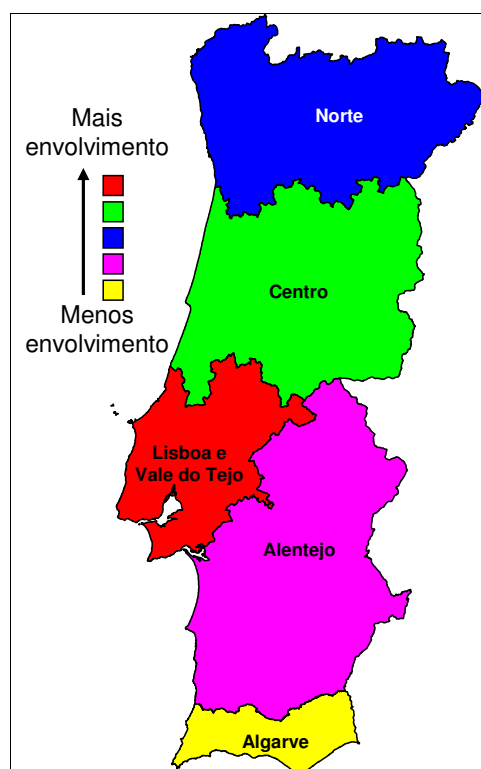
¹⁰⁵ Alpha de Cronbach: 0,54; Variância explicada: 53,8%.

¹⁰⁶ Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(22, 21296)=31,356$; $p<0,001$; $\eta^2=0,031$

¹⁰⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 859)=20,199$; $p<0,001$; $\eta^2 = 0,086$

Índice de envolvimento com o trabalho em Portugal

[Figura III.94.]



Fonte: ESS2, 2004

5.4. Justiça salarial

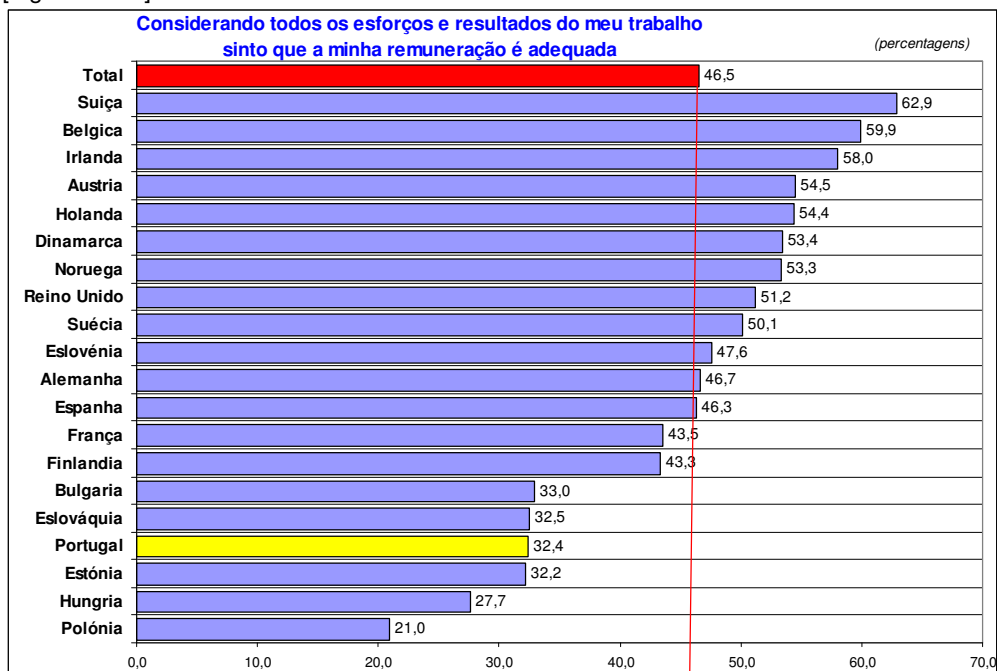
Quase metade dos europeus (46,5%) concordam que a remuneração que recebem está adequada ao esforço e aos resultados do trabalho que desenvolvem¹⁰⁸, as mulheres (43,8%) menos que os homens (54,6%). Os suíços e os belgas (cerca de 60%) são os que mais consideram isso, enquanto os polacos (21%) e os húngaros (27,7%) estão no fim da

¹⁰⁸ Somatório das categorias “concordo” e “concordo totalmente”, numa escala de cinco pontos que varia entre 1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente. Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $\chi^2_{kw}(19)=962,717$; $p < 0,001$.

tabela. Em Portugal, apenas 1/3 (32,4%) consideram a remuneração adequada, percentagem idêntica Estónia, Eslováquia e Bulgária.

Percepção da justiça salarial na Europa, por país

[Figura III.95.]



Fonte: ESS3, 2006

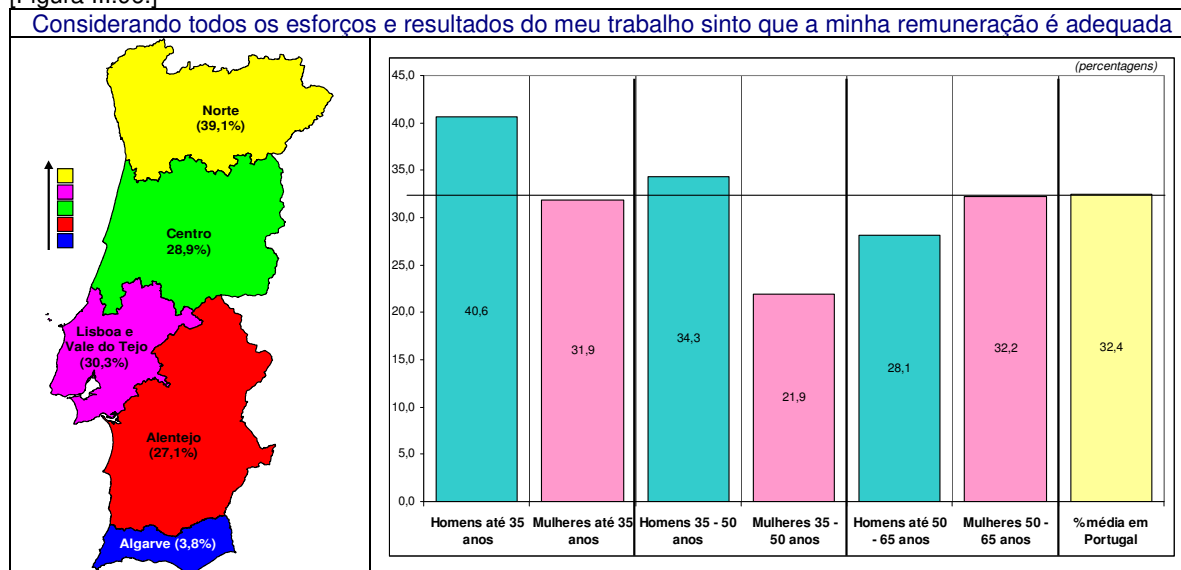
A análise por região¹⁰⁹ e sexo e idade em Portugal¹¹⁰ mostra que os homens mais jovens (40,6%) são os que mais consideram que a remuneração é adequada. As mulheres nos escalões etários até 35 anos e 35 a 50 anos consideram menos que os homens do respectivo escalão mas, no que se refere ao escalão etário 50 a 65 anos sucede o inverso, são elas a considerarem mais que a remuneração é adequada ao esforço e aos resultados do trabalho que desenvolvem. Este facto parece contrariar, pelo menos em parte, a ideia e a opinião pública publicada, da discriminação salarial em desfavor das mulheres, ou, pelo menos, as mulheres entre os 50 e os 65 anos não sentem isso, uma vez que a percepção da justiça salarial está intrinsecamente ligada ao sentimento de privação relativa, ou seja, a comparação com outros em idêntica situação.

¹⁰⁹ As diferenças entre regiões são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(4)=52,358$; $p < 0,001$.

¹¹⁰ As diferenças entre grupos etários são estatisticamente significativas: $\chi^2_{kw}(5)=20,787$; $p < 0,002$.

Percepção da justiça salarial em Portugal

[Figura III.96.]



Fonte: ESS3, 2006

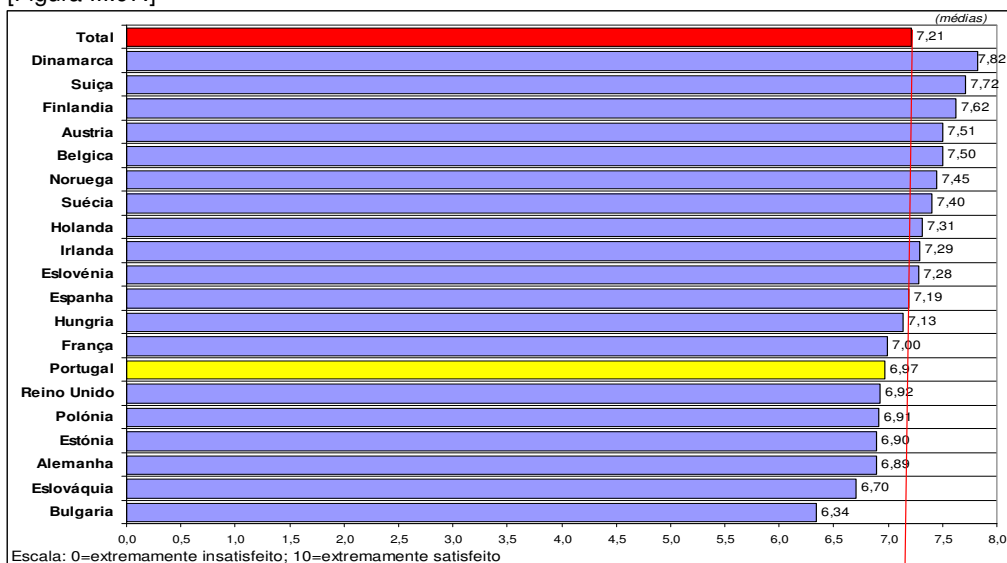
5.5. Satisfação com o trabalho

A satisfação com o trabalho, devido à sua centralidade é, como se sabe, uma das principais dimensões do bem-estar subjectivo. Neste capítulo, interessa saber se os europeus e, por extensão os portugueses estão satisfeitos com o seu trabalho¹¹¹. Como se observa na figura seguinte, numa escala que varia entre 0 a 10, a média europeia situa-se nos 7,21, com a Dinamarca a registar o valor mais elevado (7,82) e a Bulgária o mais baixo (6,34). Saliente-se o facto de nenhum país registar valores inferiores ao centro da escala, o que indicia que, globalmente, os europeus estão satisfeitos com o seu trabalho. Portugal (6,97), Faz parte do grupo de países que apresentam um grau de satisfação média inferior à média europeia (7,21).

¹¹¹ A questão foi colocada da seguinte forma: "Tudo somado, qual o grau de satisfação que sente com o seu trabalho actual?", variando a escala de resposta entre 0=extremamente insatisfeito e 10=extremamente satisfeito. Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(19, 20974) = 30,582$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,027$

Grau de Satisfação com o trabalho na Europa, por país

[Figura III.97.]



Fonte: ESS3, 2006

Saliente-se, no entanto, que em termos percentuais os trabalhadores portugueses estão bem posicionados no conjunto dos países da UE a 25 relativamente à satisfação com o trabalho. Dados do Eurobarómetro referentes a 2005, respeitantes à percentagem de pessoas empregadas que estão muito ou razoavelmente satisfeitas com o seu trabalho, medido numa escala de quatro itens, mostram que Portugal está em 10º lugar (84,9%) na UE a 25:

Satisfação com o trabalho na Europa, por país

[Figura III.98.]

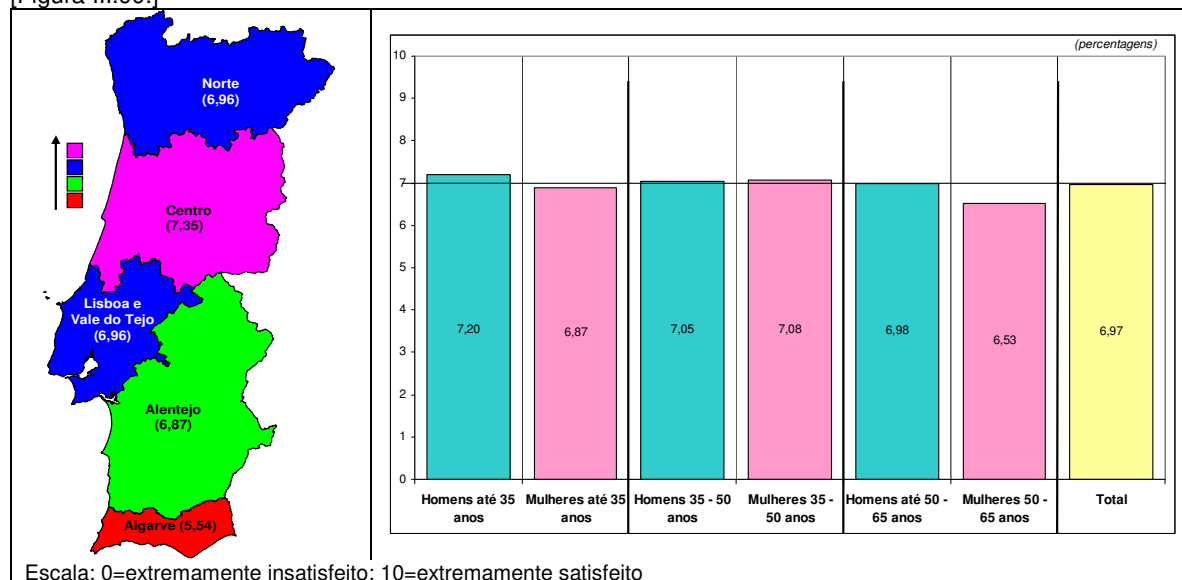


Fonte: Eurobarómetro, 2005

A análise por região¹¹² e sexo e idade em Portugal revela que é no Centro e no Algarve que há maior satisfação. As diferenças entre homens e mulheres por escalão etário, embora estatisticamente significativas¹¹³, são mínimas, como se pode observar na figura seguinte.

Satisfação com o trabalho em Portugal

[Figura III.99.]



Fonte: ESS3 2006

Conclusão

Os portugueses hierarquizam os valores sobre o trabalho da seguinte forma:

- 1º Trabalho seguro;
- 2º Conciliação família-trabalho;
- 3º Remuneração elevada;
- 4º Boas oportunidades de promoção;
- 5º Trabalho em que possa ter iniciativa.

Ou seja, um trabalho com iniciativa, associado à criatividade e ao desenvolvimento económico é algo que os portugueses não valorizam, ao contrário da maior parte dos

¹¹² Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 1089)=9,485$; $p<0,001$; $\eta^2=0,034$

¹¹³ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(5, 1013)=2,901$; $p<0,014$; $\eta^2=0,014$

países Escandinavos e da Europa do Norte e do Centro. As mulheres, independentemente da idade, dão mais importância à “conciliação família-trabalho” do que os homens, que aliás, é a última prioridade para os homens até aos 35 anos, que têm como primeira prioridade a “remuneração elevada”.

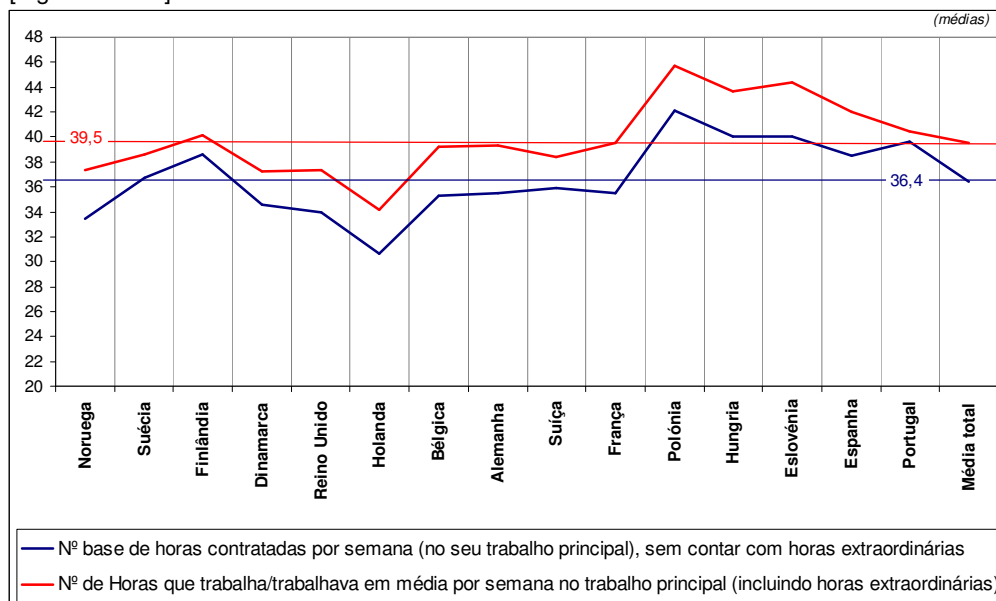
Entre os europeus são dos que mais consideram que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam, mas são os que menos estão filiados num sindicato ou associação profissional, o que é especialmente notório entre os mais jovens, homens e mulheres.

São também, entre os europeus e a par com os suíços, os que mais denotam “amor à camisola”, pois são os que mais admitem que não trocariam a organização onde trabalham por outra, mesmo que fossem ganhar mais. Este dado, como se sabe, está estreitamente ligado ao facto de não darem prioridade à iniciativa no trabalho e darem ao trabalho seguro. Ou seja, no trabalho, como afirma um ditado popular, preferem “um pássaro na mão do que dois a voar”. Prevalece claramente a ideia do emprego para toda a vida, sem desafios, mas também sem sobressaltos. Mais uma vez, “pobretes mas alegretes”.

Mas, se no conjunto dos europeus os portugueses se revelam, no trabalho, pouco adeptos da criatividade e acomodados, isso não impede que sejam dos que mais acham que a remuneração que recebem não está adequada ao esforço e resultados do trabalho que desenvolvem. No entanto, tal não deve ser estranho ao facto de, com excepção dos países Pós-comunistas, serem os que mais horas trabalham por semana, 39,6, com a média europeia a situar-se nas 36,4. São também os que registam o menor *gap* entre as horas contratadas e as horas trabalhadas, incluindo as horas extraordinárias, média de 0,9 em Portugal e 3,1 no conjunto dos países, como mostra a figura seguinte:

Horas de trabalho por semana na Europa, por país

[Figura III.100.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Os portugueses estão também entre os europeus com menor grau de satisfação com o trabalho que desenvolvem, embora, globalmente, Portugal esteja em 10º lugar na UE a 25 na percentagem de trabalhadores muito ou razoavelmente satisfeitos com o seu trabalho. O Algarve e o Centro registam o menor e o maior grau de satisfação com o trabalho, respectivamente. As diferenças entre homens e mulheres são praticamente nulas em todos os escalões etários, excepto entre os que têm entre 50 e 65 anos, em que eles estão mais satisfeitos que elas.

6. Regulação da esfera económica

"Não podemos prescindir de entidades reguladoras da economia, pois o capital não se regula a si próprio, só pelas leis do mercado".

D. António Vitalino, Bispo de Beja¹¹⁴

Com o recrudescimento da crise económica a que assistimos e que se tornou global, a opinião pública publicada não tem cessado de invocar a necessidade da intervenção do Estado na esfera económica, dando assim razão a Keynes e concluindo que a “mão invisível” de Adam Smith, que supostamente promoveria a harmonia dos mercados através do equilíbrio da oferta e da procura, tinha falhado. A sua mundialização, por outro lado, dá consistência às teses antecipadas por Marx no livro III do Capital, sobre a produção capitalista que se caracterizava por três factores essenciais: 1º concentração dos meios de produção nas mãos de um número reduzido de indivíduos; 2º organização do trabalho como trabalho social através da cooperação e da divisão do trabalho; 3º criação do mercado mundial (cfr. AA.VV, 1975: 73). A racionalidade individual mostrou sobejamente como, muitas vezes poderia ser... irracional. O desvario neoliberal das décadas de 80 e 90, para quem o Estado só atrapalhava na economia, dá assim lugar ao apelo à intervenção do estado porque, como dizia um personagem do excelente filme de James Fergusson estreado em 2010 e que passa por ser o primeiro filme sobre as causas da actual crise, *Inside Job*, os banqueiros não conseguem controlar a ganância.

Mas uma coisa são as teorias económicas e os seus arautos, outra é aquilo que as pessoas concretas pensam. Será que os europeus defendiam em 2002 a tese de que o Estado estava a mais na regulação económica? É que hoje são poucos que defendem isso e não é despidendo lembrar aqui, como alguns economistas da nossa praça e habituais comentadores nos media, para já não falar em tantos professores de economia que

¹¹⁴ Agência Ecclesia, 06/07/2009, consultado em <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=74023>.

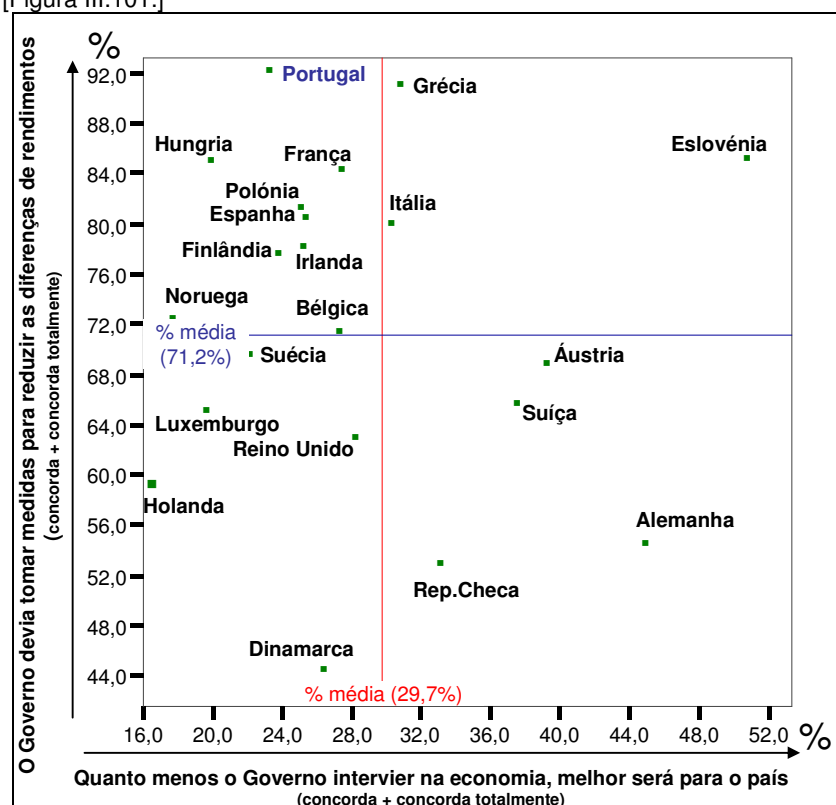
passaram a defender o contrário do que defendiam sobre o assunto. As respostas às seguintes questões¹¹⁵ parecem demonstrar que não:

- *Quanto menos o Governo intervier na economia, melhor será para Portugal;*
- *O Governo devia tomar medidas para reduzir as diferenças de rendimentos.*

A figura seguinte mostra a relação entre os dois indicadores, que estão negativamente correlacionados¹¹⁶:

Regulação da esfera económica na Europa, por país

[Figura III.101.]



Fonte: ESS1, 2002

Como se pode observar, os europeus, em todos os países analisados, concordam mais que o Governo deve intervir na redução das diferenças de rendimentos (71,2%) do que na não intervenção na economia (29,7%).

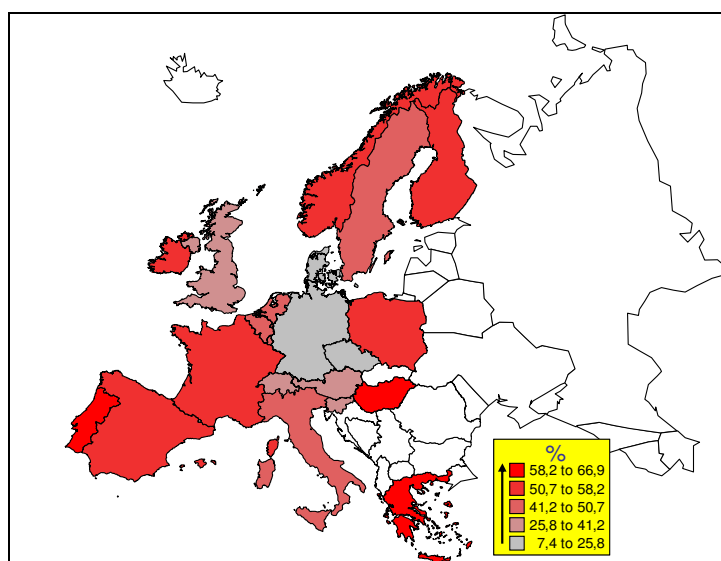
¹¹⁵ Incluídas no ESS1, 2002, cuja escala de resposta variava entre 1=concordo totalmente e 5=discordo totalmente.

¹¹⁶ Somatório das categorias “concordo” e “concordo totalmente”. $r_s(36973) = -0,047, p < 0,001$.

O *gap*¹¹⁷ entre os dois indicadores traduz uma medida do desejo intervencionista do Estado na economia, por parte dos europeus, que é tanto mais elevado quanto maior for aquele. A sua projecção no mapa da Europa permite visualizar bem a diferença entre os países neste aspecto, salientando-se o facto de Portugal apresentar o *gap* mais elevado (66,9) e a Alemanha o mais baixo (7,4).

Intervenção do Governo na Esfera Económica, na Europa
(*gap* "Governo deve intervir" – "Governo não deve intervir")

[Figura III.102.]



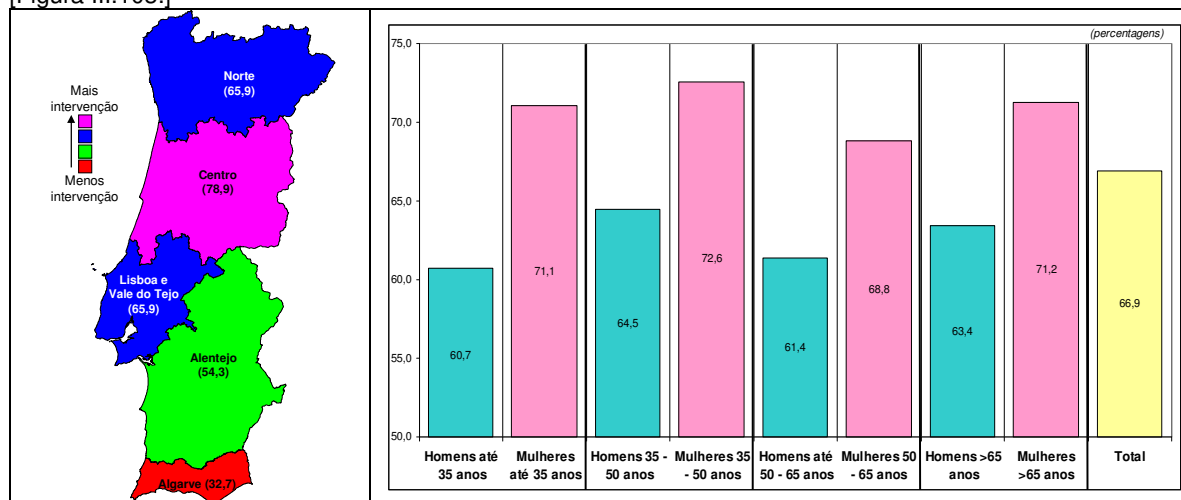
Fonte: ESS1, 2002

A mesma análise em Portugal, por região e sexo e idade revela que o Centro e o Algarve são as regiões que mais e menos concordam com a intervenção do Governo na economia, respectivamente, e que as mulheres, em todos os escalões etários, são mais favoráveis a essa intervenção do que os homens, como se observa na figura seguinte:

¹¹⁷ Obtido através da subtracção do 1º indicador (o Governo não deve intervir) ao 2º (o Governo deve intervir).

Intervenção do Governo na Esfera Económica em Portugal (gap “Governo deve intervir” – “Governo não deve intervir”)

[Figura III.103.]



Fonte: ESS1, 2002

Conclusão

A primeira conclusão a retirar destes resultados é a de que em 2002, muito antes da crise actual e quando as políticas neoliberais estavam no seu apogeu e a opinião publicada de grande parte dos economistas e comentadores diversos era a de que menos Estado correspondia a melhor Estado, não tinha eco nos cidadãos anónimos pois, com excepção da Dinamarca (43,4%) mais de metade em cada país analisado acham que o Governo devia intervir na economia para reduzir as diferenças de rendimentos. Em todos os países, as mulheres concordam mais que os homens. No conjunto, elas 74,5% e eles 67,8%. Portugal salienta-se por ser o país onde mais se concorda que o Governo deve intervir para regular a distribuição de rendimentos (91,3%).

Ao invés, só cerca de ¼ dos europeus (24,4%) consideravam que quanto menos o Governo intervier na Economia, melhor será para o país. A Eslovénia destaca-se por ser o único país em que a maioria considera isso (52%). Aqui são os homens (32,8) que concordam mais do que as mulheres (26,8%), sucedendo isso em todos os países excepto em Itália e Espanha, onde a percentagem de homens e mulheres é idêntica.

Resultados muito similares foram obtidos a partir do World Values Survey e do European Values Survey 1999/2000 (Inglehart e Norris, 2003) nas respostas a dois itens que se relacionam directamente com o papel do estado na economia¹¹⁸ (cfr. Torres e Brites (2007), mostrando mais uma vez que as mulheres de uma forma muito geral, na maioria dos países do mundo, são mais favoráveis do que os homens à intervenção do estado na economia.

Em Portugal, que está entre os países onde o “desejo” de intervenção do Governo na economia é mais elevado, é no Centro que se concentra mais essa preferência (78,9%) e no Algarve (32,7%) menos. Em todos os escalões etários as mulheres querem mais que os homens essa intervenção.

¹¹⁸ “Private ownership of business and industry should be increased” (10) Government ownership of business and industry should be increased” (1) e The government should take more responsibility to ensure that everybody is provided for (1) People should take more responsibilities to provide for themselves (10).

7. Religião

"A supressão da religião como *felicidade ilusória* do povo é uma exigência da sua felicidade. A exigência de abandonar as ilusões sobre sua condição é a *exigência de renunciar uma condição que tem necessidade de ilusões*"

Karl Marx (*Crítica da Filosofia Hegeliana do Direito*)¹¹⁹

A religião, seja ela qual for, constitui um poderoso “cimento social”, como tem sido bastantes vezes enfatizado por numerosos autores, na medida em que condiciona e, de algum modo legitima, as “visões do mundo” partilhadas pelos crentes. O processo de secularização, como refere Fernandes (cfr. 2003: 123), começou por ser um objectivo perseguido por intelectuais e políticos que tinham em vista uma profunda mudança cultural que era prejudicada pelo monolitismo religioso. Neste processo, principalmente no decurso do século XIX, em que se empenharam o liberalismo e o republicanismo, tiveram papel relevante, primeiro o cientismo e depois o positivismo, que constituíram o lastro de uma nova “visão do mundo” assente numa nova concepção do homem no mundo. Como defendeu Sartre, Deus criou o homem mas dotou-o do livre arbítrio e, devido a isso, o homem passa a ser o responsável pelos seus actos. O papel de Deus ficava, por conseguinte, resumido à criação.

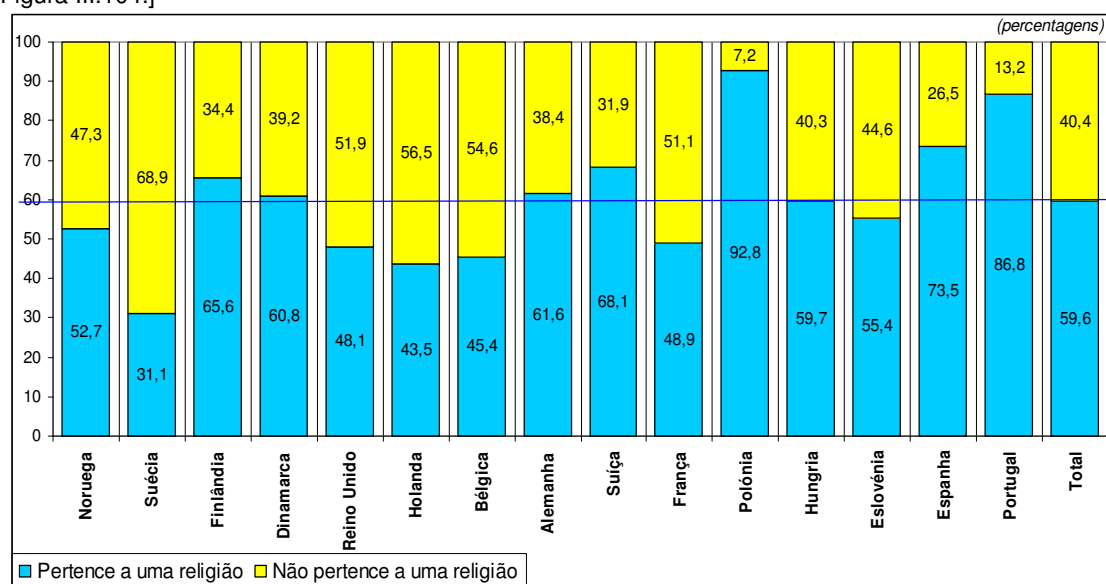
¹¹⁹ Excerto retirado de AA.V.V. (1975), *O Marxismo nos seus textos*, p. 32.

7.1. Pertença religiosa e Religiosidade

Como mostra a figura seguinte, 59,6 % dos europeus inquiridos dizem que sentem pertencer a uma religião¹²⁰, as mulheres (63,5%) mais que os homens (55,4%)¹²¹. Entre os 15 países analisados, em cinco a maioria declara não sentir que pertence a uma religião: Suécia, Reino Unido, Holanda, Bélgica e França. A Polónia (92,8%) e Portugal (86,8%) são os países com maior percentagem de inquiridos que declaram pertencer a uma religião.

Pertença a uma religião na Europa, por país

[Figura III.104.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

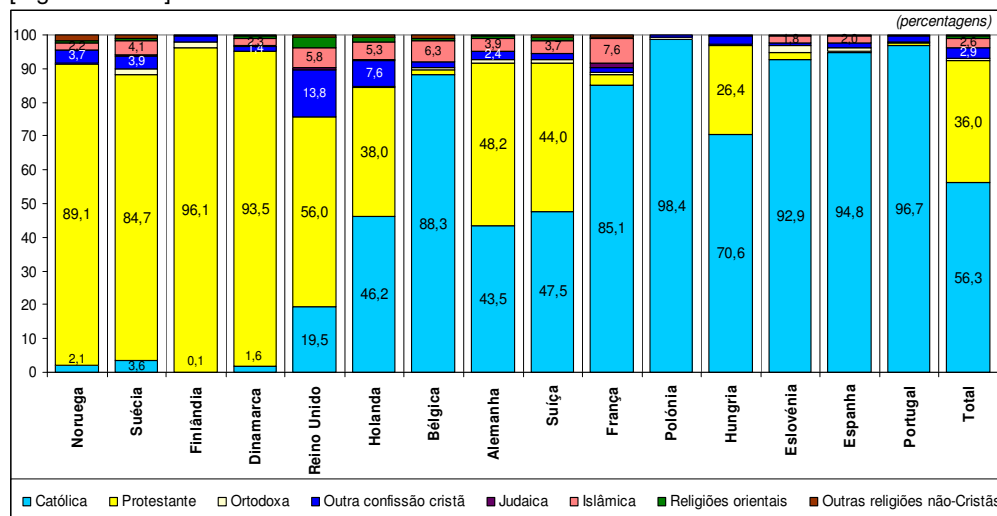
Entre os que declaram pertencer a uma religião, a religião Católica é predominante (56,3%), seguida da Protestante (36%). As outras religiões, no seu conjunto, ascendem apenas a cerca de 7,7%, com destaque para Outra religião cristã (2,9%) e Islâmica (2,6%).

¹²⁰ A questão está incluída nos módulos fixos do ESS e é formulada da seguinte forma: "Actualmente sente que pertence a uma religião?". As diferenças entre países são estatisticamente significativas: $\chi^2(14) = 11761,622$; $p=0,000$

¹²¹ Diferenças estatisticamente significativas entre sexos: $\chi^2(14) = 204,975$; $p=0,000$

Religiões na Europa, por país (apenas os que dizem sentir que pertencem a uma religião)

[Figura III.105.]

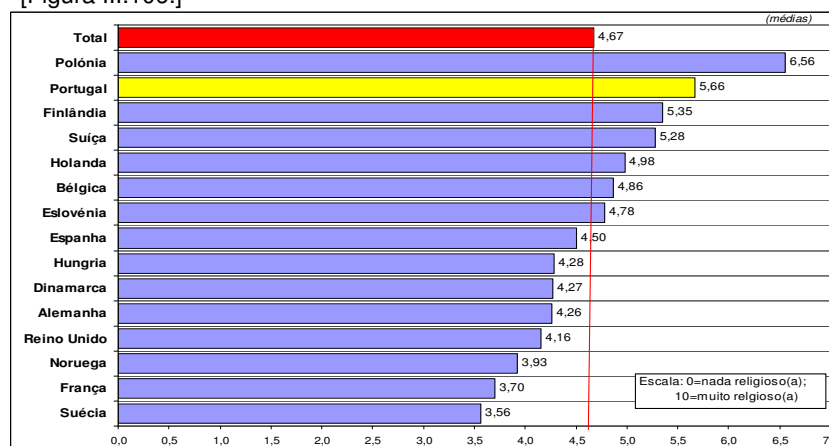


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Para além do sentimento de pertença a uma religião, o ESS inquire também os europeus sobre o seu grau de religiosidade¹²². Como se observa na figura seguinte, numa escala que varia entre 0=nada religioso e 10=muito religioso, o grau de religiosidade médio na Europa não atinge o centro da escala, quedando-se pelos 4,7¹²³. Aliás, com valores superiores ao centro da escala aparecem somente quatro países.

Grau de religiosidade na Europa, por país

[Figura III.106.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

¹²² A questão está incluída nos módulos fixos do ESS e é formulada da seguinte forma: "Independentemente de pertencer a uma religião em particular, numa escala de 0 a 10, diria que é uma pessoa..." (0=nada religiosa; 10=muito religiosa).

¹²³ Diferenças estatisticamente significativas entre os países: $F(14, 113828)=610,544$; $p<0,001$; $\eta^2=0,07$

A Polónia (6,6) e Portugal (5,7), que eram os países com maior percentagem de inquiridos a sentirem que pertenciam a uma religião, são também os países que, em média, registam os graus de religiosidade mais elevados. Note-se que a Espanha, tradicionalmente apresentada como um país “muito católico”, regista um valor médio inferior ao centro da escala (4,5).

Estes dados mostram o que tem sido designado por secularização na Europa e que, para além deste menor sentimento de afiliação, se tem verificado ao nível de um abaixamento progressivo das práticas religiosas. Contudo permanece um “núcleo duro” de países com grande constância relativamente ao sentimento de pertença a uma religião como é o caso dos países do Sul, da Polónia e da Irlanda.¹²⁴

Em Portugal, como se observa na figura seguinte, o Norte e o Centro são as regiões com mais pertença a uma religião¹²⁵ e maior grau de religiosidade¹²⁶. Tanto na primeira, como na segunda dimensão, o Alentejo é a região que regista os valores mais baixos.

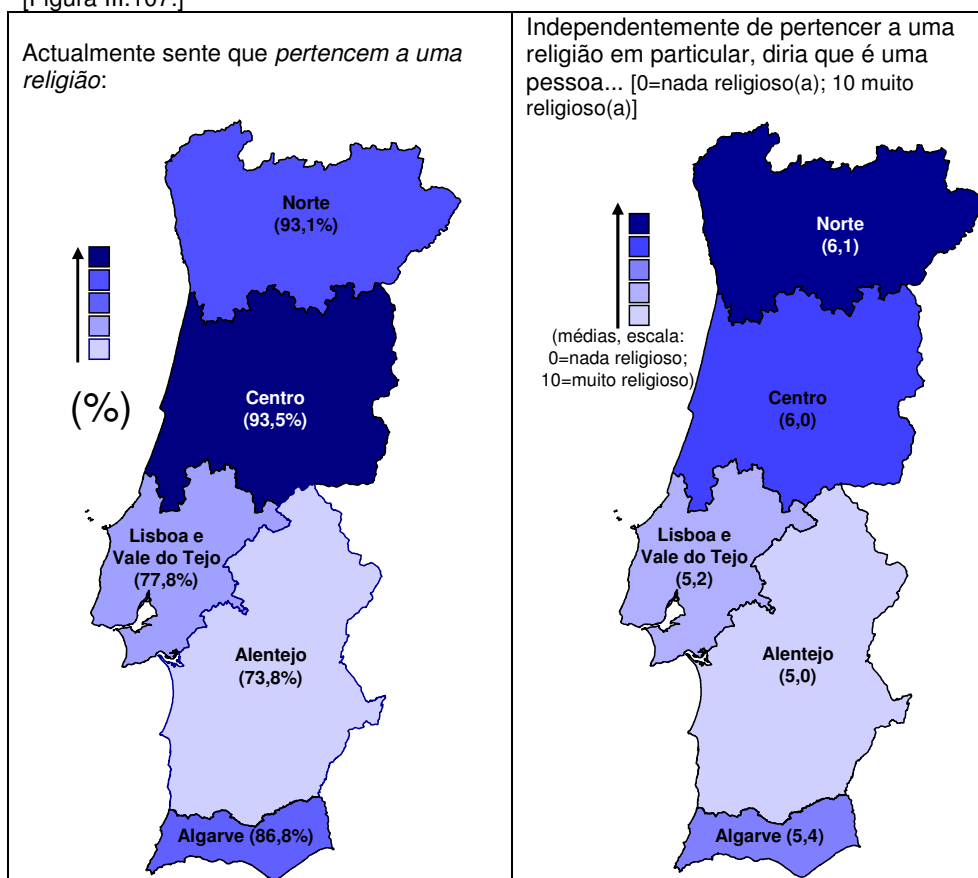
¹²⁴ Embora a Irlanda e os outros países do sul (Itália e Grécia) não integrem a base de dados acumulada, por não terem participado nos quatro *rounds* do ESS. No *round* 1, em 2002, a percentagem de inquiridos que disseram que sentiam pertencer a uma religião foram as seguintes: Irlanda (82,7%), Itália (77,3%) e Grécia (97,1%).

¹²⁵ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 8133)=112,183$; $p<0,001$; $\eta^2=0,052$

¹²⁶ Diferenças estatisticamente significativas entre as regiões: $F(4, 8005)=62,417$; $p<0,001$; $\eta^2=0,03$

Religião e Religiosidade em Portugal, por região

[Figura III.107.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

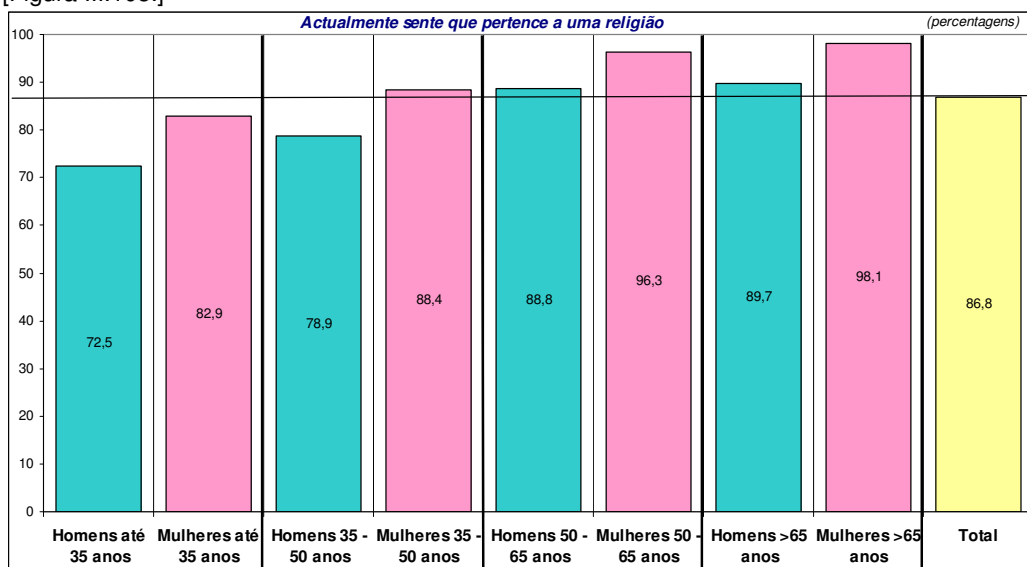
Ainda em Portugal, como se observa nas duas figuras seguintes, as diferenças entre homens e mulheres, por escalão etário, mostram que estas, independentemente da idade, declaram mais que os homens que pertencem a uma religião¹²⁷ e são mais religiosas¹²⁸. Como seria de esperar, tanto a afiliação como o grau de religiosidade são mais elevados entre os mais velhos – superando os totais nacionais – e menores entre os mais novos.

¹²⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 8131)=74,768$; $p<0,001$; $\eta^2=0,061$

¹²⁸ Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários: $F(7, 8005)=203,143$; $p<0,001$; $\eta^2=0,151$

Religião em Portugal, por sexo e idade

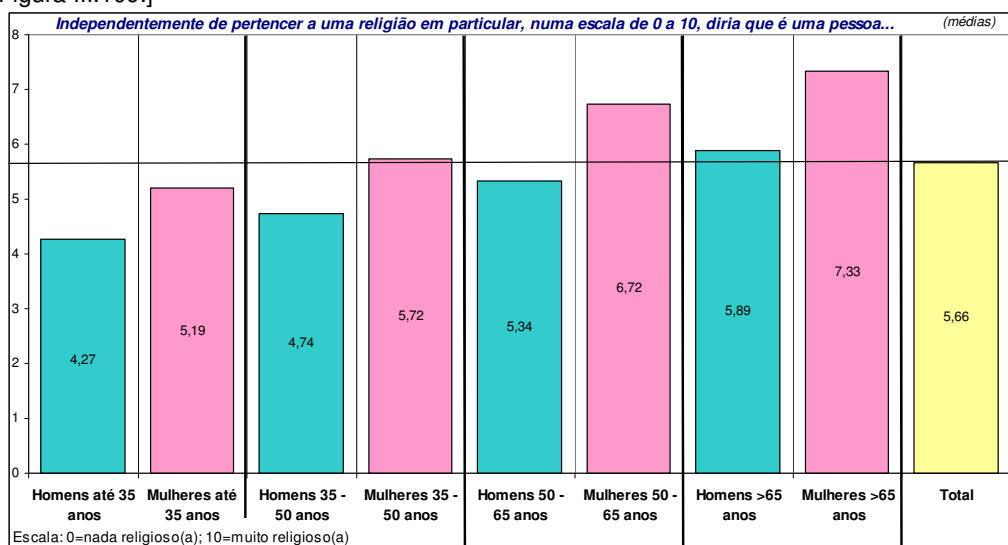
[Figura III.108.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Grau de Religiosidade em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.109.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

7.2. Prática religiosa

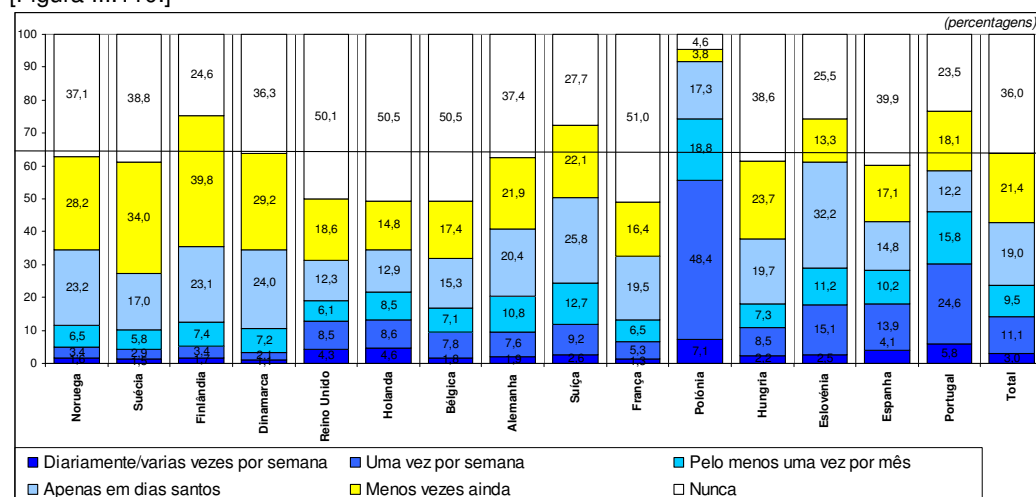
Se, como dissemos antes, a chamada “laicização” da Europa se espelha na pertença religiosa e no grau de religiosidade, ela será, porventura, ainda mais evidente no campo das práticas. Sobre esta dimensão, o ESS integra nos módulos fixos a recolha da seguinte informação:

Sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais, com que frequência é que participa, actualmente, em serviços religiosos?

Sem contar com os serviços religiosos com que frequência é que reza?

Os resultados da participação dos europeus em serviços religiosos e prática de oração são bem elucidativos do processo de secularização.

Frequência de participação em serviços religiosos na Europa, por país
[Figura III.110.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Quando questionados sobre a participação em serviços religiosos¹²⁹, apenas cerca de 14,4% dos europeus diz que participa pelo menos uma vez por semana, com a Polónia (55,5%) e Portugal (30,4%) a mostrarem-se como os mais participantes. Ao invés, mais de metade dos inquiridos em França, Bélgica, Holanda e Reino Unido diz que nunca frequentam. Em Portugal são apenas 23,5%.

A frequência com que os europeus rezam¹³⁰ é outro indicador cujos resultados são consonantes com a participação religiosa. Como se pode ver na figura seguinte, a Polónia (62%) e Portugal (48,4%) são os países onde mais se reza diariamente. Tal como na frequência religiosa, os países com menor frequência, tal como a França, Dinamarca,

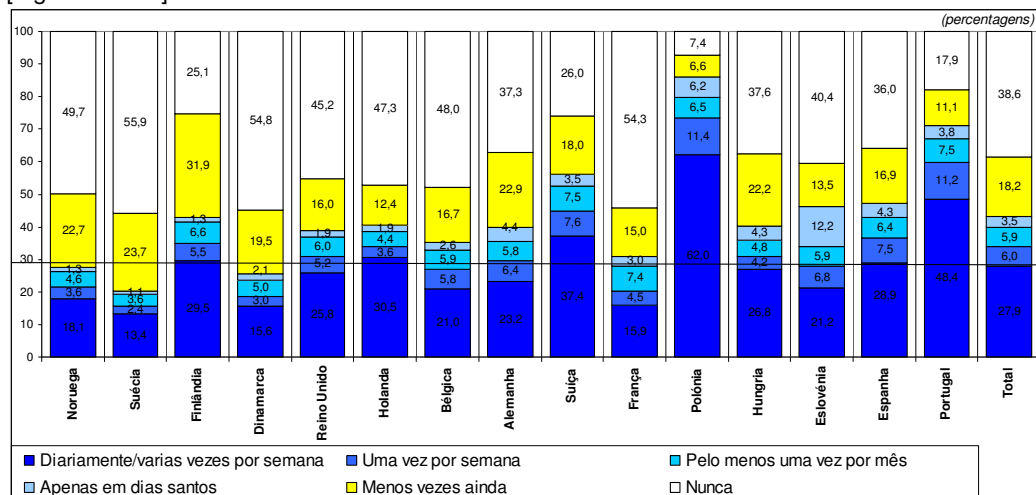
¹²⁹ A questão está incluída nos módulos fixos do ESS, é colocada a todos os inquiridos e formulada da seguinte forma: “Sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais, com que frequência é que participa, actualmente, em serviços religiosos?”.

¹³⁰ A questão está incluída nos módulos fixos do ESS, é colocada a todos os inquiridos e formulada da seguinte forma: “Sem contar com os serviços religiosos com que frequência é que reza?”.

Suécia, Noruega, Bélgica, Holanda e Reino Unido, são aqueles que registam as maiores percentagens de inquiridos que afirmam que nunca rezam.

Frequência com que reza na Europa, por país

[Figura III.111.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

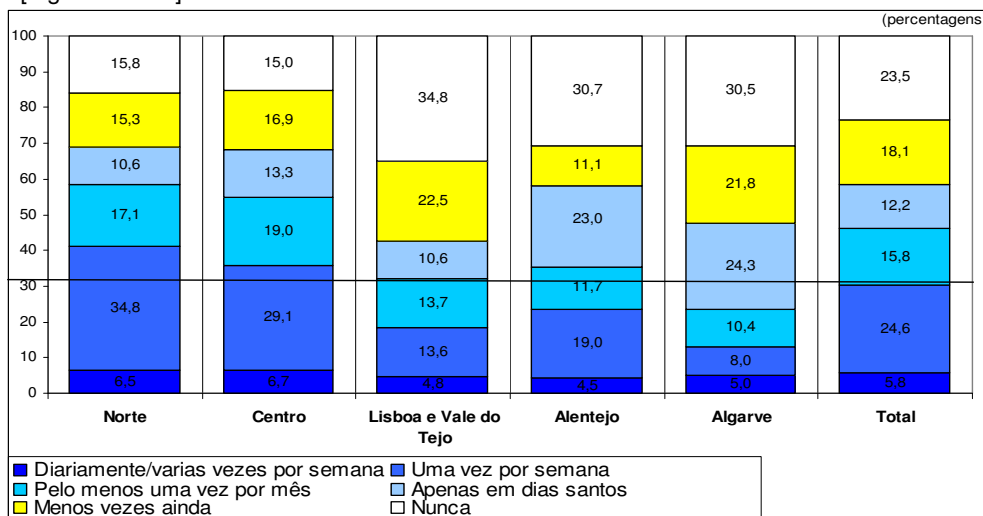
No que se refere apenas a Portugal, como mostram as duas figuras seguintes, é no Norte e no Centro que se registam as percentagens mais elevadas de inquiridos que frequentam serviços religiosos pelo menos uma vez por semana¹³¹ e rezam diariamente¹³². Cerca de ¼ dos inquiridos de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, dizem que nunca rezam, sendo essa percentagem superior, cerca de 1/3, os que dizem que não frequentam serviços religiosos.

¹³¹ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões: $\chi^2_{kw}(4)=579,839$; $p < 0,001$.

¹³² Diferenças estatisticamente significativas entre regiões: $\chi^2_{kw}(4)=331,153$; $p < 0,001$.

Frequência de participação em serviços religiosos em Portugal, por região

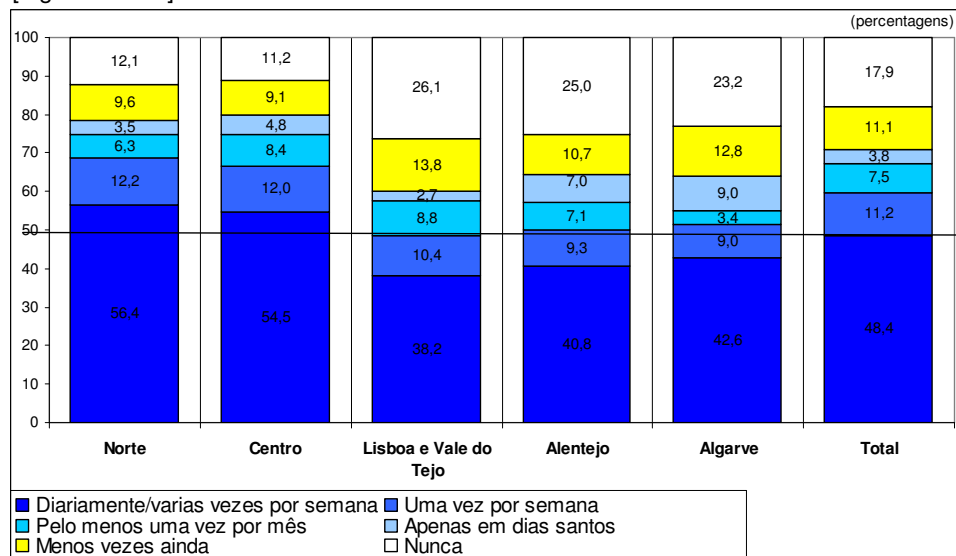
[Figura III.112.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Frequência com que reza em Portugal, por região

[Figura III.113.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Ainda em Portugal, as diferenças por sexo e idade mostram, como se pode observar nas duas figuras seguintes, que em todos os escalões etários as mulheres participam em serviços religiosos¹³³ e rezam¹³⁴ diariamente mais do que os homens, sendo

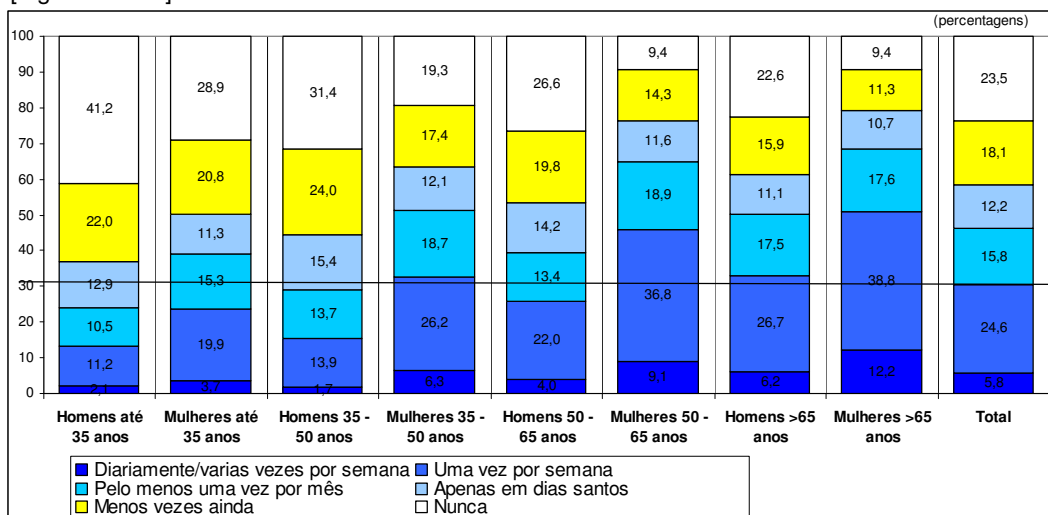
¹³³ Diferenças estatisticamente significativas entre grupos etários: $\chi^2_{kw}(7)=899,759$; $p < 0,001$.

¹³⁴ Diferenças estatisticamente significativas entre grupos etários: $\chi^2_{kw}(7)=1506,582$; $p < 0,001$.

que tanto a participação como a oração aumentam com a idade, quer nos homens, quer nas mulheres.

Frequência de participação em serviços religiosos em Portugal, por sexo e idade

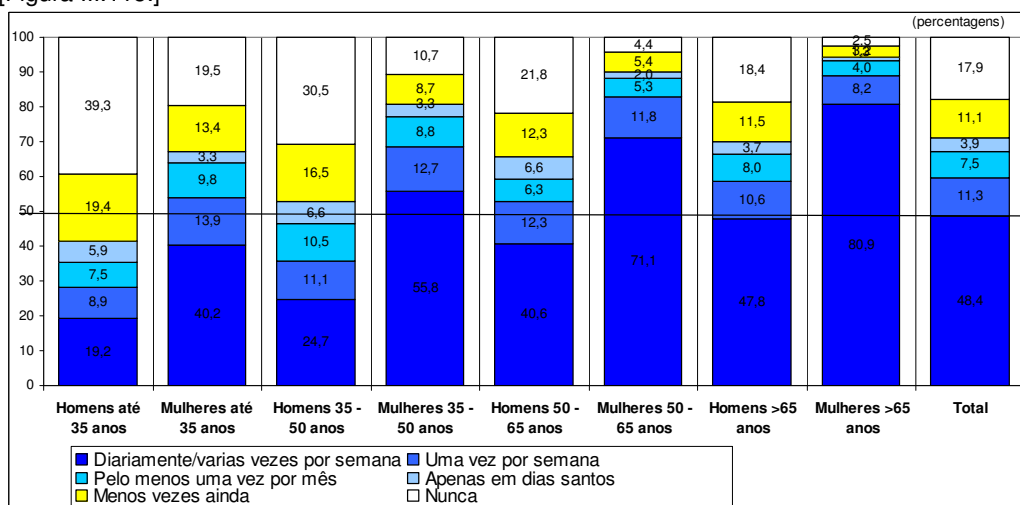
[Figura III.114.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Frequência com que reza em Portugal, por sexo e idade

[Figura III.115.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Conclusão

No que se refere á religião na Europa, podemos distinguir entre “dizer que se é” e “fazer o que se deve, porque se é”. Com efeito, se no conjunto dos europeus que vivem nos países analisados, mais de metade (59,6%) dizem que sentem pertencer a uma

religião, e o grau de religiosidade se pode considerar moderado – média 4,7 numa escala que varia entre 0=nada religioso e 10=muito religioso – no que toca às práticas a situação é diferente. Os dados sobre a frequência de serviços religiosos não extraordinários é baixa, com apenas 20% a dizer que os frequenta pelo menos uma vez por semana. Já no que se refere à “obrigação” da oração diária prescrita pelas religiões cristãs, que prevalecem largamente na Europa nas confissões católica e protestante, apenas cerca de 30% o faz, sendo maior a percentagem (36%) que diz que nunca reza.

Em Portugal, é no Norte e no Centro que se registam os valores mais elevados de sentimento de pertença a uma religião (mais de 90%) e o grau de religiosidade (6 numa escala de 0 a 10). É também nestas regiões que as práticas são mais expressivas, tanto na frequência de serviços religiosos – cerca de 30% fá-lo pelo menos uma vez por semana – como na oração, onde mais de 50% diz que reza todos os dias.

A análise por sexo e idade em Portugal mostra, por seu lado, que em todos os escalões etários as mulheres dizem mais do que os homens que sentem pertencer a uma religião e têm maior grau de religiosidade, estando estes dados em consonância com as práticas, pois também são elas que mais participam em serviços religiosos e rezam diariamente. A propósito, saliente-se a importância do factor idade na pertença a uma religião, no grau de religiosidade, na frequência dos serviços religiosos e na oração, que se verifica, tanto na Europa como em Portugal, como se observa no quadro seguinte, em que os mais velhos são, sistematicamente, os mais religiosos e participantes:

Religião na Europa e em Portugal

[Quadro III.2.]

			Idade				
			Até 35 anos	36 - 50 anos	51 - 65 anos	>65 anos	Total
Europa	Pertence a uma religião	Sim	51,6	55,4	64,0	74,8	59,6
		Não	48,4	44,6	36,0	25,2	40,4
		Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Frequência de participação em serviços religiosos (sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais)	Diariamente/varias vezes por semana	2,1	2,2	3,2	5,4	3,0
		Uma vez por semana	8,8	8,7	11,8	18,3	11,1
		Pelo menos uma vez por mês	7,6	9,3	9,9	12,7	9,5
		Apenas em dias santos	19,5	19,4	19,6	16,5	19,0
		Menos vezes ainda	20,3	22,2	22,5	20,3	21,4
		Nunca	41,6	38,1	33,1	26,8	36,0
		Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Frequência com que reza (sem contar com os serviços religiosos)	Diariamente/varias vezes por semana	19,0	23,5	31,3	46,5	27,9
		Uma vez por semana	5,5	6,0	6,2	6,3	6,0
		Pelo menos uma vez por mês	6,4	6,3	5,5	4,7	5,9
		Apenas em dias santos	3,8	3,5	3,5	2,8	3,5
		Menos vezes ainda	19,2	19,1	18,5	14,3	18,2
		Nunca	46,1	41,5	34,9	25,4	38,6
		Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Portugal	Pertence a uma religião	Sim	78,0	84,6	93,4	94,8
Não			22,0	15,4	6,6	5,2	13,2
Total			100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Frequência de participação em serviços religiosos (sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais)		Diariamente/varias vezes por semana	3,0	4,4	7,1	9,8	5,8
		Uma vez por semana	15,8	21,3	31,1	34,0	24,6
		Pelo menos uma vez por mês	13,1	16,7	16,8	17,5	15,8
		Apenas em dias santos	12,0	13,4	12,6	10,8	12,2
		Menos vezes ainda	21,4	20,0	16,4	13,1	18,1
		Nunca	34,7	24,2	16,0	14,6	23,5
		Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Frequência com que reza (sem contar com os serviços religiosos)		Diariamente/varias vezes por semana	30,4	43,3	59,4	67,8	48,4
		Uma vez por semana	11,5	12,1	12,0	9,2	11,3
		Pelo menos uma vez por mês	8,7	9,5	5,7	5,6	7,5
		Apenas em dias santos	4,5	4,6	3,8	2,2	3,9
		Menos vezes ainda	16,2	11,8	8,1	6,5	11,1
		Nunca	28,7	18,6	11,1	8,8	17,9
		Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

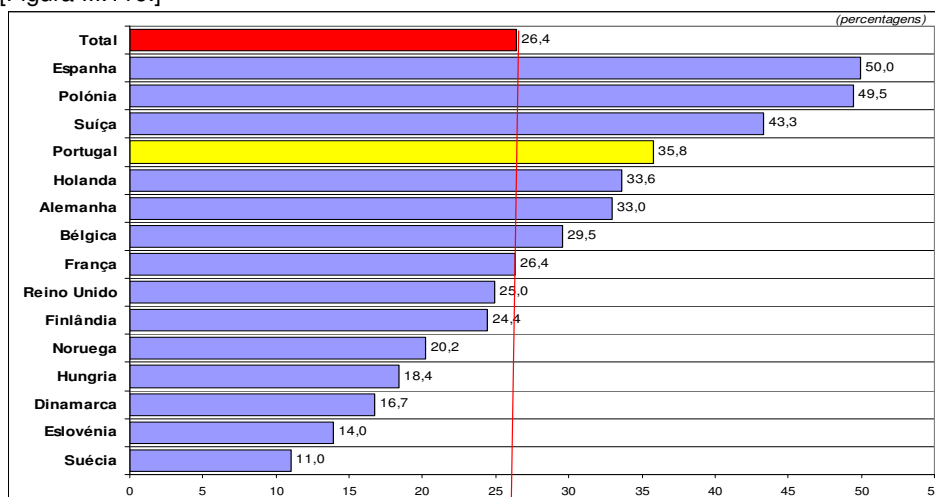
Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

Por fim, em abono da tese da laicização crescente da Europa, registre-se que entre os inquiridos que disseram que actualmente não sentiam pertencer a uma religião (40,4%),

26,4% afirmaram que já sentiram pertencer. Ou seja, “abandonaram” a religião, sendo mais notório esse facto nos países “mais religiosos”, como mostra a figura seguinte:

“Não sente que pertence a uma religião mas já sentiu que pertencia”, na Europa, por país

[Figura III.116.]

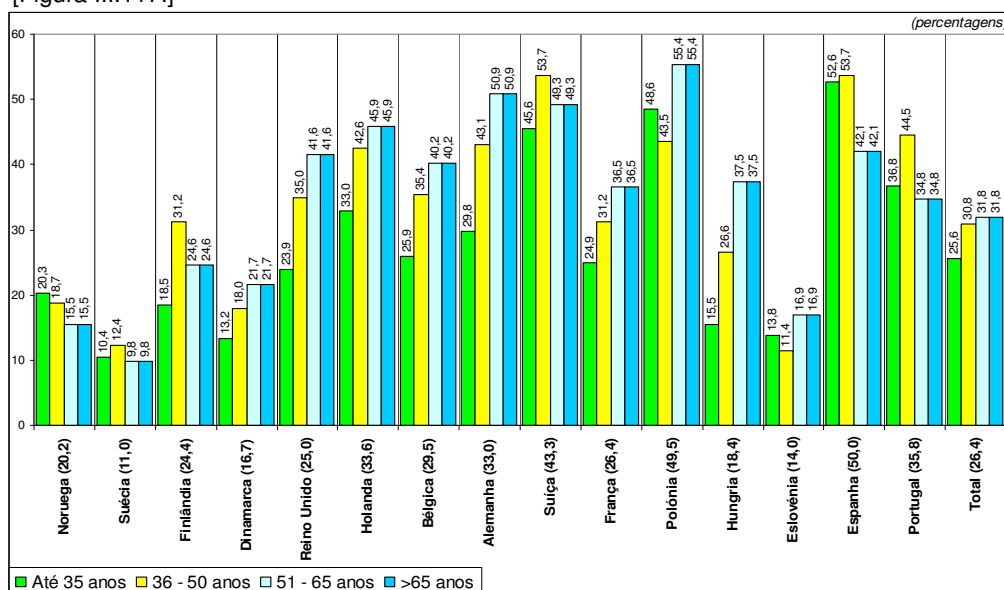


Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

A análise deste “abandono”, por escalão etário, permite verificar que na maior parte dos países são os mais velhos (> 50 anos) que mais abandonam a religião. São excepção a Noruega, Finlândia, a Suíça, a Espanha e Portugal, onde são os mais novos que mais abandonam.

“Não sente que pertence a uma religião mas já sentiu que pertencia”, na Europa, por país e idade

[Figura III.117.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

8. Família e responsabilidades familiares

“O que se segue depois da família? Muito simplesmente a família! Apenas diferente, mais e melhor: a família negociada, a família alternativa, família múltipla, novos arranjos depois do divórcio, recasamento, novo divórcio, novas combinações dos teus, meus ou nossos filhos, das nossas famílias passadas e presentes”

(Elizabeth Beck-Gernsheim, 2002)¹³⁵

Como refere Anália Torres (2010: 197): “A família e os seus processos de transformação [...] constituem-se como importantes lugares de debate onde se cruzam os temas do privado e do público” e, contrariando as teses sobre o seu fim, que proliferaram nos anos 90, “a família subsiste, em todas as partes do mundo, mas com uma complexidade maior” (Bilac, 2004: 166). Como mostram os dados do ESS, a família é mesmo o aspecto mais valorizado na vida dos europeus¹³⁶, tanto por homens, como por mulheres¹³⁷, como se observa no quadro e figura seguinte:

Importância da Família, Amigos, Tempos livres, Política, Trabalho, Religião e Voluntariado, na vida dos europeus, por sexo

(médias)

[Quadro III.3.]

	Sexo		
	Homens	Mulheres	Total
Família	9,3	9,5	9,4
Amigos	8,3	8,6	8,5
Tempos livres	7,9	7,9	7,9
Política	4,5	4,0	4,3
Trabalho	7,6	7,4	7,5
Religião	4,3	5,4	4,8
Voluntariado	4,5	4,5	4,5

Fonte: ESS1, 2002

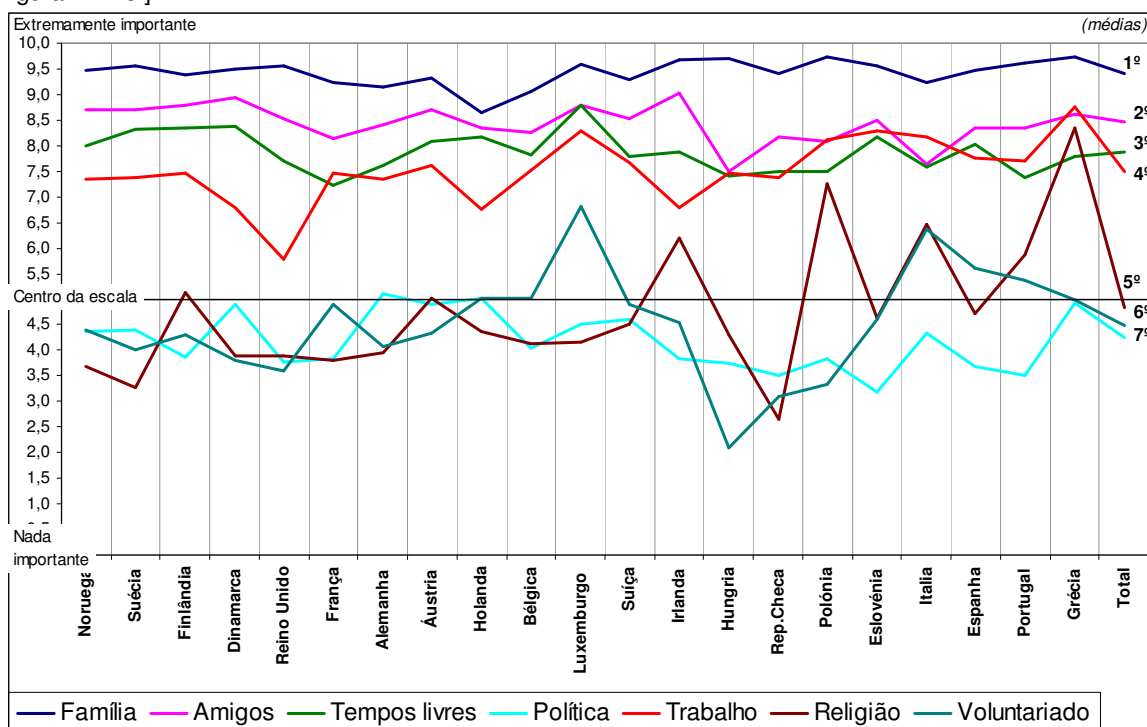
¹³⁵ Citada por Torres, Anália (2010:198)

¹³⁶ A questão “Qual a importância de cada um destes aspectos na sua vida?” foi incluída no round 1 do ESS, variando a escala de resposta entre 0=nada importante a 10=extremamente importante”. Em todos os aspectos, as diferenças entre países são estatisticamente significativas. Família: $F(20, 39785)=93,097$; $p<0,001$; $\eta^2=0,045$. Amigos: $F(20, 39703)=83,535$; $p<0,001$; $\eta^2=0,040$. Tempos livres: $F(20, 39483)=68,733$; $p<0,001$; $\eta^2=0,034$. Política: $F(20, 39571)=99,129$; $p<0,001$; $\eta^2=0,048$. Trabalho: $F(20, 39050)=126,933$; $p<0,001$; $\eta^2=0,061$. Religião: $F(20, 39594)=408,402$; $p<0,001$; $\eta^2=0,171$. Voluntariado: $F(20, 39521)=222,312$; $p<0,001$; $\eta^2=0,171$;

¹³⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres $F(20, 39703)=83,535$; $p<0,001$; $\eta^2=0,040$;

Importância da Família, Amigos, Tempos livres, Política, Trabalho, Religião e Voluntariado, na vida dos europeus, por país

[Figura III.118.]



Fonte: ESS1, 2002

Mostrando a importância e a prevalência que as pessoas dão à família, estes resultados, que não surpreendem os sociólogos desta área, podem constituir alguma surpresa para um público mais vasto. Ecos persistentes da ideia de crise da família parecem, ao menos superficialmente, contradizer esta hierarquia de valores a qual permanece ao longo das últimas duas décadas extremamente consistente, como vários inquéritos mostram. Já a escolha dos amigos e do lazer para segundo e terceiro lugar é possível que constituam alguma novidade, enquanto relativiza e “desimportantiza” a religião, o trabalho voluntário e a política.

As escolhas indicadas, no plano dos valores, confirmam tendências recentes que diversos investigadores reconhecem no plano das orientações pessoais e no das transformações relativas à família: individualização, secularização e sentimentalização. Por outras palavras, trata-se da afirmação dos direitos individuais de que são exemplo a igualdade entre homens e mulheres e, no quadro da família, o maior respeito e consideração pela autonomia dos filhos; da defesa, no plano dos valores mas também no

das práticas, da ideia segundo a qual a vida pessoal, conjugal e familiar se regem por lógicas profanas e não segundo normas religiosas ou do sagrado; da valorização das afinidades electivas, dos sentimentos, dos afectos e do lazer que transferem para o centro da vida pessoal e familiar o bem estar emocional e a qualidade das relações, em oposição às lógicas tradicionais valorizando a preservação de papéis pré-estabelecidas mesmo contra a vontade e o desejo dos indivíduos ou à custa do seu sacrifício individual. Em suma, trata-se de um arranjo de valores que evidencia escolhas modernas e não tradicionais (cfr. Torres e Brites, 2007).

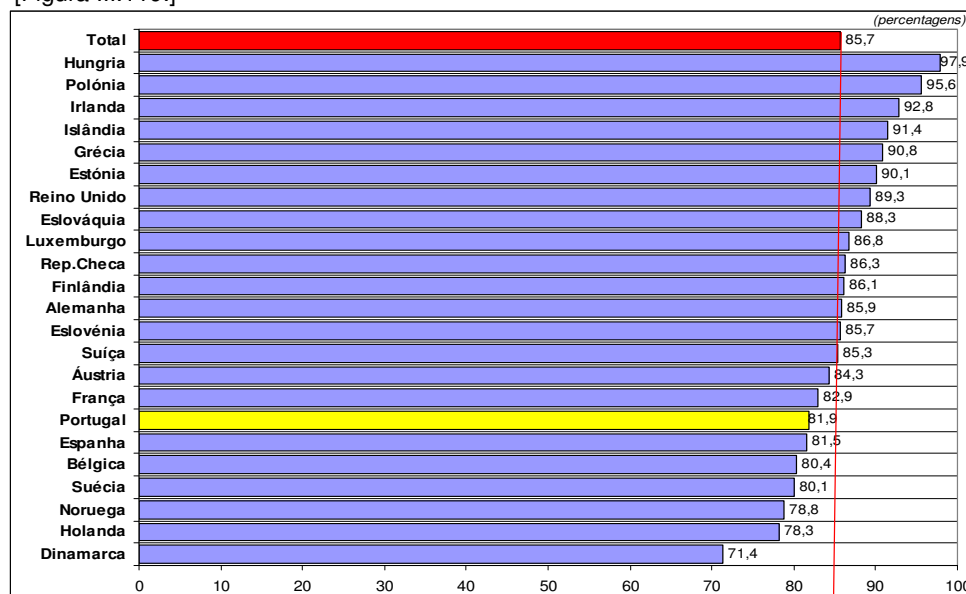
Não deixa de ser importante ressaltar que a pretexto dos mesmos valores médios se possa defender entendimentos relativamente diferentes ou significados subjectivos apontando mais num ou noutro sentido. De acordo com uma lógica estereotipada, poder-se-ia, por exemplo pensar que nos países do sul se se tenderia a dar mais importância à família do que a norte, o que efectivamente não se passa.

No conjunto dos sete aspectos considerados, verifica-se, também aqui, que são mais as semelhanças do que as diferenças entre homens e mulheres. Com efeito, a ordem de importância de cada um deles é a mesma até à quarta posição, surgindo a falta de consenso na religião, último lugar neles e quinto nelas, e na política, onde se verifica o inverso. Eis um resultado que também tende a contrariar o senso comum. Com efeito, é voz corrente que as mulheres valorizam muito mais do que os homens a família e que apostam muito menos do que eles no trabalho, e que em contrapartida os homens hierarquizariam estes aspectos da vida exactamente da maneira oposta: trabalho primeiro, família depois. Ora o que se passa é que a hierarquia é exactamente a mesma para os dois sexos.

Outro indicador da importância da família para os europeus, neste caso da família mais próxima¹³⁸, confirma estes resultados pois, como se observa na figura seguinte, 85,7% concordam que a família mais próxima deve ser a prioridade principal:

“A família próxima devia ser a principal prioridade na vida de cada um”¹³⁹, na Europa, por país

[Figura III.119.]



Fonte: ESS2, 2004

Portugal (81,9%) regista valores inferiores à percentagem média. Por região¹⁴⁰, o Algarve (98,5%) e Centro (62,9%) são as regiões que mais e menos concordam. As diferenças entre homens e mulheres por escalão etário, não são estatisticamente significativas.

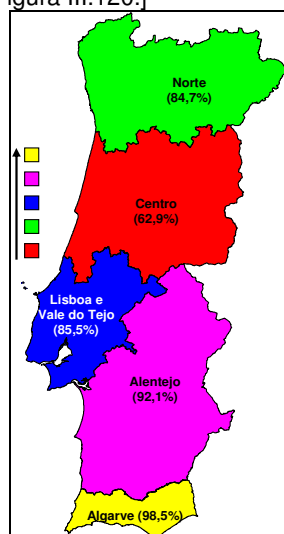
¹³⁸ A questão foi incluída no ESS2 e foi formulada da seguinte forma: “A família mais próxima devia ser a principal prioridade na vida de cada um”, variando a escala de respostas entre 1=discorda totalmente; 5=concorda totalmente.

¹³⁹ Somatório das categorias “concordo” + “concordo totalmente”.

¹⁴⁰ Diferenças estatisticamente significativas entre regiões: $\chi^2_{kw}(4)=112,561$; $p < 0,001$.

“A família próxima devia ser a principal prioridade na vida de cada um”¹⁴¹, em Portugal, por região

[Figura III.120.]

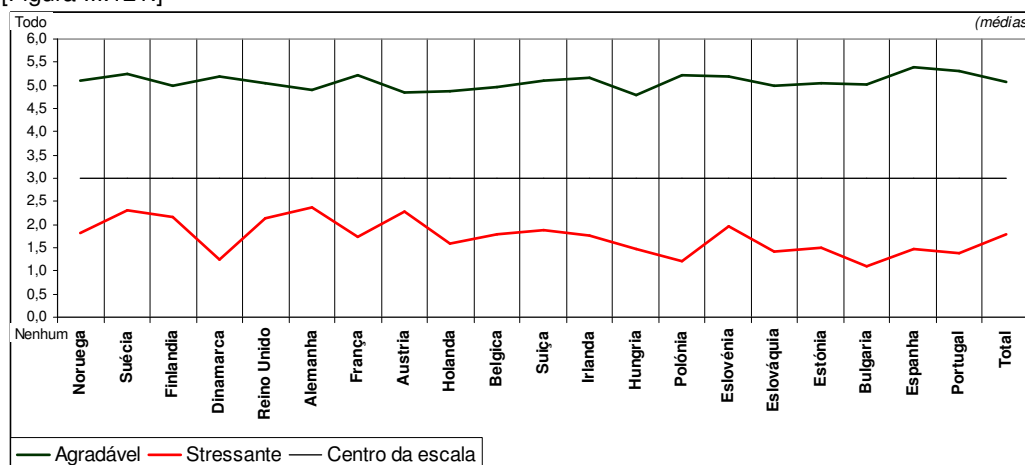


Fonte: ESS2, 2004

Mas a família não só constitui a primeira prioridade dos europeus como, a avaliar pelas respostas a dois indicadores incluídos no ESS3¹⁴², em todos os países o tempo passado em família é agradável¹⁴³ e pouco stressante¹⁴⁴, como mostra a figura seguinte:

“Tempo passado com a família próxima”, na Europa, por país

[Figura III.121.]



Fonte: ESS3, 2006

¹⁴¹ Somatório das categorias “concordo” + “concordo totalmente”.

¹⁴² As questões foram formuladas da seguinte forma: “quanto do tempo que passa com a sua família próxima (filhos, pais, irmãos e cônjuge/companheiro) é... agradável/stressante, variando a escala de respostas entre 0=nenhum e 6=todo.

¹⁴³ Diferenças estatisticamente significativas entre países $F(19, 36568)=49,422$; $p<0,001$; $\eta^2=0,025$;

¹⁴⁴ Diferenças estatisticamente significativas entre países $F(19, 36239)=121,415$; $p<0,001$; $\eta^2=0,060$;

As diferenças entre homens e mulheres são mínimas, embora seja ligeiramente mais agradável e mais stressante para elas, em todos os escalões etários, tanto na Europa como em Portugal, como se observa no quadro seguinte:

“Tempo passado com a família próxima”, na Europa e em Portugal, por sexo e idade
(médias*)

[Quadro III.4.]

	Europa		Portugal	
	Agradável	Stressante	Agradável	Stressante
Homens até 35 anos	4,9	1,8	5,3	1,3
Mulheres até 35 anos	5,0	2,0	5,3	1,5
Homens 35 - 50 anos	5,0	1,8	5,5	1,3
Mulheres 35 - 50 anos	5,1	2,1	5,3	1,6
Homens até 50 - 65 anos	5,1	1,6	5,4	1,1
Mulheres 50 - 65 anos	5,2	1,8	5,3	1,6
Homens >65 anos	5,3	1,4	5,4	1,1
Mulheres >65 anos	5,3	1,5	5,1	1,3
Total	5,1	1,8	5,3	1,4

* Escala: 0=nenhum; 6=tudo.

Fonte: ESS3, 2006

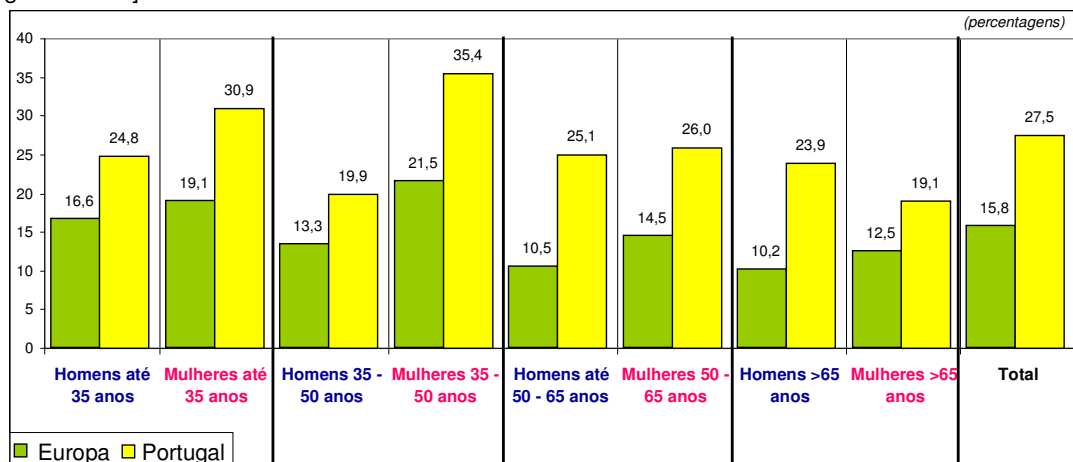
No que se refere ao stress, as diferenças serão, certamente explicadas pelas respostas dadas sobre se as tarefas domésticas provocam stress¹⁴⁵. Como mostra a figura seguinte, em todos os escalões etários, tanto na Europa como em Portugal, são mais as mulheres a dizerem que sim¹⁴⁶:

¹⁴⁵ A questão foi incluída no ESS 2 e formulada da seguinte forma: “Relativamente às tarefas domésticas que faz, em que medida concorda ou discorda com a seguinte afirmação: As suas tarefas domésticas provocam-lhe stress”, variando a escala de resposta entre 1=concorda totalmente e 5=discorda totalmente.

¹⁴⁶ Somatório de “concordo” + “concordo totalmente”. As diferenças são estatisticamente significativas entre grupos etários. Europa: $\chi^2_{kw}(7)=679,835$; $p < 0,001$; Portugal: $\chi^2_{kw}(7)=21,442$; $p < 0,004$.

“As tarefas domésticas provocam stress”, na Europa e em Portugal, por sexo e escalão etário

[Figura III.122.]



Fonte: ESS2, 2004

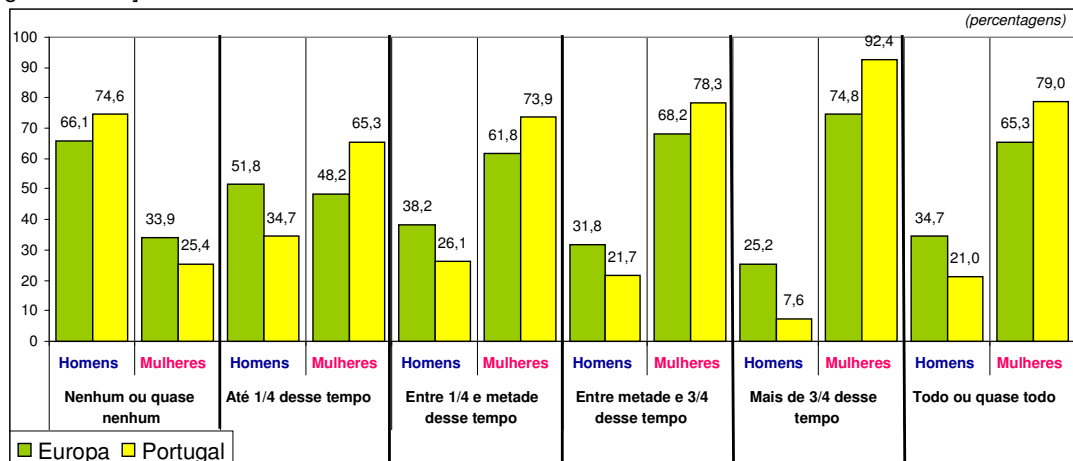
Certamente que o facto de as mulheres desempenharem mais tarefas domésticas do que os homens não é alheio a estes resultados, como mostram os resultados da resposta à seguinte questão:

“Falando de tarefas domésticas, ou seja, tudo o que se faz numa casa como cozinhar, limpar, tratar da roupa, ir às compras, fazer pequenas reparações, mas sem contar com tratar das crianças e actividades de tempos livres ou de lazer. Contando com todas as pessoas que vivem nesta casa, das horas que gastam mais ou menos num *dia normal de semana* a fazer tarefas domésticas, quanto desse tempo é gasto por si?”

Como se pode ver na figura seguinte, tanto na Europa como em Portugal, são as mulheres que gastam mais tempo em tarefas domésticas:

Tempo dedicado às tarefas domésticas na Europa e em Portugal, por sexo

[Figura III.123.]



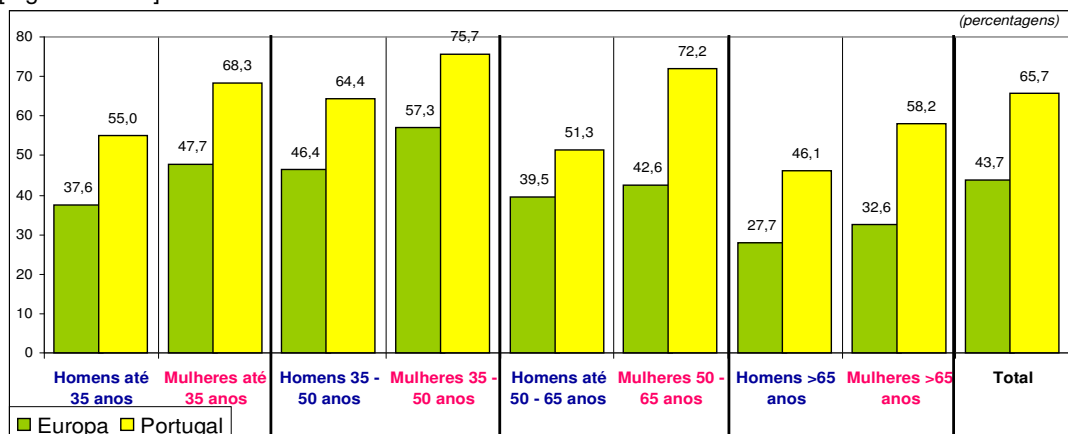
Fonte: ESS2, 2004

Veja-se que entre os que dizem que não gastam “nenhum tempo ou quase nenhum” com tarefas domésticas, os homens são cerca do dobro das mulheres na Europa e o triplo em Portugal, invertendo-se a situação entre os que dizem “todo ou quase todo”. Em todos os lapsos de tempo, as mulheres dedicam mais tempo às tarefas domésticas do que os homens, ressaltando-se ainda o facto de, com excepção de “nenhum ou quase nenhum”, as mulheres em Portugal dedicarem mais tempo do que as mulheres na Europa”. Ou seja, se no capítulo das tarefas domésticas as mulheres na Europa estão claramente sobrecarregadas, em Portugal estão ainda mais.

A resposta à seguinte questão acentua esse facto, pois, como se observa, são as mulheres que mais concordam que “*Há tantas coisas para fazer em casa que muitas vezes o tempo não chega para as fazer todas*”¹⁴⁷. Tanto na Europa como em Portugal, as mulheres em todos os escalões etários são as que mais dizem que o tempo é escasso para fazer todo o trabalho em casa¹⁴⁸:

“Há tantas coisas para fazer em casa que muitas vezes o tempo não chega para as fazer todas”, na Europa e em Portugal, por sexo e escalão etário

[Figura III.124.]



Fonte: ESS2, 2004

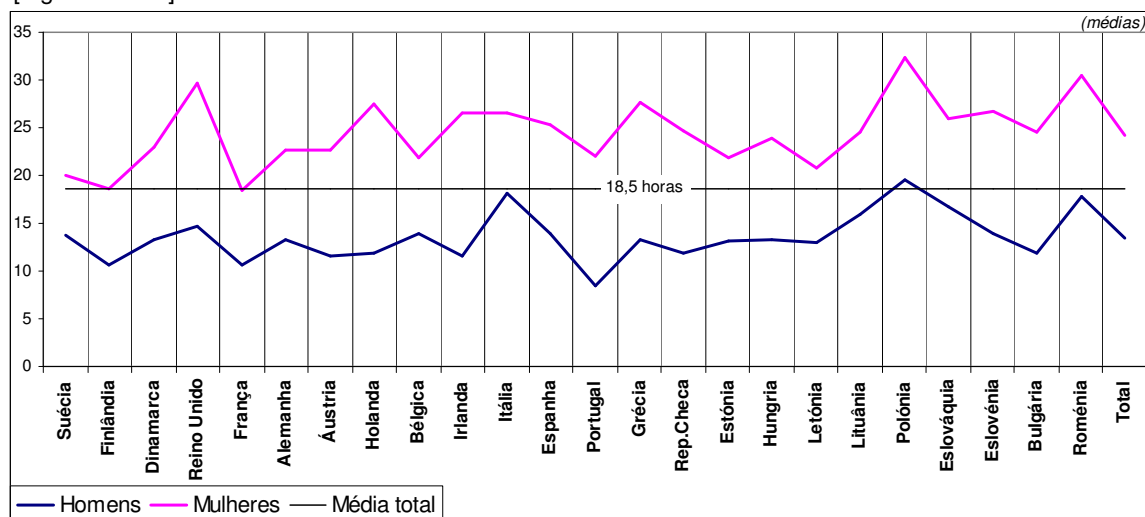
¹⁴⁷ Incluída no ESS2, variando a escala de resposta entre 1= concorda totalmente e 5=discorda totalmente.

¹⁴⁸ Somatório das categorias “concordo” + “concordo totalmente”. As diferenças são estatisticamente significativas entre grupos etários. Europa: $\chi^2_{kw}(7)=1237,311$; $p < 0,001$; Portugal: $\chi^2_{kw}(7)=44,113$; $p < 0,001$.

A juntar a estes dados, é interessante ver o que se passa com as horas de trabalho doméstico¹⁴⁹, em que as mulheres gastam em média por semana cerca de 24 horas a cuidar das crianças e da família e nas tarefas domésticas, enquanto os homens gastam apenas cerca de 13 horas¹⁵⁰.

Horas dedicadas por semana a cuidar de crianças e familiares e tarefas domésticas, na Europa, por país

[Figura III.125.]



Fonte: Eurobarómetro - EB 60.3 e CEEB 2003.

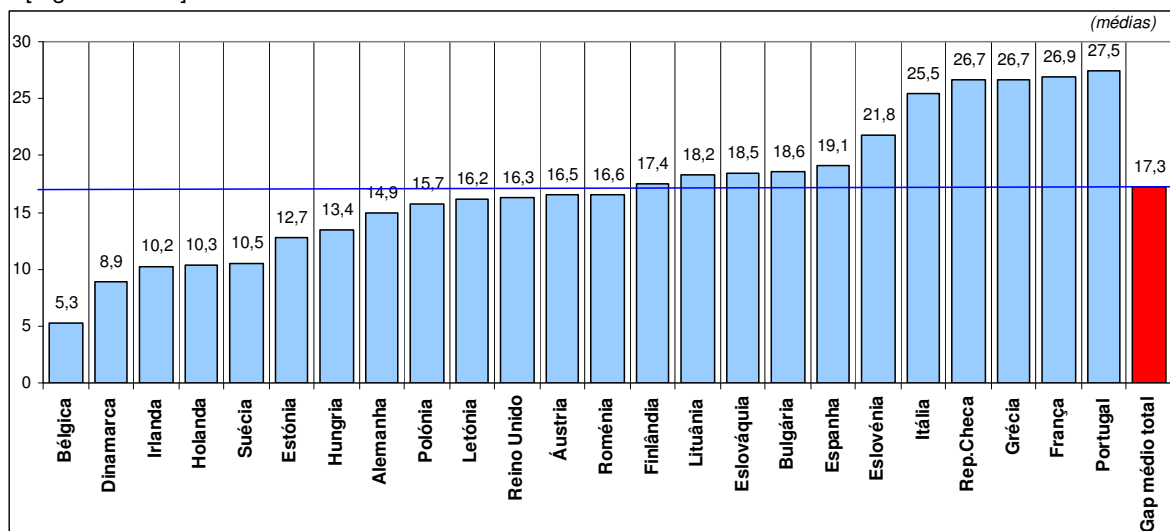
O *gap* entre homens e mulheres é comum a todos os países e desfavorável às mulheres, significando, por conseguinte, que elas trabalham, em média, mais do que os homens em tarefas domésticas e cuidados familiares. A diferença média no conjunto dos países é de 10,7 horas. Portugal está entre os países com o *gap* mais elevado (13,5 horas):

¹⁴⁹ Questão incluída no Eurobarómetro em 2003, nos países da UE e candidatos e colocada apenas aos inquiridos que estavam a trabalhar: “Em média, quantas horas por semana é que você, pessoalmente, gasta em cuidados com as crianças, com a sua família, com os membros do agregado familiar e com as tarefas domésticas?”

¹⁵⁰ As diferenças são estatisticamente significativas entre homens e mulheres em todos os países ($p < 0,01$).

Gap entre homens e mulheres nas horas dedicadas por semana a cuidar de crianças e familiares e tarefas domésticas, na Europa, por país (mulheres – homens)

[Figura III.126.]



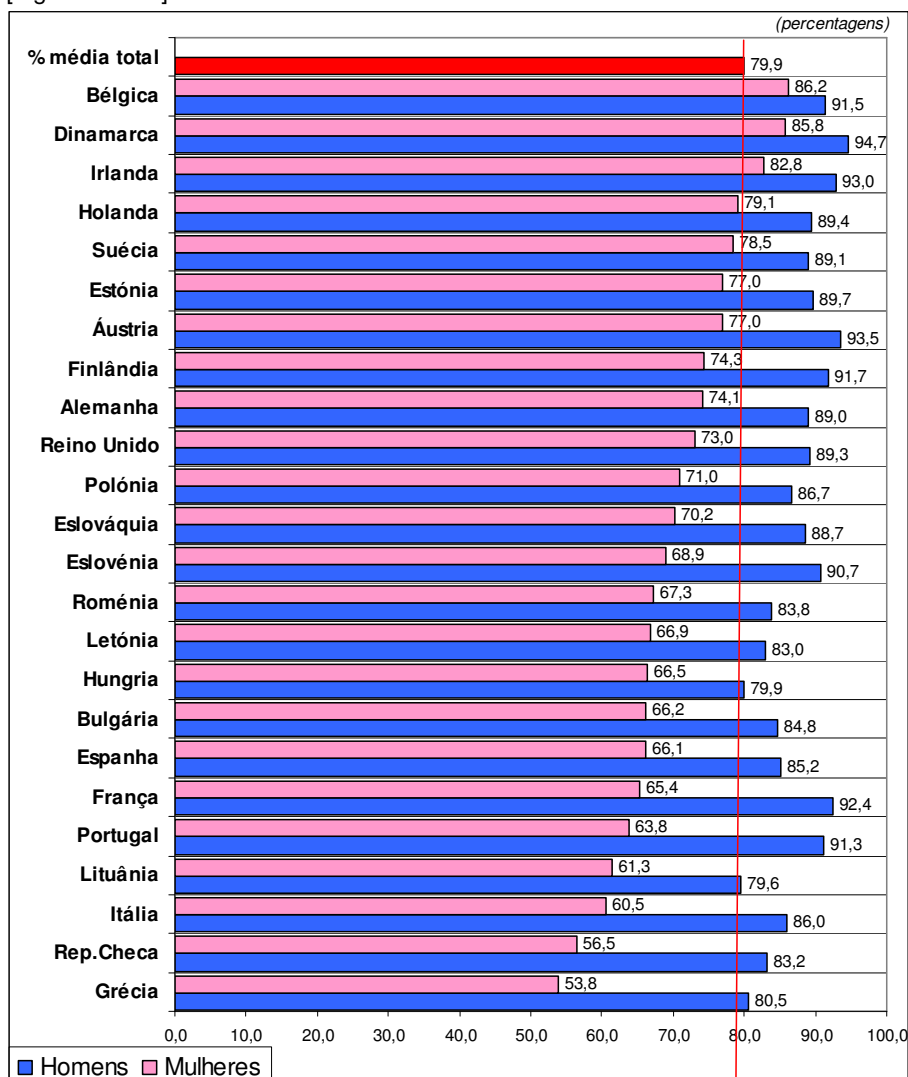
Fonte: EB 60.3 e CEEB 2003.

Não surpreende assim que em todos os países, sejam os homens que mais dizem estarem satisfeitos com a divisão das tarefas domésticas, 87,9% contra 71% de mulheres¹⁵¹. Como se mostra na figura seguinte, a percentagem média de europeus satisfeitos com a divisão de tarefas domésticas com o parceiro(a) ascende a 79,9%). As mulheres ultrapassam este valor apenas em três países: Bélgica (86,2%), Dinamarca (85,8%) e Holanda (82,8%), enquanto os homens apenas não os ultrapassam na Hungria (79,9%) e na Lituânia (79,6%):

¹⁵¹ A questão foi colocada a todos os inquiridos que viviam com companheiro(a) e formulada da seguinte forma: "Diga-me se está satisfeito ou insatisfeito com a divisão das tarefas domésticas entre si e o seu companheiro(a), sendo as opções de resposta dicotómicas com sim e não. No conjunto dos países as diferenças são estatisticamente significativas entre homens e mulheres: $\chi^2(1)=363,058$; $p < 0,001$. Entre países, homens: $\chi^2(23)=75,210$; $p < 0,001$; mulheres: $\chi^2(23)=125,247$; $p < 0,001$.

Satisfação com a divisão das tarefas domésticas, na Europa, por sexo

[Figura III.127.]



Fonte: EB 60.3 e CEEB 2003.

Conclusão

Quando se pergunta aos europeus a importância que dão a sete aspectos da vida social – Família, Amigos, Trabalho, Tempos Livres, Política, Religião e Voluntariado – a família é claramente o mais valorizado pelos europeus em todos os países: 9,4 numa escala de importância com 11 pontos (0 a 10), seguido dos Amigos (8,5), Tempos livres (7,9) e Trabalho (7,5). A Religião (4,8) o Voluntariado (4,5) e a Política (4,3), registam valores inferiores ao centro da escala. A hierarquização dos quatro primeiros é idêntica

entre homens e mulheres, contrariando o estereótipo de que os homens dão mais importância ao trabalho e as mulheres à família.

A importância da família entre os europeus ganha ainda maior expressividade pelo facto de 85,7% considerarem que a família mais próxima deve ser a principal prioridade na vida de cada um. Em Portugal, são cerca de 82%, não se registando diferenças significativas entre homens e mulheres. É no Algarve (98,5%) que se observa percentagem mais elevada e no Centro (62,9%) a mais baixa.

É interessante verificar, ainda, que os europeus consideram em todos os países, que o tempo passado com a família próxima é agradável e pouco stressante., menos para eles do que para elas. Tal deve-se, certamente, a que são as mulheres, tanto na Europa como em Portugal, que mais referem que as tarefas domésticas lhes provocam stress. Mas essa percepção não será, certamente, alheia ao facto de as mulheres, em todos os países da UE, ocuparem por semana cerca do dobro do tempo que os homens em tarefas domésticas e cuidados familiares. Portugal é o país europeu onde os homens dedicam menos tempo (< 10 horas contra 18,5 horas em média na Europa).

Tudo isto leva a que, como se entende, em todos os países da UE os homens denotem mais satisfação com a divisão das tarefas domésticas do que as suas companheiras. Portugal é um dos países europeu onde a diferença de satisfação com a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres é mais expressiva: 63,8% de mulheres e 91,3% de homens, situando-se a percentagem média europeia em 79,9%. Ou seja, elas muito menos e eles muito mais do que a percentagem média europeia.

Capítulo IV

Felicidade e Bem-estar subjectivo

1. Felicidade e bem-estar subjectivo

“Entre os méritos do homem e da mulher, considerados no seu justo valor, não há diferenças, ou pelo menos não apresentam as diferenças que a tradição nos ensinou. Para a mulher, como para o homem, o gosto de viver é o segredo da felicidade e do bem-estar”¹

Bertrand Russell

O bem-estar subjectivo (BES) tem sido alvo do interesse crescente das Ciências Sociais, enquanto tradutor das respostas emocionais das pessoas em domínios como a satisfação com a vida, a felicidade, a saúde e as relações interpessoais, bem como as avaliações subjectivas sobre a sociedade e a governação. Como salienta Ostrom (cfr. 1969), o bem-estar subjectivo é uma atitude que possui duas componentes básicas: afecto e cognição. A cognição refere-se aos aspectos racionais e intelectuais, enquanto o afecto envolve as componentes emocionais. A definição de bem-estar subjectivo não é, no entanto, uma tarefa fácil e consensual, como se entende, quer devido à componente subjectiva e intra-individual, quer devido à sua natureza pluriparadigmática e multidimensional, uma vez que é alvo de estudo por parte de várias ciências, entre as quais se contam a economia, a psicologia e, mais recentemente, a sociologia.

1.1. Preditores da Felicidade e do Bem-estar Subjectivo

Como notam muitos autores que se têm debruçado sobre o BES (Ostrom 1969; Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999; Diener, Scollon & Lucas, 2003; Ryan e Deci, 2001), o bem-estar subjectivo traduz uma medida/avaliação global e não uma/medida/avaliação limitada de um aspecto particular da vida, cuja percepção é afectada pelo género, a idade e a escolaridade.

¹ *A Conquista da Felicidade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1972: 147.

Diener, Suh, Lucas e Smith (cfr 1999)², num texto clássico sobre o bem-estar subjectivo, que tem sido profusamente citado na literatura sobre o BES, citam Dodge que chamou a atenção, em 1930, para o facto de as teorias da felicidade serem as mesmas que tinham sido formuladas pelos filósofos gregos. Wilson (1967)³, mais de 30 anos depois, nota que nas tentativas de explicação das diferenças individuais no bem-estar subjectivo tem sido referido que:

- a) "A satisfação das necessidades causa felicidade, enquanto a persistência da sua insatisfação causa infelicidade";
- b) "O grau de cumprimento dos objectivos necessário para produzir satisfação depende do nível de adaptação ou aspiração, que é influenciado pela experiência passada, as comparações com os outros, os valores pessoais, e outros factores"⁴.

Em consequência, Wilson⁵ chama a atenção para a importância da personalidade como um dos mais fortes preditores do BES, notando que algumas pessoas têm uma predisposição genética para serem felizes ou infelizes, provavelmente devido a diferenças individuais inatas no sistema nervoso. Destaca traços de personalidade como a extroversão, que afecta positivamente o BES e o neuroticismo, que o afecta negativamente. As pessoas mais optimistas, entendendo-se o optimismo como tendência generalizada para esperar resultados favoráveis, são as que mais facilmente estabelecem metas que actuam como normas ou aspirações, cujo grau de consecução influencia o BES. O bem-estar subjectivo é um tradutor que "mede" a capacidade do indivíduo atingir os objectivos que traça. Quando alcançados, esses objectivos potenciam as emoções positivas e a satisfação com a vida. Conclui então que "as pessoas felizes são jovens,

² As citações deste texto neste capítulo são uma tradução livre minha.

³ Wilson, W. (1967), "Correlates of avowed happiness", *Psychological Bulletin*, 67, 294-306.

⁴ Que não especifica

⁵ Citado pelos autores.

saudáveis, bem-educadas, bem pagas, religiosas, casadas, com elevada satisfação com o trabalho, de ambos os sexos, e de qualquer nível de inteligência”⁶.

Com o intuito de verificar até que ponto os critérios enunciados por Wilson são validados pela pesquisa empírica, os autores procedem a uma revisão de literatura e analisam cada um deles, concluindo que nem sempre é possível sustentar a sua validação, como sumarizamos a seguir.

Idade: apesar de em alguns estudos se observar um pequeno declínio na satisfação com a vida à medida que aumenta a idade, noutros observa-se o contrário: a satisfação com a vida aumenta, ou pelo menos não decresce com a idade, concluindo-se que as pessoas se adaptam às suas condições.

Saúde: vários estudos têm mostrado que a percepção do estado de saúde está fortemente correlacionada com o BES. Não obstante, em certos casos o impacto negativo da doença ou deficiência na satisfação com a vida podem ser mitigados por traços de personalidade.

Rendimento: os dados não sustentam a ideia de que o “dinheiro” dá felicidade, como, aliás, é amplamente referido pela sabedoria popular⁷. Em muitos estudos tem-se verificado que a correlação entre o rendimento e o BES é positiva mas fraca. Como notam os autores: “nos países ricos as pessoas ricas são apenas um pouco mais felizes do que as pobres [e] mudanças no rendimento nem sempre têm os efeitos previstos [tornado-se necessário] analisar os dados à luz das expectativas individuais”. Na esteira da “pirâmide” de Maslow, alguns autores têm notado que a riqueza possa contribuir para o BES na medida em que permite a satisfação de certas necessidades básicas como alimento, abrigo, água potável e cuidados de saúde. Ao invés, a pobreza deve afectar o BES se afectar a satisfação dessas necessidades. Ou seja, a partir de um determinado limite de

⁶ La Palisse não teria concluído melhor: ser jovem, rico e ter saúde, proporciona bem-estar. Como alguém disse com algum cinismo: se se puder escolher, é melhor ser rico com saúde, do que pobre e doente.

⁷ No entanto, como notam os cínicos, não “dá” mas “compra”.

riqueza, a sua correlação com o BES permanece estável, não sendo evidente que a maior riqueza signifique maior felicidade.

Religião: as religiões sabe-se, especialmente depois de Durkheim ter escrito “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, sempre constituíram um poderoso cimento social, daí que Marx tenha dito, devido ao seu efeito “narcotizante” consubstanciado no conformismo social, que “a religião é o ópio do povo”. Como mostram alguns estudos, muitas vezes baseados em amostras nacionais, a religião tem uma correlação positiva, embora fraca, com o BES. É importante saber, no entanto, o que se entende por religião, nesses estudos. Uns centram-se na crença religiosa, outros na prática, outros ainda, no apoio social concedido por confissões religiosas, seitas, etc., com níveis de correlação diversos com o BES. Moberg e Taves (1965) e Ellison (1991)⁸, relataram que as variáveis religiosas são responsáveis por cerca de 5% a 7% da variância da satisfação com a vida, mas apenas 2% a 3% da variação do bem-estar afectivo⁹, sugerindo o último que os benefícios da religião são principalmente cognitivos, ao proporcionarem um quadro interpretativo pelo qual se pode dar sentido às experiências de vida dos indivíduos. Notam os autores que a religiosidade se correlaciona mais com o BES em sociedades religiosas, o que aponta para o efeito de “cimento social”. Mas também notam que se podem observar efeitos negativos da religião no BES, como é o caso do sentimento de “culpa” que é apanágio de algumas religiões; no caso da católica, a expiação do “pecado original” é disso exemplo.

Casamento: as pesquisas em grande escala revelam que as pessoas casadas relatam maior felicidade do que aquelas que nunca foram casadas ou são divorciadas, separadas ou viúvas, mostrando que as pessoas que coabitam com um parceiro são significativamente mais felizes em algumas culturas do que aquelas que vivem sozinhos (Kurdek, 1991 e Mastekaasa, 1995)¹⁰.

⁸ Citado pelos autores.

⁹ Citado pelos autores.

¹⁰ Citado pelos autores.

Diferenças de sexo: embora, de uma forma sistemática, a pesquisa empírica revele que os homens se mostram ligeiramente mais felizes do que as mulheres, prevalece a constatação de que homens e mulheres são aproximadamente iguais em termos de felicidade global. Tal pode parecer incompatível com o facto de, na população em geral, a depressão ser mais prevalente nas mulheres do que nos homens (Eaton & Kessler, 1981)¹¹, o que se deverá, em parte, segundo Nolen-Hoeksema e Rusting¹² aos papéis de género prescritos socialmente, pois o papel tradicional de género feminino inclui mais responsabilidades no cuidar, podendo, por conseguinte, incentivar mais respostas emocionais negativas nas mulheres. Seja como for, a maior parte da pesquisa empírica tem mostrado que não há diferenças significativas entre homens e mulheres nos níveis de bem-estar subjectivo.

Satisfação com o trabalho: Tail, Padgett, e Baldwin (1989)¹³ conduziram uma meta-análise de 34 estudos e encontraram uma correlação média de 0,44 entre a satisfação com o trabalho e a satisfação com a vida, observando que esta relação se terá tornado mais forte entre as mulheres nas últimas décadas. Dever-se-á isso às mudanças operadas na sua inserção no mercado de trabalho, nomeadamente no que se refere às oportunidades de carreira, praticamente inexistentes até metade do século passado. Já a relação entre o número de horas trabalhadas e o BES é mais complexa e depende de uma série de factores moderadores como complexidade do trabalho, horas extraordinárias voluntárias ou pagas, etc. Notam os autores, no entanto, que o facto de a correlação entre a satisfação com o trabalho e a satisfação com a vida ser positiva, não diz nada sobre o seu sentido. Ou seja, é a primeira que influencia a segunda, ou vice-versa?. Alguns estudos concluem que a relação é recíproca.

Educação: têm sido encontradas na pesquisa empírica correlações pequenas, mas significativas, entre a educação e o BES, observando-se nalguns casos que a educação é

¹¹ Citado pelos autores.

¹² Citado pelos autores.

¹³ Citado pelos autores.

mais estreitamente relacionada com o bem-estar para os indivíduos com rendimentos mais baixos (Campbell, 1981; Diener et al, 1993)¹⁴ e nos países pobres (Veenhoven, 1994)¹⁵. Notam, por conseguinte, que uma parte da relação entre educação e BES é, provavelmente, devida à covariação entre educação, rendimento e estatuto profissional (Campbell, 1981; Witter et al, 1984)¹⁶. Por outro lado, o facto de a educação poder originar maiores aspirações pode conduzir a níveis superiores de frustração entre os mais escolarizados, com reflexos na diminuição do BES, como observaram Clark e Oswald (1994)¹⁷.

Inteligência: Wilson (1967)¹⁸ concluiu que a inteligência não está significativamente correlacionada com a felicidade, excepto quando é suficientemente baixa para limitar as expectativas de sucesso económico. Ou seja, quando a inteligência está ao nível do “básico”, produzindo nos indivíduos o sentimento de que a sua vida é aquilo que eles querem que seja, impossibilita-os de desejarem ser o que não podem ser. Em contrapartida, Campbell et al. (1976)¹⁹ constatou que a inteligência era um dos mais fortes preditores de bem-estar, baseando-se em entrevistas de avaliações subjectivas da inteligência. Parece provável, segundo os autores, que a relação da inteligência com o BES possa depender do grau em que as pessoas mais inteligentes se destacam socialmente e da prossecução dos objectivos que traçam.

Com base nas conclusões de Diener, Suh, Lucas e Smith (cfr.1999: 294) sobre a revisão dos argumentos de Wilson sobre o bem-estar subjectivo, podemos sumariá-las da seguinte forma (pág. 294:)

¹⁴ Citado pelos autores.

¹⁵ Citado pelos autores.

¹⁶ Citado pelos autores.

¹⁷ Citado pelos autores.

¹⁸ Citado pelos autores.

¹⁹ Citado pelos autores.

- a) A conclusão de que as pessoas casadas, religiosas, extrovertidas e optimistas, são mais felizes tem resistido ao teste do tempo e também parece possuir algum grau de generalização inter-cultural;
- b) Homens e mulheres auto-relatam o mesmo grau de felicidade global e de satisfação com a vida;
- c) A auto-estima apresenta uma correlação forte com o BES;
- d) Os factores demográficos²⁰, em conjunto, não provocam uma grande variação nos níveis de BES, provavelmente porque são mediados por processos psicológicos, tais como o estabelecimento de objectivos e níveis de competência auto percebidos;

Em abono da influência dos factores psicológicos, ou de personalidade, na acepção de Wilson, estão as conclusões de Ryff e Keys (cfr. Siqueira e Padovan, 2008: 205), que sustentam um modelo multidimensional do bem-estar psicológico, assente nas seguintes componentes:

1. Avaliação positiva de si mesmo e do período anterior de vida (auto-estima)";
2. Sentido de crescimento contínuo e desenvolvimento como pessoa (crescimento pessoal);
3. Acreditar que a vida possui um objectivo (sentido) e significado (sentido de vida);
4. Possuir relações de qualidade com outros (relações interpessoais);
5. Capacidade de lidar efectivamente com a vida e o mundo ao redor (domínio do ambiental);
6. Sentido de autodeterminação (autonomia).

Mais recentemente, o bem-estar subjectivo tem conhecido grande interesse por parte dos investigadores e atenção por parte dos media, especialmente devido à ampla

²⁰ Sexo, idade, grau de escolaridade, etc.

divulgação dos trabalhos de Veenhoven²¹ e da sua equipa, agora reunidos na [World Database of happiness](#) criada com o objectivo de juntar num mesmo local toda a pesquisa científica sobre a felicidade. Em conferências, entrevistas e trabalhos publicados, Veenhoven (cfr 2006)²² sempre afirma que as pessoas nunca viveram tanto tempo nem nunca foram tão felizes:

Tudo somado, parece que as pessoas se tornaram mais felizes na segunda metade do século XX e que os ganhos de felicidade têm sido maiores nos países pobres do que em nações ricas. No entanto, os dados não são inequívocos e ainda há muitos pontos em branco. Além disso, a descrição do padrão geral ainda é limitada pelas imperfeições na medição e variação incidental, sendo necessário esperar que séries temporais mais longas estejam disponíveis. [...]. Conhecer as tendências da felicidade faz parte de uma ampla discussão sobre os méritos do crescimento económico, sendo, nesta discussão, a felicidade média usada como um indicador da qualidade de vida. Não há nenhuma evidência que mostre uma disparidade crescente entre os cidadãos felizes e infelizes nas nações ricas. O inverso aconteceu: a desigualdade da felicidade nos países tem diminuído e esta tendência é mais acentuada que o aumento modesto da felicidade média, sendo um indício de que a nossa vida está melhor hoje.

O Rendimento *per capita* tem crescido em todos os países analisados e, uma vez que a felicidade também tem aumentado na maioria dos casos, existe uma correlação entre o crescimento da riqueza e a felicidade. Easterlin²³ observa com razão que a correlação não é necessariamente sinal de causalidade, e nós reconhecemos isso ao notar, em trabalhos anteriores, que factos associados ao crescimento económico, como a emancipação das mulheres, ou melhor compreensão de si mesmo, podem causar ganhos de felicidade, em vez de apenas um crescimento da riqueza disponível. Numa perspectiva mais ampla, a nossa reivindicação de liberdade após a revolução industrial parece ser uma das principais razões para o ganho observado no aumento da esperança de vida, traduzido em mais anos de vida feliz.

É ainda possível que o aumento da riqueza tenha causado o aumento da felicidade e há evidências de que as coisas têm trabalhado desta forma, nos casos da Rússia e da Alemanha do Leste. Na Rússia a felicidade média diminuiu dois pontos após a crise Rubel, em meados de 1990, que desorganizou severamente a economia. Quando se começou a verificar a retoma económica a felicidade também aumentou. Como pude observar, os russos que ganharam poder de compra ficaram mais felizes, mas os russos que o perderam viram diminuir a sua felicidade. Também se observou na Alemanha de Leste, na década depois da reunificação, que o maior rendimento disponível das famílias trouxe consigo um aumento significativo da satisfação com a vida.

Reconhecemos que um crescimento da riqueza nem sempre funciona desta maneira. Existem efeitos positivos e negativos do crescimento económico e o equilíbrio de efeitos varia de acordo com as circunstâncias. Uma das condições em que os efeitos negativos podem anular o positivo é quando o desenvolvimento económico induz mudança cultural profunda. Este pode ser o caso no Japão e na Coreia do Sul, que viram diminuir a felicidade enquanto o crescimento da riqueza material aumentou bastante.

²¹ A este propósito, consultar: <http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/> e <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/>

²² Tradução livre do autor.

²³ Easterlin interrogava-se sobre se aumentando o rendimento de todos se aumentava a felicidade de todos (N.A.)

Possivelmente este é um efeito temporário. Um dos desafios para a pesquisa futura será a traçar essas contingências e distinguir variações de curto prazo das tendências de longo prazo.

Em conclusão, pode afirmar-se que a vida se tornou melhor na maioria dos países na última metade do século XX. Não só é mais satisfatória para o cidadão comum, como aumentou a esperança média de vida nos países mais ricos. Esta melhoria na qualidade de vida surgiu de mão dada com riqueza crescente e, em alguns casos, pelo menos, há evidências de efeitos causais.

Ou seja, a riqueza material na maioria dos países desenvolvidos tem crescido muito nas últimas décadas e tem conduzido a um aumento da felicidade, embora nem sempre se possa encontrar uma relação de causa efeito entre a primeira e a segunda. Como se verá a seguir, ser mais rico não é sinónimo de ser mais feliz. As mesmas causas nem sempre produzem os mesmos efeitos, pelo que não é possível afirmar com toda a certeza o que é que torna as pessoas felizes. Não obstante, como nota Amartya Sen²⁴, “o rabugento homem rico poderá muito bem ser menos feliz do que o resignado camponês, mas a verdade é que tem um padrão de vida mais elevado do que ele”.

“A busca pela felicidade sempre existiu, contudo actualmente as pessoas são mais responsáveis pela sua própria felicidade, pois têm mais alternativas quanto ao rumo que querem dar às suas vidas e estão mais conscientes da possibilidade de alcançarem a felicidade”, defende Veenhoven, em entrevista recente ao jornal Metro Holanda.

Pode assim concluir-se pela inexistência de uma correlação muito forte entre os níveis de riqueza de um país, medida através de um indicador como o PIB *per capita*, e a felicidade. No ranking da felicidade entre 149 nações no período 2000 a 2009, elaborado por Veenhoven e a sua equipa²⁵, os 10 primeiros classificados são os seguintes países:

- 1º Costa Rica
- 2º Dinamarca
- 3º Islândia
- 4º Suíça
5. Finlândia
6. México
7. Noruega
8. Canadá

²⁴ Ciatdo por Graham (2011: 73).

²⁵ Disponível em

http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_nat/findingreports/RankReport_AverageHappiness.php

- 9. Panamá
- 10. Suécia

Como se observa, entre os 10 primeiros estão 6 países europeus que, para além de registarem valores do PIB *per capita* mais elevados, também se distinguem, como vimos no capítulo 3, pela saliência dos valores mais universalistas. A Islândia, em 3º lugar, entrou, entretanto, em bancarrota. Note-se, no entanto, que na lista também constam três países da América Latina que não são conhecidos pela abundância material dos seus habitantes: a Costa Rica em 1º, o México em 6º (que vive actualmente uma espécie de guerra civil entre traficantes, principalmente perto da fronteira com os EUA), e o Panamá em 9º. Dos países que integram o G7, que registam os *PIBs per capita* mais elevados do mundo, apenas consta o Canadá, na 8ª posição. Os restantes países do grupo estão assim classificados:

- 21º Estados Unidos
- 29º Alemanha
- 32º Reino Unido
- 43º Itália
- 47º França
- 54º Japão

Portugal está classificado em 83º, e entre os países da UE apenas tem atrás de si a Roménia (84º) e a Hungria (87º). Os nossos vizinhos espanhóis estão em 26º lugar.

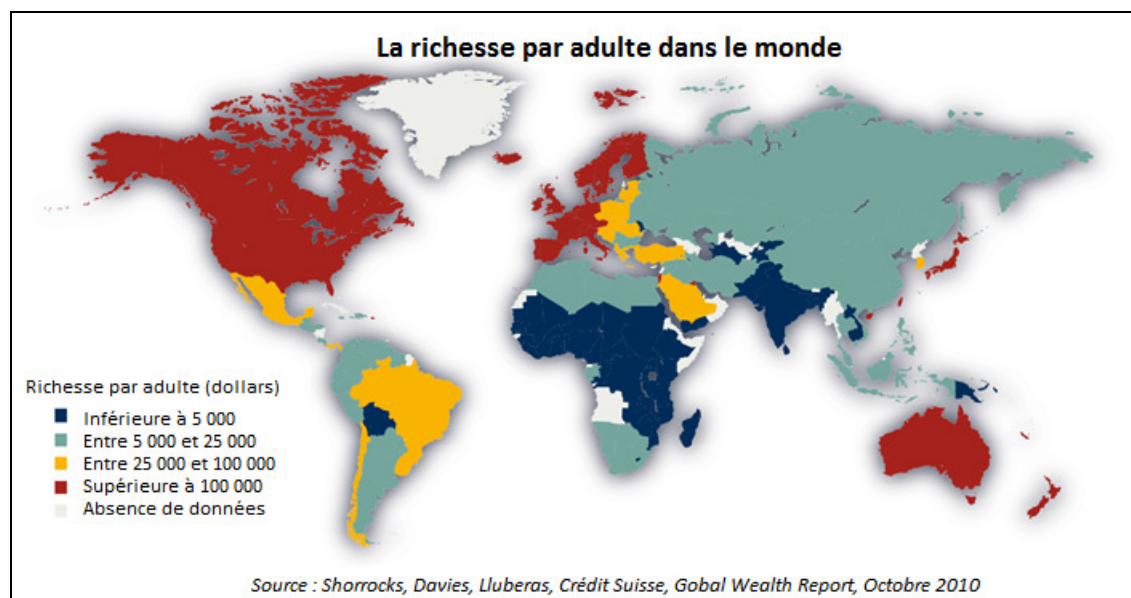
A fraca consistência da relação entre a felicidade e o PIB fica ainda mais evidente se tivermos em atenção a distribuição da riqueza no mundo e a posição relativa dos países neste ranking. Num relatório recente sobre a riqueza dos adultos no mundo, publicado pelo Observatório das Desigualdades em França²⁶, onde se analisam os resultados de um estudo do Crédit Suisse sobre a distribuição de riqueza no mundo, os 1% dos mais ricos do planeta possuem 43,6% da riqueza total e os 10% mais ricos detém 83%. Ou seja, para os 90% menos ricos “sobram apenas” 17% da riqueza total.

Como podemos observar na figura seguinte, a quase totalidade dos países Africanos, a Bolívia, a Índia, o Paquistão, o Vietname e algumas Repúblicas do ex-bloco soviético (Turkemenistão, Tajikistão e Kirgystão estão entre os mais pobres:

²⁶ Disponível em: http://www.inegalites.fr/spip.php?page=article&id_article=1393

Riqueza por adulto, no mundo

[Figura IV.1]



No entanto, dois deles: o Turkemenistão (27º), Tajikistão (36) e Bolívia (51º), bem como alguns dos países do 2º nível de riqueza mais baixo (5 000 a 25 000 dólares), estão melhor posicionados no ranking da felicidade do que alguns dos países mais ricos (>100 000 dólares). A Colômbia (12º), República Dominicana (15º), Venezuela (20º), Argentina (22º), Guatemala (25º), Turkemenistão (27º) e Nicarágua (31º) registam mesmo uma média de felicidade superior a quatro países do G7: Reino Unido (32º), Itália (43º), França (47º) e Japão (54º), como se mostra no quadro seguinte:

Média da felicidade em 149 nações 2000 – 2009²⁷

[Quadro IV.1]

Posição		Média	Posição		Média	Posição		Média
1	Costa Rica	8.5	51	Bolívia	6.5	101	Nepal	5.3
2	Dinamarca	8.3	52	Rep. Checa	6.5	102	Bielorrússia	5.2
3	Islândia	8.2	53	Guiana	6.5	103	Ghana	5.2
4	Suíça	8.0	54	Japão	6.5	104	Namíbia	5.2
5	Finlândia	7.9	55	Malásia	6.5	105	Sri Lanka	5.1
6	México	7.9	56	Arábia Saudita	6.5	106	Tajiquistão	5.1
7	Noruega	7.9	57	Equador	6.4	107	Arménia	5.0
8	Canadá	7.8	58	Grécia	6.4	108	Paquistão	5.0
9	Panamá	7.8	59	Polónia	6.4	109	Sudão	5.0
10	Suécia	7.8	60	China	6.3	110	Ucrânia	5.0
11	Austrália	7.7	61	Indonésia	6.3	111	Zâmbia	5.0
12	Colômbia	7.7	62	Laos	6.2	112	Cambodja	4.9
13	Luxemburgo	7.7	63	Malawi	6.2	113	Mauritânia	4.9
14	Áustria	7.6	64	Peru	6.2	114	Moldávia	4.9
15	Rep. Dominicana	7.6	65	Taiwan	6.2	115	Palestina	4.9
16	Irlanda	7.6	66	Cazaquistão	6.1	116	Uganda	4.8
17	Holanda	7.6	67	Vietname	6.1	117	Iémen	4.8
18	Brasil	7.5	68	Croácia	6.0	118	Botswana	4.7
19	Nova Zelândia	7.5	69	Estónia	6.0	119	Iraque	4.7
20	Venezuela	7.5	70	Rep. da Coreia	6.0	120	Líbano	4.7
21	EUA	7.4	71	Uzbequistão	6.0	121	Macedónia	4.7
22	Argentina	7.3	72	Irão	5.9	122	Mali	4.7
23	Bélgica	7.3	73	Jordânia	5.9	123	Albânia	4.6
24	Emiratos Árabes Unidos	7.3	74	Filipinas	5.9	124	Rep. Centro Africana	4.6
25	Guatemala	7.2	75	Eslováquia	5.9	125	Guiné	4.5
26	Espanha	7.2	76	Síria	5.9	126	Senegal	4.5
27	Turquemenistão	7.2	77	Tunísia	5.9	127	Bulgária	4.4
28	Chipre	7.1	78	África do Sul	5.8	128	Burkina Faso	4.4
29	Alemanha	7.1	79	Djibuti	5.7	129	Congo	4.4
30	Malta	7.1	80	Egipto	5.7	130	Cote d'Ivoire	4.4
31	Nicarágua	7.1	81	Mongólia	5.7	131	Angola	4.3
32	Reino Unido	7.1	82	Nigéria	5.7	132	Geórgia	4.3
33	Honduras	7.0	83	Portugal	5.7	133	Libéria	4.3
34	Israel	7.0	84	Roménia	5.7	134	Ruanda	4.3
35	Trinidade e Tobago	7.0	85	Bósnia Herzegovina	5.6	135	Etiópia	4.2
36	Paraguai	6.9	86	Turquia	5.6	136	Afeganistão	4.1
37	Singapura	6.9	87	Hungria	5.5	137	Camarões	3.9
38	Eslovénia	6.9	88	Índia	5.5	138	Haiti	3.9
39	Andorra	6.8	89	Kyrgystão	5.5	139	Moçambique	3.8
40	Qatar	6.8	90	Lituânia	5.5	140	Níger	3.8
41	Uruguai	6.8	91	Rússia	5.5	141	Congo	3.7
42	El Salvador	6.7	92	Algéria	5.4	142	Kenya	3.7
43	Itália	6.7	93	Chade	5.4	143	Madagáscar	3.7
44	Jamaica	6.7	94	Kosovo	5.4	144	Serra Leoa	3.5
45	Belize	6.6	95	Letónia	5.4	145	Benin	3.0
46	Chile	6.6	96	Montenegro	5.4	146	Zimbabue	3.0
47	França	6.6	97	Marrocos	5.4	147	Burundi	2.9
48	Hong Kong	6.6	98	Sérvia	5.4	148	Tanzânia	2.8
49	Kuwait	6.6	99	Azerbaijão	5.3	149	Togo	2.6
50	Tailândia	6.6	100	Bangladesh	5.3			

Escala: 0=0 pior possível; 10=0 melhor possível.

Nota: países que integram o G7 a negrito.

Fonte: http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_nat/findingreports/RankReport_AverageHappiness.php

²⁷ “How much people enjoy their life-as-a-whole on scale 0 to 10”

A conclusão a retirar é que o *PIB per capita* não será um bom indicador da felicidade, se mais não fosse, porque mede apenas o rendimento interno bruto do país dividido pelo nº de habitantes, deixando de fora a medida a sua distribuição, essa sim, importante para a “compreensão” da felicidade, de que o Índice de Gini é um bom exemplo. Veja-se a posição relativa dos países com o *PIB per capita* com valores superiores a 20 000 \$USD, com informação disponível sobre os três indicadores, no Índice de Gini²⁸, Índice de Desenvolvimento Humano (HDI)²⁹ e Felicidade:

²⁸ O Coeficiente de Gini é uma medida comumente utilizada para calcular a desigualdade da distribuição do rendimento num determinado país. Consiste num valor entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade e 1 corresponde à completa desigualdade. O índice de Gini é o coeficiente expresso em pontos percentuais, isto é, multiplicado por 100. Quanto mais baixo, maior a igualdade na distribuição.

²⁹ O Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) foi desenvolvido em 1990 pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haqé e consiste numa medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano", com base em indicadores como expectativa de vida ao nascer, educação e *PIB per capita*.

Produto Interno Bruto *per capita* (PIB), Igualdade na Repartição de Rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade, em 31 países com PIB *per capita* superiores a 20 000 \$USA (Posição relativa dos países no mundo)

[Quadro IV.2]

	GDP (PPP) <i>per capita</i> ³⁰		Igualdade na Repartição de Rendimentos ³¹		Índice de Desenvolvimento Humano (HDI 2010) ³²	Felicidade (209-2010) ³³	
	(\$USA)	Ranking mundial	Índice Gini	Ranking mundial	Ranking mundial	Media	Ranking mundial
Luxemburgo	79,600	3	26,0	11	24	7,7	13
Noruega	54,900	6	25,0	4	1	7,9	7
Singapura	48,500	9	48,1	30	27	6,9	37
EUA	46,300	10	45,0	91	4	7,4	21
Irlanda	45,100	11	32,0	34	5	7,6	16
Hong Kong	40,500	15	53,3	118	21	6,6	48
Islândia	40,100	16	25,0	5	17	8,2	3
Suíça	40,000	17	33,7	42	13	8,0	4
Canadá	38,700	19	32,1	35	8	7,8	8
Holanda	38,600	20	30,9	27	7	7,6	17
Áustria	38,300	22	26,0	10	25	7,6	14
Suécia	37,300	24	23,0	1	9	7,8	10
Dinamarca	37,200	25	24,0	3	19	8,3	2
Austrália	36,700	26	30,5	24	2	7,7	11
Bélgica	36,200	27	28,0	15	18	7,3	23
Reino Unido	35,500	28	34,0	43	26	7,1	32
Finlândia	35,200	30	29,5	18	16	7,9	5
Alemanha	34,200	32	27,0	12	10	7,1	29
Japão	33,400	33	38,1	61	11	6,5	54
Espanha	33,100	35	32,0	33	20	7,2	26
França	32,800	36	32,7	37	14	6,6	47
Itália	31,200	37	32,0	31	23	6,7	43
Grécia	30,000	39	33,0	39	22	7,2	58
Nova Zelândia	27,600	46	36,2	52	3	7,5	19
Eslovénia	26,700	47	24,0	2	29	6,9	38
Israel	26,700	48	38,6	64	15	7,0	34
Coreia do Sul	25,800	49	31,3	30	12	6,0	70
Rep. Checa	23,700	50	26,0	6	28	6,5	52
Malta	23,300	51	26,0	8	33	7,1	30
Portugal	21,900	52	38,5	63	40	5,7	83
Estónia	20,200	55	34,0	44	34	6,0	69

Nota: Informação coligida pelo autor nas fontes indicadas

³⁰ Fonte: [CIA World Factbook - Unless otherwise noted, information in this page is accurate as of January 1, 2009](#)

³¹ Fonte: CIA World Factbook <http://www.mongabay.com/reference/stats/rankings/2172.html>, Last updated Jan 25, 2010.

³² Fonte: Human Development Reports <http://hdr.undp.org/en/statistics/>

³³ Fonte: http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_nat/findingreports/RankReport_AverageHappiness.php

Com base nestes resultados, organizámos os dados de forma a que a posição relativa dos países em cada índice fosse calculada apenas em relação aos 31. O quadro seguinte sintetiza essa ordenação:

Produto Interno Bruto *per capita* (PIB), Igualdade na Repartição de Rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade, nos 30 países com PIB *per capita* mais elevado³⁴ e em Portugal (Posição relativa dos 31 países face ao conjunto)

[Quadro IV.3]

	PIB per capita	Índice de GINI	HDI-Índice de Desenvolvimento Humano	Felicidade
Luxemburgo	1	9	23	9
Noruega	2	4	1	5
Singapura	3	15	26	21
EUA	4	30	4	14
Irlanda	5	19	5	11
Hong Kong	6	31	20	25
Islândia	7	5	16	2
Suíça	8	23	12	3
Canadá	9	20	7	6
Holanda	10	14	6	12
Áustria	11	8	24	10
Suécia	12	1	8	7
Dinamarca	13	3	18	1
Austrália	14	13	2	8
Bélgica	15	11	17	15
Reino Unido	16	24	25	19
Finlândia	17	12	15	4
Alemanha	18	10	9	17
Japão	19	27	10	27
Espanha	20	18	19	16
França	21	21	13	24
Itália	22	17	22	23
Grécia	23	22	21	28
Nova Zelândia	24	26	3	13
Eslovénia	25	2	28	22
Israel	26	29	14	20
Coreia do Sul	27	16	11	30
Rep. Checa	28	6	27	26
Malta	29	7	29	18
Portugal	30	28	31	31
Estónia	31	25	30	29

Nota: Informação coligida pelo autor nas fontes indicadas

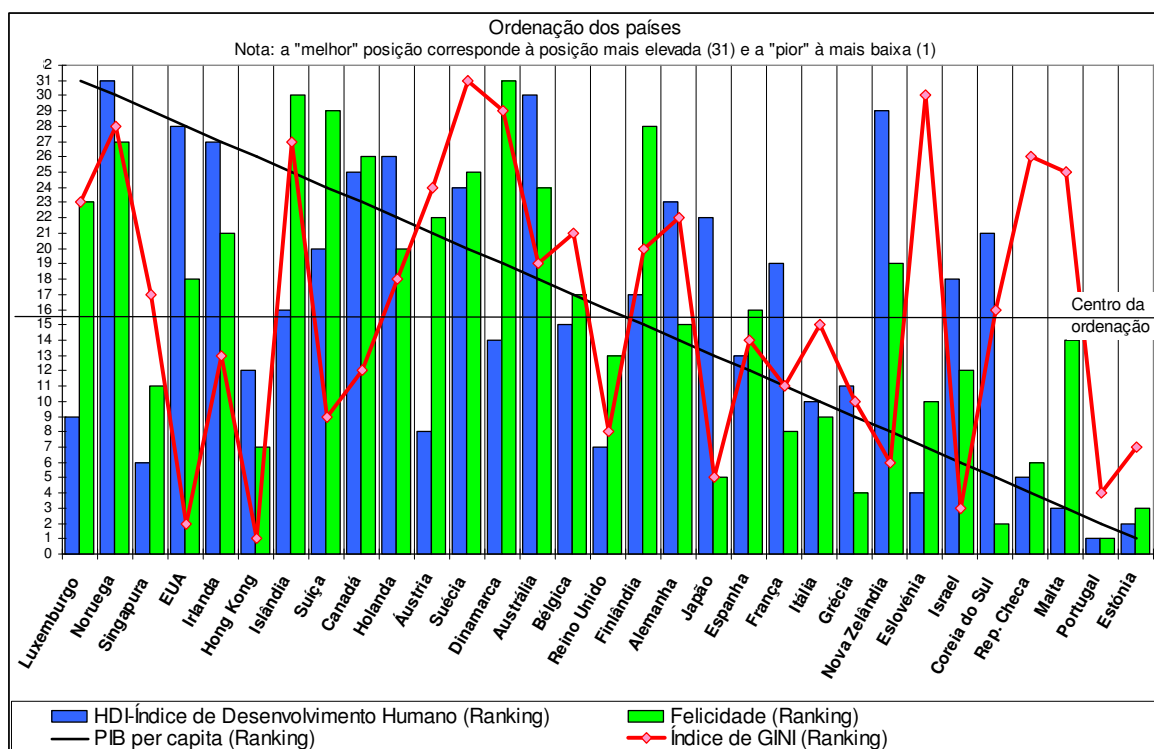
³⁴ Apresentam-se apenas os resultados dos países com informação disponível sobre os quatro indicadores.

Como se pode observar, no conjunto dos 31 países analisados, Portugal ocupa o penúltimo lugar no PIB *per capita*, o antepenúltimo no Índice de Desenvolvimento Humano, o 29º na Felicidade e o 25º no Índice de Gini.

A ordenação dos quatro indicadores de forma crescente: 1="pior" posição e 31="melhor" posição relativa, permite observar o seguinte padrão:

Posição relativa dos países com PIB *per capita* mais elevado³⁵, no Produto Interno Bruto (PIB), Desigualdade na repartição de rendimentos (Índice de Gini), Índice de Desenvolvimento Humano (HDI) e Felicidade

[Figura IV.2]



Nota: Informação coligida pelo autor nas fontes indicadas

Como se pode observar, a relação da posição relativa dos três indicadores de qualidade de vida não é linear com o PIB. A Noruega, que está em 2º lugar no PIB *per capita* é o país mais homogéneo nos três indicadores. Singapura e Hong Kong, 3º e 6º lugar no PIB, respectivamente, tal como Reino Unido (16º) registam valores nos três

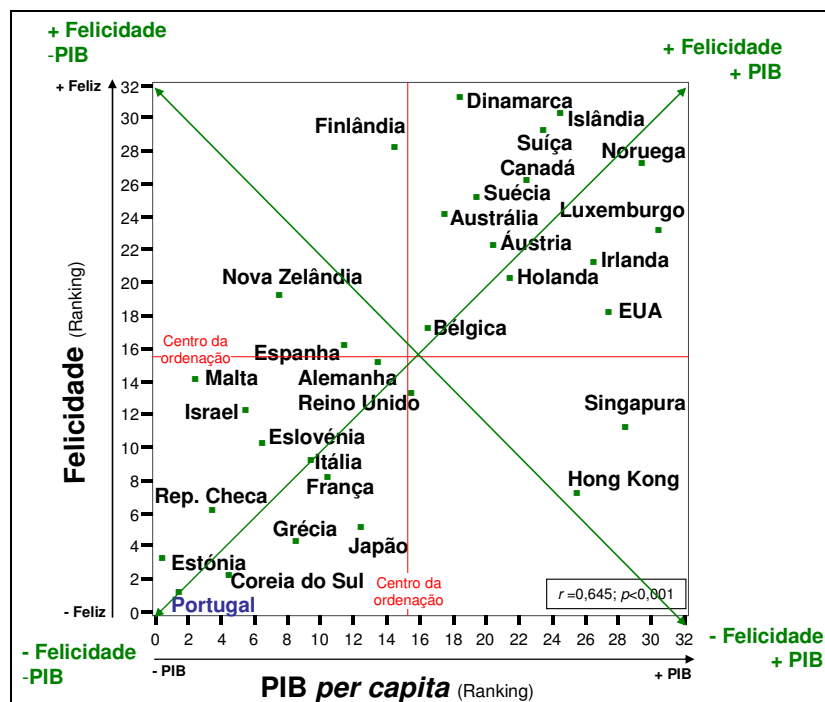
³⁵ Apresentam-se apenas os resultados dos países com informação disponível sobre os quatro indicadores.

indicadores inferiores ao centro da ordenação. Ao 1º lugar na Felicidade (Dinamarca) e 2º (Islândia), correspondem posições relativamente modestas no Índice de Desenvolvimento Humano. Portugal, que regista o penúltimo valor mais baixo do PIB *per capita*, é o pior classificado no Desenvolvimento humano e na Felicidade, sendo o 4º pior classificado na desigualdade da repartição da riqueza (Índice de Gini), tendo atrás de si apenas Hong Kong, EUA e Israel.

A correlação entre a ordenação de cada um dos indicadores com a ordenação da Felicidade é positiva e estatisticamente significativa³⁶, como se pode observar nas figuras seguintes³⁷, chamando-se a atenção para o facto de Portugal se encontrar sempre no mesmo quadrante correspondente à pior posição relativa nos dois indicadores considerados:

PIB *per capita* vs. Felicidade:
Posição relativa dos países na respectiva ordenação

[Figura IV.3]

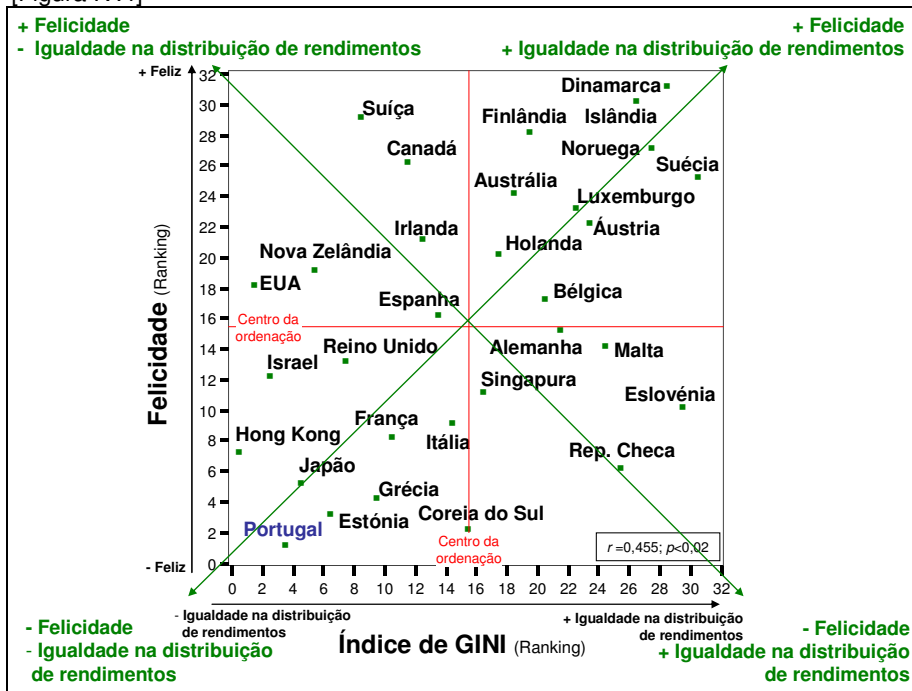


³⁶ Felicidade vs. PIB *per capita* ($r(31)=0,645$; $p < 0,001$); Felicidade vs. Índice de GINI ($r(31)=0,455$; $p < 0,02$); Felicidade vs. HDI ($r(31)=0,479$; $p < 0,01$).

³⁷ Nota: Informação coligida pelo autor nas fontes indicadas

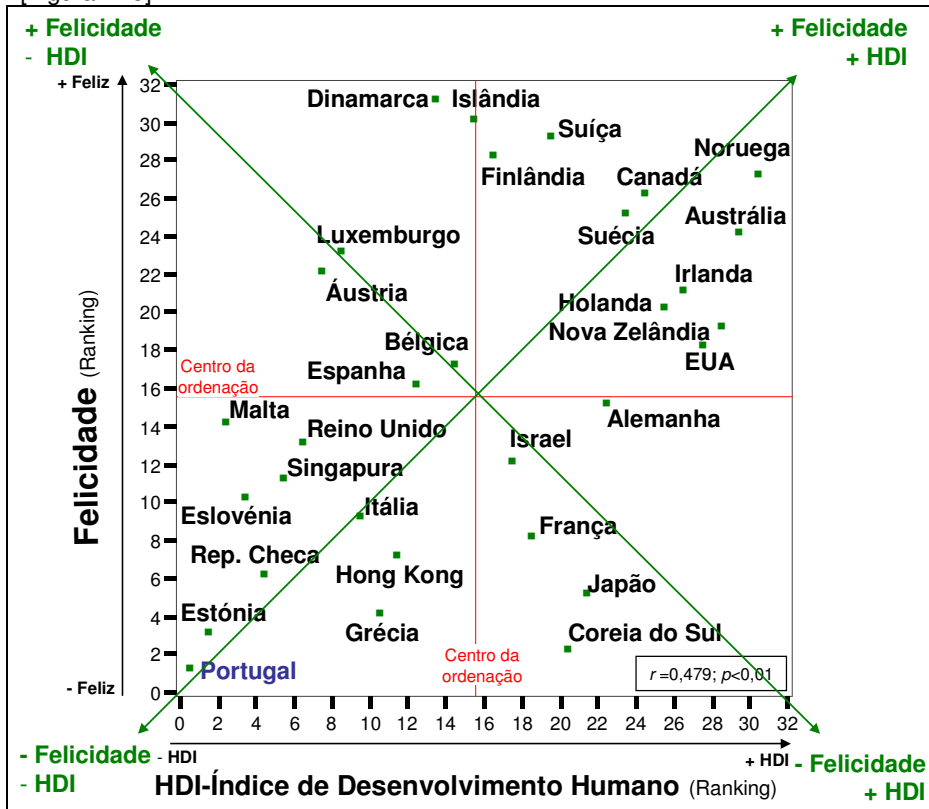
Desigualdade na Distribuição da Riqueza vs. Felicidade:
Posição relativa dos países na respectiva ordenação

[Figura IV.4]



Índice de Desenvolvimento Humano vs. Felicidade:
Posição relativa dos países na respectiva ordenação

[Figura IV.5]



1.2. A medida do Bem-estar subjectivo: construção de um índice

A Felicidade Interna Bruta (FIB), por analogia com o Produto Interno Bruto (PIB) tem ocupado largo espaço nos media, especialmente depois de Sarkozy, em Fevereiro de 2008, ter criado uma comissão para estudar o conceito. Essa comissão, presidida por dois prémios Nobel de grande prestígio: Joseph Stiglitz, da Universidade de Columbia, ex-director do Banco Mundial e Amartya Sen, da Universidade de Harvard e por Jean-Paul Fitoussi, director de pesquisa do OFCE e professor emérito do IEP em Paris, apresentou entretanto o seu relatório³⁸ que, em 291 páginas, divididas em três capítulos: Questões clássicas do PIB; Qualidade de Vida; e Sustentabilidade do Bem-estar, faz doze recomendações. Como referem os autores (cfr. página 12), os nossos sistemas de medida focam-se muito mais na produção económica do que no bem-estar das pessoas. A mudança de ênfase do *PIB* para o bem-estar não significa, contudo, que se abandone o primeiro, pois a informação em que se baseia continua a ser importante, nomeadamente no que se refere à monitorização da economia. No entanto, essa informação é insuficiente, tornando-se necessário recolher informação complementar centrada no bem-estar sustentado das pessoas. “Há várias dimensões do bem-estar, mas um bom começo é a medição do bem-estar material ou padrões de vida. Tal sistema não deve apenas medir os níveis médios de bem-estar dentro de uma dada comunidade, e como mudam ao longo do tempo, mas também documentar a diversidade de experiências dos povos e as ligações entre as várias dimensões da vida das pessoa”. As doze recomendações do relatório são, por esta ordem (cfr. páginas 12-18):

1. Ao avaliar bem-estar material, devemos olhar para o rendimento e o consumo em vez da produção;
2. Enfatizar a perspectiva do agregado doméstico;
3. Considerar o rendimento e o consumo juntamente com a riqueza;
4. Dar mais destaque à distribuição do rendimento, do consumo e da riqueza;
5. Criar medidas de rendimento para actividades não produtivas;

³⁸ Disponível em <http://stiglitz-sen-fitoussi.fr/en/index.htm>

6. A qualidade de vida depende das condições objectivas das pessoas e das suas capacidades. Devem ser tomadas medidas que permitam melhorar a saúde, a educação e o meio ambiente. Um esforço substancial deve ser dedicado ao desenvolvimento e implementação de indicadores robustos e confiáveis capazes de medir as conexões sociais, a participação política e a insegurança, consideradas como preditores da satisfação com a vida;
7. Os indicadores de qualidade de vida, em todas as dimensões contempladas, devem avaliar desigualdades de uma forma global;
8. Os inquéritos de avaliação/monitorização devem permitir avaliar as relações entre vários domínios da qualidade de vida das pessoas e essa informação deve ser utilizada na elaboração de políticas em vários campos;
9. Os organismos estatísticos nacionais devem disponibilizar informação que permita construir índices através da agregação de indicadores sobre as dimensões da qualidade de vida;
10. As medidas de bem-estar objectivo e subjectivo devem fornecer informação-chave sobre a qualidade de vida das pessoas. Os organismos estatísticos nacionais devem incorporar nos seus inquéritos questões que dêem conta das avaliações que as pessoas fazem da sua vida, experiências hedónicas e prioridades;
11. A avaliação da sustentabilidade exige um painel de indicadores bem identificados. A característica distintiva das componentes desse painel deve ser a sua capacidade de interpretar/monitorizar a mudança dos índices de sustentabilidade. Um índice de sustentabilidade monetária tem o seu lugar em tal painel, mas, no estado actual da arte, ele deve permanecer essencialmente voltado para os aspectos económicos da sustentabilidade.
12. Os aspectos ambientais da sustentabilidade merecem um acompanhamento em separado com base num conjunto bem escolhido de indicadores físicos. Em particular, há necessidade de um indicador claro da nossa proximidade aos níveis perigosos de danos ambientais (tais como os associados às alterações climáticas ou do esgotamento das reservas pesqueiras).

O relatório sugere, então, que se dê mais ênfase ao rendimento e ao consumo do que à produção, para permitir uma avaliação mais adequada do bem-estar material. Nesta perspectiva, a distribuição do rendimento torna-se mais importante do que o rendimento médio *per capita*. Em vez de nos focarmos no *PIB*, devemos focar-nos na *FIB* (Felicidade Interna Bruta), considerada como um indicador de bem-estar social, que exprime, num dado país, o “stock” de felicidade das pessoas, cuja busca, como está inscrito na Constituição Americana, deve nortear os objectivos da governação.

Os autores (cfr. Stiglitz e outros, s/d: 14), consideram que a felicidade é uma expressão do bem-estar subjectivo, conceito multidimensional, assente nas seguintes dimensões-chave, que devem ser consideradas em simultâneo:

- i. Padrões materiais de vida (rendimento, consumo, e riqueza);
- ii. Saúde;
- iii. Educação;
- iv. Actividades pessoais, incluindo o trabalho;
- v. Voz política e governação;
- vi. Conexões e relações sociais;
- vii. Ambiente (condições actuais e futuras);
- viii. Segurança de natureza económica e física.

Por sua vez, Blanchflower e Oswald (cfr. 2011: 7) notam que muitos investigadores partilham a ideia de que a felicidade se pode medir com o recurso a técnicas quantitativas similares às usadas nas estatísticas médicas, econometria e gestão, podendo exprimir-se através de uma função que integre a idade, o género, o rendimento, a educação, o estado civil, a dieta alimentar e diversas características pessoais e regionais.

A “medição” do bem-estar subjectivo tem sido uma das preocupações do *European Social Survey* que inclui nos módulos permanentes, para além da estrutura social, a recolha de informação, sobre política, orientações sócio-políticas, orientações de valores e mudanças da governação. Os módulos rotativos, com eventual repetição, incluem informação adicional sobre determinados temas. Neste domínio salientam-se “Cidadania, Envolvimento e Democracia” no *round 1*; “Família, Trabalho e Bem-estar”, “Saúde e Prestação de cuidados” e “Moralidade económica na Europa: sociedade de mercado e cidadania” no *round 2*; “Bem-estar pessoal e social” e “Organização do tempo ao longo da vida” , no *round 3* e “Expressões do Idadismo (Ageísm)” e “Atitudes face ao Bem-estar na Europa em mudança”, no *round 4*.

É com base nos indicadores disponibilizados no *round 4* (2008) que, seguindo a sugestão do denominado relatório “Stiglitz” procedemos à construção do Índice de Bem-estar subjectivo (BES). Embora com a limitação decorrente do facto de os indicadores

disponíveis recobrirem apenas parcialmente as dimensões enunciadas pelos autores³⁹, eles parecem ser um bom instrumento de avaliação da Felicidade Interna Bruta. A observação sumária dos indicadores apresenta a seguinte distribuição no conjunto dos países e em Portugal:

Dimensões e indicadores do Bem-estar subjectivo, na Europa e em Portugal

[Quadro IV.4.

Dimensões	Indicadores		Todos os países %	Portugal %
i. Padrões materiais de vida (Rendimento, consumo, riqueza)	Rendimento subjectivo do agregado	É muito difícil viver com o rendimento actual	6,1	12,6
		É difícil viver com o rendimento actual	17,2	33,0
		O rendimento actual dá para viver	46,0	48,2
		O rendimento actual permite viver confortavelmente	30,7	6,2
		Total	100,0	100,0
ii. Saúde	Avaliação subjectiva do estado de saúde	Muito má	1,4	2,4
		Má	6,7	9,9
		Razoável	26,3	36,9
		Boa	44,1	40,1
		Muito boa	21,4	10,6
Total	100,0	100,0		
iii. Educação	Escolaridade	Até 4 anos escolaridade	5,0	41,4
		5-9 anos escolaridade	19,4	27,7
		10-12 anos escolaridade	32,6	18,2
		>12 anos escolaridade	43,0	12,7
		Total	100,0	100,0
iv. Actividades pessoais, incluindo o trabalho	Ocupação	Trabalho pago	51,6	42,9
		Estudar	9,2	8,9
		Outra ocupação/Serviço cívico/Militar	1,2	1,9
		Desempregado	4,8	6,7
		Reforma	22,8	29,2
		Incapacidade/invalidez permanente	2,4	1,5
		Trabalho doméstico	8,0	9,0
	Total	100,0	100,0	
	Trabalhou para um partido político ou movimento cívico ou outro tipo de associação, no último ano	Sim	15,9	3,5
		Não	84,1	96,5
Total		100,0	100,0	

³⁹ Uma vez que aproveitamos a informação disponível que não foi recolhida com esse intento.

... continuação

Dimensões		Indicadores		Todos os países	Portugal
v. Voz política e Governação	Relação com a política	Votou nas últimas eleições	Sim		
			Não		
			Não era elegível para votar		
			Total	100,0	100,0
		Tem simpatia por um partido político	Sim	51,8	49,8
			Não	48,2	50,2
			Total	100,0	100,0
		Está inscrito num partido político	Sim	4,2	2,3
			Não	95,8	97,7
			Total	100,0	100,0
		Interesse pela política	Nenhum	16,7	38,8
			Pouco	34,6	32,2
			Algum	38,1	25,0
			Muito	10,6	4,0
	Total		100,0	100,0	
	Sente que a política é uma coisa complicada	Nunca	8,1	5,5	
		Raramente	20,3	15,3	
		Algumas vezes	37,5	36,8	
		Bastantes vezes	21,0	24,2	
		Frequentemente	13,1	18,1	
	Total	100,0	100,0		
	Facilidade em tomar posições políticas	É muito difícil	7,3	14,3	
		É difícil	26,9	40,7	
		Nem é difícil nem é fácil	34,3	26,9	
		É fácil	26,0	15,3	
		É muito fácil	5,5	2,8	
	Total	100,0	100,0		
Avaliação da governação	Satisfação com o estado da Economia	Insatisfeito (0 a 3)	40,5	65,5	
		Moderadamente satisfeito (4 a 6)	38,7	31,3	
		Satisfeito (7 a 10)	20,8	3,3	
		Total	100,0	100,0	
	Satisfação com a forma como o Governo está a governar	Insatisfeito (0 a 3)	38,9	54,3	
		Moderadamente satisfeito (4 a 6)	40,5	38,8	
		Satisfeito (7 a 10)	20,6	6,9	
		Total	100,0	100,0	
	Satisfação com o estado da Democracia	Insatisfeito (0 a 3)	24,9	38,0	
		Moderadamente satisfeito (4 a 6)	38,9	50,7	
		Satisfeito (7 a 10)	36,2	11,3	
		Total	100,0	100,0	
	vi. Conexões e relações sociais	Convive com amigos, familiares ou colegas de trabalho	Nunca	1,8	2,9
Menos de uma vez por mês			7,1	7,0	
Uma vez por mês			8,1	4,5	
Várias vezes por mês			18,4	13,4	
Uma vez por semana			17,6	11,1	
Várias vezes por semana			28,6	22,1	
Todos os dias			18,3	39,0	
Total		100,0	100,0		
Tem alguém com quem pode conversar sobre assuntos íntimos e pessoais		Sim	91,4	87,1	
		Não	8,6	12,9	
		Total	100,0	100,0	
Participação em actividades sociais		Muito menos que a maioria	10,8	17,3	
		Menos que a maioria	25,5	28,0	
		O mesmo que a maioria	46,2	47,6	
	Mais que a maioria	14,5	5,8		
	Muito mais que a maioria	3,1	1,2		
Total	100,0	100,0			
vii. Ambiente (condições actuais e futuras)	Confia na ciência moderna para resolver os problemas ambientais	Não confia nada	4,7	2,4	
		Não confia	19,9	11,5	
		Não confia nem desconfia	26,8	20,1	
		Confia	38,5	51,0	
		Confia muito	10,1	15,0	
		Total	100,0	100,0	

... continuação

Dimensões		Indicadores	Todos os países	Portugal	
viii. Insegurança de natureza económica e física.	Física	Insegurança que sente quando anda sozinho no bairro depois de escurecer	Muito seguro(a)	26,1	10,3
			Seguro(a)	50,2	60,4
			Inseguro(a)	19,3	25,4
			Muito inseguro(a)	4,4	3,9
			Total	100,0	100,0
		Preocupação com a possibilidade de a casa ser assaltada	Nada preocupado	37,2	31,8
			Pouco preocupado	33,9	31,4
			Preocupado	23,3	28,0
			Muito preocupado	5,6	8,8
			Total	100,0	100,0
		Preocupação com a possibilidade de ser vítima de crime violento	Nada preocupado	43,9	45,7
			Pouco preocupado	35,4	25,9
	Preocupado		17,6	23,3	
	Muito preocupado		3,2	5,1	
	Total		100,0	100,0	
	Económica	Preocupação com a possibilidade de ficar desempregado	Nada preocupado	45,0	29,2
			Pouco preocupado	32,5	40,1
			Preocupado	14,0	21,3
			Muito preocupado	8,5	9,5
			Total	100,0	100,0
		Preocupação com a possibilidade de ter que reduzir o tempo de trabalho	Nada preocupado	43,7	34,4
			Pouco preocupado	42,1	47,7
			Preocupado	10,6	15,4
			Muito preocupado	3,5	2,6
Total			100,0	100,0	
Preocupação com o dinheiro ser insuficiente		Nada preocupado	30,7	8,2	
		Pouco preocupado	43,1	44,9	
	Preocupado	18,9	32,5		
	Muito preocupado	7,3	14,5		
	Total	100,0	100,0		

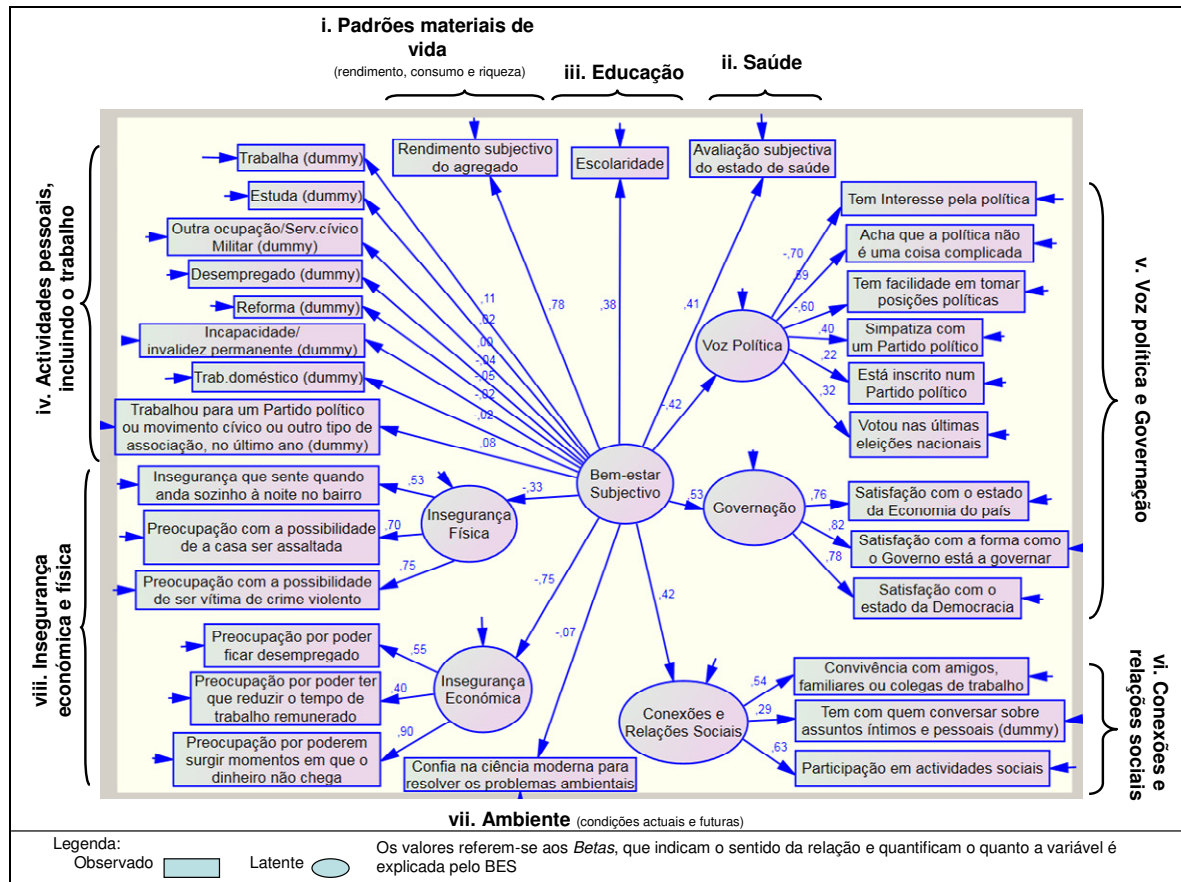
Fonte: ESS4, 2008

A comparação da distribuição dos indicadores entre Portugal e o conjunto dos países analisados, mostra como os portugueses declaram muito mais que os cidadãos do conjunto dos países que “é difícil viver com o rendimento actual”, que a “saúde não é boa” que “não se interessam pela política”, que a “política é complicada” e que “têm dificuldade em tomar decisões políticas”, que estão insatisfeitos com a “Economia”, com o “Governo” e com a “Democracia” e que estão preocupados com a “segurança física e económica”.

O modelo de medida do Bem-estar subjectivo (variável latente) com base nos indicadores referidos, permite perceber a sua relação com aquele e avaliar a pertinência da sua inclusão na medida conjunta:

Medida do Bem-estar subjectivo na Europa
(Diagrama de equações estruturais – modelo de medida⁴⁰: coeficientes *beta*)

[Figura IV.6]



Fonte: ESS 4, 2008

Como se pode observar, com excepção dos indicadores da dimensão iv. "Actividades pessoais" e da dimensão vii. Ambiente⁴¹, todos os restantes apresentam níveis de explicação (*Betas*) pelo BES superiores a 0,3, justificando, por conseguinte, a sua inclusão na medida sintética do Bem-estar subjectivo. O quadro seguinte resume os valores *Beta* e o sentido negativo e positivo da sua relação permitindo perceber o seu impacto no Bem-estar subjectivo:

⁴⁰ SPSS/AMOS.

⁴¹ Certamente devido ao facto de ser medida através de um único indicador e traduzir apenas a preocupação futura com o ambiente.

Medida do Bem-estar subjectivo na Europa: impacto dos indicadores

(coeficientes *beta*)

[Quadro IV.4

Dimensões	Indicadores	Impacto no BES	
		negativo	Positivo
i. Padrões materiais de vida	Avaliação do rendimento subjectivo do agregado		0,78
ii. Saúde	Avaliação subjectiva do estado de saúde		0,41
iii. Educação	Anos completos de escolaridade que concluiu		0,38
iv. Actividades pessoais, incluindo o trabalho	Trabalha (dummy)		0,11
	Estuda (dummy)		0,02
	Outra ocupação/Serviço cívico/Militar (dummy)	0	
	Desempregado(a) (dummy)	-0,04	
	Reformado(a) (dummy)	-0,05	
	Incapacidade para trabalhar/invalidez permanente (dummy)	-0,02	
	Trabalhou para um partido político ou movimento cívico ou outro tipo de associação, no último ano (dummy)		0,08
v. Voz política e Governação	Voz política	-0,42	
	Governação		0,53
vi. Conexões e relações sociais			0,42
vii. Ambiente	Grau de confiança na ciência moderna para resolver os problemas ambientais	-0,07	
viii. Insegurança de natureza económica e física	Preocupação com a Segurança física	-0,33	
	Preocupação com a Segurança económica	-0,75	

Fonte: ESS 4, 2008

A construção do “Índice de Bem-estar subjectivo”⁴² foi feita através de uma Análise de Componentes Principais para variáveis Categóricas⁴³ com os indicadores tradutores das dimensões, correspondendo as pontuações individuais aos valores (coordenadas) na primeira dimensão.

O Alpha de Cronbach entre o “Índice de Bem-estar subjectivo” medido indirectamente e o Bem-estar subjectivo declarado através da avaliação da satisfação com a vida⁴⁴ e da felicidade⁴⁵ (0,781) evidencia a qualidade da medida. A figura seguinte, que mostra a relação entre as três medidas de Bem-estar subjectivo, revela um padrão idêntico de distribuição, mostrando que as avaliações subjectivas que os indivíduos fazem do seu

⁴² Ver Anexo I: Procedimentos metodológicos.

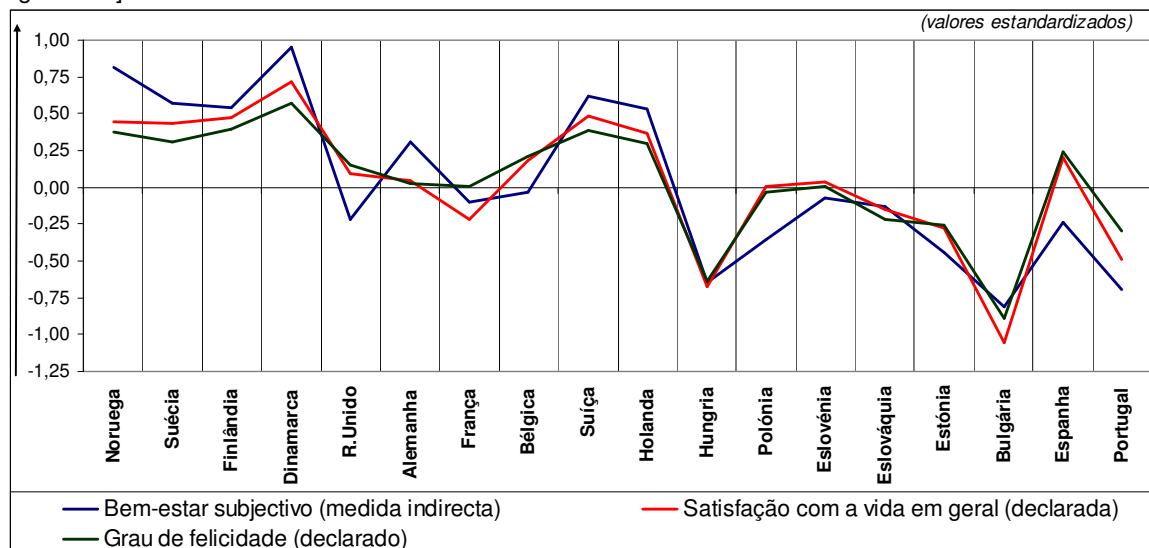
⁴³ (SPSS/CATpca). Alpha de Cronbach: 1ª dimensão=0,760; 2ª dimensão=0,542; total=0,864, dado que os indicadores têm diferentes escalas de medida: nominal, ordinal e quantitativo.

⁴⁴ A questão é formulada da seguinte forma: “*Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?*”, variando a escala de resposta entre 0=extremamente insatisfeito e 10= extremamente satisfeito. $r(34646)=0,489$; $p < 0,001$).

⁴⁵ A questão é formulada da seguinte forma: “*Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente?*”, variando a escala de resposta entre 0=extremamente infeliz e 10= extremamente feliz. $r(34654)=0,452$; $p < 0,001$).

bem-estar são bastante realistas e estão bem ligados às suas disposições objectivas no quadro social. Portugal, juntamente com a Hungria e a Bulgária, é dos países que apresenta piores resultados:

Bem-estar subjectivo, Satisfação com a vida e Felicidade na Europa, por país
[Figura IV.7]



Fonte: ESS4, 2008

Nestas circunstâncias, parece fazer sentido criar uma medida do Bem-estar subjectivo que integre as duas dimensões: objectiva (medida indirecta) e subjectiva (declarada). Para o efeito, a exemplo dos restantes índices sintéticos que utilizámos, a medida conjunta do Bem-estar subjectivo, doravante designada apenas por BES, resulta de uma Análise de Componentes Principais (ACP) com as três medidas distintas⁴⁶.

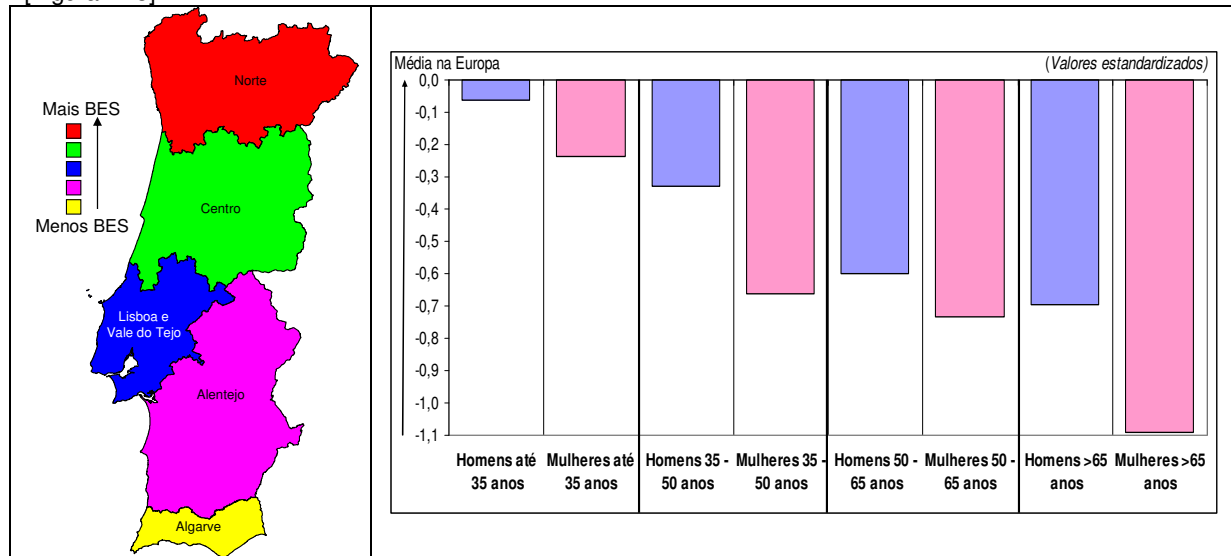
⁴⁶ Variância explicada: 69,91%.

1.3. Bem-estar subjectivo em Portugal

Em Portugal, a distribuição do Bem-estar subjectivo por regiões mostra que o mesmo decresce de Norte – mais elevado - para Sul⁴⁷.

Bem-estar subjectivo em Portugal, por Região, sexo e idade

[Figura IV.8]



Fonte: ESS4, 2008

Na análise por sexo e idade observa-se que os homens registam valores mais elevados de BES⁴⁸ em todos os grupos etários⁴⁹, registando-se o maior *gap* entre os mais velhos, com as mulheres com mais de 65 anos a registarem o valor mais baixo. Os homens mais novos – até 35 anos – mais felizes, registam mesmo um BES muito próximo da média europeia.

⁴⁷ Diferenças estatisticamente significativas entre escalões etários $F(4, 2322)=24,541$; $p<0,001$; $\eta^2=0,041$.

⁴⁸ Diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres $F(1, 2325)=63,443$; $p<0,001$; $\eta^2=0,027$.

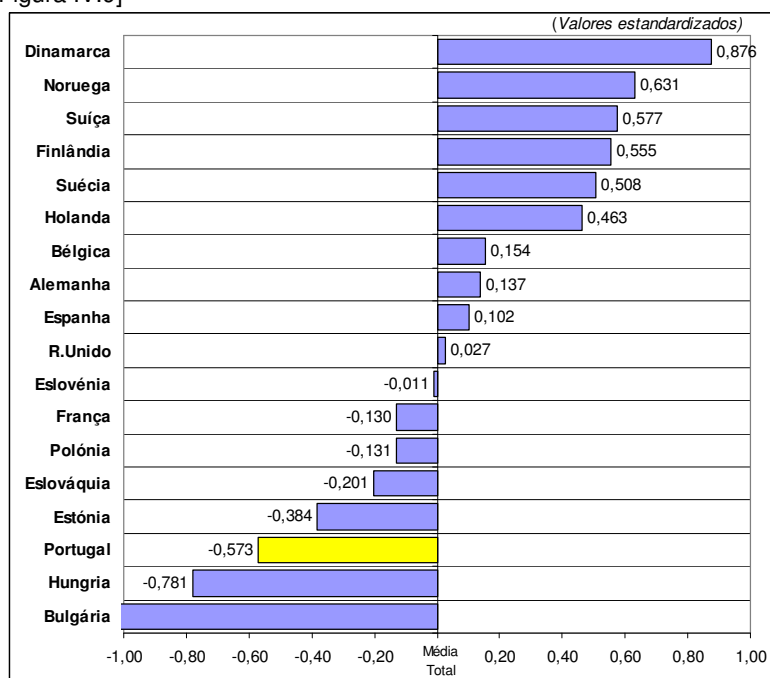
⁴⁹ Diferenças estatisticamente significativas entre escalões etários $F(7, 2320)=48,909$; $p<0,001$; $\eta^2=0,129$.

1.4. Felicidade Interna Bruta na Europa

A exemplo de medidas como o PIB, HDI, etc. a Felicidade Interna Bruta (FIB) traduz o “stock” de Bem-estar subjectivo em cada país⁵⁰. A figura seguinte revela a posição relativa dos países:

Felicidade Interna Bruta na Europa, por país

[Figura IV.9]



Fonte: ESS4, 2008

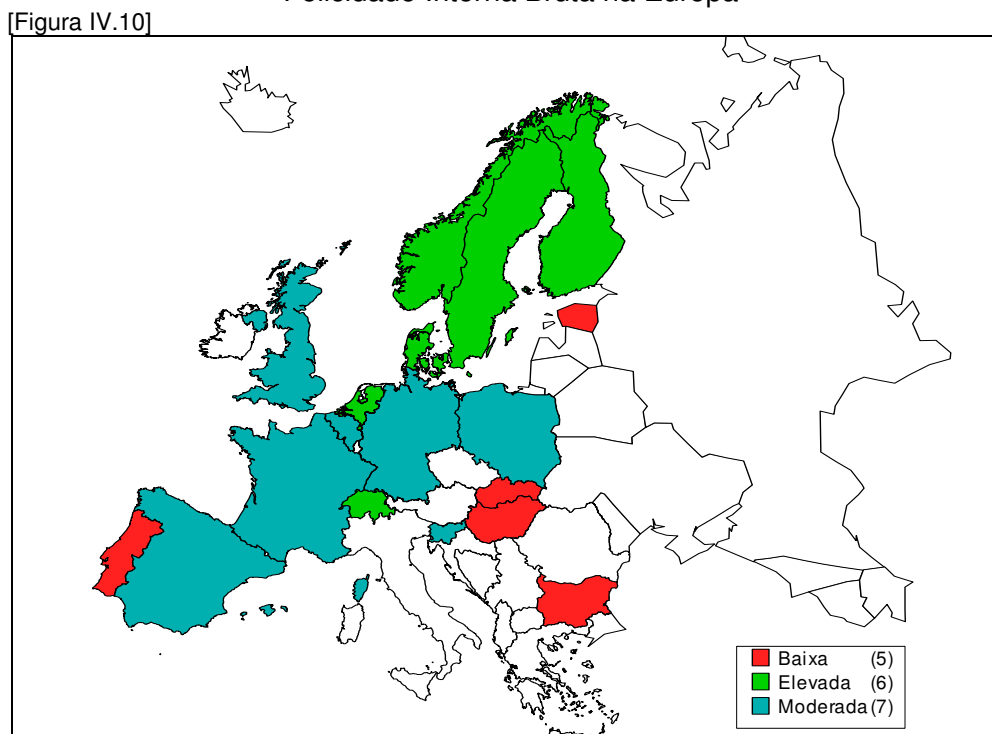
Numa escala que varia entre -1 e +1⁵¹, significando o valor 0 a média do conjunto, os países Escandinavos e a Europa do Centro, com excepção da França e da Espanha, que registam valores médios inferiores e superiores à média, respectivamente, os países Pós-comunistas e Portugal registam valores médios inferiores á média. Nesta ordenação, que replica outras ordenações já observadas no capítulo III, Portugal ocupa a antepenúltima posição, precedendo a Hungria e a Bulgária. Os cinco primeiros – Dinamarca e Suíça – estão entre os 10 países “mais felizes” no ranking elaborado por Veenhoven.

⁵⁰ Média do Bem-estar subjectivo por país.

⁵¹ Trata-se de valores estandardizados.

A transformação da FIB em três grupos distintos: elevada, moderada e baixa, mostra a seguinte configuração projectada no mapa da Europa:

Felicidade Interna Bruta na Europa



Fonte: ESS4, 2008

Grupo 1 – FIB elevada: Escandinávia, Suíça e Holanda;

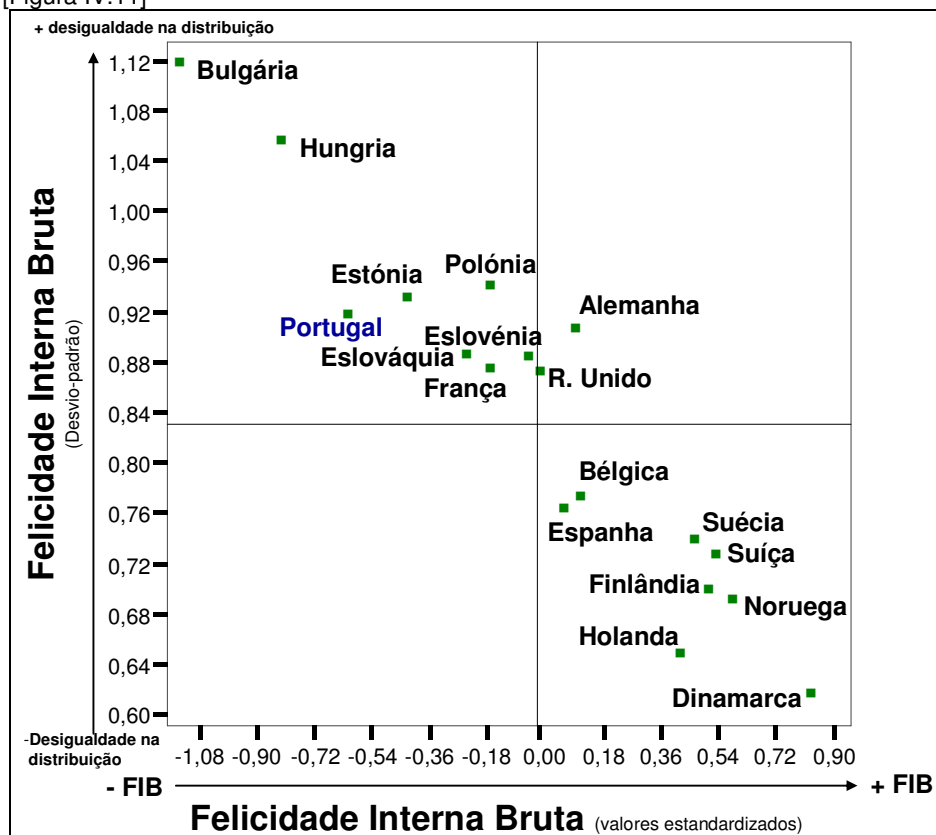
Grupo 2 – FIB moderada: Reino Unido, França, Alemanha, Bélgica, Polónia e Espanha;

Grupo 3 – FIB baixa: países Pós-comunistas, com excepção da Polónia e Portugal.

A figura seguinte, que mostra a projecção dos países no cruzamento da FIB com o respectivo desvio-padrão, mostra que Portugal é também um dos países com valores de desvio-padrão mais elevados, ou seja, maior dispersão na distribuição da FIB (mais desigualdade). Os países “mais felizes” são também os que registam menores desigualdades na distribuição do Bem-estar subjectivo.

Felicidade Interna Bruta na Europa
(média e desvio-padrão)

[Figura IV.11]



Fonte: ESS4, 2008

Conclusão

No ranking da felicidade no período 2000 a 2009, elaborado por Veenhoven e a sua equipa, Portugal ocupa a 83ª posição entre 149 países, ou seja, abaixo do meio da tabela. Nos 10 primeiros classificados estão seis países europeus: Dinamarca (2º), Islândia (3º), Suíça (4º), Finlândia (5), Noruega (7º) e Suécia (7) que, para além de registarem valores do PIB *per capita* mais elevados, também se distinguem, como vimos no capítulo 3, pela saliência dos valores mais universalistas. Entre os países da EU, Portugal apenas tem atrás de si a Roménia (84º) e a Hungria (87º), estando os nossos vizinhos espanhóis em 26º lugar.

Chamou-se já a atenção para a fraca consistência da relação entre a felicidade e o PIB *per capita*, indiciando que pode não ser um bom indicador da felicidade, pois foca-se

apenas no rendimento interno bruto do país dividido pelo nº de habitantes, deixando de fora a medida a sua distribuição, de que o Índice de Gini é um bom exemplo. Entre 31 países que registam valores do PIB *per capita* superiores a 20000 dólares, Portugal ocupa o penúltimo lugar no PIB *per capita*, o antepenúltimo no Índice de Desenvolvimento Humano, o 29º na Felicidade e o 25º no Índice de Gini, mostrando-se que a relação da posição relativa dos três indicadores de qualidade de vida não é linear com o PIB.

Com base nas sugestões para produzir uma medida da felicidade constantes do relatório da designada “Comissão Stiglitz” e nos dados disponibilizados pelo *round 4* do European Social Survey, procedemos à construção do Índice de Bem-estar subjectivo (BES) que, embora com a limitação decorrente do facto de os indicadores disponíveis recobrirem apenas parcialmente as dimensões enunciadas pelos autores, se revelou bastante consistente com a avaliação subjectiva que os inquiridos fizeram da sua satisfação com a vida e do seu grau de felicidade. Construámos, assim, um novo índice de Bem-estar subjectivo que agrega as três medidas, contemplando, por conseguinte, as dimensões objectiva e subjectiva do BES.

Os resultados deste índice em Portugal revelam que o Bem-estar subjectivo decresce de Norte para Sul – mais elevado no Norte e mais baixo no Algarve – e que os homens em todos os escalões etários, registam maior grau de BES do que as mulheres. Saliente-se que os homens até aos 35 anos apresentam um valor médio de BES próximo da média do conjunto de países. É nas mulheres com mais de 65 anos que se observa o valor mais baixo e a maior distância com os homens do mesmo escalão etário.

A média deste índice em cada país constitui a medida da Felicidade Interna Bruta (FIB) – *stock* de BES, verificando-se uma grande correspondência entre a FIB e o ranking mundial da felicidade elaborado por Veenhoven, uma vez que os 5 primeiros lugares daquele são ocupados por países que estão entre os 10 primeiros neste. Verifica-se também uma correlação linear negativa muito elevada⁵² entre a média da FIB e o seu

⁵² $r(18)=-0,947; p<0,001$.

desvio padrão, significando com isso que quanto maior é a FIB menor é a desigualdade da sua distribuição, e vice-versa. Portugal ocupa a 16ª posição entre 18 países, tendo atrás de si apenas a Hungria e a Bulgária⁵³, registando estes países também os maiores níveis de desigualdade na respectiva distribuição.

⁵³ A comparação de Portugal com a Bulgária parece que não é nova e, a fazer fé no seguinte excerto do Maias, também parece não ser desejada: “Esta política, este S. Bento, esta eloquência, estes bacharéis matam-me. Querem dizer agora aí que isto por fim não é pior que a Bulgária. Histórias! Nunca houve uma choldra assim no universo!”.

Capítulo V

Conclusão: Valores e Felicidade

A ciência social não tem parado de tropeçar no problema do indivíduo e da sociedade. Na realidade, as divisões da ciência social em psicologia, psicologia social e sociologia constituíram-se, em meu entender, em torno de um erro de definição inicial. A evidência da *individualização biológica* impede de ver que a sociedade existe sob duas formas inseparáveis: de um lado as instituições que podem revestir a forma de coisas físicas, monumentos, livros, instrumentos, etc.; do outro as disposições adquiridas, as maneiras duradouras de ser ou de fazer que encarnam em corpos (a que eu chamo os *habitus*). O corpo socializado (aquilo a que se chama o indivíduo ou a pessoa) não se opõe à sociedade: é uma das suas formas de existência.

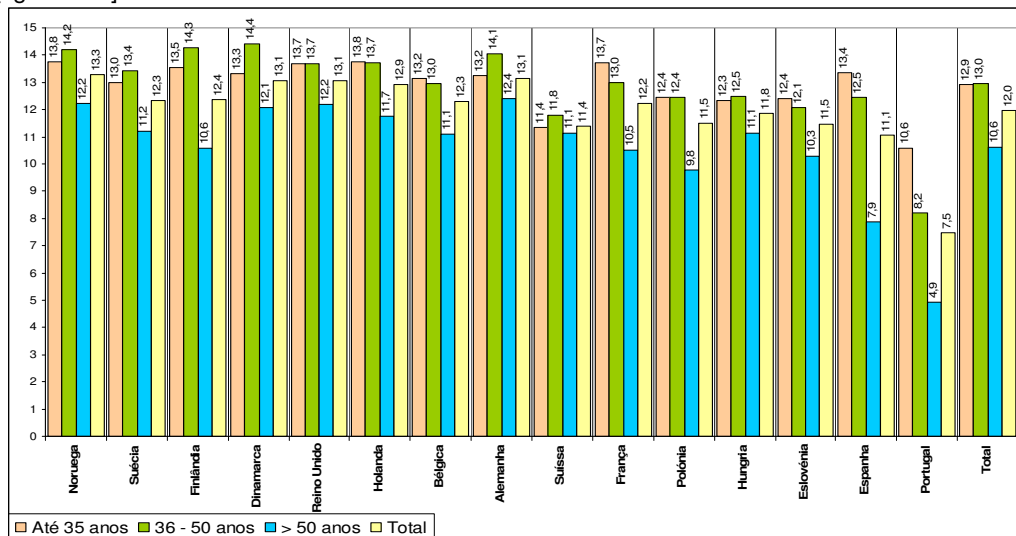
Pierre Bourdieu¹

Os resultados apresentados nos capítulos precedentes apontam para um retrato sociológico pouco abonatório dos valores e da felicidade dos portugueses. Saliente-se, no entanto, que convém relativizar esta leitura, ao contrário do que frequentemente acontece nos media, uma vez que se trata de uma comparação europeia, logo, dos países mais desenvolvidos do mundo.

É um facto que essa relativização não impede descontentamento, ao invés do que se julgava passar durante o salazarismo: “pobretes mas alegretes”. É imperativo contrariar lentidão da evolução dos indicadores, que tem profundos alicerces na baixa escolaridade dos portugueses que, só recentemente, se vai aproximando dos padrões europeus. Portugal partiu de um patamar muito baixo e, como se observa na figura seguinte, só com muito esforço será possível colmatar esta deficiência:

Escolaridade na Europa, por país e escalão etário

[figura V.1.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

¹ *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século, 2003: 33.

No que se refere aos que têm mais de 50 anos, enquanto a escolaridade média do conjunto de países se situa nos 10,3 anos, em Portugal aquele valor é de apenas 4,9 anos. Em Espanha, que regista o valor mais próximo do nosso, situa-se nos 7,9 anos. Aliás, saliente-se que apenas entre os mais novos – até 35 anos – se atinge o valor europeu para os mais velhos (10,6 anos de escolaridade). Embora a aproximação ao padrão europeu seja notória em Portugal no escalão mais jovem, note-se que a média europeia no escalão até aos 35 anos já se situa nos 12,9 anos. Portugal é o país com a maior distância entre os mais novos e os mais velhos – 5,7 anos – o que em si mesmo não é má notícia, uma vez que revela os progressos recentes.

Ou seja, a acreditar que o principal défice do país é na educação, com um profundo impacto na qualificação dos portugueses, estes resultados, ao mesmo tempo que nos permitem relativizar a posição modesta nos rankings e nos valores, como vimos no capítulo III, alimentam o nosso optimismo alicerçado na virtuosidade do aumento da escolaridade dos portugueses. A recente alteração para 12 anos da escolaridade mínima é um bom indício, se a prática o confirmar plenamente.

É certamente devido ao baixo grau de literacia, evidenciado em termos de escolaridade, que se deve a igualmente baixa exposição aos media dos portugueses, registando o país, a par da Grécia, Espanha, Bélgica, Roménia e Bulgária, os mais baixos níveis de leitura de jornais. Já no que se refere à televisão, os resultados não são tão “maus”, com 21% dos portugueses a dizer que vê mais de 3 horas por dia/semana. No entanto, embora o ESS não providencie essa informação, os tops dos programas que os portugueses mais vêem serão produtos de qualidade duvidosa.

Vejamos então as principais conclusões que sintetizam o perfil sociológico dos portugueses face aos valores.

Valores humanos – transituacionais

Os portugueses, tal como os cidadãos dos países Pós-comunistas, revelam-se menos identificados com a “Autotranscendência” e com a “Abertura à mudança” e mais com a “Autopromoção” e a “Conservação”, do que os restantes europeus. Ou seja, em comparação com os escandinavos e os cidadãos da Europa do norte e do centro, revelam-

se menos igualitários (universalismo), solidários (benevolência), criativos (autodeterminação) e adeptos de uma vida excitante (estimulação). Ao invés, revelam-se mais ambiciosos (realização), mais adeptos da autoridade (poder) e da ordem social (segurança), mais obedientes (conformismo), humildes, devotos e conservadores (tradição). Mais uma vez a escolaridade parece não ser alheia a este padrão, visto que os menos escolarizados se identificam menos com a “abertura à mudança” e mais com a “conservação”.

Lisboa e Vale do Tejo é a região que mais se identifica com a “Abertura à mudança”, o Centro com a “Autotranscendência”, o Alentejo com a “Autopromoção” e o Algarve com a “Conservação”. O Norte caracteriza-se por apresentar um perfil médio de identificação, em termos da média nacional, face aos quatro valores.

Relativamente às diferenças entre homens e mulheres é interessante verificar que, não havendo disparidades frontais, as distinções relativas se adequam a expectativas previsíveis. As mulheres afirmam-se, ainda mais do que os homens, preocupadas com os outros e defensoras de direitos humanos universais (universalismo), ao mesmo tempo que estão mais distantes de uma afirmação em termos de sucesso (realização) e de poder. A “Abertura à mudança” de que as mulheres parecem estar distantes e os homens relativamente mais próximos, está associada a um grupo específico de mulheres jovens (até 35 anos), enquanto a “Conservação”, de que as mulheres se revelavam globalmente mais próximas, surge associada aos homens e mulheres mais velhos. As mulheres mais velhas são as que estão próximas da “Autotranscendência”, ou seja, dedicadas e preocupadas com os outros.

Confiança

Os portugueses, mais uma vez acompanhados dos cidadãos dos países Pós-comunistas, são os que revelam menores níveis de confiança social e nas instituições nacionais. Nas instituições internacionais revelam-se mais confiantes, com valores médios próximos da média europeia. Só confiam, ainda que moderadamente, na “Honestidade dos outros”, na “Polícia” e nas “Nações Unidas”. Relativamente aos políticos, são claramente desconfiados.

A análise por região mostra que em todas elas os maiores níveis de confiança se referem às instituições internacionais. Globalmente, os alentejanos e os algarvios são os menos e mais desconfiados, respectivamente.

Globalmente, nos três índices de confiança os homens portugueses revelam-se menos desconfiados do que as mulheres, sendo as diferenças estatisticamente significativas. São os jovens, homens e mulheres, os que registam níveis médios de confiança mais elevados, excepto com a Polícia, em que os mais velhos têm confiança superior.

Política

Entre os europeus, os portugueses são os cidadãos que mais revelam que não se interessam pela política, que acham que a política é uma coisa complicada e que têm dificuldades em tomar posições políticas. O interesse pela política é relativamente mais elevado em Lisboa e Vale do Tejo e mais baixo no Algarve. Em todos os escalões etários os homens revelam-se mais interessados pela política do que as mulheres, sendo que os que dizem ter muito interesse pela política (7,8%) são cerca do dobro das mulheres (3,8%). Ao invés, 42,6% destas e 30% daqueles, referem que não têm nenhum interesse.

Este padrão é idêntico nas dificuldades com a política, com os homens em todos os escalões etários a afirmarem menos do que as mulheres que a política é uma coisa complicada e que têm dificuldade em tomar decisões políticas, registando o Algarve a percentagem mais elevada de inquiridos com dificuldades e Lisboa e Vale do Tejo a mais baixa.

A simpatia partidária e a proximidade com o partido com que se simpatiza, são dois indicadores importantes da ligação dos cidadãos com a política. Mas aqui a comparação europeia revela surpresas, uma vez que Portugal está entre os países que mais nutrem simpatia por um partido. Apesar disso, são dos que mais dizem que não votaram nas últimas eleições nacionais, ou seja, os mais absentistas. É na região Norte que se observa maior proximidade com o partido com que se simpatiza, seguida do Centro e Lisboa e Vale do Tejo. O Algarve regista os menores valores, tanto em simpatia como no voto. Nota-se

também uma clara diferença de género, uma vez que, em todos os escalões etários, as mulheres dizem que simpatizam menos e votam menos do que os homens.

Ou seja, os portugueses não se interessam pela política e têm dificuldades com a política, mas estão entre os europeus que mais simpatizam com um partido e se sentem próximos desse partido.

É no Norte e no Algarve, respectivamente, que se manifestam as percentagens maiores e menores de cidadãos que simpatizam com um partido e que se sentem próximos desse partido. Os mais jovens, homens e mulheres, são quem menos simpatiza com um partido e os que menos votam.

Em toda a Europa o autoposicionamento político faz-se ao centro (média 5,05 numa escala de 0 a 10). Em Portugal o Norte, o Centro e o Algarve registam valores de autoposicionamento político à direita e o Alentejo e Lisboa e Vale do Tejo à esquerda. No seu conjunto os homens situam-se ligeiramente mais à esquerda do que as mulheres, mas, por escalão etário, os homens até aos 35 anos e as mulheres até aos 65 anos revelam autoposicionamento político mais ao centro, enquanto os homens dos 35 aos 65 anos ficam à esquerda. Os homens e as mulheres com mais de 65 anos autoposicionam-se claramente à direita.

Cidadania

Os Portugueses situam-se entre os europeus que mais acham que se deve respeitar a lei e que registam níveis de participação cívica mais baixos. Não obstante, são dos melhor classificados no índice que traduz a representação social sobre o que é preciso para ser um bom cidadão. As mulheres apresentam um índice da participação cívica menor do que os homens em todos os escalões etários e os mais velhos registam valores mais elevados no índice de cidadania. No entanto, quando se fala na ajuda aos outros “despida” de conotações políticas, os portugueses “dão cartas”, pois estão em 3º lugar, só antecidos da Suécia e da Grécia. Quando se trata de ajudar os outros – uma dimensão importante da cidadania – ou, mais especificamente, da representação social sobre a necessidade de ajudar os outros, os portugueses evidenciam, claramente, uma representação social altruísta, pois são dos que mais concordam que os cidadãos devem

ocupar algum do seu tempo livre a ajudar os outros e que menos concordam que a sociedade estaria melhor se cada um se preocupasse apenas consigo.

No entanto, se isso é válido no plano dos valores – o dever ser – parece não ter consonância com as práticas – o ser – pois, neste plano, os portugueses já não são assim tão altruístas. Portugal está entre os países que registam percentagens mais baixas na colaboração com organizações de voluntariado e de caridade. O Algarve desvia-se desta conclusão, uma vez que apresenta uma percentagem média de 31,7% que diz que o faz, valor próximo da percentagem média europeia (35%).

Trabalho

Os portugueses hierarquizam os valores sobre o trabalho da seguinte forma: Trabalho seguro (1^o), Conciliação família-trabalho (2^o), Remuneração elevada (3^o), Boas oportunidades de promoção (4^o) e um trabalho em que possa ter iniciativa (5^o). Ou seja, um trabalho com iniciativa, associado à criatividade e ao desenvolvimento económico é algo que os portugueses não valorizam muito, ao contrário da maior parte dos países Escandinavos e da Europa do Norte e do Centro. As mulheres, independentemente da idade, dão mais importância à “conciliação família-trabalho” do que os homens, que aliás, é a última prioridade para os homens até aos 35 anos, os quais têm como primeira prioridade a “remuneração elevada”.

Entre os europeus, os portugueses são dos que mais consideram que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam, mas são os que menos estão filiados num sindicato ou associação profissional, o que é especialmente notório entre os mais jovens, homens e mulheres (síndrome do “free riding”).

São também, entre os europeus, a par dos suíços, os que denotam maior “amor à camisola”, pois são os que mais admitem que não trocariam a organização onde trabalham por outra, mesmo com remuneração superior. Querirá isso dizer que os portugueses, no que se refere ao trabalho, preferem ter “um pássaro na mão do que dois a voar”? Mostram-se adeptos da ideia do emprego para toda a vida, sem desafios, mas também sem sobressaltos.

Não obstante, são dos que mais acham que a remuneração que recebem não está adequada ao esforço e resultados do trabalho que desenvolvem. Tal não deve ser estranho ao facto de, com excepção dos países Pós-comunistas, serem os que mais horas trabalham por semana, 39,6, com a média europeia a situar-se nas 36,4. São também os que registam o menor *gap* entre as horas contratadas e as horas trabalhadas, incluindo as horas extraordinárias (média de 0,9 em Portugal e 3,1 no conjunto dos países).

São também dos que apresentam menor grau de satisfação com o trabalho que desenvolvem², verificando-se no Algarve e no Centro o menor e o maior grau de satisfação, respectivamente, sendo a diferença entre homens e mulheres praticamente nula em todos os escalões etários, excepto entre os que têm entre 50 e 65 anos, em que eles estão mais satisfeitos que elas.

Regulação da esfera económica

Portugal salienta-se por ser o país onde mais se concorda que o Governo deve intervir para regular a distribuição de rendimentos. As mulheres mais do que os homens, como acontece, aliás, em todos os países analisados. Ao mesmo tempo, os portugueses estão entre os europeus que menos consideram que “quanto menos o Governo intervier na economia, melhor será para o país. Ou seja, são maioritariamente contra o liberalismo na economia, sobretudo entre as mulheres.

É na região Centro que se concentram mais os adeptos da intervenção estatal na economia, registando o Algarve a menor percentagem. Em todos os escalões etários as mulheres defendem mais do que os homens essa intervenção.

² Embora em termos percentuais, de acordo com dados do Eurobarómetro referentes a 2005, Portugal se situe em 10º lugar na UE a 25, com 84,9% dos trabalhadores a afirmarem que estão muito ou razoavelmente satisfeitos

Religião

A Europa está a tornar-se secular pois, embora mais de metade dos europeus (59,6%) digam que sentem pertencer a uma religião, o grau de religiosidade efectiva pode-se considerar moderado. Os dados sobre a frequência de serviços religiosos não extraordinários é baixa, com apenas 20% a dizer que os frequenta pelo menos uma vez por semana. Já no que se refere à “obrigação” da oração diária prescrita pelas religiões cristãs, que prevalecem largamente na Europa nas confissões católica e protestante, apenas cerca de 30% o faz, sendo maior a percentagem (36%) que diz que nunca reza.

Em Portugal, é no Norte e no Centro que se registam os valores mais elevados de sentimento de pertença a uma religião (mais de 90%), com um grau de religiosidade mais elevado do que o conjunto dos europeus (6 contra 4,7 numa escala de 0 a 10). É também nestas regiões que as práticas são mais expressivas, tanto na frequência de serviços religiosos – cerca de 30% fá-lo pelo menos uma vez por semana – como na oração, onde mais de 50% diz que reza todos os dias.

A análise por sexo e idade mostra, por seu lado, que em todos os escalões etários as mulheres dizem mais do que os homens que sentem pertencer a uma religião e têm maior grau de religiosidade, estando estes dados em consonância com as práticas, pois também são elas que mais participam em serviços religiosos e rezam diariamente. Saliente-se a importância da idade na pertença a uma religião, no grau de religiosidade, na frequência dos serviços religiosos e na oração, que se verifica, tanto na Europa como em Portugal, com esses indicadores a aumentarem com a idade.

Família e responsabilidades familiares

Os europeus, entre sete aspectos da vida social – Família, Amigos, Trabalho, Tempos Livres, Política, Religião e Voluntariado – valorizam mais a família (85,7%). Em Portugal, são cerca de 82%, não se registando diferenças significativas entre homens e mulheres. O Algarve (98,5%) tem a percentagem mais elevada e o Centro (62,9%) a mais baixa.

É interessante verificar, ainda, que os europeus consideram, em todos os países, que o tempo passado com a família próxima é agradável e pouco stressante, embora seja ligeiramente mais agradável e também mais stressante para as mulheres, em todos os escalões etários, tanto na Europa como em Portugal. Tal deve-se, certamente, a que são as mulheres, tanto na Europa como em Portugal, que mais referem que as tarefas domésticas lhes provocam stress. Mas essa percepção não será, certamente, alheia ao facto de elas, e em todos os países da UE, ocuparem por semana cerca do dobro do tempo que os homens em tarefas domésticas e cuidados familiares.

Tanto em Portugal como em todos os países da UE, os homens dizem, assim, que estão mais satisfeitos com a divisão das tarefas domésticas. Portugal é um dos países europeus onde a diferença de satisfação com a repartição de tarefas domésticas entre homens e mulheres é mais expressiva: 63,8% de mulheres e 91,3% de homens, situando-se a percentagem média europeia em 79,9%. Ou seja, elas muito menos e eles muito mais do que a percentagem média europeia.

Felicidade e Bem-estar subjectivo

Portugal ocupa a 83^a posição (média de 5,7 numa escala de 0 a 10) entre 149 países incluídos no ranking mundial da felicidade no período 2000 a 2009, elaborado por Veenhoven e a sua equipa, estando, por conseguinte, abaixo do meio da tabela, que inclui, nos 10 primeiros, 6 países que partilham connosco o velho continente. Os portugueses são, portanto, pouco felizes. Com base nos dados disponibilizados pelo *round 4* do *European Social Survey* (2008), elaborámos um índice de bem-estar subjectivo que recobre, embora com algumas limitações, as dimensões sugeridas pela “Comissão Stiglitz”, a que acrescentámos a percepção declarada da satisfação com a vida e do grau de felicidade.

Os resultados em Portugal revelam que o Bem-estar subjectivo decresce de Norte para Sul – mais elevado no Norte e mais baixo no Algarve – e que os homens em todos os escalões etários, registam maior grau de BES do que as mulheres. Saliente-se que os homens até aos 35 anos apresentam um valor médio de BES próximo da média do

conjunto de países. É nas mulheres com mais de 65 anos que se observa o valor mais baixo e o maior hiato com os homens do mesmo escalão etário.

Constituindo a média deste índice em cada país a medida da Felicidade Interna Bruta (FIB) – *stock* de BES – verifica-se forte correspondência entre a FIB e o ranking mundial da felicidade elaborado por Veenhoven, uma vez que os 5 primeiros lugares daquele são ocupados por países que estão entre os 10 primeiros neste. Verifica-se também uma correlação linear negativa muito elevada entre a média da FIB e o seu desvio padrão, significando isso que quanto maior é a FIB menor é a desigualdade da sua distribuição, e vice-versa. Portugal ocupa a 16ª posição entre 18 países, tendo atrás de si apenas a Hungria e a Bulgária, registando estes países também os maiores níveis de desigualdade na sua distribuição (maior desvio-padrão).

Relação entre Valores e Felicidade

Em que medida é que os valores analisados neste trabalho influenciam o Bem-estar subjectivo e, por conseguinte, a Felicidade Interna Bruta dos europeus? A resposta a esta pergunta constitui, como se sabe, uma pedra angular dos objectivos definidos.

Através da análise de regressão múltipla, para os dados europeus³ e portugueses⁴, tendo como variável dependente o Bem-estar subjectivo e variáveis independentes os quatro valores humanos de ordem mais elevada da proposta de Schwartz, a confiança social e institucional, o autoposicionamento político, a participação cívica, a informação sobre política e actualidade e a religião, bem com as variáveis demográficas sexo, idade e situação conjugal, é possível avaliar o impacto destas naquele.

Como se observa, o modelo explica 37,5% da variação do Bem-estar subjectivo na Europa e 28,1% em Portugal. O impacto dos valores humanos no BES não é significativo

³ $F(25, 26593)=638,959; p<0,001$.

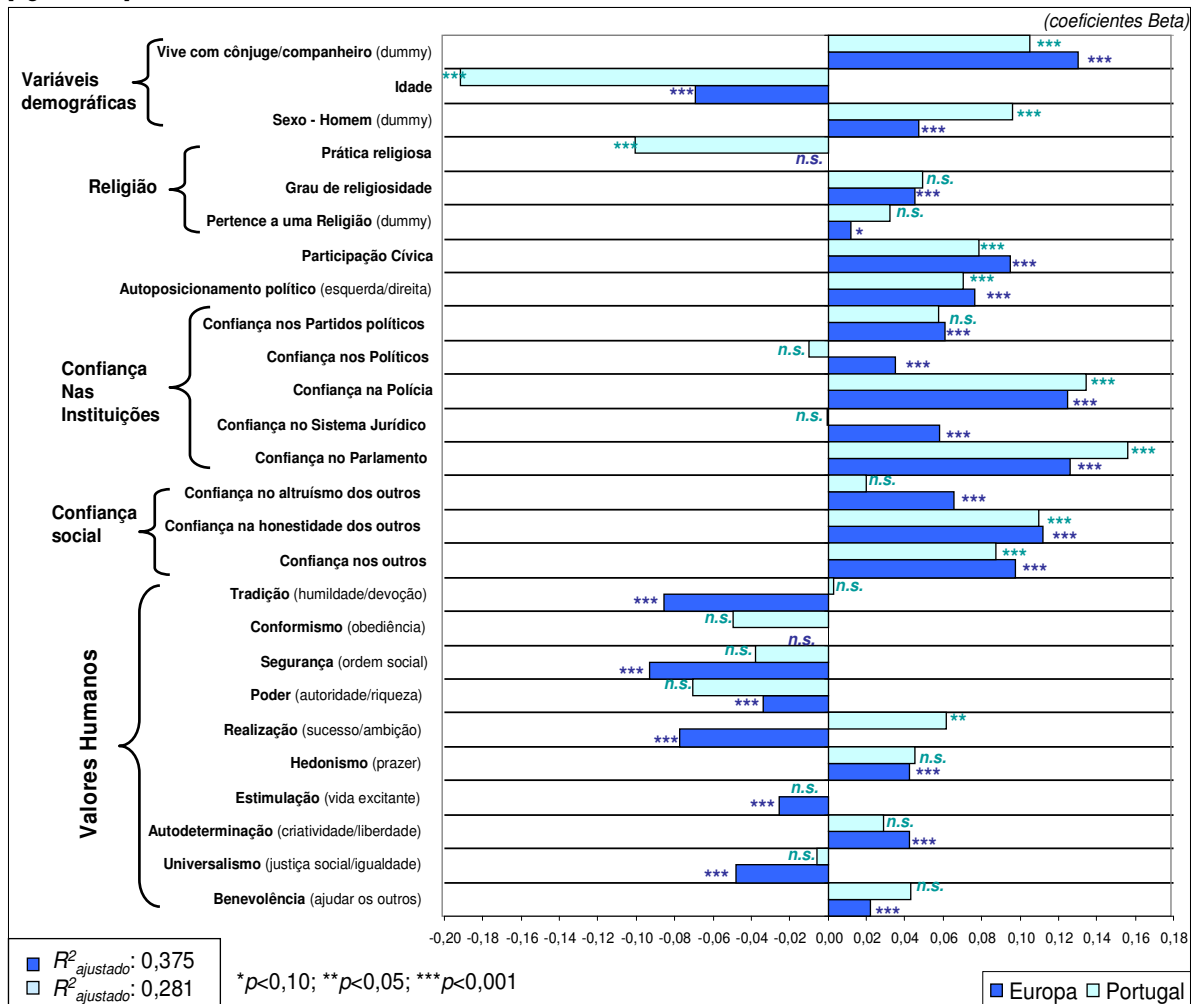
⁴ $F(25, 1350)=22,075; p<0,001$.

em Portugal, com excepção da “realização”, é negativo na Europa⁵ na “tradição”, “segurança”, “poder”, “realização”, estimulação” e “universalismo”, sendo positivo apenas no “hedonismo”, “autodeterminação” e “benevolência”. Note-se, pela excepção, já que é o único caso, que a “realização” tem em Portugal um impacto positivo e na Europa negativo. Observe-se ainda, pela expressividade, a magnitude do impacto da idade, muito maior em Portugal do que na Europa, significando o sentido negativo que quanto mais novo maior o BES. É o que mostra a figura seguinte:

Valores e Felicidade na Europa e em Portugal

(Regressão linear múltipla)⁶

[figura V.2.]



Fonte: ESS 4, 2008

⁵ Nota: no caso dos valores humanos, o sentido negativo deve entender-se como “quanto menor a prioridade...” maior o bem-estar subjectivo, e vice-versa.

⁶ Método *Enter*.

Resumindo as principais conclusões do modelo, podemos dizer que, tanto em Portugal como na Europa, as pessoas com maior nível de bem-estar subjectivo são do sexo masculino, jovens, a viverem com cônjuge/companheiro(a), sem prática religiosa, com mais participação cívica, que se autoposicionam politicamente ao centro e centro/direita e mais confiantes nas pessoas e nas instituições públicas, com destaque para o Parlamento e a Polícia.

Não obstante a ideia que deixámos transparecer no capítulo II, da importância da exposição aos media na formação de valores, a maior exposição à informação política e da actualidade não tem impacto no bem-estar subjectivo⁷.

⁷ $r(19468)=0,025; p=0,001$.

Conclusão geral

“Sobre a nudez crua da verdade, o manto diáfano da fantasia”

Eça de Queiroz⁸

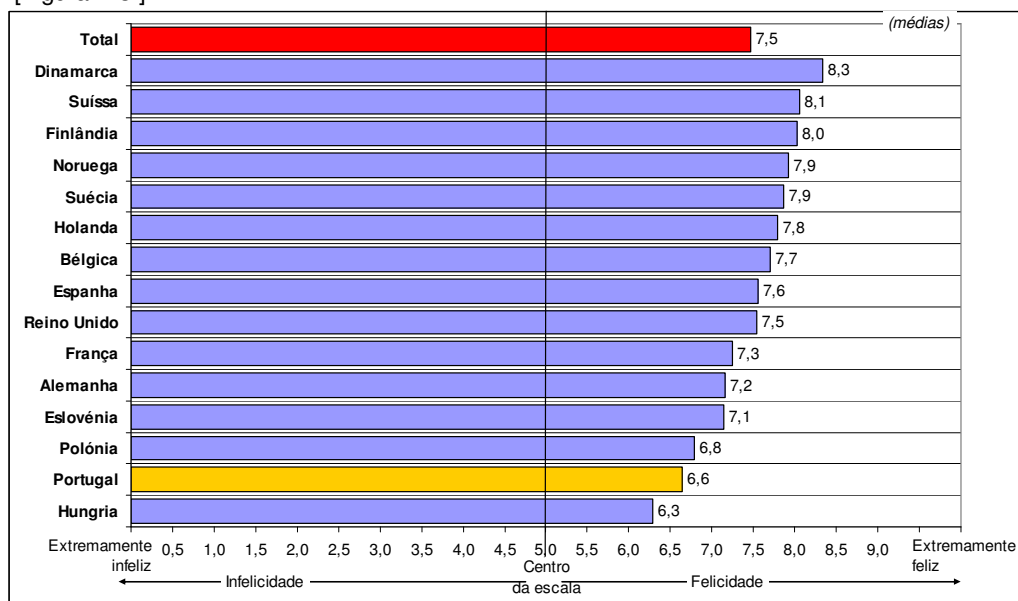
Afinal, os portugueses são felizes ou infelizes?

Uma pergunta tão simples, só pode ter uma resposta simples: claro que são felizes. Se dúvidas houvesse, bastava ver o que os portugueses, e os europeus, respondem à seguinte questão⁹:

Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente? Responda, por favor, utilizando uma escala de 0 a 10.

Grau de felicidade na Europa, por país

[Figura V.3.]



Fonte: ESS, base acumulada, 2002-2008

⁸ *A Relíquia.*

⁹ Incluída em todos os *rounds* do ESS.

Os resultados são claros: os portugueses são felizes. Os que dizem que são infelizes (0 a 4 na escala de 11 pontos) são apenas 10,8%, enquanto cerca de ¼ (25,6%) está numa situação ambígua (5), ou seja, não se consideram felizes nem infelizes (conformados?). Os restantes 63,6% dizem-se felizes. Note-se, no entanto, que todos os países analisados são felizes. Parafrazeando Orwel, diríamos que todos os europeus são felizes, mas uns são mais que outros.

Mas...

Esta é uma visão a “preto” e “branco” e, como diz o realizador de cinema Wim Wenders¹⁰: “a vida é a cores, mas tudo seria mais simples se fosse a preto e branco”. Talvez seja por isso que filmou *As asas do desejo* a preto e branco. Assim, talvez a resposta à nossa questão não seja tão simples. Convém ter presente, como disse Verón (s/d: 173), que “ao que tudo indica, é impossível conceber qualquer fenómeno de sentido à margem do trabalho significante de uma cultura, seja ela qual for e, por conseguinte, fora de uma sociedade determinada”. Para o autor, só é possível “compreender os textos dentro dos seus contextos”. Ou seja, para responder à nossa questão é preciso saber do que falamos quando falamos de felicidade. Visão a “preto e branco” ou a “cores”?

É certamente por isso que alguns dizem que “é uma rematada idiotice tentar medir a felicidade”¹¹ ou que “nunca na história do mundo ocidentalizado tivemos tantas oportunidades e acessos a tal felicidade como agora. No entanto, paradoxalmente ainda continuamos infelizes (Lipovetsky 2010). De que felicidade falam? Medir o quê? Felizmente, como diz Wenders, o mundo é a cores e a felicidade é, certamente, um conceito ambíguo, polimórfico, subjectivamente percebido e multidimensional. A análise da resposta directa à pergunta pode ter, no máximo, intuítos heurísticos mas não permite comparações objectivas. Sobre a felicidade, como nota Savater (cfr. 1995: 15-16) “a única coisa que conhecemos ao certo é a vastidão da sua demanda. [...] A felicidade

¹⁰ Cito de memória.

¹¹ Jorge Fiel, Diário de Notícias, 20/01/2011.

como anseio é assim, radicalmente, um projecto de *inconformismo* [...] o prazer ou a utilidade ou até o bem nada significam enquanto ideais de vida se não forem referidos à felicidade, enquanto esta se obstina em não se deixar esgotar por nenhum deles, nem sequer pelo seu conjunto. [...] A felicidade é ainda aquilo que os políticos não se atrevem a prometer directamente nos nossos dias [...] Não somos capazes de defini-la, não a confundimos com nenhum dos sucedâneos que pretendem substituí-la; mas supomos que seríamos capazes de a reconhecer se finalmente nos acontecesse”.

Então este trabalho terá sido em vão? Claro que não pois, apesar de tudo, foi possível estabelecer comparações internacionais e nacionais e perceber que a felicidade – ou dizendo melhor – o bem-estar subjectivo – é desigualmente distribuído pois é afectado pelo bem-estar económico (rendimento subjectivo), estado de saúde, escolaridade, relações sociais, etc. Logo, se a intervenção política não pode prometer a felicidade pode, sem dúvida, contribuir para criar condições que melhorem o padrão de vida das populações e, por conseguinte, estimular a “busca” individual da felicidade. Tal “busca” deverá, por sua vez, produzir reflexo nos valores, enquanto “visões do mundo” especialmente na confiança, que influenciam a percepção subjectiva do bem-estar. É o que se pode concluir da distribuição geograficamente desigual do bem-estar subjectivo na Europa.

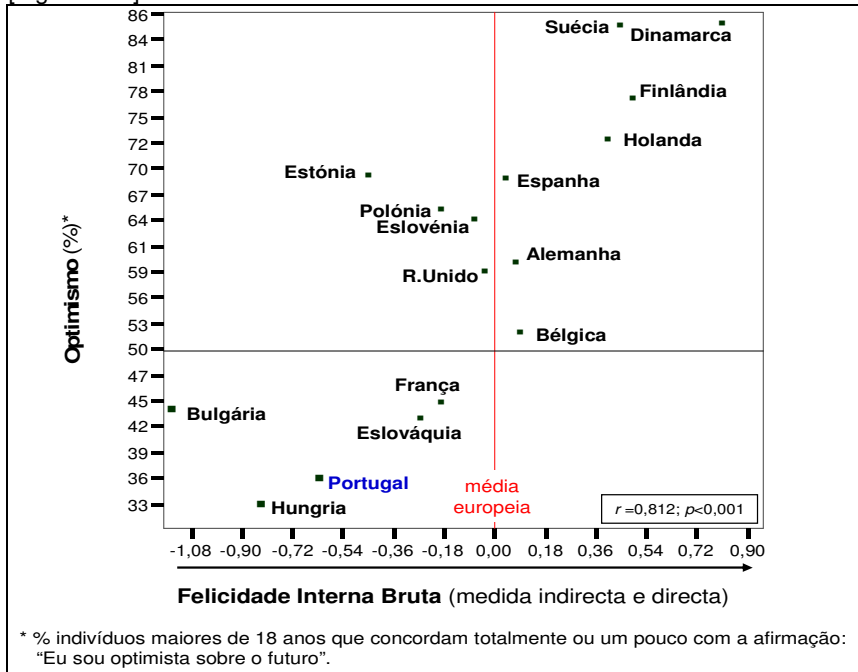
Seja como for, a busca da felicidade é uma perspectiva optimista que coloca nos ombros dos indivíduos a responsabilidade de serem felizes. O papel da “divina providência” nesse empreendimento, invocado pelos crentes, parece ser diminuto, pois a religião, como vimos, tem um impacto diminuto, dando razão a Sartre quando afirmava, e cito de memória, que Deus criou o homem mas, ao dotá-lo do livre-arbítrio, eximiu-se à responsabilidade pelo seu destino. Assim, como “a vida é aquilo que acontece enquanto fazemos planos para o futuro”¹², procurar a felicidade e planear o futuro implica optimismo.

¹² John Lennon.

Nesta perspectiva, será que há relação entre a Felicidade Interna Bruta (FIB) e o Optimismo? Serão os países com níveis de FIB mais elevados também mais optimistas ou vice-versa? A figura seguinte mostra essa relação:

Felicidade Interna Bruta e Optimismo na Europa, por país

[Figura V.4.]



Fontes: FIB – ESS4, 2008;
Optimismo – Eurofund, EQLS 2007

Os resultados são inequívocos. A correlação entre a FIB e o Optimismo é positiva e muito forte (0,812). A tendência é para que os países “mais felizes” (Escandinávia e Holanda sejam, também, mais optimistas relativamente ao futuro. Ao contrário, os países “menos” felizes são menos optimistas. Portugal encontra-se entre estes últimos. Já acontecia o mesmo na confiança, como vimos. Será um atavismo dos portugueses ou é meramente conjuntural? O “mal” parece antigo, a fazer fé neste excerto de *Pátria*, escrito por Guerra Junqueiro há mais de 100 anos (1896)¹³:

"Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, [...] um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; [...]

Uma burguesia, cívica e politicamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavras, sem vergonha, sem carácter,

¹³ Embora pareça tão actual. A crítica aos partidos, que mina a nossa democracia, não mudou muito em 100 anos.

havendo homens que, honrados na vida íntima, descambam na vida pública [...] Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; este criado de quarto do moderador; e este, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unânime do País.

A justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara ao ponto de fazer dela saca-rolhas.

Dois partidos sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, vivendo ambos do mesmo utilitarismo céptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se malgando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguém deu no parlamento, de não caberem todos numa vez na mesma sala de jantar."

Mas recusamos embarcar em pessimismos. Aliás, estamos em crer que os pessimistas que escrevem são optimistas, pois o acto de escrever é o acto mais profundamente optimista. O pessimismo que extravasa deste breve excerto tem o intuito de chamar a atenção para o que não deve ser, o que é preciso mudar. Tal não deixa dúvidas quando se vê que o autor usa em epígrafe uma frase de Camões bem ilustrativa desse facto: "esta é a ditosa pátria minha amada", apesar da eventual ironia.

Concluimos assim que este trabalho permite, pelo menos ao autor permitiu, uma melhor compreensão dos portugueses. O português, como dizia Pessoa¹⁴, "é capaz de tudo, logo que não lhe exijam que o seja. Somos um grande povo de heróis adiados". A história de Portugal mostra isso muito bem. É tempo de sermos mais optimistas e fazermos crescer a Felicidade Interna Bruta dos portugueses. Conhecer as prioridades valorativas dos portugueses e o seu impacto na FIB não é um fim mas um princípio.

O próximo "capítulo" deste trabalho será a comparação dos níveis de bem-estar subjectivo e Felicidade Interna Bruta entre 2008 e 2010, usando os resultados do *round 5* do ESS, cuja informação foi recolhida entre o fim de 2010 e princípio de 2011, reflectindo, por conseguinte, o período de crise económica.

¹⁴ Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional. Fernando Pessoa (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão).

Bibliografia

Bibliografia

- AA.VV. *O Marxismo nos seus textos* (1975), Lisboa, Parceria A. M. Pereira.
- AA.VVV. (2002), *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp.htm
- Ajzen, Icek. e Martin Fishbein (1980), *Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior*, New Jersey, Prentiss-Hall.
- Ajzen, Icek. (1988) *Attitudes, Personality, and Behavior*, Open University Press.
- Almeida, João Ferreira de e José Madureira Pinto (1986), “Da Teoria à Investigação Empírica”, em Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, p.p. 55-78.
- Almeida, João Ferreira de (1990), *Valores e Representações Sociais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, João Ferreira de (1994), *Introdução à Sociologia* (coord.), Lisboa, Universidade Aberta.
- Almeida, João Ferreira de, Fernando Luís Machado e António Firmino da Costa (2006). “Classes Sociais e Valores em contexto europeu”, em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, p.p. 69-96.
- Amâncio, Lúgia (1994), *Masculino e Feminino, A construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.
- Aron Raymond (1982), *As Etapas do Pensamento Sociológico*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora.
- Ashkanasy, Neal (2011) "International Happiness: A Multilevel Perspective", em *Academy of Management Perspectives*, Vol. 25, Number 1 February: 23-29.
- Bacon, Francis (1992), *Ensaíos*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Barata-Moura, José (2007), “Sobre o tópico: a formação em valores”, *Arquipélago* nº 8, pp. 89-142.
- Baudrillard, Jean (1981), *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, edições 70.
- Beck, Ulrich. (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*, London, Sage Publications.
- Beck, Ulrich, Anthony Giddens e Scot Lash (2000). *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*, Oeiras, Celta.
- Beck, Ulrich e Elizabeth Beck-Gernsheim, (2002), *Individualization*, London, Sage Publications.
- Bilac, Elisabete Dória (2004), “Plus ça change... Resenha de THERBORN, Göran. Between sex and power. Family in the world, 1900-2000” em *Revista brasileira de Estudos de População*, Vol. 21, n. 1, p. 161-166.
- Bilsky, Wolfgang; M. Peters (1999), “Estructura de los valores y la religiosidad. Una investigación comparada realizada en México”, *Revista Mexicana de Psicología*, 16, 77-88.

- Blanchflower, David e Andrew J. Oswald (2011) "International Happiness: A New View on the Measure of Performance", em *Academy of Management Perspectives*, Vol. 25, Number 1 February: 6-22.
- Bloom, Allan (1987), *A Cultura Inculta*, Lisboa, Europa-América.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction, Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Lisboa, Celta.
- Bourdieu, Pierre (2003), *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século.
- Bourdieu, Pierre (s/d) "Acerca de la televisión. Disponível em:
http://www.avizora.com/publicaciones/television/textos/0005_sobre_television.htm
- Breton, Philippe (1994), *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Brites, Rui (1997), *A Sociologia das Organizações e a Problemática da Satisfação com o Trabalho na Sociedade da Comunicação*, tese de Mestrado em Sociologia apresentada no ISCTE, policopiado.
- Cabral, Manuel Villaverde (1995), "Grupos de simpatia partidária em Portugal: perfil Sociográfico e atitudes sociais", *Análise Social*, vol. xxx (130), 1995 (1.º): 175-205. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223379541F2hCJ2zr7Ab98QZ2.pdf>
- Cabral, Manuel Villaverde (2005), "Confiança, Mobilização e Realização Política em Portugal", em Pedro Magalhães; Marina Costa Lobo; André Freire, *Portugal a votos – as eleições legislativas de 2002*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Cahil, Larry (2005), "Ele, Ela", *Scientific American*, Brasil, nº 37, Ano 4, Junho.
- Cardoso, Gustavo; António Firmino da Costa; Cristina Palma Conceição; Maria do Carmo Gomes (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Lisboa, Campo das Letras.
- Carvalho, Daniel Proença de (1999), "Sociedade Aberta e Comunicação Social", em *Comunicação, Ética e Mercado*, Lisboa, Universidade Católica Editora: 27-36.
- Connel, R. W. (1987), *Gender & Power*, Cambridge, Polity Press.
- Connel, R. W. (2002), *Gender*, Cambridge, Polity Press.
- Cot, Jean-Pierre e Jean-Pierre Mounier (1974), *Para uma Sociologia Política*, Lisboa, Bertrand.
- Crozier, Michel e Erhard Friedberg (1977), *L'Acteur et le Système*, Editions du Seuil.
- Dahrendorf, Ralph (1985), *Law and Order*. London, Stevens & Sons.
- Diener, Ed. (1984), "Subjective well being", em *Psychological Bulletin*, Vol. 95(3): 542-575.
- Diener, Ed; Eunkook M. Suh, e Shigehiro Oishi, (1997), "Recent findings on subjective well being", em *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41. Disponível em:
<http://siteresources.worldbank.org/INTEMPowerment/Resources/486312-1095970750368/529763-1095970803335/diener.pdf>
- Diener, Ed; Eunkook M. Suh; Richard E. Lucas; Heidi L. Smith (1999) "Subjective well being: Three decades of progress", em *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302. Disponível em: <http://avatarcoaching.com/CoachPro/pics/SWB-Gelisimi-Diener.pdf>
- Doise, W. (1984), *A Articulação Psicossociológica e as Relações Entre Grupos*, Lisboa, Moraes.
- Domingos, J. A. (2010), *O Paradigma Mediológico*, Ubi, Livros LabCom. Disponível em:
www.livroslabcom.ubi.pt,

- Dornelas, António (Coord.), Antonieta Ministro, Fernando Ribeiro Lopes, José Luís Albuquerque, Maria Manuela Paixão e Nuno Costa Santos (2010), *Emprego, contratação colectiva de trabalho e protecção da mobilidade profissional em Portugal*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Disponível em: http://www.mtss.gov.pt/preview_documentos.asp?r=2362&m=PDF,.
- Dortier, Jean François (2005), “La différence de sexes est-elle naturelle?», *Sciences Humaines*, Hors-Série, Spécial n°4, Novembre-Décembre.
- Easterlin, Richard A. (2001). “Income and Happiness: Towards a unified theory” em *The Economic Journal* 111, p.p. 465-484.
- Easterlin, Richard A. (2003). *Explaining Happiness*. Disponível em: <http://www.pnas.org/cgi/reprint/100/19/11176.pdf>.
- Eco, Umberto (1970), *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Editora Perspectiva.
- Estanque, Elísio (s/d) “Trabalho, desigualdades e sindicalismo em Portugal”, em A. Buiza, y E. Perez (coords.), *Relaciones Laborales y Acción Sindicale*, Granada: Instituto de Estudios Europeos da Universidad de Valladolid: pp.127-150. Disponível em: www.sinfa.org/artigo_junho.pdf.
- Fernandes, António Teixeira (2002) “Níveis de confiança e Sociedade de Risco”, comunicação apresentada ao Colóquio Internacional “Terrorismo e Ordem Mundial”, Universidade dos Açores, 7 a 12 de Abril Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1494.pdf>.
- Fernandes, António Teixeira (2003), “Valores e Atitudes Religiosas”, em Jorge Vala; Manuel Villaverde Cabral; Alice Ramos. (orgs.) *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 123-197.
- Fernandes, António Teixeira (2004), “Democracia, descentralização e democracia”, em José Manuel Leite Viegas; António Costa Pinto; Sérgio Faria (orgs.), *Democracia, novos desafios e novos horizontes*, Oeiras, Celta: 35-60.
- Finkelkraut, Alain (1988), *A Derrota do Pensamento*, Lisboa, Dom Quixote
- Flath, Esther e Serge Moscovici (1983), “Social Representation”, em Rom Harré e Roger Lamb (eds.), *The Dictionary of Personality and Social Psychology*, Londres, Basil Blackwell Publisher.
- Foucault, Michel (1981), *As Palavras e as Coisas*, S. Paulo, Martins Fontes.
- Freire, André (2003), “Pós-materialismo e comportamentos políticos”, em Jorge Vala; Manuel Villaverde Cabral; Alice Ramos. (orgs.) *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 295-361.
- Freire, André (2006), *Esquerda e Direita na Política Portuguesa – Portugal, Espanha e Grécia em Perspectiva Comparada*, Lisboa, ICS-Imprensa de Ciências Sociais.
- Fukuyama, Francis (1996), *Confiança – Valores Sociais e Criação de Prosperidade*, Lisboa, Gradiva.
- Gabriel, Bureba, Felip Centeles, Luís Doncel e Jesús Oliva (orgs.) (1993), *Claves de Sociología*, Madrid, Editorial Azacanes.
- Giddens, Anthony (1991a), *Modernity and Self Identity*, Cambridge, Polity Press.
- Giddens, A Anthony (1991b), *Sociología*, Madrid, Alianza Editorial, 2ª reimpressão, 2000.

- Giddens, Anthony (2000), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta: 1ª reimpressão.
- Graham, Caro (2011), *O Que Nos Faz Felizes por Esse Mundo Fora*, Lisboa, Texto.
- Habermas, Jurgen (1982), *Conhecimento e Interesse*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Habermas, Jurgen (1984), *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.
- Habermas, Jurgen (1987a), *Théorie de l'Agir Communicationnel*, Tomo I - Rationalité de l'Agir et Rationalisation da la Societé, Paris Fayard.
- Habermas, Jurgen (1987b), *Théorie de l'Agir Communicationnel*, Tomo II - Pour une Critique de la Raison Fonctionaliste, Paris Fayard
- Habermas, Jurgen (1987c), *Técnica e Ciência como «Ideologia»*, Lisboa, Edições 70.
- Habermas, Jurgen (2006) "Political Communication in Media Society – Does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research", em *Communication Theory* 16 (2006): 411–426. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.14682885.2006.00280.x/abstract;jsessionid=DD6E8DFC6E6D06C19D05C6C09CA7121B.d01t04?systemMessage=Wiley+Online+Library+will+be+disrupted+14+May+from+10-12+BST+for+monthly+maintenance>
- Halman, Loeck (2003), "Capital Social na Europa Contemporânea", em Jorge Vala; Manuel Villaverde Cabral; Alice Ramos (orgs.) *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 257-289.
- Hitlin, S. e J. A. Piliavin (2004), "Values: Reviving a Dormant Concept", em *Annual Review of Sociology*, Vol. 30, Nº 1: 359-393. Disponível em: <http://arjournals.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.soc.30.012703.110640?cookieSet=1>
- Hofstede, Geert (1984), *Culture's consequences: international differences in workrelated values*. Beverly Hills, California: Sage Publications.
- Huyghe, Francois-Bernard e Pierre Barbès (1987), *La Soft-Ideologie*, Paris, Robert Lafont.
- Inglehart, Ronald (1977), *The silent revolution*, Princeton, Princeton University Press.
- Inglehart, Ronald (1990), *Culture shift in advanced industrial society*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Inglehart, Ronald (1991), *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid, Siglo XXI.
- Inglehart, Ronald (1994), "Modernización y post-modernización: la cambiante relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y político", em J. D. Nicolás, & R. Inglehart (Orgs.), *Tendencias mundiales de cambio en los valores sociales y político*, Madrid, Fundesco: 157-170.
- Inglehart, Ronald (ed.) (2002) *Human Values and Social Change*, Leiden, Brill.
- Inglehart, Ronald e Pippa Norris (2003), *Rising Tide. Gender Equality and Cultural Change Around the World*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Jalali, Carlos (2003), "A investigação do comportamento eleitoral em Portugal: história e perspectivas futuras", em *Análise Social*, vol. XXXVIII (167), 2003: 545-572. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218790614W0IHT7zh8Wy45FT3.pdf>

- Jalali, Carlos (2005), "Nova governação, nova cidadania? Os cidadãos e a política em Portugal", em *Revista de Estudos Politécnicos, Polytechnical Studies Review* 2005, Vol II, nº 4: 029-038. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/tek/n4/v2n4a03.pdf>
- Judge, Timothy e John D. Kammeyer-Mueller (2011) "Happiness as a Societal Value", em *Academy of Management Perspectives*, Vol. 25, Number 1 February: 30-41.
- Junqueiro, Guerra (1925), *Pátria*, Edição especial, Porto Livraria Chardron. Disponível em: <http://purl.pt/229/3/>
- Kalleberg, Arne L. (1977), "Work Values And Job Rewards: A Theory of Job Satisfaction", em *American Sociological Review*, Vol. 42:124-143.
- Kalleberg, Arne L. (1983), "Aging, Values, and Rewards: Explaining Age Differences in Job Satisfaction", em *American Sociological Review*, Vol. 48:7 8-90.
- Kimmel, Michael (2000), *The Gendered Society*, Oxford, Oxford University Press.
- Kluckhohn, Florence R. e Fred L. Strodtbeck. (1961), *Variations in value orientations*. Evanston, IL: Row, Peterson.
- Kriesi, Hanspeter (2004), *A decisão dos cidadãos por voto democrático directo, a experiência Suíça*, em José Manuel Leite Viegas; António Costa Pinto; Sérgio Faria (orgs.), "Democracia, novos desafios e novos horizontes", Lisboa, Celta: 187-196.
- Lipovetsky, Giles (s/d), *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Lipovetsky, Giles (1994), *O Crepúsculo do Dever*, Lisboa, Dom Quixote
- Lipovetsky, Giles (2010), *A Felicidade Paradoxal*, Lisboa, Edições 70.
- Luhmann, Niklas (1992), *A improbabilidade da comunicação*, Lisboa, Veja.
- Lyon, David (1992), *A Sociedade da Informação*, Lisboa, Celta
- Magalhães, Pedro e Sérgio Faria (2003), "Legitimidade, confiança institucional e descontentamento democrático em Portugal", texto de suporte à comunicação na Conferência Internacional Portugal a Votos I – Eleições Legislativas de 2002, organizada pelo ICS/UL e pela FLAD (27 e 28 de Fevereiro de 2003). Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/ceapp/english/conferences/portugalatthepolls/pmagalhaessfaria/Legitimidadeconfiancainst.pdf>
- Magalhães, Pedro (2004), "Democratas, descontentes e desafectos: as atitudes dos portugueses em relação ao sistema político", em A. Freire, M. C. Lobo e P. Magalhães (eds.), *Portugal a Votos: As eleições legislativas de 2002*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 333-361
- Marcuse, Herbert (1982), *A Ideologia da Sociedade Industrial – O Homem Unidimensional*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Marcuse, Herbert e Karl Popper (1974), *Revolução ou reforma? Uma confrontação*, Lisboa, Moraes.
- Maquiavel, Nicolau (1972), *O Príncipe*, Lisboa, Europa-América.
- Marx, Karl (1859) "Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política", em Marx-Engels, *Antologia Filosófica*, Lisboa, Editorial Estampa, 1974: 55-61
- McCombs, Maxwell (sd), *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*. Disponível em: www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf.
- Mills, Wright. (1956) "The Power Elite", New York, Oxford University Press, 1956

- Missika, Jean-Louis e Dominique Wolton (1983), *La Folle du Logis: La télévision, dans les sociétés démocratiques*, Paris, Gallimard.
- Moscovici, Serge (1978), *A representação social da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Moya, Carlos (1970), *Sociólogos y Sociología*, Siglo XXI de Espanha.
- Mumford, Enid, (1981) *Values, Technology and Work*, Martinus Nijhoff Publishers, Hague, Netherlands.
- Newton, Kenneth (2004), “Confiança Social”, em José Manuel Leite Viegas; António Costa Pinto; Sérgio Faria (orgs.), *Democracia, novos desafios e novos horizontes*, Lisboa, Celta: 61-84.
- Ostrom, T. M. (1969), “The relationship between, affective, behavioral and cognitive components of attitude”. *Journal of Experimental Psychology*, Vol. 5, 12-30.
- Oyen, Else (ed.) (1990), “Comparative Methodology. Theory and Practice”, em *International Social Research*, International Sociological Association, Sage Publications.
- Parkin, Frank (1979), *Marxism and Closure Theory: A Bourgeois Critique*, London: Tavistock
- Parsons, Talcot (1951), *The Social System*, Glencoe, Illinois, The Free Press.
- Parsons, Talcot e Edward A. Shils (eds.) (1962), *Toward a General Theory of Action*, Cambridge, Harvard University Press.
- Pereira, Cícero; Markus E. Lima e Leoncio Camino (2001), “Sistemas de Valores e Atitudes Democráticas de Estudantes Universitários de João Pessoa” em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), pp.177-190.
- Pinto, José Madureira (1991), “Considerações sobre a Produção Social de Identidade”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Junho.
- Porto, Juliana Barreiros e Tamayo, Álvaro. 2003. “Escala de Valores Relativos ao Trabalho – EVT”: *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 19 - vol. 2: 145-152. Brasília: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.
- Prince-Gibson, Eetta e Shalom H. Schwartz (1998), “Value Priorities and Gender”, *Social Psychology Quarterly*, Vol. 61, nº1: 49-67.
- Putnam, Robert D. (1995), “Bowling Alone: America's Declining Social Capital” em *Journal of Democracy* - Volume 6, Nº 1: 65-78.
- Putnam, Robert D. (2001), “Social Capital: Measurement and Consequences” em *Canadian Journal of Policy Research* 2 (1): 41-51. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/25/6/1825848.pdf>.
- Queirós, Eça (1985), *Os Maias*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Rebelo, José, Cristina Ponte, Isabel Férin, Maria João Malho, Rui Brites; Vidal Oliveira (2008), *Os Públicos dos Meios de Comunicação Social Português*, Lisboa, ERC-Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Reis, Helena Esser (2007), “Entre a palavra e a ação – o compromisso de Tocqueville com a liberdade”, em *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 10, 1/2007: 125-135. Disponível em: <http://www.filch.usp.br/df/cefp/Cefp10/reis.pdf>.
- Ryan, Richard M. e Edward L. Deci (2001). “On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being”, em *Annual Review of Psychology*, 52: 141-166. Disponível em: <http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.52.1.141>

- Rokeach, Milton (1968). *Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change*, San Francisco: Jossey-Bass.
- Rokeach, Milton (1973), *The nature of human values*, New York: Free Press.
- Rokeach, Milton (1979a), "The two-value model of political ideology and British politics", em Milton Rokeach (Org.), *Understanding human values: Individual and societal*, New York: Free Press: 192-196.
- Rokeach, Milton (1979b), "Introduction", em M. Rokeach (Org.), *Understanding human values: Individual and societal*, New York: Free Press: 1-11.
- Runciman, Walter Garrison (1966), *Relative Deprivation and Social Justice*, Rutledge and Kegan Paul.
- Russel, Bertrand (1972), *A Conquista da Felicidade*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Saperas, Enric (1987), *Los Efectos Cognitivos de la Comunicación de Masas*, Madrid, Ariel Comunicación.
- Savater, Fernando (1995), *O Conteúdo da Felicidade*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Schwartz, Shalom H. e Wolfgang Bilsky (1987), "Toward a universal psychological structure of human values", em *Journal of Personality and Social Psychology* Vol. 53: 550-562.
- Schwartz, Shalom H. e Wolfgang Bilsky (1990), "Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications", em *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 58: 878-891.
- Schwartz, Shalom H. (1992), "Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries", em M. Zanna (org.), *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 25, Orlando, Academic: 1-65.
- Schwartz, Shalom H. (1994), "Are there universal aspects in the structure and contents of human values?" em *Journal of Social Issues*, Vol. 50: 19-45.
- Schwartz, Shalom H. e Sipke Huismans (1995), "Value priorities and religiosity in four western religions", em *Social Psychology Quarterly*, Vol. 58, 88-107.
- Schwartz, Shalom H.; Markku Verkasalo; Avisnay Antonovsky; Lilach Sagiv (1997), "Value priorities and social desirability: much substance, some style", em *British Journal of Social Psychology*, Vol. 36: 3-18.
- Schwartz, Shalom H. (2003). A Proposal for Measuring Value Orientations across Nations. Disponível em: http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=126&Itemid=80.
- Schwartzberg, Roger-Gérard (1978), *O Estado Espectáculo*, Rio de Janeiro, Difel.
- Schweisgut, Etienne (2004), "Convergência ideológica e declínio do interesse político", em José Manuel Leite Viegas; António Costa Pinto; Sérgio Faria (orgs.), *Democracia, novos desafios e novos horizontes*, Lisboa, Celta: 257-276.
- Seligman, Clive; A. Katz (1996), "The dynamics of values of value systems", em Clive Seligman; James M. Olsen; Mark P. Zanna (orgs), *The Psychology of values: The Ontario Symposium*, Vol. 8, Mahwah, N.J. LEA: 53-75.
- Siqueira, Mirlene Maria Matias e Valquiria Padovan (2008), "Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho" em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 24: 201-209. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/09.pdf>.

- Stiglitz, Joseph; Amartya Sen; Jean-Paul Fitoussi (cords.) (s/d), *Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*. Disponível em: <http://stiglitz-sen-fitoussi.fr/en/index.htm>.
- Stock, Maria José (1988), “A imagem dos partidos e a consolidação democrática em Portugal — resultados dum inquérito”, em *Análise Social*, vol. XXIV (100), 1988 (1.º): 151-161.
- Stoker, Gerry (1998). Governance as theory: five propositions. *International Social Science Journal*. 50(155), 17-28. Tamayo, A.; S. H. Schwartz (1993), “Estrutura motivacional dos valores humanos”, em *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 9: 329-348.
- Tamayo, Álvaro; Adilce Lima; Julia Marques; Larissa Martins (2001), “Prioridades Axiológicas e Uso de Preservativo”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Vol. 14, nº 1, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 167-175.
- Tierno, Bernabé, “Valores Humanos”. Disponível em: [http://www.golden.cl/documents/Psicolog%EDa%20-%20Los%20Mejores%20Libros%20De%20Autoayuda%20-%20Buen simos/Tierno,%20Bernab%20-%20Valores%20humanos.pdf](http://www.golden.cl/documents/Psicolog%EDa%20-%20Los%20Mejores%20Libros%20De%20Autoayuda%20-%20Buen%20simos/Tierno,%20Bernab%20-%20Valores%20humanos.pdf).
- Tocqueville, Alexis (1962), *A democracia na América*, 3ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia.
- Torres, Anália Cardoso (2001), *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão feminina*, Oeiras, Celta Editora,
- Torres, Anália Cardoso; Rui Brites; Rita Mendes e Tiago Lapa (2004a), *Famílias no contexto europeu: alguns dados recentes sobre do European Social Survey*, comunicação ao V Congresso de Sociologia, www.aps.pt/VCongresso.
- Torres, Anália Cardoso; Rui Brites; Rita Mendes e Tiago Lapa (2004b), *Atitudes e Valores dos Europeus: a perspectiva do género*, comunicação ao V Congresso de Sociologia. Disponível em: www.aps.pt/VCongresso.
- Torres, Anália (2010), Relatório da Unidade Curricular - Sociologia da Família Teorias e Debates, Provas de Agregação em Sociologia, Lisboa, IUL-ISCTE. Disponível em: <http://www.analiatorres.net/provasagregacao.html>
- Torres, Anália Cardoso, Francisco Vieira da Silva; Teresa Líbano Monteiro Monteiro e Miguel Cabrita (2004a), *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*, Lisboa CITE, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Torres, Anália Cardoso (2004b), *Vida Conjugal e Trabalho*, Lisboa, Celta.
- Torres, Anália e Rui Brites (2007), “Os valores na Europa têm sexo?” em Maria das Dores Guerreiro, Anália Torres e Luís Capucha (orgs.), *Portugal no Contexto Europeu. Vol. III: Quotidiano e Qualidade de Vida*, Lisboa, CIES-ISCTE e Celta, p.p. 39-76.
- Torres, Anália; Rui Brites, Barbara Haas e Nadia Steiber (2007), *First European Quality of Life Survey: Time Use, Work Life Options and Preferences Over the Life Course*, Luxembourg, Office for the Official Publications of the European Communities, Foundation for the improvement of the living and working conditions. Disponível em: <http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef0699.htm>.
- Turner, Bryan S. (1989) *Status*, Lisboa, Estampa.
- Turner, Jonathan H. (1999), *Sociologia- Conceitos e Aplicações*, São Paulo, MAKRON Books.

- Vala, Jorge (1986), "Sobre as Representações Sociais - para uma epistemologia do senso comum", em *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, Porto, Afrontamento: 5-30.
- Vala, Jorge; M. V. Cabral; A. Ramos (orgs.) (2003), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Van Hoorn, André (2007), A Short Introduction to subjective well-being: Its measurement , Correlates and Policy Uses, documento preparado para a Conferencia Internacional *Is happiness measurable and what do those measures mean for policy?* organizada pelo Banco de Itália. Disponível em: www.oecd.org/dataoecd/16/39/38331839.pdf.
- Vattimo, Gianni (1992), *A Sociedade Transparente*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Vaus, David (2004), *Analyzing Social Science Data*, London, Sage, reprinted: 112.
- Weber, Max (1974), *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- Weber, Max (1968), *Economy and Society*, New York, Bedminster Press, vol. I e III.
- Veenhoven, Ruut (1994), "El estudio de la satisfacción con la vida" em *Intervención Psicosocial*, vol. 3: págs. 87-116. Disponível em: <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/Pub1990s/94d-fulls.pdf>.
- Veenhoven, Ruut e Michael Hagerty (2006), "Rising Happiness in Nations 1946-2004. A reply to Easterlin", em *Social Indicators Research*, Vol. 79: 421-436. Disponível em: <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/Pub2000s/2006a-full.pdf>.
- Veenhoven, Ruut (2000), "Wellbeing in the Welfare State. Level not higher, distribution not more equitable" em *Journal of Comparative Policy Analysis*, vol 2: 91-125. Disponível em: <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/Pub2000s/2000b-full.pdf>.
- Veenhoven, Ruut (2004), "Happiness as an Aim in Public Policy. The greatest happiness principle", em Alex Linley and Stephen Joseph (eds.), *Positive Psychology in Practice*, Hoboken, N.J., USA Publisher: John Wiley and Sons, Chapter 39. Disponível em: <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/Pub2000s/2004c-full.pdf>.
- Verón, Eliseo (1980), *A Produção de Sentido*, São Paulo, Cultrix.
- Viegas, José Manuel e Sérgio Faria (2003), "A abstenção nas eleições legislativas de 2002", texto de suporte à comunicação na Conferência Internacional Portugal a Votos I – Eleições Legislativas de 2002, organizada pelo ICS/UL e pela FLAD (27 e 28 de Fevereiro de 2003). Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/ceapp/english/conferences/portugalatthepolls/viegasfaria/aabstencaoeleitoralde2002.pdf>.
- Viegas, José Manuel Leita (2003), "Valores Políticos e Intervenção do Estado na Vida Social e Económica", em Jorge Vala; Manuel Villaverde Cabral; Alice Ramos (orgs.), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 363-393.
- Wharton, Amy S. (1991), "Satisfaction? The Psychological Impact of Gender Segregation on Women at Work", em *The Sociological Quarterly*, Vol. 32, nº 3: 365-387.

Anexo I

Procedimientos metodológicos

Dados e procedimentos

Os dados que usamos neste trabalho são, essencialmente, provenientes do European *Social Survey*, rounds 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006) e 4 (2008). O trabalho de campo é financiado através da Comissão Europeia (Quarto e Quinto Programas Quadro), pela Fundação Europeia da Ciência e pelas instituições financiadoras de cada país participante. Em Portugal esse financiamento está a cargo da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

As bases de dados usadas neste trabalho apresentam as seguintes distribuições:

Round 1 (2002)		Round 2 (2004)		Round 3 (2006)		Round 4 (2008)	
Noruega	2036	Noruega	1760	Noruega	1750	Noruega	1549
Suécia	1999	Suécia	1948	Suécia	1927	Suécia	1830
Finlândia	2000	Finlândia	2022	Finlândia	1896	Finlândia	2195
Dinamarca	1506	Dinamarca	1487	Dinamarca	1505	Dinamarca	1610
Reino Unido	2052	Islândia	579	Reino Unido	2394	R.Unido	2352
França	1503	Reino Unido	1897	Alemanha	2916	Alemanha	2751
Alemanha	2919	França	1806	França	1986	França	2073
Áustria	2257	Alemanha	2870	Austria	2405	Bélgica	1760
Holanda	2364	Áustria	2256	Holanda	1889	Suíça	1819
Bélgica	1899	Holanda	1881	Belgica	1798	Holanda	1778
Luxemburgo	1552	Bélgica	1778	Suíça	1804	Hungria	1544
Suíça	2040	Luxemburgo	1635	Irlanda	1800	Polónia	1619
Irlanda	2046	Suíça	2141	Hungria	1518	Eslovénia	1286
Hungria	1685	Irlanda	2286	Polónia	1721	Eslováquia	1810
Rep.Checa	1360	Hungria	1498	Eslovénia	1476	Estónia	1661
Polónia	2110	Rep.Checa	3026	Eslováquia	1766	Bulgária	2230
Eslovénia	1519	Polónia	1716	Estónia	1517	Espanha	2576
Italia	1207	Eslovénia	1442	Bulgaria	1400	Portugal	2367
Espanha	1729	Estónia	1989	Espanha	1876	Total	34810
Portugal	1511	Espanha	1663	Portugal	2222		
Grécia	2566	Portugal	2052	Total	37566		
Total	39860	Grécia	2406				
		Total	43650				

Base acumulada: países que participaram nos quatro rounds do ESS

	ESS round					Total
	1	2	3	4		
Noruega	2036	1760	1750	1549	7095	
Suécia	1999	1948	1927	1830	7704	
Finlândia	2000	2022	1896	2195	8113	
Dinamarca	1506	1487	1505	1610	6108	
Reino Unido	2052	1897	2394	2352	8695	
Holanda	2364	1881	1889	1778	7912	
Bélgica	1899	1778	1798	1760	7235	
Alemanha	2919	2870	2916	2751	11456	
Suíça	2040	2141	1804	1819	7804	
França	1503	1806	1986	2073	7368	
Polónia	2110	1716	1721	1619	7166	
Hungria	1685	1498	1518	1544	6245	
Eslovénia	1519	1442	1476	1286	5723	
Espanha	1729	1663	1876	2576	7844	
Portugal	1511	2052	2222	2367	8152	
Total	28872	27961	28678	29109	114620	

Eurobarómetro: survey and the Candidate Countries Eurobarometer (CEB) survey 2003

Suécia	1000
Finlândia	1018
Dinamarca	1000
Reino Unido	1032
França	1016
Alemanha	2084
Áustria	1022
Holanda	1013
Bélgica	1042
Irlanda	1304
Italia	1000
Espanha	1000
Portugal	1001
Grécia	1007
Rep. Checa	1000
Estónia	1000
Hungria	1015
Letónia	1005
Lituânia	1017
Polónia	1000
Eslováquia	1000
Eslovénia	1003
Bulgária	1000
Roménia	1042
Total	25621

O *European Social Survey* é um projecto de investigação bienal, com o objectivo de estudar a interacção entre a mudança das instituições europeias e as atitudes, crenças, valores e comportamentos das populações europeias, numa perspectiva comparativa e longitudinal. Em Portugal o ESS é coordenado por Jorge Vala (ICS), que integra também a Comissão Executiva, juntamente com Anália Torres (ISCTE/CIES) e Alice Ramos (ICS). João Ferreira de Almeida (ISCTE/CIES) e Manuel Villaverde Cabral (ICS) integram a o Scientific Advisory Board.

Operacionalização dos Valores Humanos

De acordo com Schwartz¹, os valores possuem uma estrutura hierárquica e expressam “metas motivacionais que se diferenciam, precisamente, pelas metas que expressam”.

A tipologia de valores humanos usado no ESS, que tem como base o “Inventário de Valores Humanos” proposto pelo autor, contempla vinte e um indicadores constitutivos de dez tipos de valores motivacionais básicos – «transituacionais» – agrupados em quatro valores de ordem mais elevada que se diferenciam entre si pelas metas e interesses que perseguem.

O esquema seguinte resume a tipologia:

Tipologia dos Valores humanos de Schwartz, usada no *European Social Survey*

Valores de ordem elevada	Tipos motivacionais	Indicadores	Metas
Auto-promoção	Realização	Dá muita importância a poder mostrar as suas capacidades. Quer que as pessoas admirem o que faz.	Sucesso, Ambição
		É importante ter sucesso. Gosta de receber o reconhecimento dos outros.	
	Poder	É importante ser rico. Quer ter muito dinheiro e coisas caras.	Autoridade, Riqueza
		É importante que os outros lhe tenham respeito. Quer que as pessoas façam o que ele diz.	
Auto-transcendência	Benevolência	É importante ajudar os que o rodeiam. Gosta de zelar pelo seu bem-estar.	Ajudar os outros
		É importante ser leal para com os amigos. Dedicar-se às pessoas que lhe são próximas.	
	Universalismo	Acha importante que todas as pessoas no mundo sejam tratadas igualmente. Acredita que todos devem ter as mesmas oportunidades na vida.	Justiça social, Igualdade
		É importante ouvir pessoas diferentes de si. Mesmo quando discorda de alguém continua a querer compreender essa pessoa.	
		Acredita seriamente que as pessoas devem proteger a natureza. Proteger o ambiente é importante para ele(a).	

¹ Schwartz, S. H. (1992), “Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries”, em M. Zanna (org.), *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 25, Orlando, Academic: 1-65.

Abertura à mudança	Auto-determinação	Dá importância a ter novas ideias e ser criativo. Gosta de fazer as coisas à sua maneira.	Criatividade, Liberdade
		É importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros.	
	Estimulação	Gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.	Vida excitante
		Procura a aventura e gosta de correr riscos. Quer ter uma vida emocionante.	
	Hedonismo	É importante passar bons momentos. Gosta de tratar bem de si.	Prazer
		Procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para fazer coisas que lhe dão prazer.	
Conservação	Conformismo	Acha que as pessoas devem fazer o que lhes mandam. Acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras mesmo quando ninguém está a ver.	Obediência
		É importante portar-se sempre como deve ser. Evita fazer coisas que os outros digam que é errado.	
	Tradição	É importante ser humilde e modesto. Tenta não chamar a atenções sobre si.	Humildade, Devoção
		Dá importância à tradição. Faz tudo o que pode para agir de acordo com a sua religião e a sua família.	
	Segurança	Dá importância a viver num sítio onde se sinta seguro. Evita tudo o que possa por a sua segurança em risco.	Ordem social
		É importante que o Governo garanta a sua segurança, contra todas as ameaças. Quer que o Estado seja forte, de modo a poder defender os cidadãos.	

Nota: quadro adaptado por mim

Os indicadores são medidos através de uma escala de seis pontos, pedindo-se aos inquiridos que se posicionem na mesma, de acordo com as seguintes categorias: “exactamente como eu”, “muito parecido(a) comigo”, “parecido(a) comigo”, “um bocadinho parecido(a) comigo”, “nada parecido(a) comigo” e “não tem nada a ver comigo”.

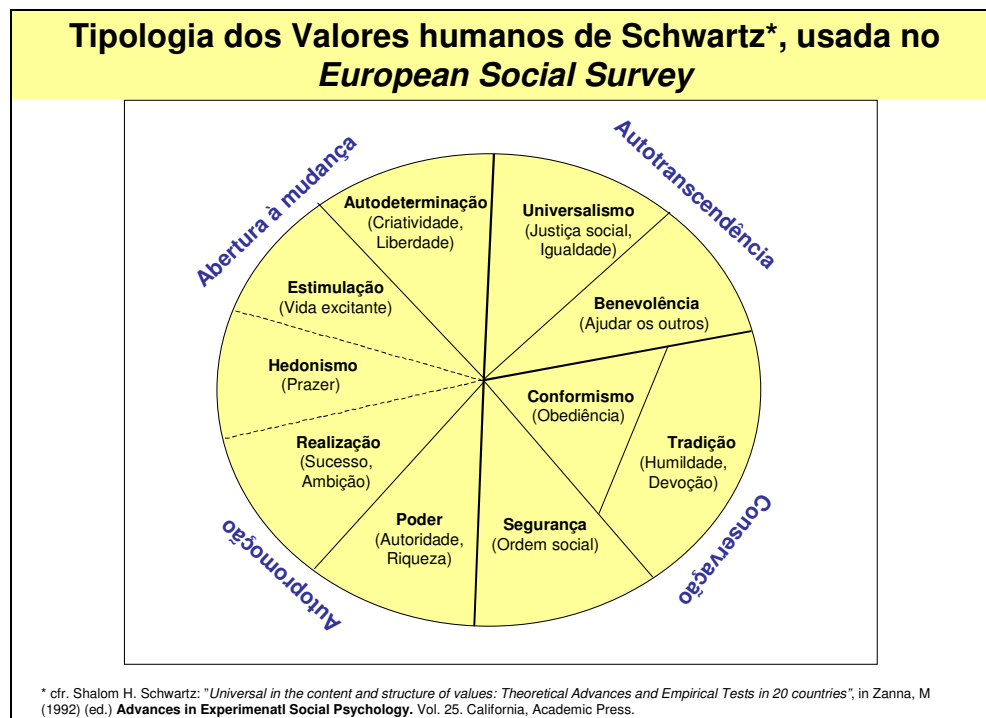
Com o objectivo de minimizar o efeito de desejabilidade social que caracteriza as respostas a este tipo de questões, o autor sugere que o *score* de cada um dos 10 tipos de valores motivacionais seja obtido através da média aritmética dos respectivos indicadores, subtraído da média dos 21 indicadores. Ou seja, assume-se que a posição individual em cada um dos valores é medida por referência à média dos 21 indicadores, devendo, por conseguinte, ser interpretada como identificação inferior à média, média e superior á média do conjunto dos indicadores.

O autor considera que a relação entre os valores é dinâmica e pode ser sumariada em duas dimensões ortogonais: “autopromoção” vs. “autotranscendência” e “abertura à mudança” vs. “conservação”. A primeira dimensão apresenta num dos extremos os tipos motivacionais “poder” e “realização” e no outro, os valores de “universalismo” e “benevolência”. Este eixo ordena os valores com base na motivação da pessoa para promover os seus próprios interesses mesmo às custas dos outros, por oposição a transcender as suas preocupações egoístas. A segunda dimensão, opõe os

tipos motivacionais “autodeterminação”, “estimulação” e “hedonismo” ao “conformismo”, “segurança” e “tradição”, ordenando os valores com base na motivação da pessoa a seguir os seus próprios interesses intelectuais e afectivos através de novas experiências, por oposição à auto-restrição, ordem e resistência à mudança. O hedonismo partilha elementos com a “abertura à mudança” e à “autopromoção”.

Com base nesta associação dos dez tipos de valores motivacionais, torna-se possível criar quatro *scores* tradutores de quatro macro-valores de ordem mais elevada², que correspondem aos quatro extremos das duas dimensões³:

A figura seguinte mostra a relação entre os dez tipos motivacionais e os Valores de ordem mais elevada:



² “Higher-order types of values” no original.

³ A inclusão do hedonismo num dos tipos motivacionais de ordem mais elevada carece de ser analisada casuisticamente, através da análise multidimensional, dada a particularidade de partilhar elementos com a “abertura à mudança” e a “autopromoção”.

Operacionalização dos valores sobre o trabalho

Os valores sobre o trabalho, analisados no capítulo III, foram operacionalizados da mesma forma que os valores humanos. Ou seja, à resposta a cada indicador foi subtraída a média individual dos cinco considerados.

Construção dos índices sintéticos

Como notam Almeida e Pinto (1986: 62 e 69) “a produção de conhecimentos especificados sobre a realidade social não pode dispensar, entretanto, a transformação dos conceitos e relações entre conceitos que se situam nos níveis de teoria com maior grau de generalidade e abstracção em elementos categorizadores e proposições capazes de, mais directamente do que os anteriores, dar conta dos processos sociais nas suas configurações particulares. [...] A produção de conhecimentos especificados sobre a realidade social não pode dispensar, entretanto, a transformação dos conceitos e relações entre conceitos que se situam nos níveis de teoria com maior grau de generalidade e abstracção em elementos categorizadores e proposições capazes de, mais directamente do que os anteriores, dar conta dos processos sociais nas suas configurações particulares”. Ou seja, a construção das dimensões de análise a partir da informação recolhida através de indicadores, necessariamente fragmentados, é teoricamente orientada. Neste sentido, como salienta Saris⁴, nas ciências sociais muitos conceitos são medidos através de indicadores múltiplos, devendo, na sua construção terem-se em conta os seguintes critérios: (1) Os itens devem ser avaliados sobre a qualidade e, nas comparações entre países, deve ser assegurada a sua equivalência⁵ (2), os pesos devem ser escolhidos para o cálculo dos escores compostos e (3) a qualidade dos escores compostos tem de ser determinada.

Nesta perspectiva, a construção dos índices sintéticos deverá ser feita, não através da simples média aritmética dos indicadores, mas recorrendo a uma Análise de

⁴ Cfr. Saris, W. <http://surveymethodology.eu/conferences/miniconference-2008/>, consultado em 02/11/2010.

⁵ Através da tradução, retroversão e sua análise por peritos.

Componentes Principais com uma só componente. Os *scores* factoriais constituem, neste caso, as pontuações individuais no índice. Desta forma:

1. A qualidade dos itens deve ser previamente avaliada através do Alpha de Cronbach;
2. O processo assegura a ponderação dos indicadores;
3. A variância explicada quantifica a qualidade do índice.

Em abono deste procedimento, saliente-se, ainda que o índice pode conter indicadores com escalas de medida diferentes (e.g. indicadores de “Capital Social”).

Para uma melhor “compreensão” e interpretação dos *scores* factoriais – valores estandardizados – que devem ser lidos como:

- valores superiores à média (>0);
- valores médios (0);
- valores inferiores à média (<0),

por referência à escala original dos itens se esta tiver a mesma amplitude, pode recodificar-se o índice de modo a fazer coincidir o valor mínimo e máximo, com o valor mais baixo e mais elevado da escala, respectivamente. A fórmula é a seguinte⁶:

Se a escala começa em 0:

$$((\text{Variável original} - \text{mínimo}) / \text{Range} * \text{valor máximo pretendido})$$

Se a escala começa em 1:

$$(((\text{Variável original} - \text{mínimo}) / \text{Range} * \text{valor máximo pretendido} - 1) + 1)$$

Com base nos dados recolhidos pelo *European Social Survey* nos quatro *rounds* – 2002, 2004, 2006 e 2008 – construímos os índices sintéticos cujos indicadores, bem como os seus níveis de consistência interna (Alphas de Cronbach) e percentagem de variância explicada se sumarizam no quadro seguinte:

⁶ Vaus, David (2004), *Analyzing Social Science Data*, London, Sage, reprinted: 112.

Índices sintéticos: indicadores, Alpha de Cronbach e Variância explicada

Índice	Indicadores	Round 1		Round 2		Round 3		Round 4		Base acumulada	
		Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância
Confiança Social	Acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas										
	Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas							0,83	69,6%	0,76	67,2%
	Acha que, na maior parte das vezes, as pessoas estão preocupadas com elas próprias ou tentam ajudar os outros										
Confiança Institucional (Instituições nacionais)	Confiança no Parlamento										
	Confiança no Sistema Jurídico									0,85	68,6%
	Confiança na Polícia										
	Confiança nos Políticos										
Confiança Institucional (Instituições internacionais)	Confiança no Parlamento Europeu										
	Confiança nas Nações Unidas									0,77	81,3%
Confiança Institucional	Confiança nas Instituições nacionais e Internacionais							0,90	63,4%		
Confiança	Índices sintéticos de Confiança social + Confiança nas Instituições nacionais e Internacionais									0,73	65,4%
Dificuldade com a política	A política é uma coisa complicada									0,61	72,2%
	Dificuldade em tomar posições políticas										
Cidadania	Ajudar as pessoas que estão em pior situação										
	Votar sempre nas eleições										
	Obedecer a todas as leis e regulamentos										
	Ter opinião própria	0,70	40%								
	Trabalhar em organizações de voluntariado										
	Ser uma pessoa politicamente activa										

Índice	Indicadores	Round 1		Round 2		Round 3		Round 4		Base acumulada	
		Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância	Alpha Cronbach	Variância
Envolvimento com o trabalho	Ficar preocupado com problemas de trabalho quando não está a trabalhar										
	Sente-se tão cansado depois do trabalho que não consegue tirar proveito das coisas que gostaria de fazer em casa			0,54	53,8%						
	Chegar à conclusão que o trabalho o(a) impede de dedicar o tempo que gostaria ao seu cônjuge/companheiro(a) ou família										
Segurança física	Segurança que sente quando anda sozinho no bairro depois de escurecer										
	Preocupação com a possibilidade de a casa ser assaltada							0,69	62,1%		
	Preocupação com a possibilidade de ser vítima de crime violento										
Segurança económica	Preocupação com a possibilidade de ficar desempregado										
	Preocupação com a possibilidade de ter que reduzir o tempo de trabalho							0,66	59,7%		
	Preocupação com o dinheiro ser insuficiente										
Voz política	Interesse pela política										
	A política é uma coisa complicada										
	Facilidade em tomar posições políticas										
	Votou nas últimas eleições nacionais (dummy)										
	Simpatia partidária (dummy)										
	Está inscrito em algum partido político (dummy)										
Governança	Satisfação com o estado da Economia do país										
	Satisfação com a forma como o Governo está a governar							0,83	74,4%		
	Satisfação com o estado da Democracia										
Conexões e Relações Sociais	Convivência com amigos, familiares ou colegas de trabalho										
	Tem com quem conversar sobre assuntos íntimos e pessoais (dummy)							0,40	48,7%		
	Participação em actividades sociais										
Prática religiosa	Frequência de participação em serviços religiosos (sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais)										
	Frequência com que reza (sem contar com os serviços religiosos)							0,73	82%		
Bem-estar subjectivo	Bem-estar subjectivo (medida indirecta)										
	Satisfação com a vida em geral (declarada)										
	Grau de felicidade que sente (declarado)							0,78	69,9%		

Operacionalização do Índice de Bem-estar subjectivo

A medida indirecta do Bem-estar subjectivo com base nos indicadores sugeridos pela “Comissão Stiglitz”, dado que comportava indicadores com diversos níveis de medida – nominais, ordinais, intervalares e dummy – foi operacionalizada da seguinte forma:

1. Análise prévia através do modelo de medida com recurso à modelização estrutural (equações estruturais);
2. Construção do índice através de uma Análise de Componentes Principais para variáveis Catoriais – SPSS/CATpca, cujas coordenadas na primeira dimensão constituem as posições individuais no índice de Bem-estar subjectivo;
3. Verificada a correlação entre este índice (medida indirecta) e a avaliação declarada da satisfação com a vida e o grau de felicidade (percepções subjectivas), construiu-se um novo índice de Bem-estar subjectivo com a agregação das três medidas, através de uma Análise de Componentes Principais.

Anexo II

**Questionário usado no European
Social Survey, *round 4***

TNS – EUROTESTE Praça José Queirós nº1 – Piso 3, Fracção 1 e 3 1800-237 Lisboa	QUEST			
		(01)	(02)	(03)

Bom dia/ Boa tarde. O meu nome é ..., sou entrevistador da TNS Euroteste, uma empresa de Estudos de Mercado e Sondagens de Opinião. Estamos a realizar juntamente com a universidade um estudo de opinião sobre questões sociais e gostaríamos de poder contar com a sua colaboração. Deixámos há dias esta carta e este folheto...

[Prestar eventuais esclarecimentos sobre a carta e o folheto sublinhando os seguintes aspectos:1) Este estudo realiza-se em 24 países europeus, o que permite conhecer as opiniões do conjunto dos cidadãos da comunidade europeia sobre diversos temas da vida social; 2) A participação da pessoa que vier a ser seleccionada é, por isso, muito importante; 3) Neste inquérito não há respostas certas nem erradas, o que nos interessa é conhecer a opinião sincera das pessoas; 4) Todas as respostas são confidenciais.]

Hora do início da entrevista:

<input type="text"/>	<input type="text"/>	Horas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Minutos
----------------------	----------------------	-------	----------------------	----------------------	---------

MOstrar CARTÃO 1

A1: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ver televisão? Utilize este cartão para responder

A2: Ainda num dia de semana normal, do tempo que passa a ver televisão, quanto é dedicado a **notícias** ou programas acerca de **política e assuntos de actualidade**?

		A1	A2
Nenhum	00	PASSA PARA A A3	00
Menos de meia hora	01	PERGUNTAR A A2	01
Entre meia hora e uma hora	02		02
Entre uma hora e hora e meia	03		03
Entre hora e meia e duas horas	04		04
Entre duas horas e duas horas e meia	05		05
Entre duas horas e meia e três horas	06		06
Mais de três horas	07		07
(Recusa)	77		77
(Não sabe)	88		88

PERGUNTAR A TODOS**MOSTRAR CARTÃO 1**

A3: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ouvir rádio?

A4: Ainda num dia de semana normal, do tempo que passa a ouvir rádio, quanto é dedicado a **notícias** ou programas acerca de **política e assuntos de actualidade**?

	A3		A4
Nenhum	00	PASSA PARA A A5	00
Menos de meia hora	01	PERGUNTAR A A4	01
Entre meia hora e uma hora	02		02
Entre uma hora e hora e meia	03		03
Entre hora e meia e duas horas	04		04
Entre duas horas e duas horas e meia	05		05
Entre duas horas e meia e três horas	06		06
Mais de três horas	07		07
(Recusa)	77		77
(Não sabe)	88		88

PERGUNTAR A TODOS**MOSTRAR CARTÃO 1**

A5: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ler jornais?

A6: E quanto desse tempo é passado a ler sobre **política e assuntos de actualidade**?

	A5		A6
Nenhum	00	PASSA PARA A A7	00
Menos de meia hora	01	PERGUNTAR A A6	01
Entre meia hora e uma hora	02		02
Entre uma hora e hora e meia	03		03
Entre hora e meia e duas horas	04		04
Entre duas horas e duas horas e meia	05		05
Entre duas horas e meia e três horas	06		06
Mais de três horas	07		07
(Recusa)	77		77
(Não sabe)	88		88

PERGUNTAR A TODOS**MOSTRAR CARTÃO 2**

A7: Com que frequência utiliza a internet, ou o e-mail para **fins pessoais**, em casa ou no trabalho?

Não tem acesso à internet, nem em casa nem no trabalho	00
Nunca	01
Menos de uma vez por mês	02
Uma vez por mês	03
Várias vezes por mês	04
Uma vez por semana	05
Várias vezes por semana	06
Todos os dias	07
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MOSTRAR CARTÃO 3

A8: De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas?

Responda, por favor, utilizando esta escala em que 0 significa que todo o cuidado é pouco e 10 significa que a maioria das pessoas é de confiança.

Todo o cuidado é pouco										A maioria das pessoas é de confiança		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 4

A9: Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas?

Tentam aproveitar-se de mim										São honestas		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 5

A10: Acha que, na maior parte das vezes, as pessoas estão preocupadas com elas próprias ou acha que tentam ajudar os outros?

As pessoas estão preocupadas com elas próprias										As pessoas tentam ajudar os outros		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

VOU AGORA FAZER-LHE ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE POLÍTICA

B1: De um modo geral, qual o seu interesse pela política?
Diria que tem... **LER PAUSADAMENTE...**

Muito interesse,	1
Algum interesse,	2
Pouco interesse,	3
ou, Nenhum interesse?	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 6

B2: Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente, o que se está a passar?

Nunca,	1
Raramente,	2
Algumas vezes,	3
Bastantes vezes,	4
ou, Frequentemente?	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 7

B3: De uma forma geral, qual o grau de dificuldade que sente em tomar uma posição acerca de questões políticas?

É muito difícil,	1
É difícil,	2
Nem é difícil nem é fácil,	3
É fácil,	4
É muito fácil	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 8

Diga-me, por favor, qual a **confiança pessoal** que tem em cada uma das instituições que lhe vou dizer. Situe a sua posição nesta escala em que 0 significa que não tem nenhuma confiança na instituição que referi e uma pontuação de 10 quer dizer que tem toda a confiança nessa instituição. **LER UMA INSTITUIÇÃO E CODIFICAR A RESPECTIVA RESPOSTA. DEPOIS REPETIR PARA A INSTITUIÇÃO SEGUINTE.**

		Nenhuma confiança										Toda a confiança	(Recusa)	(NS)
B4	... na Assembleia da República?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B5	... no sistema jurídico?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B6	...na polícia?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B7	... nos políticos?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B8	... nos partidos políticos?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B9	... no Parlamento Europeu?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
B10	... nas Nações Unidas?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

B11: Por uma razão ou por outra, actualmente muitas pessoas não votam. O(a) sr(a) votou nas últimas eleições para a Assembleia da República (**20 de Fevereiro de 2005**)?

Sim	1	PERGUNTAR A B12
Não	2	
Não era eleitor/Não estava recenseado	3	PASSAR PARA A B13
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

SE RESPONDEU SIM NA B11 (código 1)**MOstrar CARTÃO 8a****B12:** Nessas eleições em que partido/coligação votou?

(Bloco de Esquerda) B. E.	1
(Centro Democrático Social /Partido Popular) CDS/PP	2
(CDU – Coligação Democrática Unitária) PCP PEV	3
(Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses- Movimento Reorganizativo do Proletariado Português) PCTP-MRPP.	4
(Partido Democrático do Atlântico) PDA	5
(Partido Humanista) P.H	6
(Nova Democracia) PND	7
(Partido Nacional Renovador) PNR	8
(Partido Operário de Unidade Socialista) POUS	9
(Partido Social Democrata) PPD/PSD	10
(Partido Socialista) PS	11
Votou em branco / nulo	12
Outro (QUAL?)	13
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

Há várias acções que se podem desenvolver para melhorar as coisas em Portugal ou para evitar que corram mal. Durante os últimos 12 meses, fez alguma das seguintes coisas?

LER UMA DE CADA VEZ E CODIFICAR

		Sim	Não	(Recusa)	(NS)
B13	Contactou um político, um representante do governo central ou um representante do poder local	1	2	7	8
B14	Trabalhou para um partido político ou movimento cívico.	1	2	7	8
B15	Trabalhou numa organização ou associação de outro tipo	1	2	7	8
B16	Usou um emblema auto-colante de campanha/movimento	1	2	7	8
B17	Assinou uma petição	1	2	7	8
B18	Participou numa manifestação	1	2	7	8
B19	Boicotou determinados produtos	1	2	7	8

PERGUNTAR A TODOS**B20a:** Há algum partido pelo qual sinte mais simpatia do que pelos outros?

Sim	1	PERGUNTAR A B20b
Não	2	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

PASSAR PARA A B21

MOSTRAR CARTÃO 8b**B20b:** Qual?

(Bloco de Esquerda) B. E.	1	PASSAR PARA B20c
(Centro Democrático Social /Partido Popular) CDS/PP	2	
(CDU – Coligação Democrática Unitária) PCP PEV	3	
(Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses- Movimento Reorganizativo do Proletariado Português) PCTP-MRPP.	4	
(Partido Democrático do Atlântico) PDA	5	
(Partido Humanista) P.H	6	
(Nova Democracia) PND	7	
(Partido Nacional Renovador) PNR	8	
(Partido Operário de Unidade Socialista) POUS	9	
(Partido Social Democrata) PPD/PSD	10	
(Partido Socialista) PS	11	
Outro (QUAL?) _____	12	
(Recusa)	77	PASSAR PARA A B21
(Não sabe)	88	

PERGUNTAR A QUEM MENCIONOU UM PARTIDO NA B20b - códigos 01 a 12**B20c:** Qual a proximidade que sente relativamente a esse partido. Diria que se sente?**LER PAUSADAMENTE**

Muito próximo,	1
Bastante próximo,	2
Pouco próximo,	3
Nada próximo	4
(Não se aplica)	6
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS**B21:** Está inscrito em algum partido político?

Sim	1	PERGUNTAR A B22
Não	2	PASSAR PARA A B23
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

SE RESPONDEU SIM NA B21 (código 1)**MOSTRAR CARTÃO 8b****B22:** Qual?

(Bloco de Esquerda) B. E.	1	PASSAR PARA B20c
(Centro Democrático Social /Partido Popular) CDS/PP	2	
(CDU – Coligação Democrática Unitária) PCP PEV	3	
(Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses- Movimento Reorganizativo do Proletariado Português) PCTP-MRPP.	4	
(Partido Democrático do Atlântico) PDA	5	
(Partido Humanista) P.H	6	
(Nova Democracia) PND	7	
(Partido Nacional Renovador) PNR	8	
(Partido Operário de Unidade Socialista) POUS	9	
(Partido Social Democrata) PPD/PSD	10	
(Partido Socialista) PS	11	
Outro (QUAL?) _____	12	PASSAR PARA A B21
(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

PERGUNTAR A TODOS**MOSTRAR CARTÃO 9**

B23: Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?

Esquerda										Direita	(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MOSTRAR CARTÃO 10

B24: Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?

Responda, por favor, utilizando esta escala em que 0 significa extremamente insatisfeito e 10 extremamente satisfeito.

B25: De um modo geral, qual o seu grau de satisfação com o estado actual da economia portuguesa?

B26: Pense agora no Governo português. Qual é o seu grau de satisfação com a forma como o Governo está a actuar?

B27: E, no geral, qual o seu grau de satisfação com o funcionamento da democracia em Portugal?

	Extremamente insatisfeito										Extremamente satisfeito		(Recusa)	(NS)
B24	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
B25	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
B26	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
B27	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 11

B28: Utilizando a seguinte escala, diga, por favor, como avalia, no geral, o estado da Educação em Portugal, hoje em dia?

Extremamente mau										Extremamente bom		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR NOVAMENTE CARTÃO 11

B29: E relativamente aos serviços de saúde em geral? Qual o seu grau de satisfação com os Serviços de Saúde em Portugal hoje em dia?

Extremamente mau										Extremamente bom	(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MOSTRAR CARTÃO 12

Utilizando este cartão diga, por favor, em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações. **LER UMA DE CADA VEZ E CODIFICAR NA GRELHA**

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
B30	O Governo devia tomar medidas para reduzir as diferenças de rendimentos	1	2	3	4	5	7	8
B31	Homossexuais e lésbicas deveriam ser livres de viver a sua vida como muito bem entenderem	1	2	3	4	5	7	8
B32	Os partidos políticos que desejam o derrube da democracia devem ser banidos	1	2	3	4	5	7	8
B33	Pode-se confiar na ciência moderna para resolver os problemas ambientais	1	2	3	4	5	7	8

MOSTRAR CARTÃO 13

B34: A propósito da União Europeia, algumas pessoas acham que a unificação da Europa devia ir mais longe. Outras pessoas acham que já foi longe de mais. Qual a sua posição relativamente a este assunto, numa escala de 0 a 10 em que 0 significa que já foi longe de mais e 10 que devia ir mais longe?

A unificação já foi longe de mais										A unificação devia ir mais longe	(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

VOU AGORA FAZER-LHE ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE MIGRAÇÕES

MOstrar CARTÃO 14

B35: Em que medida acha que Portugal deve deixar que pessoas da **mesma raça ou grupo étnico** do que a maioria portuguesa venham e fiquem a viver cá?

B36: E em que medida acha que Portugal deve deixar que pessoas de **raça ou grupo étnico diferente** do que a maioria portuguesa venham e fiquem a viver cá?

B37: E em que medida acha que Portugal deve deixar que pessoas dos países **mais pobres fora da Europa** venham e fiquem a viver cá?

	B35	B36	B37
Deve deixar vir muitas pessoas	1	1	1
Deve deixar vir algumas pessoas	2	2	2
Deve deixar vir poucas pessoas	3	3	3
Não deve deixar vir ninguém	4	4	4
(Recusa)	7	7	7
(Não sabe)	8	8	8

MOstrar CARTÃO 15

B38: Continuando a pensar nas pessoas que vêm viver e trabalhar para Portugal, acha que isso é mau ou bom para a economia portuguesa?

Mau para a economia								Bom para a economia				(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOstrar CARTÃO 16

B39: E acha que essas pessoas empobrecem ou enriquecem os costumes, as tradições e a vida cultural em Portugal?

Empobrecem a vida cultural								Enriquecem a vida cultural				(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOstrar CARTÃO 17

B40: Portugal tornou-se um lugar pior ou melhor para se viver com a vinda de pessoas de outros países para cá?

Tornou-se um lugar pior para viver								Tornou-se um lugar melhor para viver				(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

VOU AGORA FAZER-LHE ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE SI E A SUA VIDA

MOstrar CARTÃO 18

C1: Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente? Responda, por favor, utilizando uma escala de 0 a 10.

Extremamente infeliz								Extremamente feliz				(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOstrar CARTÃO 19

C2: Com que frequência **convive** com amigos, familiares ou colegas de trabalho?

Nunca	01
Menos de uma vez por mês	02
Uma vez por mês	03
Várias vezes por mês	04
Uma vez por semana	05
Várias vezes por semana	06
Todos os dias	07
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

C3: Tem alguém com quem possa conversar sobre assuntos íntimos e pessoais?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 20

C4: Comparando com outras pessoas da sua idade, com que regularidade é que participa em actividades sociais?

Muito menos que a maioria	1
Menos que a maioria	2
O mesmo que a maioria	3
Mais que a maioria	4
Muito mais que a maioria	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C5: Nos últimos 5 anos o(a) sr(a) ou alguma das pessoas que vive nesta casa foi vítima de furto ou roubo?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C6: Qual o nível de segurança que sente quando anda sozinho(a) no seu bairro depois de escurecer? Sente-se ou sentir-se-ia. **LER E CODIFICAR A RESPOSTA**

ENTREVISTADOR: Se o inquirido responder que não anda sozinho na rua perguntar como se sentiria.

Muito seguro(a),	1
seguro(a),	2
inseguro(a),	3
ou, muito inseguro(a)?	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 21

C7: Com que frequência se preocupa com a possibilidade de a sua casa ser assaltada?

Sempre ou quase sempre	1	PERGUNTAR A C8
Algumas vezes	2	
Só às vezes	3	
Nunca	4	PASSAR PARA A C9
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

APENAS PARA OS QUE MANIFESTARAM PREOCUPAÇÃO EM C7 (CÓDIGOS 1, 2, 3)**C8:** Essa preocupação com a possibilidade de a sua casa ser assaltada tem

...um efeito sério na sua qualidade de vida	1
...algum efeito	2
ou nenhum efeito na sua qualidade de vida?	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

**PERGUNTAR A TODOS
MANTER CARTÃO 21****C9:** Com que frequência se preocupa com a possibilidade de ser vítima de crime violento

Sempre ou quase sempre	1	PERGUNTAR A C10
Algumas vezes	2	
Só às vezes	3	
Nunca	4	PASSAR PARA A C11
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

APENAS PARA OS QUE MANIFESTARAM PREOCUPAÇÃO EM C9 (CÓDIGOS 1, 2, 3)**C10:** Essa preocupação com a possibilidade de ser vítima de crime violento tem

...um efeito sério na sua qualidade de vida	1
...algum efeito	2
ou nenhum efeito na sua qualidade de vida?	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS**GOSTARIA AGORA DE LHE COLOCAR ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O TERRORISMO****C11:** Acha que a ocorrência de um ataque terrorista, algures na Europa, nos próximos 12 meses é...
LER TODAS

...muito provável	1
provável	2
pouco provável,	3
ou, nada provável?	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C12: Acha que a ocorrência de um ataque terrorista em Portugal nos próximos 12 meses é...

LER TODAS

...muito provável	1
provável	2
pouco provável,	3
ou, nada provável?	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 22

Utilizando este cartão, diga por favor, em que medida concorda ou discorda de cada uma das seguintes frases.

LER CADA FRASE E REGISTAR NO QUADRO

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
C13	Se um homem for suspeito de planejar um ataque terrorista em Portugal, a polícia devia ter poderes para o manter na prisão até se certificar de que ele não tinha nenhum envolvimento.	1	2	3	4	5	7	8
C14	A tortura de prisioneiros numa prisão portuguesa nunca é justificável, ainda que forneça informações que possam evitar um ataque terrorista.	1	2	3	4	5	7	8

Vou agora colocar-lhe algumas questões acerca de si.

C15: Como avalia a sua saúde em geral?

LER E CODIFICAR A RESPOSTA

Muito boa	1
Boa	2
Razoável	3
Má	4
ou, muito má	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C16: Está de alguma forma limitado nas suas actividades diárias devido a uma doença prolongada, uma deficiência ou um problema de saúde do foro psicológico? Se sim, muito ou de alguma forma?

Sim, muito	1
Sim, de alguma forma	2
Não	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C17: Actualmente sente que pertence a uma religião?

Sim	1	PERGUNTAR A C18
Não	2	
(Recusa)	7	PASSAR PARA A C19
(Não sabe)	8	

C18: Qual?

Católica	01	PASSAR PARA A C21
Protestante	02	
Ortodoxo	03	
Islâmica/Muçulmana	06	
Religiões Orientais (p.ex. Hindu)	07	
Judaica	05	
Outra Cristã (QUAL)	04	
Outra não-Cristã (QUAL)	08	
(Recusa)	7777	
(Não responde)	9999	

NÃO PREENCHER

SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA

Roman Catholic	01
Protestant	02
Eastern Orthodox	03
Other Christian Denominations	04
Jewish	05
Islam	06
Eastern Religions(Buddhist, Hindu, Sikh, Shinto, Tao, etc)	07
Other Non-Christian Religions	08

SÓ PERGUNTAR SE 'NENHUMA RELIGIÃO' OU 'DENOMINAÇÃO' NA C17 (CÓDIGOS 2, 7, 8 OU 9 NA C17)

C19: E já **alguma vez** sentiu pertencer a uma religião?

Sim	1	PERGUNTAR A C20
Não	2	PASSAR PARA A C21
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

C20: Qual?

Católica	01	PASSAR PARA A C21
Protestante	02	
Ortodoxo	03	
Islâmica/Muçulmana	06	
Religiões Orientais (p.ex. Hindu)	07	
Judaica	05	
Outra Cristã (QUAL)	04	
Outra não-Cristã (QUAL)	08	
(Recusa)	7777	
(Não responde)	9999	

NÃO PREENCHER

SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA

Roman Catholic	01
Protestant	02
Eastern Orthodox	03
Other Christian Denominations	04
Jewish	05
Islam	06
Eastern Religions(Buddhist, Hindu, Sikh, Shinto, Tao, etc)	07
Other Non-Christian Religions	08

PERGUNTAR A TODOS

MOSTRAR CARTÃO 23

C21: Independentemente de pertencer a uma religião em particular, numa escala de 0 a 10, diria que é uma pessoa....:

Nada religiosa						Muito religiosa					(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MOSTRAR CARTÃO 24

C22: Sem contar com ocasiões especiais tais como casamentos e funerais, com que frequência é que participa, actualmente, em serviços religiosos?

C23: Sem contar com os serviços religiosos com que frequência é que reza?

	C22	C23
Todos os dias	01	01
Mais de uma vez por semana	02	02
Uma vez por semana	03	03
Pelo menos uma vez por mês	04	04
Apenas em dias santos	05	05
Menos vezes ainda	06	06
Nunca	07	07
(Recusa)	77	77
(Não sabe)	88	88

PERGUNTAR A TODOS

C24: Diria que pertence a um grupo que é discriminado em Portugal?

Sim	1	PERGUNTAR A C25
Não	2	PASSAR PARA A C26
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

C25: Com base em que aspectos é que o grupo a que pertence é discriminado? E com base em mais algum aspecto? **CODIFICAR TODAS AS QUE SE APLICAM**

(Cor ou raça)	01
(Nacionalidade)	02
(Religião)	03
(Língua)	04
(Grupo étnico)	05
(Idade)	06
(Sexo)	07
(Sexualidade)	08
(Deficiência)	09
Outra (QUAL)	10
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

C26: É cidadão português?

Sim	1	PASSAR PARA A C28
Não	2	PERGUNTAR A C27
(Recusa)	7	PASSAR PARA A C28
(Não sabe)	8	PERGUNTAR A C27

SÓ PARA QUEM NÃO É PORTUGUÊS

C27: Qual é a sua nacionalidade?

ESCREVA _____

(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

PERGUNTAR A TODOS

C28: Nasceu em Portugal?

Sim	1	PASSAR PARA A C31
Não	2	PERGUNTAR A C29
(Recusa)	7	PASSAR PARA A C31
(Não sabe)	8	

SÓ PARA QUEM NÃO NASCEU EM PORTUGAL

C29: Em que país nasceu?

ESCREVA _____

(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

MOstrar CARTÃO 25**C30:** Há quanto tempo veio viver para Portugal?

No último ano	1
Há 1-5 anos	2
Há 6-10 anos	3
Há 11-20 anos	4
Há mais de 20 anos	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS**C31:** Em que língua ou línguas fala habitualmente em casa?

Indicar o máximo de duas línguas

1. _____			
2. _____			
(Recusa)	777		
(Não sabe)	888		

C32: Pertence a uma minoria étnica?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

C33: O seu **pai** nasceu em Portugal?

Sim	1	PASSAR PARA A C35
Não	2	PERGUNTAR A C34
(Recusa)	7	PASSAR PARA A C35
(Não sabe)	8	

SÓ PARA QUEM RESPONDEU QUE O PAI NÃO NASCEU EM PORTUGAL**C34:** Qual o país de origem do seu **pai** ?**ESCREVA** _____

(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

PERGUNTAR A TODOS**C35:** A sua **mãe** nasceu em Portugal?

Sim	1	PASSAR PARA A D1
Não	2	PERGUNTAR A C36
(Recusa)	7	PASSAR PARA A D1
(Não sabe)	8	

SÓ PARA QUEM RESPONDEU QUE A MÃE NÃO NASCEU EM PORTUGAL**C36:** Qual o país de origem da sua mãe?**ESCREVA** _____

(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

VOU FAZER-LHE ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE O MODO COMO FUNCIONA A SOCIEDADE**PERGUNTAR A TODOS****MOSTRAR CARTÃO 26**

Utilizando este cartão, diga em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações.

LER UMA DE CADA VEZ E ASSINALAR NA GRELHA

	Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
D1 As grandes diferenças de rendimentos entre as pessoas são aceitáveis para recompensar diferenças de capacidade e de esforço.	1	2	3	4	5	7	8
D2 A escola deve ensinar as crianças a obedecer a autoridade.	1	2	3	4	5	7	8
D3 Uma mulher deve estar preparada para reduzir o seu trabalho remunerado para o bem da sua família.	1	2	3	4	5	7	8
D4 Para uma sociedade ser justa, as diferenças entre os níveis de vida das pessoas devem ser pequenas.	1	2	3	4	5	7	8
D5 As pessoas que não obedecem às leis deviam ter penas muito mais pesadas do que têm hoje em dia.	1	2	3	4	5	7	8
D6 Quando os empregos são poucos, os homens devem ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres	1	2	3	4	5	7	8

MOSTRAR CARTÃO 27**D7:** Em cada 100 pessoas com idade para trabalhar em Portugal, quantas diria que estão desempregadas e à procura de emprego?

Escolha a sua resposta a partir do seguinte cartão

Se não tem a certeza, dê o valor que lhe pareça mais aproximado.

0-4	1
5-9	2
10-14	3
15-19	4
20-24	5
25-29	6
30-34	7
35-39	8
40-44	9
45-49	10
50 ou mais	11
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MANTER CARTÃO 27

D8: E em cada 100 pessoas com idade para trabalhar em Portugal, quantas diria que são deficientes ou têm incapacidade permanente?

0-4	1
5-9	2
10-14	3
15-19	4
20-24	5
25-29	6
30-34	7
35-39	8
40-44	9
45-49	10
50 ou mais	11
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MANTER CARTÃO 27

D9: E em cada 100 pessoas com idade para trabalhar em Portugal, quantas diria que não têm dinheiro suficiente para satisfazer as necessidades básicas?

Se não tem a certeza, dê o valor que lhe pareça mais aproximado.

0-4	1
5-9	2
10-14	3
15-19	4
20-24	5
25-29	6
30-34	7
35-39	8
40-44	9
45-49	10
50 ou mais	11
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MANTER CARTÃO 27

D10: E em cada 100 pessoas com idade para trabalhar em Portugal, quantas diria que nasceram fora do país?

0-4	1
5-9	2
10-14	3
15-19	4
20-24	5
25-29	6
30-34	7
35-39	8
40-44	9
45-49	10
50 ou mais	11
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

Com as perguntas que se seguem pretende-se saber em que medida certas coisas são boas ou más para diferentes grupos actualmente em Portugal.

MOSTRAR CARTÃO 28

D11: Utilizando este cartão, o que pensa, em geral, do nível de vida dos pensionistas e reformados? Responda por favor numa escala em que 0 significa 'muitíssimo mau' e 10 'muitíssimo bom'

Muitíssimo mau										Muitíssimo bom		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 28

D12: O que pensa do nível de vida dos desempregados, em geral? Responda por favor utilizando a mesma escala

Muitíssimo mau										Muitíssimo bom		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 28a

D13: E o que pensa em geral da oferta de serviços de cuidados às crianças, a preços acessíveis, para pais trabalhadores? Responda utilizando a mesma escala

ENTREVISTADOR: exemplos – creches, infantários e ATL'S

Muitíssimo má										Muitíssimo boa		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 28b

D14: E o que pensa em geral das oportunidades de primeiro emprego a tempo inteiro para os jovens em Portugal? Responda utilizando a mesma escala

Muitíssimo más										Muitíssimo boas		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

As pessoas têm opiniões diferentes no que toca às responsabilidades do Estado.

MOSTRAR CARTÃO 29

Para cada uma das áreas que vou referir, diga, numa escala de 0 a 10, qual é na sua opinião a responsabilidade que o Estado deve ter? Responda utilizando este cartão em que 0 significa que o Estado não deve ter qualquer responsabilidade e 10 que o Estado deve ter total responsabilidade.

LER UMA DE CADA VEZ

		O Estado não deve ter qualquer responsabilidade										O Estado deve ter total responsabilidade		(Recusa)	(NS)
D15	Garantir emprego para os que querem trabalhar	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
D16	Garantir cuidados de saúde adequados aos doentes	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
D17	Garantir um nível de vida digno aos idosos	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 29

E qual o grau de responsabilidade que o Estado deve ter em relação a...

LER UMA DE CADA VEZ

		O Estado não deve ter qualquer responsabilidade										O Estado deve ter total responsabilidade			(Recusa)	(NS)
		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10				
D18	Garantir um nível de vida digno aos desempregados	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88		
D19	Garantir serviços de cuidados às crianças para os pais que trabalham	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88		
D20	Proporcionar dias de licença paga para as pessoas que trabalham e que têm que tomar conta de familiares doentes	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88		

Seguem-se agora perguntas sobre os efeitos dos serviços e apoios sociais, em Portugal, em diferentes áreas da vida.

Por serviços e apoios sociais, entendem-se aspectos como cuidados de saúde, pensões e segurança social.

MOstrar CARTÃO 30

Utilizando este cartão, diga em que medida concorda ou discorda das afirmações de que os serviços e apoios sociais em Portugal...

LER UMA DE CADA VEZ

		Concorda		Discorda		(Recusa)	(NS)	
		totalmente		totalmente				
D21	...sobrecarregam muito a economia	1	2	3	4	5	7	8
D22	...impedem o aumento da pobreza	1	2	3	4	5	7	8
D23	...conduzem a uma sociedade mais igualitária	1	2	3	4	5	7	8
D24	...incentivam pessoas de outros países a vir viver para cá	1	2	3	4	5	7	8
D25	... representam uma sobrecarga em taxas e impostos para as empresas	1	2	3	4	5	7	8
D26	... facilitam a conciliação entre o trabalho e a vida familiar	1	2	3	4	5	7	8

MANTER O CARTÃO 30

E em que medida concorda ou discorda que os serviços e apoios sociais em Portugal...

LER UMA DE CADA VEZ

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
D27	...tornam as pessoas preguiçosas	1	2	3	4	5	7	8
D28	...fazem com que as pessoas estejam menos dispostas a ajudar-se umas às outras	1	2	3	4	5	7	8
D29	...fazem com que as pessoas estejam menos dispostas para cuidar de si e das suas famílias	1	2	3	4	5	7	8

MOSTRAR CARTÃO 31

D30: Ainda a propósito dos serviços e apoios sociais qual é a sua opinião sobre a eficiência da prestação de cuidados de saúde em Portugal?

Escolha a sua resposta numa escala em que 0 significa 'extremamente ineficiente' e 10 'extremamente eficiente'.

Extremamente ineficiente										Extremamente eficiente		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 31

D31: E em que medida considera que a Administração Fiscal /as Finanças são eficientes em aspectos como esclarecer rapidamente as dúvidas, evitando erros e prevenindo fraudes?

Extremamente ineficiente										Extremamente eficiente		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 32

D32: Utilizando este cartão, diga em que medida considera que os médicos e enfermeiros em Portugal tratam algumas pessoas de forma especial ou tratam todos por igual.

Escolha uma resposta neste cartão, onde 0 significa que acha que tratam algumas pessoas de forma especial e 10 que tratam todos por igual.

Tratam algumas pessoas de forma especial										Tratam todos por igual		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 32

D33: Utilizando o mesmo cartão, diga se acha que a Administração Fiscal / as Finanças em Portugal tratam algumas pessoas de forma especial ou tratam todos por igual?

Tratam algumas pessoas de forma especial										Tratam todos por igual		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 33

D34: Muitos serviços e apoios sociais são pagos através dos impostos.

Se o Governo tivesse de escolher entre aumentar os impostos e gastar mais em serviços e apoios sociais, ou baixar os impostos e gastar menos em serviços e apoios sociais, o que acha que devia fazer?

Responda, por favor, numa escala em que 0 significa "O Governo devia baixar os impostos e gastar muito menos em serviços e apoios sociais" e 10 significa "O Governo devia aumentar os impostos e gastar muito mais em serviços e apoios sociais"

O Governo devia baixar os impostos e gastar muito menos em serviços e apoios sociais										O Governo devia aumentar os impostos e gastar muito mais em serviços e apoios sociais		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 34

D35: Imagine que há duas pessoas e que uma delas ganha o dobro da outra.

Qual das seguintes afirmações, se aproxima mais do modo como pensa que essas pessoas devem pagar impostos?

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

Ambas devem pagar a mesma percentagem dos seus rendimentos em impostos, de modo a que quem ganha o dobro, pague também o dobro em impostos	1
Aquela que ganha mais deve pagar uma percentagem maior dos seus rendimentos em impostos, de modo a quem ganha o dobro, pague mais do que o dobro em impostos.	2
Ambas devem pagar a mesma quantia em impostos, independentemente dos diferentes níveis de rendimento	3
(Nenhuma destas hipóteses)	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 35

D36: Há quem defenda que as pessoas que ganham mais devem receber pensões de reforma mais elevadas, porque também descontaram mais.

Há também quem defenda que as pessoas que ganham menos devem receber pensões de reforma mais elevadas, porque têm maiores necessidades.

Qual das três afirmações seguintes se aproxima mais da sua opinião?

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

As pessoas que ganham mais devem receber uma reforma mais elevada do que as pessoas que ganham menos	1
Todas as pessoas, independentemente de ganharem mais ou menos, devem receber uma reforma igual	2
As pessoas que ganham menos devem receber uma reforma mais elevada do que as pessoas que ganham mais	3
(Nenhuma destas hipóteses)	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 36

D37: Há quem defenda que as pessoas que ganham mais devem ter maior subsídio de desemprego, porque pagam mais impostos, enquanto outros acham que as pessoas que ganham menos devem ter maior subsídio, porque têm mais necessidades.

Utilizando este cartão, diga, por favor, qual das seguintes afirmações se aproxima mais da sua opinião?

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

As que ganham mais e ficam temporariamente desempregadas devem receber um subsídio maior.	1
Ganhem mais ou ganhem menos, ambas devem receber o mesmo montante de subsídio.	2
As pessoas que ganham menos e ficam temporariamente desempregadas devem receber um subsídio maior	3
(Nenhuma destas hipóteses)	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 37

D38: Pensando nas pessoas que vêm de outros países viver para Portugal, a partir de que altura acha que devem passar a ter os mesmos direitos em matéria de serviços e apoios sociais do que os cidadãos que já cá vivem?

Por favor escolha a afirmação que mais se aproxima da sua opinião

A partir do momento em que chegam	1
Depois de terem vivido no país durante um ano, tenham trabalhado ou não.	2
Só depois de terem trabalhado e pago impostos durante um ano, pelo menos.	3
Depois de se tornarem cidadãos portugueses.	4
Nunca devem ter os mesmos direitos.	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 38

D39: Muitas pessoas que vêm viver para Portugal pagam impostos e beneficiam dos serviços e apoios sociais.

De um modo geral, acha que as pessoas que vêm viver para Portugal recebem mais do que aquilo que contribuem **ou** contribuem mais do que aquilo que recebem? Utilize este cartão em que 0 significa que recebem muito mais e 10 significa que contribuem muito mais.

Recebem muito mais do que aquilo que contribuem										Contribuem muito mais do que aquilo recebem		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOstrar CARTÃO 39

Utilizando este cartão, diga em que medida concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações sobre as pessoas em Portugal.

LER UMA DE CADA VEZ E ASSINALAR

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
D40	A maioria dos desempregados não quer realmente arranjar emprego.	1	2	3	4	5	7	8
D41	A maioria das pessoas com rendimentos muito baixos recebe menos apoios do que aqueles a que tem direito.	1	2	3	4	5	7	8
D42	A maioria das pessoas consegue obter serviços e apoios a que não tem direito.	1	2	3	4	5	7	8
D43	Os benefícios em Portugal são insuficientes para ajudar as pessoas realmente necessitadas.	1	2	3	4	5	7	8
D44	As pessoas empregadas fingem frequentemente estar doentes para ficarem em casa	1	2	3	4	5	7	8

MOstrar CARTÃO 40

D45: Hoje em dia discute-se bastante sobre os custos do serviço nacional de saúde em Portugal

Imagine o que se passará daqui a 10 anos.

Qual das afirmações neste cartão se aproxima mais da sua opinião? Dentro de dez anos...

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

...Portugal não vai ser capaz de manter o nível actual do serviço nacional de saúde	1
...Portugal vai ser capaz de manter o nível actual do serviço nacional de saúde, mas não vai conseguir melhorá-lo	2
...Portugal vai ser capaz de aumentar o nível do serviço nacional de saúde	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOstrar CARTÃO 41

D46: Hoje em dia, discute-se também bastante sobre o custo das pensões em Portugal. Imagine o que se passará daqui a 10 anos. Qual das afirmações neste cartão se aproxima mais da sua opinião? Dentro de dez anos...

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

...Portugal não vai ser capaz de manter o nível actual das pensões de reforma.	1
...Portugal vai ser capaz de manter o nível actual das pensões de reforma, mas não vai conseguir aumentá-las.	2
...Portugal vai ser capaz de aumentar o nível das pensões de reforma	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

Nas próximas perguntas, pretendemos saber o que acha que lhe poderá acontecer nos próximos 12 meses.

MOSTRAR CARTÃO 42

D47: Nos próximos 12 meses, em que medida acha provável ficar desempregado(a) e não encontrar emprego durante pelo menos 3 semanas seguidas?

	Nada provável	1	PERGUNTAR D48
	Pouco provável	2	
	Provável	3	
	Muito provável	4	
	(Nunca trabalhou OU Não trabalha e não está à procura de emprego)	5	PASSA PARA D49
	(Recusa)	7	PERGUNTAR D48
	(Não sabe)	8	PERGUNTAR D48

MANTER CARTÃO 42

D48: Nos próximos 12 meses, em que medida acha provável ter de reduzir o seu tempo de trabalho remunerado para cuidar de familiares?

	Nada provável	1
	Pouco provável	2
	Provável	3
	Muito provável	4
	(Recusa)	7
	(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS

MANTER CARTÃO 42

D49: E nos próximos 12 meses, em que medida acha provável surgirem momentos em que o dinheiro não lhe chegue para cobrir as necessidades do agregado familiar?

Utilize, por favor, o mesmo cartão

	Nada provável	1
	Pouco provável	2
	Provável	3
	Muito provável	4
	(Recusa)	7
	(Não sabe)	8

MANTER CARTÃO 42

D50: E nos próximos 12 meses, qual a probabilidade de não receber os cuidados de saúde de que realmente necessita se ficar doente?

	Nada provável	1
	Pouco provável	2
	Provável	3
	Muito provável	4
	(Nunca trabalhou OU Não trabalha e não está à procura de emprego)	5
	(Recusa)	7
	(Não sabe)	8

VOU AGORA COLOCAR-LHE ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A IDADE**E1:** Com que idade acha que as pessoas deixam de ser consideradas jovens?**ENTREVISTADOR:** Se a resposta for "depende" ou "nunca se aplica" aceite-a e NÃO aprofunde. Se a resposta for um intervalo de idades, peça uma idade específica dentro desse intervalo.

REGISTAR A IDADE				
(Depende da pessoa)		000		
(Nunca se aplica/Isso nunca acontece)		222		
(Recusa)		777		
(Não sabe)		888		

E2: Com que idade acha que as pessoas começam a ser consideradas idosas?**ENTREVISTADOR:** Se a resposta for "depende" ou "nunca se aplica" aceite-a e NÃO aprofunde. Se a resposta for um intervalo de idades, peça uma idade específica dentro desse intervalo.

REGISTAR A IDADE				
(Depende da pessoa)		000		
(Nunca se aplica/Isso nunca acontece)		222		
(Recusa)		777		
(Não sabe)		888		

MOstrar CARTÃO 43**E3:** Utilizando este cartão, diga qual das letras corresponde melhor ao seu grupo de idade.

Se acha que pertence ao grupo dos muito jovens, escolha a primeira letra

Se acha que pertence ao grupo dos muito idosos, escolha a última letra

Se acha que pertence a um grupo intermédio, escolha um dos quadrados do meio

Indique, por favor, a letra que corresponde ao seu grupo de idade.

ASSINALAR APENAS UMA RESPOSTA

A	01
B	02
C	03
D	04
E	05
F	06
G	07
H	08
I	09
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MOSTRAR CARTÃO 44

E4: Utilizando este cartão, diga se tem um sentido de pertença fraco ou forte em relação a esse grupo de idade. Escolha uma resposta neste cartão, sabendo que 0 significa um sentido de pertença muito fraco e 10 um sentido de pertença muito forte.

ENTREVISTADOR: “esse grupo de idade” refere-se ao grupo que o entrevistado referiu na pergunta E3.

Sentido de pertença muito fraco										Sentido de pertença muito forte		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55	(Não sinto que pertenço a esse grupo de idade)
----	--

Vou agora colocar-lhe algumas perguntas sobre o estatuto social que pessoas de diferentes grupos de idade têm. Por estatuto social entende-se o prestígio, a posição que ocupa na sociedade, e não a sua participação em determinados grupos ou actividades sociais.

MOSTRAR CARTÃO 45

Gostaríamos de saber como acha que a maioria dos Portugueses encara o estatuto social das pessoas em diferentes grupos etários.

Utilizando este cartão, diga como acha que a maioria dos portugueses vê o estatuto social das...

LER UMA DE CADA VEZ

		Extremamente baixo										Extremamente elevado		(Recusa)	(NS)
E5	... pessoas na "casa" dos 20 anos.	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
E6	... pessoas na "casa" dos 40 anos	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	
E7	... pessoas com mais de 70 anos.	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

Passamos agora a algumas perguntas sobre as pessoas "na casa dos 20 anos"

MOSTRAR CARTÃO 46

Diga-me em que medida está preocupado com as questões que vou referir-lhe a seguir.

Utilize este cartão em que 0 significa que não está nada preocupado(a) e 10 significa que está extremamente preocupado(a). Em que medida está preocupado(a)...

LER UMA DE CADA VEZ

		Nada preocupado(a)										Extremamente preocupado(a)		(Recusa)	(NS)
E8	...com o nível de criminalidade praticada por pessoas 'na casa' dos 20 anos, hoje em dia?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

E9	...que os empregadores possam preferir dar trabalho a pessoas na 'casa' dos 20 anos, em vez de dá-lo a quem tem 40 anos ou mais?	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MOSTRAR CARTÃO 47

E10: Diga-me agora em que medida considera que as pessoas na "casa" dos 20 anos têm um efeito positivo ou negativo na maneira de viver e nos costumes dos portugueses?

Escolha uma resposta neste cartão, sabendo que 0 significa que têm um efeito extremamente negativo e 10 um efeito extremamente positivo.

Extremamente negativo										Extremamente positivo		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55 (Não têm efeito nenhum)

MOSTRAR CARTÃO 48

E11: De um modo geral, acha que as pessoas na "casa dos 20" em Portugal contribuem muito ou pouco economicamente?

Utilize este cartão em que 0 significa que contribuem muito pouco e 10 que contribuem muitíssimo.

Contribuem muito pouco economicamente										Contribuem muitíssimo economicamente		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

Vou agora colocar-lhe perguntas semelhantes, mas desta vez sobre pessoas com mais de 70 anos.

MOSTRAR CARTÃO 49

E12: Utilizando este cartão, considera que as pessoas com mais de 70 anos são um peso para os serviços de saúde em Portugal, hoje em dia? 0 significa que não são um peso e 10 que são um peso enorme

Não são um peso										São um peso enorme		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO 50

E13: Diga-me agora em que medida considera que as pessoas com mais de 70 anos têm um efeito positivo ou negativo na maneira de viver e nos costumes dos portugueses.

Escolha uma resposta neste cartão, sabendo que 0 significa que têm um efeito extremamente negativo e 10 um efeito extremamente positivo.

Extremamente negativo										Extremamente positivo		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55 (Não têm efeito nenhum)

MOSTRAR CARTÃO 51

E14: De um modo geral, acha que o contributo económico que as pessoas com mais de 70 anos dão a Portugal é pouco importante ou muito importante?

Utilize este cartão em que 0 significa que contribuem muito pouco e 10 que contribuem muitíssimo.

Contribuem muito pouco economicamente										Contribuem muitíssimo economicamente		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

As perguntas que lhe coloquei até agora destinavam-se a conhecer a sua opinião pessoal.

Nas perguntas que se seguem, vou pedir-lhe que indique o que considera ser a opinião da maioria dos portugueses

MOSTRAR CARTÃO 52

Utilizando este cartão, diga-me, por favor, em que medida acha provável que a maioria dos portugueses considere as pessoas que estão "na casa dos 20" ...

LER UMA DE CADA VEZ

		Não é nada provável vê-los assim					É muito provável vê-los assim		(Recusa)	(NS)
E15	...simpáticas?	0	1	2	3	4	7	8		
E16	...competentes?	0	1	2	3	4	7	8		
E17	...com elevados padrões morais?	0	1	2	3	4	7	8		
E18	...dignas de respeito?	0	1	2	3	4	7	8		

MANTER CARTÃO 52

Agora gostaria de lhe pedir para pensar nas pessoas com mais de 70 anos de idade.

Utilizando o mesmo cartão, diga-me, por favor, em que medida acha provável que a maioria dos portugueses considere as pessoas com mais de 70 anos...

LER UMA DE CADA VEZ

		Não é nada provável vê-los assim					É muito provável vê-los assim		(Recusa)	(NS)
E19	... simpáticas?	0	1	2	3	4	7	8		
E20	...competentes?	0	1	2	3	4	7	8		
E21	...com elevados padrões morais?	0	1	2	3	4	7	8		
E22	... dignas de respeito?	0	1	2	3	4	7	8		

MOSTRAR CARTÃO 53

E23: Por favor diga-me em que medida acha que a maioria dos portugueses consideraria aceitável ou inaceitável que uma pessoa qualificada com 30 anos fosse escolhida para ser seu chefe?

Utilize este cartão onde 0 significa que a maioria dos portugueses consideraria 'totalmente inaceitável' e 10 'totalmente aceitável'

Totalmente inaceitável										Totalmente aceitável		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55	(Depende)
----	-----------

MANTER CARTÃO 53

E24: E em que medida acha que a maioria dos portugueses consideraria aceitável ou inaceitável que uma pessoa qualificada com 70 anos fosse escolhida para ser seu chefe?

Utilize este cartão onde 0 significa que a maioria dos portugueses consideraria 'totalmente inaceitável' e 10 'totalmente aceitável'

Totalmente inaceitável									Totalmente aceitável		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

55 (Depende)

MOSTRAR CARTÃO 54

Utilizando este cartão, diga, por favor, em que medida acha provável que a maioria dos portugueses veja as pessoas "na casa dos 20"...

LER UMA DE CADA VEZ

		Não é nada provável vê-los assim					É muito provável vê-los assim	(Recusa)	(NS)
E25	...com inveja	0	1	2	3	4	7	8	
E26	...com pena	0	1	2	3	4	7	8	
E27	...com admiração	0	1	2	3	4	7	8	
E28	...com desdém	0	1	2	3	4	7	8	

MANTER CARTÃO 54

E em que medida acha provável que a maioria dos portugueses veja as pessoas que estão "na casa dos 70"...

LER UMA DE CADA VEZ

		Não é nada provável vê-los assim					É muito provável vê-los assim	(Recusa)	(NS)
E29	...com inveja	0	1	2	3	4	7	8	
E30	...com pena	0	1	2	3	4	7	8	
E31	...com admiração	0	1	2	3	4	7	8	
E32	...com desdém	0	1	2	3	4	7	8	

De seguida vou colocar-lhe mais algumas questões para saber a sua opinião sobre pessoas de diferentes idades

MOSTRAR CARTÃO 55

E33: Utilizando este cartão, diga, por favor, como se sente em geral relativamente às pessoas na 'casa dos 20'? Responda nesta escala, em que 0 significa de uma maneira "extremamente negativa" e o 10 significa de uma maneira "extremamente positiva"

Extremamente negativa									Extremamente positiva		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MANTER CARTÃO 55

E34: E em geral como se sente relativamente às pessoas com mais de 70 anos? Responda nesta escala, em que 0 significa de uma maneira "extremamente negativa" e o 10 significa de maneira uma "extremamente positiva"

Extremamente negativa							Extremamente positiva				(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MOSTRAR CARTÃO 56

Utilizando este cartão, diga com que frequência, no ano que passou, alguém mostrou preconceito contra si ou o tratou de forma injusta devido...

LER UMA DE CADA VEZ

		Nunca				Muito frequentemente		(Recusa)	(NS)
E35	...à sua idade?	0	1	2	3	4	7	8	
E36	...ao seu sexo?	0	1	2	3	4	7	8	
E37	...à sua raça ou grupo étnico?	0	1	2	3	4	7	8	

MANTER CARTÃO 56

E38: E com que frequência, no ano que passou, sentiu que alguém lhe mostrou falta de respeito devido à sua idade, por exemplo, ignorando-o(a) ou tratando-o(a) com superioridade?

Utilize, por favor, o mesmo cartão.

Nunca		Muito frequentemente			(Recusa)	(NS)
0	1	2	3	4	7	8

MANTER CARTÃO 56

E39: E ao longo do último ano, com que frequência alguém o/a tratou mal devido à sua idade, por exemplo, insultando-o(a), maltratando-o(a) ou recusou atendê-lo(a) ou prestar-lhe um serviço?

Utilize, por favor, o mesmo cartão.

ENTREVISTADOR: 'tratar mal' tanto pode referir-se a tratar mal fisicamente como verbalmente.

Nunca		Muito frequentemente			(Recusa)	(NS)
0	1	2	3	4	7	8

Passamos agora para algumas perguntas sobre os seus amigos e, seguidamente, sobre a sua família

MOSTRAR CARTÃO 57

E40: Sem contar com as pessoas da sua família, aproximadamente quantos dos seus amigos têm menos de 30 anos de idade?

Escolha a sua resposta neste cartão.

Nenhum	1	PASSA PARA E42
1	2	
2-5	3	
6-9	4	
10 ou mais	5	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	
PERGUNTAR E41		

MOSTRAR CARTÃO 58

E41: E relativamente a esses amigos (que têm menos de 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências? Escolha a sua resposta neste cartão.

Posso falar sobre todos os assuntos pessoais	1
Posso falar sobre quase todos os assuntos pessoais	2
Posso falar sobre a maior parte dos assuntos pessoais	3
Posso falar sobre alguns assuntos pessoais	4
Posso falar sobre poucos assuntos pessoais	5
Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal	6
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS**MOSTRAR CARTÃO 59**

E42: Sem contar com as pessoas da sua família, aproximadamente quantos dos seus amigos têm mais de 70 anos de idade?

Escolha a sua resposta neste cartão

Nenhum	1	PASSA PARA E44
1	2	
2-5	3	
6-9	4	
10 ou mais	5	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	
PERGUNTAR E43		

MOSTRAR CARTÃO 60

E43: E relativamente a esses amigos (que têm mais de 70 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências? Escolha a sua resposta neste cartão.

Posso falar sobre todos os assuntos pessoais	1
Posso falar sobre quase todos os assuntos pessoais	2
Posso falar sobre a maior parte dos assuntos pessoais	3
Posso falar sobre alguns assuntos pessoais	4
Posso falar sobre poucos assuntos pessoais	5
Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal	6
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

E44: Qual é a sua idade?

29 anos ou menos	1	PASSAR PARA E47
30 anos ou mais	2	
(Recusa)	7	PERGUNTAR E45
(Não sabe)	8	

E45: Tem filhos ou netos entre os 15 e os 30 anos?

Sim	1	PERGUNTAR E46
Não	2	PASSAR PARA E47
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

MANTER CARTÃO 60

E46: E relativamente a esses filhos e netos (que têm entre 15 e 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências? Escolha a sua resposta neste cartão.

Posso falar sobre todos os assuntos pessoais	1
Posso falar sobre quase todos os assuntos pessoais	2
Posso falar sobre a maior parte dos assuntos pessoais	3
Posso falar sobre alguns assuntos pessoais	4
Posso falar sobre poucos assuntos pessoais	5
Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal	6
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

E47: Algum membro da sua família tem mais de 70 anos?

ENTREVISTADOR:

A família inclui tanto os parentes (com laços de sangue) como os afins (parentes do cônjuge).

Sim	1	PERGUNTAR E48
Não	2	PASSAR PARA E49
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

MANTER CARTÃO 60

E48: E relativamente a esses membros da família, há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências? Escolha a sua resposta neste cartão.

Posso falar sobre todos os assuntos pessoais	1
Posso falar sobre quase todos os assuntos pessoais	2
Posso falar sobre a maior parte dos assuntos pessoais	3
Posso falar sobre alguns assuntos pessoais	4
Posso falar sobre poucos assuntos pessoais	5
Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal	6
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

E49: No mês passado, desenvolveu alguma actividade paga **ou** voluntária?

SE SIM: Foi apenas trabalho pago, apenas trabalho voluntário, ou os dois?

Sim – apenas trabalho pago	1	PERGUNTAR E50
Sim – apenas trabalho voluntário	2	
Sim – ambos	3	
Não	4	PASSAR PARA E52
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

MOSTRAR CARTÃO 61

E50: De todo o tempo que passou a trabalhar no último mês, quanto foi passado a trabalhar com colegas ou voluntários “na casa dos 20 anos”? Escolha a sua resposta neste cartão

ENTREVISTADOR: Este **tempo** refere-se ao trabalho realizado no mês passado indicado na E49. Se o entrevistado não tem colegas neste grupo de idade assinalar ‘nenhum’.

Nenhum	1
Algum	2
A maior parte	3
Todo ou quase todo	4
(Não trabalhou com outras pessoas no mês passado)	5
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MANTER CARTÃO 61

E51: De todo o tempo que passou a trabalhar no último mês, quanto foi passado a trabalhar com colegas ou voluntários com mais de 70 anos? Responda utilizando o mesmo cartão

ENTREVISTADOR: Este **tempo** refere-se ao trabalho realizado no mês passado indicado na E49. Se o entrevistado não têm colegas neste grupo de idade assinalar ‘nenhum’

Nenhum	1
Algum	2
A maior parte	3
Todo ou quase todo	4
(Não trabalhou com outras pessoas no mês passado)	5
(Não aplicável)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

MOstrar CARTÃO 62

E:52 De uma forma geral, diga, por favor, qual das seguintes opções descreve melhor a maneira como vê em Portugal nos dias de hoje as pessoas "na casa dos 20" e as pessoas com mais de 70 anos.

ASSINALAR SÓ UMA RESPOSTA

Diria que vê as pessoas "na casa dos 20" e as que têm mais de 70 anos como...

Um só grupo	1
Dois grupos separados que fazem parte da mesma comunidade	2
Dois grupos separados que não fazem parte da mesma comunidade	3
Apenas como indivíduos e não como grupos	4
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MOstrar CARTÃO 63

E53: Diga, por favor, em que medida é importante para si não ter preconceitos contra as pessoas de outros grupos etários. Utilizando este cartão, responda, por favor, numa escala em que 0 significa que é 'nada importante' para si e 10 significa que é 'extremamente importante' para si.

Nada importante										Extremamente importante		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO 63

E54: Agora, diga, por favor, em que medida é importante para si ser visto como alguém que não tem preconceitos contra as pessoas de grupos etários diferentes do seu.

Nada importante										Extremamente importante		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOstrar CARTÃO 64

E55: Em que medida considera grave, ou não, em Portugal, a discriminação contra as pessoas com base na idade, quer em relação aos jovens, quer em relação aos idosos?

Escolha a sua resposta neste cartão

Muito grave	1
Bastante grave	2
Pouco grave	3
Nada grave	4
(Depende)	5
(Em Portugal não existe discriminação com base na idade)	6
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

FINALMENTE GOSTARIA DE LHE FAZER ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE SI E AS OUTRAS PESSOAS DO SEU GRUPO DOMÉSTICO

F1: Contando consigo, quantas pessoas – incluindo crianças – vivem habitualmente nesta casa?

ESCREVER O NÚMERO:		
(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

RECOLHER INFORMAÇÃO SOBRE O INQUIRIDO (F2 E F3) E DE SEGUIDA INFORMAÇÃO SOBRE OS OUTROS MEMBROS DO GRUPO DOMÉSTICO (F2 A F4), EM ORDEM DECRESCENTE DE IDADE (COMECE PELO MAIS VELHO E ASSIM SUCESSIVAMENTE)

F2: CODIFIQUE O SEXO

F3: E em que ano é que o sr(a) / ele(a) nasceu? (Recusa = 7777; Não sabe = 8888; Não responde = 9999)

MOSTRAR CARTÃO 65

F4 : De acordo com este cartão, qual a relação familiar que essa pessoa tem consigo/o que é que essa pessoa lhe é?

Por ordem decrescente de idades ----->

Pessoa	01 (INQUIRIDO)	02	03	04	05	06
OPCIONAL: Nome ou inicial						
F2 Sexo						
<i>Masculino</i>	1	1	1	1	1	1
<i>Feminino</i>	2	2	2	2	2	2
F3 Ano de nascimento						
F4 Laço familiar						
<i>Marido/mulher/ companheiro(a)</i>		01	01	01	01	01
<i>Filho/filha (incluindo enteados/ adoptados, crianças acolhidas, filhos do companheiro(a))</i>		02	02	02	02	02
<i>Pai-Mãe/Sogro-Sogra/Madrasta- Padrasto/Pais do companheiro(a)</i>		03	03	03	03	03
<i>Irmão/irmã, incluindo meios- irmãos, adoptados, irmãos ou irmãs de acolhimento</i>		04	04	04	04	04
<i>Outros familiares</i>		05	05	05	05	05
<i>Outros não-familiares</i>		06	06	06	06	06
<i>(Não sabe)</i>		88	88	88	88	88

por ordem decrescente de idades ----->

Pessoa	07	08	09	10	11	12
OPCIONAL: Nome ou inicial						
F2 Sexo						
Masculino	1	1	1	1	1	1
Feminino	2	2	2	2	2	2
F3 Ano de nascimento						
F4 Laço familiar						
Marido/mulher/ companheiro(a)	01	01	01	01	01	01
Filho/filha (incluindo enteados/ adoptados, crianças acolhidas, filhos do companheiro(a))	02	02	02	02	02	02
Pai-Mãe/Sogro-Sogra/Madrasta- Padrasto/Pais do companheiro(a)	03	03	03	03	03	03
Irmão/irmã, incluindo meios- irmãos, adoptados, irmãos ou irmãs de acolhimento	04	04	04	04	04	04
Outros familiares	05	05	05	05	05	05
Outros não-familiares	06	06	06	06	06	06
(Não sabe)	88	88	88	88	88	88

MOSTRAR CARTÃO 66

F5 : Qual a frase que melhor descreve o sítio onde vive?

Uma grande cidade	1
Os subúrbios ou arredores de uma grande cidade	2
Uma vila ou uma pequena cidade	3
Uma aldeia	4
Uma quinta ou uma casa no campo	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 67

F6: Qual o grau de escolaridade mais elevado que completou? Se nenhuma das descrições apresentadas no cartão corresponder ao seu caso, por favor, descreva pormenorizadamente o nível de escolaridade que atingiu.

ESCREVER DESCRIÇÃO PORMENORIZADA

Nenhum	01	PASSA PARA A F7
Ensino Básico 1 (até à 4ª classe, instrução primária (3º ou 4º ano)	02	PASSA PARA A F6A
Ensino Básico 2 (preparatório/5º e 6º anos / 5ª ou 6ª classe, 1º ciclo dos liceus ou do	03	
Ensino Básico 3 (até ao 9º ano/5º ano dos liceus, escola comercial / industrial, 2º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou industrial)	04	
Ensino Secundário Cursos Tecnológicos (Curso Instituto Comercial ou Industrial OU Até 1974 - Escola Regente Agrícola; Curso de Enfermagem; Curso Magistério Primário (ensino normal); Curso de Serviço Social; Ensino Artístico – conservatória e academia de música, etc.	05	PASSA PARA A F6A
Ensino Secundário Cursos Gerais (12º/7º ano dos liceus completo, propedêutico, serviço cívico)	06	
Cursos de Especialização Tecnológica	07	
Ensino Superior – Bacharelato (Pós 25 Abril, Politécnico)	08	
Ensino Superior – Licenciatura	09	
Ensino Superior – Mestrado (Pré-Bolonha)	10	
Ensino Superior – Mestrado (Pós-Bolonha)	11	
Ensino Superior – Doutoramento	12	
(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	PASSA PARA A F7

NÃO PREENCHER

SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA

<i>Not completed primary (compulsory) education</i>	0
<i>Primary education or First stage of basic education</i>	1
<i>Lower secondary or Second stage of basic education</i>	2
<i>Upper secondary education</i>	3
<i>Post secondary, non-tertiary education</i>	4
<i>First stage of tertiary education (not leading directly to an advanced research qualification)</i>	5
<i>Second stage of tertiary education (leading to an advanced research qualification)</i>	6

MOSTRAR CARTÃO 68

F6a: Em qual das seguintes áreas atingiu o seu nível de educação mais elevado?

ENTREVISTADOR: SE A QUALIFICAÇÃO MAIS ELEVADA QUE O INQUIRIDO OBTVEU FOR EM MAIS DE UMA ÁREA, CODIFICAR 01

Geral, sem área específica	01
Arte – Belas artes ou aplicada	02
Humanidades – Línguas e literaturas clássicas, história, teologia, filosofia, etc	03
Técnicos de engenharia, incluindo arquitectura e planeamento, indústria, profissões técnicas e da construção civil	04
Agricultura e florestas	05
Professores e ensino	06
Ciências naturais, matemáticas, informática, etc	07
Medicina, saúde, enfermagem, etc	08
Economia, comércio, gestão de empresas, contabilidade, etc	09
Ciências sociais e comportamentais (sociologia e psicologia), administração pública, comunicação social, cultura, ciências do desporto e de lazer, etc	10
Direito	11
Serviços e cuidados pessoais – Catering, gestão doméstica, cabeleireiro, etc	12
Serviços de segurança – polícia, forças armadas, bombeiros, etc	13
Transportes e telecomunicações	14
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

F7: Quantos anos completos de escolaridade terminou?

ESCREVER O NÚMERO:		
(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

MOSTRAR CARTÃO 69**F8a:** Quais das seguintes situações se aplicam melhor ao que fez nos últimos 7 dias? Mais alguma?**APROFUNDAR** até que o entrevistado diga mais nenhuma

A fazer trabalho pago (ou temporariamente ausente), (por conta de outrem, conta própria, no negócio da família)	01
A estudar mesmo se de férias (sem ser remunerado)	02
Desempregado à procura de emprego	03
Desempregado , à espera de emprego, mas não à procura de emprego	04
Em situação de doença ou incapacidade /invalidez permanente	05
Na reforma	06
A fazer serviço cívico ou militar	07
A fazer trabalho doméstico, a cuidar de crianças ou de outras pessoas (sem ser pago)	08
Outra	09
Recusa	77
Não sabe	88

F8b: ENTREVISTADOR ASSINALAR

Mais do que um assinalado na F8a	1	PERGUNTAR A F8c
Apenas um assinalado na F8a	2	PASSA PARA A F8d

MANTER CARTÃO 69**F8c:** E qual das seguintes descrições melhor define a sua situação (nos últimos 7 dias)? **CODIFICAR SÓ UMA RESPOSTA**

A fazer trabalho pago (ou temporariamente ausente), (por conta de outrem, conta própria, no negócio da família)	01
A estudar mesmo se de férias (sem ser remunerado)	02
Desempregado à procura de emprego	03
Desempregado , à espera de emprego, mas não à procura de emprego	04
Em situação de doença ou incapacidade /invalidez permanente	05
Na reforma	06
A fazer serviço cívico ou militar	07
A fazer trabalho doméstico, a cuidar de crianças ou de outras pessoas (sem ser pago)	08
Outra	09
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

F8d: ENTREVISTADOR BASEIA-SE EM F8a E ASSINALA:

INQUIRIDO TEM TRABALHO REMUNERADO EM F8a (código 01 em F8a)	1	IR PARA F12
INQUIRIDO SEM TRABALHO REMUNERADO EM F8a (códigos diferentes de 01 em F8a)	2	PERGUNTAR F9
Não disponível	9	

**PERGUNTAR SE NÃO TIVER TRABALHO REMUNERADO NA F8a.
OS QUE TÊM TRABALHO REMUNERADO, CÓDIGO 1, PASSAR PARA F12.**

F9: Só para confirmar, nos últimos 7 dias realizou algum trabalho remunerado?

Sim	1	PASSAR PARA A F12
Não	2	PERGUNTAR A F10
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

F10: Alguma vez teve um trabalho remunerado?

Sim	1	PERGUNTAR A F11
Não	2	PASSAR PARA A F27
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

F11: Em que ano teve o seu último trabalho remunerado?

ESCREVER O ANO				
(Recusa)	7777			
(Não sabe)	8888			

ENTREVISTADOR: Se o inquirido estiver a trabalhar (código 01 na F8a ou código 1 na F9), perguntar F12 a F25a sobre o actual emprego; se não estiver a trabalhar actualmente mas tenha trabalhado no passado (código 1 na F10), perguntar F12 a F25a acerca do último emprego

F12: Na sua profissão principal é/era... **LER PAUSADAMENTE**

Trabalhador por conta de outrem	1	PASSA PARA A F14
Trabalhador por conta própria	2	PASSA PARA A F13
Trabalhador no negócio ou empresa da família	3	PASSA PARA A F14
(Recusa)	7	PASSA PARA A F14
(Não sabe)	8	

F13: Quantos empregados tem/tinha?

ESCREVER o número de empregados:					PASSA PARA A F15
(Recusa)	77777				
(Não sabe)	88888				

**PERGUNTAR SE TRABALHAR POR CONTA DE OUTREM, TRABALHADOR FAMILIAR OU "NÃO SABE"
(códigos 1,3,8 na F12)**

F14: O seu contrato é/era... **LER PAUSADAMENTE**

um contrato de duração ilimitada (permanente)	1
um contrato de duração limitada (temporário)	2
ou, não tem/teve contrato	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS OS QUE TRABALHAM OU TRABALHARAM

F15: Contando consigo, aproximadamente quantas pessoas trabalham/trabalhavam no seu local de trabalho?
LER PAUSADAMENTE

...menos de 10	1
...10 a 24	2
...25 a 99	3
...100 a 499	4
Ou, 500 ou mais?	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F16: No seu trabalho principal tem/teve alguma responsabilidade de supervisão do trabalho de outras pessoas?

Sim	1	PERGUNTAR A F17
Não	2	
(Recusa)	7	PASSAR PARA A F18
(Não sabe)	8	

F17: É/era responsável pelo trabalho de quantas pessoas?

ESCREVER O NÚMERO APROXIMADO DE PESSOAS:					
(Recusa)	77777				
(Não sabe)	88888				

PERGUNTAR A TODOS OS QUE TRABALHAM OU TRABALHARAM

MOSTRAR CARTÃO 70

Para cada um dos seguintes aspectos do seu dia-a-dia no trabalho, diga por favor, numa escala de 0 a 10, em que 0 significa que não tem influência nenhuma e 10 significa que tem muita influência, qual o grau de influência que tem sobre:

		Nenhuma influência										Muito influência	(Recusa)	(NS)
F18	A organização do seu dia-a-dia de trabalho	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
F19	As decisões relativas à actividade da organização onde trabalha/trabalhava	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

F20: Qual é/era o número base de horas contratadas por semana (no seu trabalho principal), sem contar com horas extraordinárias remuneradas ou não remuneradas?

NÚMERO DE HORAS:			
(Recusa)	777		
(Não sabe)	888		

F21: E, independentemente das horas contratadas, quantas horas trabalha/trabalhava em média por semana no seu trabalho principal? Inclua horas extraordinárias remuneradas e não remuneradas.

NÚMERO DE HORAS:			
(Recusa)	777		
(Não sabe)	888		

F22: Qual é/era a actividade principal da empresa/organização em que trabalha/trabalhava?

DESCREVER DETALHADAMENTE

(Recusa)	777		
(Não sabe)	888		

MOSTRAR CARTÃO 71

F23: A organização para que trabalha/trabalhou pertence a qual dos seguintes tipos?

Governo central ou local	1
Outro sector de administração pública (como a educação ou a saúde)	2
Uma empresa do Estado	3
Empresa do sector privado	4
Por conta própria	5
Outra	6
Recusa	7
Não sabe	8

F24: Qual é/era a designação da sua profissão principal?

(Recusa)	77777			
(Não sabe)	88888			

F25: Na sua profissão principal o que é que faz/fazia a maior parte do tempo? **DESCREVER DETALHADAMENTE**

F25a: Que formação ou qualificações são/eram necessárias para o exercício da sua profissão? **DESCREVER DETALHADAMENTE**

F26: Nos últimos 10 anos teve algum trabalho remunerado fora de Portugal, durante 6 meses ou mais?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS

F27: Alguma vez esteve desempregado e à procura de trabalho por um período superior a três meses?

Sim	1	PERGUNTAR A F28
Não	2	
(Recusa)	7	PASSAR PARA A F30
(Não sabe)	8	

F28: Algum desses períodos durou 12 meses ou mais?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F29: Algum desses períodos ocorreu nos últimos 5 anos?

ENTREVISTADOR: OS PERÍODOS NA F27 REFEREM-SE A PERÍODOS SUPERIORES A 3 MESES

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS

F30: É, ou alguma vez foi, membro de um sindicato ou de uma associação profissional? Se sim, actualmente ou no passado?

Sim, actualmente	1
Sim, no passado	2
Não	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 72

F31: Considere o rendimento de todas as pessoas que vivem nesta casa e todo o rendimento que possam receber em conjunto. Qual é a fonte **principal** de rendimento das pessoas que vivem nesta casa?

Salários e vencimentos do trabalho	01
Rendimento de trabalho por conta-própria (excluindo a agricultura)	02
Rendimento de trabalho agrícola	03
Pensões	04
Subsídio de desemprego	05
Outros subsídios ou benefícios sociais (por exemplo, rendimento mínimo)	06
Rendimentos de investimentos, poupanças, seguros ou propriedades	07
Rendimentos de outras fontes	08
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MOSTRAR CARTÃO 73

F32: Se somar o rendimento de todas as fontes, qual é a letra que melhor corresponde o rendimento das pessoas que vivem nesta casa, depois dos descontos obrigatórios para contribuições e impostos? Se não souber o número exacto, por favor, dê um valor aproximado. Refira-se ao período que conhece melhor: por semana, por mês ou por ano.

J	01
R	02
C	03
M	04
F	05
S	06
K	07
P	08
D	09
H	10
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

MOSTRAR CARTÃO 74

F33: Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento actual das pessoas que vivem nesta casa?

O rendimento actual permite viver confortavelmente	1
O rendimento actual dá para viver	2
É difícil viver com o rendimento actual	3
É muito difícil viver com o rendimento actual	4
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO 75

F34: Se, por alguma razão, tivesse dificuldades financeiras graves e tivesse que pedir dinheiro emprestado para conseguir viver, acha que isso seria:

Muito difícil	1
Difícil	2
Nem fácil nem difícil	3
Fácil	4
Muito fácil	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F35: ENTREVISTADOR CODIFICAR:

Inquirido vive com cônjuge/companheiro(a) (código 1 na F4)	1	PERGUNTAR A F36
Não vive	2	PASSAR PARA A F49

MOSTRAR CARTÃO 76

F36: Qual o grau de escolaridade mais elevado que o seu **cônjuge/companheiro (a)** completou? Se nenhuma das descrições apresentadas no cartão corresponder ao caso do seu cônjuge/companheiro(a), por favor, descreva pormenorizadamente o nível de escolaridade atingido.

PEDIR AO ENTREVISTADO UMA DESCRIÇÃO PORMENORIZADA E ESCREVER

	Nenhum	01
	Ensino Básico 1 (até à 4ª classe, instrução primária (3º ou 4º ano)	02
	Ensino Básico 2 (preparatório/5º e 6º anos / 5ª ou 6ª classe, 1º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou industrial)	03
	Ensino Básico 3 (até ao 9º ano/5º ano dos liceus, escola comercial / industrial, 2º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou industrial)	04
	Ensino Secundário Cursos Tecnológicos (Curso Instituto Comercial ou Industrial OU Até 1974 - Escola Regente Agrícola; Curso de Enfermagem; Curso Magistério Primário (ensino normal); Curso de Serviço Social; Ensino Artístico – conservatória e academia de música, etc.	05
	Ensino Secundário Cursos Gerais (12º/7º ano dos liceus completo, propedêutico, serviço cívico)	06
	Cursos de Especialização Tecnológica	07
	Ensino Superior – Bacharelato (Pós 25 Abril, Politécnico)	08
	Ensino Superior – Licenciatura	09
	Ensino Superior – Mestrado (PréBolonha)	10
	Ensino Superior – Mestrado (Pós-Bolonha)	11
	Ensino Superior – Doutoramento	12
	(Recusa)	77
	(Não sabe)	88

NÃO PREENCHER**SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA**

<i>Not completed primary (compulsory) education</i>	00
<i>Primary education or First stage of basic education</i>	01
<i>Lower secondary or Second stage of basic education</i>	02
<i>Upper secondary education</i>	03
<i>Post secondary, non-tertiary education</i>	04
<i>First stage of tertiary education (not leading directly to an advanced research qualification)</i>	05
<i>Second stage of tertiary education (leading to an advanced research qualification)</i>	06

MOSTRAR CARTÃO 77

F37a: Quais das seguintes situações se aplicam ao que o seu cônjuge/companheiro(a) fez nos últimos 7 dias? Mais alguma? **APROFUNDAR** até que o entrevistado diga 'mais nenhuma'.

A fazer trabalho pago (ou temporariamente ausente), (por conta de outrem, conta própria, no negócio da família)	01
A estudar mesmo se de férias (sem ser remunerado)	02
Desempregado à procura de emprego	03
Desempregado , à espera de emprego, mas não à procura de emprego	04
Em situação de doença ou incapacidade /invalidez permanente	05
Na reforma	06
A fazer serviço cívico ou militar	07
A fazer trabalho doméstico, a cuidar de crianças ou de outras pessoas (sem ser pago)	08
Outra	09
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

F37b: ENTREVISTADOR ASSINALAR:

Mais do que uma situação assinalada na F37a	1	PERGUNTAR A F37c
Apenas uma situação assinalada na F37a	2	PASSAR PARA A F38

MANTER CARTÃO 77

F37c: E qual das seguintes descrições **melhor** define a situação do seu cônjuge/companheiro(a) (nos últimos 7 dias)? Por favor, seleccione apenas uma situação.

A fazer trabalho pago (ou temporariamente ausente), (por conta de outrem, conta própria, no negócio da família)	01
A estudar mesmo se de férias (sem ser remunerado)	02
Desempregado à procura de emprego	03
Desempregado , à espera de emprego, mas não à procura de emprego	04
Em situação de doença ou incapacidade /invalidez permanente	05
Na reforma	06
A fazer serviço cívico ou militar	07
A fazer trabalho doméstico, a cuidar de crianças ou de outras pessoas (sem ser pago)	08
Outra	09
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR SE O CÔNJUGE/COMPANHEIRO NÃO ESTIVER A TRABALHAR NA F37a (códigos 02-09, 88). SE TIVER UM TRABALHO REMUNERADO (código 01 na F37a) PASSAR PARA A F39

F38: Disse que o seu cônjuge/companheiro (a) não tinha trabalho remunerado mas, nos últimos 7 dias realizou algum trabalho remunerado?

Sim	1	PERGUNTAR A F39
Não	2	PASSAR PARA A F49
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

PERGUNTAR SE O CÔNJUGE/COMPANHEIRO TRABALHAR (código 01 na F37a OU código 1 na F38)**F39** :Qual é a designação da profissão principal do seu cônjuge/companheiro(a)?

(Recusa)	77777			
(Não sabe)	88888			

F40: Na sua profissão principal o que é que o seu cônjuge/companheiro(a) faz a maior parte do tempo?
DESCREVER DETALHADAMENTE

F41: Que formação ou qualificações são necessárias para o exercício da profissão do seu cônjuge/companheiro(a)? **DESCREVER DETALHADAMENTE**

F42: Na sua profissão principal o seu cônjuge/companheiro(a) é... **LER PAUSADAMENTE**

trabalhador por conta de outrem	1	PASSAR PARA A F44
trabalhador por conta própria	2	PERGUNTAR A F43
trabalhador no negócio da família	3	PASSAR PARA A F44
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

F43: Quantos empregados tem?

ESCREVER O NÚMERO DE EMPREGADOS				
(Recusa)	77777			
(Não sabe)	88888			

PERGUNTAR SE O CÔNJUGE/COMPANHEIRO TRABALHAR (código 01 na F37a OU código 1 na F38)**F44:** No seu trabalho principal, o seu cônjuge/companheiro(a) tem alguma responsabilidade de supervisão do trabalho de outras pessoas?

Sim	1	PERGUNTAR A F45
Não	2	PASSAR PARA A F46
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

F45: É responsável pelo trabalho de quantas pessoas?

ESCREVER O NÚMERO DE PESSOAS				
(Recusa)	77777			
(Não sabe)	88888			

PERGUNTAR SE O CÔNJUGE/COMPANHEIRO TRABALHAR (código 01 na F37a OU código 1 na F38)**MOSTRAR CARTÃO 78**

Para cada um dos seguintes aspectos do dia-a-dia do seu cônjuge/companheiro(a) no trabalho, diga por favor, numa escala de 0 a 10, em que 0 significa que não tem influência nenhuma e 10 significa que tem muita influência, qual o grau de influência que o seu cônjuge/companheiro(a) tem sobre :

		Nenhuma influência										Muita influência (Recusa)		(NS)
F46	A organização do seu dia-a-dia de trabalho	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88
F47	As decisões relativas à actividade da organização onde trabalha/trabalhava	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

F48: Quantas horas é que o seu **cônjuge/companheiro(a)** trabalha em média por semana no seu trabalho principal? Inclua horas extraordinárias remuneradas e não remuneradas.

NÚMERO DE HORAS:			
(Recusa)		777	
(Não sabe)		888	

PERGUNTAR A TODOS

MOSTRAR CARTÃO 79

F49: Qual o grau de escolaridade mais elevado que o seu **pai** completou? Se nenhuma das descrições apresentadas no cartão corresponder ao caso do seu pai, por favor, descreva pormenorizadamente o nível de escolaridade atingido.

PEDIR AO ENTREVISTADO UMA DESCRIÇÃO PORMENORIZADA E ESCREVER

Nenhum	01
Ensino Básico 1 (até à 4ª classe, instrução primária (3º ou 4º ano)	02
Ensino Básico 2 (preparatório/5º e 6º anos / 5ª ou 6ª classe, 1º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou	03
Ensino Básico 3 (até ao 9º ano/5º ano dos liceus, escola comercial / industrial, 2º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou industrial)	04
Ensino Secundário Cursos Tecnológicos (Curso Instituto Comercial ou Industrial OU Até 1974 - Escola Regente Agrícola; Curso de Enfermagem; Curso Magistério Primário (ensino normal); Curso de Serviço Social; Ensino Artístico – conservatória e academia de música, etc.	05
Ensino Secundário Cursos Gerais (12º/7º ano dos liceus completo, propedêutico, serviço cívico)	06
Cursos de Especialização Tecnológica	07
Ensino Superior – Bacharelato (Pós 25 Abril, Politécnico)	08
Ensino Superior – Licenciatura	09
Ensino Superior – Mestrado (PréBolonha)	10
Ensino Superior – Mestrado (Pós-Bolonha)	11
Ensino Superior – Doutoramento	12
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

NÃO PREENCHER

SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA

<i>Not completed primary (compulsory) education</i>	00
<i>Primary education or First stage of basic education</i>	01
<i>Lower secondary or Second stage of basic education</i>	02
<i>Upper secondary education</i>	03
<i>Post secondary, non-tertiary education</i>	04
<i>First stage of tertiary education (not leading directly to an advanced research qualification)</i>	05
<i>Second stage of tertiary education (leading to an advanced research qualification)</i>	06

F50: Quando o(a) sr(a) tinha 14 anos o seu **pai** tinha um trabalho remunerado, era trabalhador por conta própria ou não se encontrava a trabalhar?

Trabalhador por conta de outrem	1	PASSAR PARA A F52
Trabalhador por conta própria	2	PERGUNTAR A F51
Não estava a trabalhar	3	PASSAR PARA A F55
Pai tinha falecido/estava ausente quando o entrevistado tinha 14 anos	4	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	
		PASSAR PARA A F53

F51: Quantos empregados tinha?

Nenhum	1	PASSAR PARA A F53
1 a 24	2	
25 ou mais	3	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

PERGUNTAR SE O PAI TRABALHAVA POR CONTA DE OUTRÉM (CÓDIGO 1 NA F50)

F52: No seu trabalho principal, o seu **pai** tinha alguma responsabilidade de supervisão do trabalho de outras pessoas?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR SE O PAI TRABALHAVA OU NÃO SABE (CÓDIGO 1, 2 OU 8 NA F50)

F53: Qual era a designação da profissão principal do seu **pai**?

(Recusa)	77777				
(Não sabe)	88888				

NÃO PREENCHER**SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA****F54:** Qual das seguintes descrições corresponde melhor ao tipo de trabalho que o seu pai tinha quando o sr/srª tinha 14 anos?

Profissões com formação superior ou autonomia criativa. <i>Por exemplo: médico, professor, engenheiro, artista, contabilista/revisor de contas</i>	01
Funções superiores de administração e direcção. <i>Por exemplo: administrador da banca ou de grande empresa, alto responsável da Administração Pública, alto dirigente sindical ou associativo</i>	02
Funções administrativas, burocráticas e de secretariado <i>Por exemplo: secretário/a, chefe de secção, empregado de escritório, escriturário, guarda-livros</i>	03
Comércio e vendas <i>Por exemplo: chefe de vendas, dono de loja, empregado de balcão, agente de seguros</i>	04
Prestação de serviços <i>Por exemplo: proprietário de restaurante, empregado de mesa, polícia, vigilante, barbeiro, forças armadas</i>	05
Operário especializado <i>Por exemplo: encarregado, mecânico, tipógrafo, electricista, operário de moldes e ferramentas</i>	06
Operário semi-especializado <i>Por exemplo: pedreiro, condutor de autocarro, operário de fábrica de conservas, carpinteiro, bate-chapas, padeiro</i>	07
Operário não-especializado <i>Por exemplo: estivador, operário fabril não-especializado, trabalhador indiferenciado/servente</i>	08
Trabalhador agrícola <i>Por exemplo: agricultor, trabalhador agrícola, condutor de tractor, pescador</i>	09
(Não se aplica)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS**MANTER CARTÃO 79**

F55: Qual o grau de escolaridade mais elevado que a sua **mãe** completou? Se nenhuma das descrições apresentadas no cartão corresponder ao caso da sua mãe, por favor, descreva pormenorizadamente o nível de escolaridade atingido.

PEDIR AO ENTREVISTADO UMA DESCRIÇÃO PORMENORIZADA E ESCREVER

Nenhum	01
Ensino Básico 1 (até à 4ª classe, instrução primária (3º ou 4º ano))	02
Ensino Básico 2 (preparatório/5º e 6º anos / 5ª ou 6ª classe, 1º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou	03
Ensino Básico 3 (até ao 9º ano/5º ano dos liceus, escola comercial / industrial, 2º ciclo dos liceus ou do ensino técnico comercial ou industrial)	04
Ensino Secundário Cursos Tecnológicos (Curso Instituto Comercial ou Industrial OU Até 1974 - Escola Regente Agrícola; Curso de Enfermagem; Curso Magistério Primário (ensino normal); Curso de Serviço Social; Ensino Artístico – conservatória e academia de música, etc.	05
Ensino Secundário Cursos Gerais (12º/7º ano dos liceus completo, propedêutico, serviço cívico)	06
Cursos de Especialização Tecnológica	07
Ensino Superior – Bacharelato (Pós 25 Abril, Politécnico)	08
Ensino Superior – Licenciatura	09
Ensino Superior – Mestrado (PréBolonha)	10
Ensino Superior – Mestrado (Pós-Bolonha)	11
Ensino Superior – Doutoramento	12
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

NÃO PREENCHER**SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA**

<i>Not completed primary (compulsory) education</i>	00
<i>Primary education or First stage of basic education</i>	01
<i>Lower secondary or Second stage of basic education</i>	02
<i>Upper secondary education</i>	03
<i>Post secondary, non-tertiary education</i>	04
<i>First stage of tertiary education (not leading directly to an advanced research qualification)</i>	05
<i>Second stage of tertiary education (leading to an advanced research qualification)</i>	06

F56: Quando o(a) sr(a) tinha 14 anos a sua **mãe** tinha um trabalho remunerado, era trabalhadora por conta própria ou não se encontrava a trabalhar?

Trabalhador por conta de outrem	1	PASSA PARA A F58
Trabalhador por conta própria	2	PERGUNTAR A F57
Não estava a trabalhar	3	PASSAR PARA A F61
Mãe tinha falecido/estava ausente quando o entrevistado tinha 14 anos	4	
(Recusa)	7	PASSAR PARA A F59
(Não sabe)	8	

F57: Quantos empregados tinha?

Nenhum	1	PASSAR PARA A F59
1 a 24	2	
25 ou mais	3	
(Recusa)	7	
(Não sabe)	8	

PERGUNTAR SE A MÃE TRABALHAVA POR CONTA DE OUTRÉM (CÓDIGO 1 NA F56)

F58: No seu trabalho principal, a sua **mãe** tinha alguma responsabilidade de supervisão do trabalho de outras pessoas?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR SE A MÃE TRABALHAVA OU NÃO SABE (CÓDIGO 1, 2 OU 8 NA F56)

F59: Qual era a designação da profissão principal da sua **mãe**?

(Recusa)	77777				
(Não sabe)	88888				

NÃO PREENCHER

SÓ PARA REVISÃO/CODIFICAÇÃO/INFORMÁTICA

F60: Qual das seguintes descrições corresponde melhor ao tipo de trabalho que a sua **mãe** tinha quando o sr/sr^a tinha 14 anos?

Profissões com formação superior ou autonomia criativa. <i>Por exemplo: médico, professor, engenheiro, artista, contabilista/revisor de contas</i>	01
Funções superiores de administração e direcção. <i>Por exemplo: administrador da banca ou de grande empresa, alto responsável da Administração Pública, alto dirigente sindical ou associativo</i>	02
Funções administrativas, burocráticas e de secretariado <i>Por exemplo: secretário/a, chefe de secção, empregado de escritório, escriturário, guarda-livros</i>	03
Comércio e vendas <i>Por exemplo: chefe de vendas, dono de loja, empregado de balcão, agente de seguros</i>	04
Prestação de serviços <i>Por exemplo: proprietário de restaurante, empregado de mesa, polícia, vigilante, barbeiro, forças armadas</i>	05
Operário especializado <i>Por exemplo: encarregado, mecânico, tipógrafo, electricista, operário de moldes e ferramentas</i>	06
Operário semi-especializado <i>Por exemplo: pedreiro, condutor de autocarro, operário de fábrica de conservas, carpinteiro, bate-chapas, padeiro</i>	07
Operário não-especializado <i>Por exemplo: estivador, operário fabril não-especializado, trabalhador indiferenciado/servente</i>	08
Trabalhador agrícola <i>Por exemplo: agricultor, trabalhador agrícola, condutor de tractor, pescador</i>	09
(Não se aplica)	66
(Recusa)	77
(Não sabe)	88

PERGUNTAR A TODOS

F61: Nos últimos 12 meses frequentou algum curso ou assistiu a alguma conferência para aumentar o seu conhecimento e as suas competências no trabalho?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

**GOSTAVA DE FAZER ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE O SEU ACTUAL ESTADO CIVIL LEGAL
 MOSTRAR CARTÃO 80**

F62: Diga-me, por favor, qual das seguintes situações se aplica melhor ao seu estado civil legal?

Casado (a)	01	PERGUNTAR A F63
Separado (a) (mas ainda casado (a))	03	
Divorciado(a)	05	PASSAR PARA A F64
Viúvo(a)	06	
Nunca casou	09	
(Recusa)	77	
(Não sabe)	88	

F63: Vive actualmente com o seu cônjuge?

Sim	1	PASSAR PARA A F66
Não	2	
(Recusa)	7	PERGUNTAR A F64
(Não sabe)	8	

F64: Vive actualmente com um companheiro(a)?

Sim	1	PASSAR PARA A F67
Não	2	
(Recusa)	7	PERGUNTAR A F66
(Não sabe)	8	

F66: Só para confirmar, já viveu com alguém sem ser casado(a) com ele/ela?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F67: ENTREVISTADOR: CONSULTAR F62 E ASSINALAR

Inquirido divorciado ou nunca casou (F62= 05 ou 09)	1	PERGUNTAR A F69
Todos os outros	2	PASSAR PARA A F68

F68: Só para confirmar, alguma vez se divorciou?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F69: ENTREVISTADOR CONSULTAR GRELHA DO AGREGADO FAMILIAR E ASSINALAR

INQUIRIDO VIVE COM CRIANÇAS ATÉ AOS 18 ANOS (código 02 na F4)	1	PASSAR PARA A F71
NÃO VIVE COM CRIANÇAS (Não disponível)	2	PERGUNTAR A F70
	9	

F70: Alguma vez teve filhos seus, filhos adoptados ou crianças acolhidas ou filhos do(a) companheiro(a) a viver consigo?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

PERGUNTAR A TODOS

F71: Tem telefone de rede fixa em casa?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F72: Tem telemóvel?

Sim	1
Não	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

F73: Utiliza a internet para fazer chamadas telefónicas de casa?

Sim	1
Não	2
Não tem internet em casa	3
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

As pessoas sentem-se mais identificadas ou próximas de uns grupos do que de outros. Gostaria agora de lhe perguntar em que medida se sente próximo ou identificado com alguns grupos. Para responder utilize este cartão em que o primeiro par de círculos mostra que não há sobreposição entre eles, ou seja, que não há identificação ou proximidade entre o(a) senhor(a) e o grupo em causa. O último par de círculos mostra uma grande sobreposição dos dois círculos, indicando que existe uma grande identificação ou proximidade entre o(a) senhor(a) e o grupo em causa.

MOSTRAR CARTÃO 81

F74 – Utilizando este cartão, diga-me, por favor, qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade relativamente a Portugal.

Atenção:

Para 50% da amostra a questão F75a = União Europeia (Cartão 82a)

Para 50% da amostra a questão F75b = Europa (Cartão 82b)

50% = MOSTRAR CARTÃO 82a

F75a – E, relativamente, à União Europeia? Qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com a União Europeia.

50% = MOSTRAR CARTÃO 82b

F75b – E, relativamente, à Europa? Qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com a Europa.

MOSTRAR CARTÃO 83

F76 – Pense agora na sua religião. Qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com a sua religião.

MOSTRAR CARTÃO 84

F77 – E relativamente ao seu grupo étnico? Qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com o seu grupo étnico.

MOSTRAR CARTÃO 85

F78 – Por fim, diga-me, por favor, qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com a sua região .

União Europeia

	F74 Portugal	F75 União Europeia	F76 O seu grupo religioso	F77 O seu grupo étnico	F78 A sua região
Nenhuma sobreposição	00	00	00	00	00
	01	01	01	01	01
	02	02	02	02	02
	03	03	03	03	03
	04	04	04	04	04
	05	05	05	05	05
Grande sobreposição	06	06	06	06	06
Não tem religião			07		
Não pertence a nenhum grupo étnico				07	
(Recusa)	77	77	77	77	77
(Não sabe)	88	88	88	88	88

Europa

	F74 Portugal	F75 Europa	F76 O seu grupo religioso	F77 O seu grupo étnico	F78 A sua região
Nenhuma sobreposição	00	00	00	00	00
	01	01	01	01	01
	02	02	02	02	02
	03	03	03	03	03
	04	04	04	04	04
	05	05	05	05	05
Grande sobreposição	06	06	06	06	06
Não tem religião			07		
Não pertence a nenhum grupo étnico				07	
(Recusa)	77	77	77	77	77
(Não sabe)	88	88	88	88	88

ENTREVISTADOR: SE O INQUIRIDO FOR DO SEXO MASCULINO PERGUNTAR GF1. SE O INQUIRIDO FOR DO SEXO FEMININO PERGUNTAR GF2

INQUIRIDOS DO SEXO MASCULINO

MOstrar CARTÃO 86

GF1: Vou descrever-lhe pessoas com diferentes características e vou pedir-lhe que me diga em que medida cada uma dessas pessoas é ou não parecida consigo. Para isso utilizará o seguinte cartão:

		Exactamente como eu	Muito parecido comigo	Parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Nada parecido comigo	Não tem nada a ver comigo	(Recusa)	(NS)
A	Um homem que dá importância a ter novas ideias e ser criativo. Gosta de fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5	6	7	8
B	Um homem para quem é importante ser rico. Quer ter muito dinheiro e coisas caras.	1	2	3	4	5	6	7	8
C	Um homem que acha importante que todas as pessoas no mundo sejam tratadas igualmente. Acredita que todos devem ter as mesmas oportunidades na vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
D	Um homem que dá muita importância a poder mostrar as suas capacidades. Quer que as pessoas admirem o que faz.	1	2	3	4	5	6	7	8
E	Um homem que dá importância a viver num sítio onde se sinta seguro. Evita tudo o que possa por a sua segurança em risco.	1	2	3	4	5	6	7	8
F	Um homem que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
G	Um homem que acha que as pessoas devem fazer o que lhes mandam. Acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras mesmo quando ninguém está a ver.	1	2	3	4	5	6	7	8
H	Um homem para quem é importante ouvir pessoas diferentes de si. Mesmo quando discorda de alguém continua a querer compreender essa pessoa.	1	2	3	4	5	6	7	8
I	Um homem para quem é importante ser humilde e modesto. Tenta não chamar a atenção sobre si.	1	2	3	4	5	6	7	8

		Exactamente como eu	Muito parecido comigo	Parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Nada parecido comigo	Não tem nada a ver comigo	(Recusa)	(NS)
J	Um homem para quem é importante passar bons momentos. Gosta de tratar bem de si.	1	2	3	4	5	6	7	8
K	Um homem para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros	1	2	3	4	5	6	7	8
L	Um homem para quem é importante ajudar os que o rodeiam. Preocupa-se com o bem-estar dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
M	Um homem para quem é importante ter sucesso. Gosta de receber o reconhecimento dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
N	Um homem para quem é importante que o Governo garanta a sua segurança, contra todas as ameaças. Quer que o Estado seja forte, de modo a poder defender os cidadãos.	1	2	3	4	5	6	7	8
O	Um homem que procura a aventura e gosta de correr riscos. Quer ter uma vida emocionante	1	2	3	4	5	6	7	8
P	Um homem para quem é importante portar-se sempre como deve ser. Evita fazer coisas que os outros digam que é errado.	1	2	3	4	5	6	7	8
Q	Um homem para quem é importante que os outros lhe tenham respeito. Quer que as pessoas façam o que ele diz.	1	2	3	4	5	6	7	8
R	Um homem para quem é importante ser leal para com os amigos. Dedicar-se às pessoas que lhe são próximas.	1	2	3	4	5	6	7	8
S	Um homem que acredita seriamente que as pessoas devem proteger a natureza. Proteger o ambiente é importante para ele.	1	2	3	4	5	6	7	8
T	Um homem que dá importância à tradição. Faz tudo o que pode para agir de acordo com a sua religião e a sua família.	1	2	3	4	5	6	7	8
U	Um homem que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para ele fazer coisas que lhe dão prazer.	1	2	3	4	5	6	7	8

INQUIRIDOS DO SEXO FEMININO

MOSTRAR CARTÃO 87

GF2: Vou descrever-lhe pessoas com diferentes características e vou pedir-lhe que me diga em que medida cada uma dessas pessoas é ou não parecida consigo. Para isso utilizará o seguinte cartão:

		Exactamente como eu	Muito parecida comigo	Parecida comigo	Um bocadinho parecida comigo	Nada parecida comigo	Não tem nada a ver comigo	(Recusa)	(NS)
A	Uma mulher que dá importância a ter novas ideias e ser criativa. Gosta de fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5	6	7	8
B	Uma mulher para quem é importante ser rica. Quer ter muito dinheiro e coisas caras.	1	2	3	4	5	6	7	8
C	Uma mulher que acha importante que todas as pessoas no mundo sejam tratadas igualmente. Acredita que todos devem ter as mesmas oportunidades na vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
D	Uma mulher que dá muita importância a poder mostrar as suas capacidades. Quer que as pessoas admirem o que faz.	1	2	3	4	5	6	7	8
E	Uma mulher que dá importância a viver num sítio onde se sinta segura. Evita tudo o que possa por a sua segurança em risco.	1	2	3	4	5	6	7	8
F	Uma mulher que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
G	Uma mulher que acha que as pessoas devem fazer o que lhes mandam. Acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras mesmo quando ninguém está a ver.	1	2	3	4	5	6	7	8
H	Uma mulher para quem é importante ouvir pessoas diferentes de si. Mesmo quando discorda de alguém continua a querer compreender essa pessoa.	1	2	3	4	5	6	7	8
I	Uma mulher para quem é importante ser humilde e modesta. Tenta não chamar a atenção sobre si.	1	2	3	4	5	6	7	8

		Exactamente como eu	Muito parecida comigo	Parecida comigo	Um bocadinho parecida comigo	Nada parecida comigo	Não tem nada a ver comigo	(Recusa)	(NS)
J	Uma mulher para quem é importante passar bons momentos. Gosta de tratar bem de si..	1	2	3	4	5	6	7	8
K	Uma mulher para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros	1	2	3	4	5	6	7	8
L	Uma mulher para quem é importante ajudar os que a rodeiam. Preocupa-se com o bem-estar dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
M	Uma mulher para quem é importante ter sucesso. Gosta de receber o reconhecimento dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
N	Uma mulher para quem é importante que o Governo garanta a sua segurança, contra todas as ameaças. Quer que o Estado seja forte, de modo a poder defender os cidadãos.	1	2	3	4	5	6	7	8
O	Uma mulher que procura a aventura e gosta de correr riscos. Quer ter uma vida emocionante	1	2	3	4	5	6	7	8
P	Uma mulher para quem é importante portar-se sempre como deve ser. Evita fazer coisas que os outros digam que é errado.	1	2	3	4	5	6	7	8
Q	Uma mulher para quem é importante que os outros lhe tenham respeito. Quer que as pessoas façam o que ela diz.	1	2	3	4	5	6	7	8
R	Uma mulher para quem é importante ser leal para com os amigos. Dedicar-se às pessoas que lhe são próximas.	1	2	3	4	5	6	7	8
S	Uma mulher que acredita seriamente que as pessoas devem proteger a natureza. Proteger o ambiente é importante para ela.	1	2	3	4	5	6	7	8
T	Uma mulher que dá importância à tradição. Faz tudo o que pode para agir de acordo com a sua religião e a sua família.	1	2	3	4	5	6	7	8
U	Uma mulher que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.	1	2	3	4	5	6	7	8

Rotação A

PERGUNTAR A TODOS

Para nos ajudar a melhorar as perguntas a apresentar no futuro, iremos colocar-lhe de seguida um conjunto de questões sobre uma diversidade de tópicos, bastante semelhantes a algumas perguntas já feitas. Por favor, não tente lembrar-se do que respondeu anteriormente, mas responda como se fossem questões completamente novas.

HF1: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ver televisão?

Responda em horas e minutos, por favor.

Horas Minutos

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

HF2: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ouvir rádio?

Responda em horas e minutos, por favor.

Horas Minutos

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

HF3: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ler jornais?

Responda em horas e minutos, por favor.

Horas Minutos

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

MOSTRAR CARTÃO B

HF4: De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas?

Qual das seguintes posições se aproxima mais da sua opinião?

Todo o cuidado é pouco	1
A maioria das pessoas é de confiança	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO C

HF5: Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas?

Qual das seguintes posições se aproxima mais da sua opinião?

Tentam aproveitar-se de mim	1
São honestas	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MOSTRAR CARTÃO D**HF6:** Acha que a maioria das pessoas merece a sua confiança, ou que muito poucas a merecem?

Qual das seguintes posições se aproxima mais da sua opinião?

Muito poucas pessoas merecem a minha confiança	1
A maioria das pessoas merece a minha confiança	2
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

Vou agora fazer-lhe algumas perguntas sobre política e governação**MOSTRAR CARTÃO E****HF7:** De um modo geral, qual o seu grau de satisfação com o estado actual da economia portuguesa?

Responda por favor utilizando esta escala em que 0 significa insatisfeito e 10 significa satisfeito

Insatisfeito										Satisfeito		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER O CARTÃO E**HF8:** Pense agora no Governo português. Qual é o seu grau de satisfação com a forma como o Governo está a actuar?

Utilize o mesmo cartão.

Insatisfeito										Satisfeito		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER O CARTÃO E**HF9:** E no geral, qual o seu grau de satisfação com o funcionamento da democracia em Portugal?

Insatisfeito										Satisfeito		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MOSTRAR CARTÃO F**HF10:** Utilizando este cartão, diga por favor em que medida acha que o Governo devia ou não tomar medidas para reduzir as diferenças de rendimentos?

Concerteza que sim	1
Provavelmente sim	2
Nem sim nem não	3
Provavelmente não	4
Concerteza que não	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MANTER O CARTÃO F

HF11: Acha que os homossexuais e as lésbicas deveriam ou não ser livres de viver a sua vida como muito bem entenderem?

Concerteza que sim	1
Provavelmente sim	2
Nem sim nem não	3
Provavelmente não	4
Concerteza que não	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MANTER O CARTÃO F

HF12: E acha que o Governo devia ou não garantir que todos os grupos sociais fossem tratados com igualdade?

Concerteza que sim	1
Provavelmente sim	2
Nem sim nem não	3
Provavelmente não	4
Concerteza que não	5
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

Rotação B

PERGUNTAR A TODOS

Para nos ajudar a melhorar as perguntas a apresentar no futuro, iremos colocar-lhe de seguida um conjunto de questões sobre uma diversidade de tópicos, bastante semelhantes a algumas perguntas já feitas. Por favor, não tente lembrar-se do que respondeu anteriormente, mas responda como se fossem questões completamente novas.

MOSTRAR CARTÃO I

HF13: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ver televisão?

Utilize este cartão para responder

Nenhum	0
Pouquíssimo	1
Pouco	2
Algum	3
Bastante	4
Muito	5
Muitíssimo	6
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MANTER CARTÃO I

HF14: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ouvir rádio?

Utilize o mesmo cartão.

Nenhum	0
Pouquíssimo	1
Pouco	2
Algum	3
Bastante	4
Muito	5
Muitíssimo	6
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

MANTER CARTÃO I

HF15: Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ler jornais?

Nenhum	0
Pouquíssimo	1
Pouco	2
Algum	3
Bastante	4
Muito	5
Muitíssimo	6
(Recusa)	7
(Não sabe)	8

Vou agora fazer-lhe algumas perguntas sobre política e governação

MOstrar CARTÃO J

Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições que lhe vou dizer. Situe a sua posição nesta escala em que 0 significa que não tem nenhuma confiança na instituição que referi e 5 quer dizer que tem toda a confiança nessa instituição.

Que confiança tem, pessoalmente:

LER UMA DE CADA VEZ E CODIFICAR

		Nenhuma confiança					Toda a confiança		(Recusa)	(NS)
HF16	... na Assembleia da República.	0	1	2	3	4	5	7	8	
HF17	... no sistema jurídico.	0	1	2	3	4	5	7	8	
HF18	...na polícia.	0	1	2	3	4	5	7	8	

MOstrar CARTÃO K

Diga-me agora, por favor, em que medida concorda ou discorda de cada uma das afirmações seguintes.

LER UMA DE CADA VEZ E CODIFICAR

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
HF19	De um modo geral, estou satisfeito(a) com o estado actual da economia portuguesa.	1	2	3	4	5	7	8
HF20	Estou satisfeito(a) com a forma como o Governo está a actuar.	1	2	3	4	5	7	8
HF21	De um modo geral, estou satisfeito (a) com o funcionamento da democracia em Portugal.	1	2	3	4	5	7	8

MOstrar CARTÃO L

HF22: Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Onde se posicionaria nesta escala?

Extrema-esquerda										Extrema-direita		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

MANTER CARTÃO L**HF23:** E, utilizando a mesma escala, onde posicionaria o partido com que simpatiza mais?

Extrema-esquerda										Extrema-direita		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55	(Não há nenhum partido com que simpatize mais)
----	--

MANTER CARTÃO L**HF24:** E onde posicionaria o partido com que simpatiza menos?

Extrema-esquerda										Extrema-direita		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

55	(Não há nenhum partido com que simpatize menos)
----	---

Rotação C

PERGUNTAR A TODOS

Para nos ajudar a melhorar as perguntas a apresentar no futuro, iremos colocar-lhe de seguida um conjunto de questões sobre uma diversidade de tópicos, bastante semelhantes a algumas perguntas já feitas. Por favor, não tente lembrar-se do que respondeu anteriormente, mas responda como se fossem questões completamente novas.

MOSTRAR CARTÃO M

HF25: De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas?

Responda por favor utilizando este cartão em que 0 significa que todo o cuidado é pouco e 5 significa que a maioria das pessoas é de confiança

Todo o cuidado é pouco					A maioria das pessoas é de confiança		(Recusa)	(NS)
0	1	2	3	4	5	7	8	

MOSTRAR CARTÃO N

HF26: Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas?

Tentam aproveitar-se de mim					São honestas		(Recusa)	(NS)
0	1	2	3	4	5	7	8	

MOSTRAR CARTÃO O

HF27: Utilizando este cartão, diga-me por favor se acha que a maioria das pessoas merece a sua confiança, ou que muito poucas a merecem?

Muito poucas pessoas merecem a minha confiança			A maioria das pessoas merece a minha confiança			(Recusa)	(NS)
0	1	2	3	4	5	7	8

Vou agora fazer-lhe algumas perguntas sobre política e governação

HF28: Diga-me, por favor, numa escala de 0 a 10 qual a confiança pessoal que tem na Assembleia da República. Se não tem confiança nenhuma, diga 0. Se tem toda a confiança, diga 10. Se o seu grau de confiança estiver entre estes dois extremos, escolha um número intermédio.

Registar Número:

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

HF29: E diga-me, por favor, numa escala de 0 a 10, em que medida tem confiança pessoal no sistema jurídico. Se não tem confiança nenhuma, diga 0. Se tem toda a confiança, diga 10. Se o seu grau de confiança estiver entre estes dois extremos escolha um número intermédio.

Registar Número:

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

HF30: Diga-me agora, por favor, numa escala de 0 a 10, em que medida tem confiança pessoal na polícia. Se não tem confiança nenhuma, diga 0. Se tem toda a confiança, diga 10. Se o seu grau de confiança estiver entre estes dois extremos escolha um número intermédio.

Registrar Número:

(Recusa) 77
(Não sabe) 88

MOstrar CARTÃO P

Utilizando este cartão, diga em que medida concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações.

LER UMA DE CADA VEZ E CODIFICAR

		Concorda totalmente	Concorda	Nem concorda nem discorda	Discorda	Discorda totalmente	(Recusa)	(NS)
HF31	O Governo devia tomar medidas para reduzir as diferenças de rendimentos.	1	2	3	4	5	7	8
HF32	Homossexuais e lésbicas deveriam ser livres de viver a sua vida como muito bem entenderem.	1	2	3	4	5	7	8
HF33	O Governo devia garantir que todos os grupos sociais fossem tratados com igualdade	1	2	3	4	5	7	8

MOstrar CARTÃO Q

HF34: Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Onde se posicionaria nesta escala em que 0 representa a esquerda e 10 representa a direita?

Esquerda										Direita	(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88

MANTER CARTÃO Q

HF35: E, utilizando a mesma escala, em que 0 representa a esquerda e 10 representa a direita onde posicionaria o partido com que simpatiza mais?

Esquerda										Direita	(Recusa)	(NS)	(NR)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	99

55 | (Não há nenhum partido com que simpatize mais)

MANTER CARTÃO Q

HF36: E onde posicionaria o partido com que simpatiza menos, na mesma escala em que 0 representa a esquerda e 10 representa a direita.

Esquerda										Direita	(Recusa)	(NS)	(NR)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	99

55 | (Não há nenhum partido com que simpatize menos)

QUESTÕES PARA O ENTREVISTADOR RESPONDER

I1: O inquirido pediu esclarecimentos sobre alguma pergunta?

Nunca	1
Quase nunca	2
De vez em quando	3
Algumas vezes	4
Muitas vezes	5

I2: Sentiu da parte do inquirido relutância em responder a algumas perguntas?

Nunca	1
Quase nunca	2
De vez em quando	3
Algumas vezes	4
Muitas vezes	5

I3: Sentiu que o inquirido tentou responder o melhor possível às perguntas?

Nunca	1
Quase nunca	2
De vez em quando	3
Algumas vezes	4
Muitas vezes	5

I4: No geral, sentiu que o inquirido compreendeu as perguntas?

Nunca	1
Quase nunca	2
De vez em quando	3
Algumas vezes	4
Muitas vezes	5

I5 : Estava mais alguém presente, que interferisse na entrevista?

Sim	1	PASSAR PARA I6
Não	2	PASSAR PARA I7

I6: Quem?

Cônjuge/companheiro(a)	1
Filho(a) (incluindo enteados e adoptados)	2
Pais/sogros/padrasto/madrasta	3
Outro familiar	4
Outro não familiar	5
Não sabe	8

I7: Em que língua decorreu a entrevista?

I8: Identificação do entrevistador

I9: Se tiver comentários adicionais sobre o decorrer da entrevista, por favor, escreva.

I13: Como foi aplicado o Questionário Suplementar?

Entrevista face-a-face | ①

Hora do fim da entrevista:

Horas Minutos

Data da Realização da Entrevista:

Dia Mês Ano

"Realizado de acordo com as normas do Código Deontológico ESOMAR e instruções do briefing"

(Assinatura do entrevistador)

DADOS DO ENTREVISTADOR

NOME DO ENTREVISTADOR

Nº DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADOR

INSPECÇÃO	
Telefónica	1
Directa	2

INSPECTOR

CONTROLO DE INSPECÇÃO

CORRECÇÃO DO QUESTIONÁRIO

REVISÃO

CODIFICAÇÃO